

PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

A Simpliciano
Réplica à carta de Parmeniano



SANTO AGOSTINHO

A SIMPLICIANO
RÉPLICA À CARTA DE PARMENIANO



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

APRESENTAÇÃO

AS QUESTÕES DIVERSAS DE SIMPLICIANO

Ocasão e datação

Divisão e conteúdo

A SIMPLICIANO

LIVRO 1

Prefácio

Primeira questão: para que foi dada a lei

A concupiscência aumentou pela lei

Como, sem lei, o pecado estava morto e como retomou a vida

Quem usa mal a lei

A lei somente é observada pelos espirituais: Duas maneiras de chamar de carnisais

A pena do pecado original

A lei do pecado nos membros

Lugares onde parece dizer-se que a lei é má

A lei é boa

A lei que rejeita a lei nos membros

Coitado de homem sou eu

Acontece, assim, que a lei não domina aqueles que estão sob a graça

O erro dos maniqueus sobre a Antiga Lei

Explicação dos testemunhos pelos quais a lei poderia parecer não boa

Segunda questão: o argumento da Carta aos Romanos

A graça da fé precede as boas obras. A graça da fé é menor nos catecúmenos e maior nos renascidos

O objetivo do Apóstolo com os exemplos de Jacó e Esaú: As boas obras vêm da graça, e não o contrário

A justa escolha de Jacó e a reprovação de Esaú

Escolha de Jacó em previsão da futura fé

A escolha vem da graça e do desígnio de Deus

A fé entre os dons da graça

A justa rejeição de Esaú

A fé é dom de Deus misericordioso

Por que foi negado a Esaú o dom da fé

Reprovação de Esaú e aprovação de Jacó

Existe em nós boa vontade quando Deus age

A vocação e a boa vontade

Por que Esaú não foi chamado de modo adequado

A dureza de Deus

Solução da questão da reprovação de Esaú

Todos os homens são uma massa de pecado

Como Deus odiou a Esaú quando não odeia nada do que fez. O que é pecado.

Os vasos de perdição são feitos para a correção dos outros

Não todos chamados, mas, dentre todos, judeus e gentios

A intenção do Apóstolo na Epístola aos Romanos

A escolha da graça é misteriosa

LIVRO 2

Prefácio

Primeira questão: os profetas são movidos pelo Espírito de Deus de maneira diferente
A profecia permanente e a passageira
Saul e Pedro. O Espírito de Deus, sem nada mais, entende-se bom
O Espírito Santo consubstancial ao Pai e ao Filho
Como em Saul o Espírito de Deus é bom e mau
Saul, tomado pelo espírito profético e bom, persegue Davi
É possível ter alguns dons do Espírito Santo sem a caridade. Sem a caridade, os dons do Espírito Santo nada adiantam
Será que existe profecia sem a caridade?
Os hereges e os cismáticos têm outros dons do Espírito Santo fora a caridade
Por que o espírito mau é chamado de espírito do Senhor
Segunda questão: nada se diz digno de Deus
Presciência em Deus. O que é ciência e como está em Deus? Ira, misericórdia e zelo de Deus, qual é o sentido?
Aplicamos às realidades divinas palavras humanas, entendidas, porém, sem as imperfeições. Diferença entre sabedoria e ciência
Se convém a Deus arrepender-se
Como o arrependimento e o ciúme parecem convir a Deus menos do que a presciência, a ira e coisas parecidas com essas
Terceira questão: como pôde Samuel ser evocado pela pitonisa
Talvez fosse o fantasma de Samuel, e não o seu espírito
Como os demônios conhecem o futuro
Quarta questão: em que posição se deve rezar
Quinta questão: as palavras de Elias queixando-se da morte do filho da viúva
Sexta questão: o espírito de mentira enviado para enganar Acab
Epílogo

A RESPOSTA A PARMENIANO

Introdução

Parmeniano e Ticônio: o confronto

Ocasão e datação

Estrutura e conteúdo

RÉPLICA À CARTA DE PARMENIANO

LIVRO 1

Razão e finalidade da obra

LIVRO 2

LIVRO 3

Zelo da disciplina eclesiástica em favor da unidade

Coleção

Ficha catalográfica

Notas

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o

estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber. Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

AS QUESTÕES DIVERSAS DE SIMPLICIANO

HERES DRIAN DE O. FREITAS

Por volta do ano 400, em suas *Confissões*, Agostinho refere-se a Simpliciano como servo de Deus – expressão técnica que designa quem a Ele se consagra – que, na “etapa” milanesa de seu processo de conversão, pode indicar-lhe como trilhar os caminhos divinos:^[1] o servo de Deus Simpliciano, instrumento da graça e da misericórdia divina, “prepara” o servo de Deus Agostinho,^[2] que, tendo progredido no conhecimento das escrituras, pode sanar, grata e afetuosamente,^[3] os questionamentos daquele.

Ocasão e datação

Figura fundamental para a decisão de Agostinho de aderir à fé cristã, supõe-se o nascimento de Simpliciano antes de 358/361, e sua morte antes de novembro de 400.

[4] Não se sabe, contudo, de onde era ou de sua família. Ambrósio, às vésperas de sua morte, aprova-o como um de seus possíveis sucessores na cátedra de Milão, [5] que Simpliciano assume [6] em 397.

Agostinho reporta que ele presenciou a profissão de fé de Mário Vitorino em Roma, [7] e, com Ambrósio – que considera Simpliciano seu pai espiritual [8] –, elogia seu zelo religioso e seu conhecimento filosófico-teológico. [9] Quando Agostinho encontra-o durante sua estadia em Milão (385-386), fala dele como já ancião, desde jovem consagrado a Deus. [10] Não é certo, porém, se era sacerdote antes da ascensão à sede de Milão, nem quando se tornou.

Independentemente de sua biografia, sua correspondência com Ambrósio – conservada somente nas respostas deste – evidencia seu interesse por exegese, [11] bem como sua consulta a Agostinho. [12]

É possível que esse interesse de Simpliciano, conhecendo obras agostinianas, [13] tenha-o levado a indagar Agostinho quanto a sua posição acerca de algumas questões exegéticas pontuais, sem motivações circunstanciais particulares. Com efeito, à parte o pedido de Simpliciano – cuja carta não se conservou –, [14] o Hiponense não faz menção alguma a motivações que tenham provocado as perguntas daquele.

Assim, o fato de Agostinho recordar já ter tratado de algo a respeito de algumas das questões de Simpliciano, [15] sem indicar se este tivera contato com tais obras, parece mostrar que não se tratava de indagação para esclarecimento de questões não claras abordadas em obras agostinianas precedentes ou que tenham suscitado alguma perplexidade. Além disso, o Bispo de Hipona reconhece não se tratar de questões de fácil interpretação. [16]

Some-se a isso o fato de a maioria das questões versar sobre textos do Antigo Testamento: duas somente são sobre a Carta aos Romanos e seis são sobre os livros dos Reinos (Samuel 1 e 2, Reis 1 e 2), que Agostinho responde com esta obra – cujo título poderia ser *A Simpliciano: dois livros sobre questões diversas* –, a primeira escrita após assumir a Sé de Hipona, [17] o que a situa entre 395/396. A referência do Hiponense, então, em *retr.* 2,1,1, a Simpliciano como sucessor de Ambrósio na cátedra milanese, em 397, deve ser entendida como designação da última posição de Simpliciano, sem necessidade de se postergar a datação da obra a ele endereçada. [18]

Divisão e conteúdo

O *Simpl.* é composto de dois livros, subdivididos em seções para cada questão. Desses, o primeiro, iniciado logo depois de uma breve introdução (*Simpl.* 1, praef.), é dedicado aos dois questionamentos de Simpliciano sobre a Carta aos Romanos,^[19] referentes 1) aos versículos 7-25 do capítulo 7 (*Simpl.* 1,1,1-17) e 2) aos versículos 10-29 do capítulo 9 (1,2,1-22); o segundo, igualmente com um prólogo (2, praef.), aos seis questionamentos sobre os livros dos Reinos,^[20] referentes 1) a conciliação dos textos de 1Sm 10,10 e 16,14 (2,1,1-11), 2) às palavras de 1Sm 15,11 (2,2,1-5), 3) a 1Sm 28,7-20 (2,3,1-3), 4) a 2Sm 7,18 (2,4), 5) a 1Rs 17,20 (2,5), e, finalmente, 6) a 1Rs 22,20-23 (2,6).

As interpretações alegóricas agostinianas do livro 2, à parte o interesse da exegese, particularmente a exegese patrística,^[21] e sua história, não implicam questões nodosas e, talvez por isso, não têm despertado a atenção dos estudiosos, mais concentrados, por outro lado, na segunda resposta do livro 1,^[22] que assinala uma reviravolta no pensamento do Bispo de Hipona, e na qual, dada sua imprescindibilidade para a compreensão da doutrina agostiniana da graça^[23] e sua problematicidade, temos de nos fixar brevemente nesta introdução, de modo que se possa ter uma compreensão geral.

Como dito pouco acima, Agostinho já havia tratado de algo das questões postas por Simpliciano,^[24] particularmente depois de entregar-se ao estudo do Apóstolo.^[25] Insatisfeito com os primeiros resultados, porém, deu continuidade ao estudo, principalmente pela complexidade da matéria,^[26] fundamentalmente nos quesitos liberdade, fé, eleição, graça. Sua conclusão geral calha com a intenção geral do próprio Apóstolo: tudo o que o ser humano tem para sua salvação é dom.^[27]

A interpretação agostiniana precedente de Rm 9 colocava nas obras humanas, mesmo futuras – conhecidas pela presciência divina –, os méritos que conseguiriam a fé, que dependia, na verdade, do ser humano.^[28] A releitura, porém, que o Hiponense fez revela-lhe^[29] ora uma posição distinta: não há mérito que preceda a graça; pelo contrário, somente pela graça – definitivamente não merecida – não só boas obras são possíveis, mas mesmo o *initium fidei*.^[30] se o ser humano crê, crê por dom divino, não por iniciativa própria. Essa será sua posição, adquirida, como se vê, anos antes da polêmica pelagiana, até o fim de seus dias.

A vitória da graça sobre o livre-arbítrio humano, como afirmará mais tarde,^[31] contudo, não elimina a liberdade humana de escolher ou não buscar a Deus,^[32] embora essa questão – com a dificuldade que lhe é própria – choça com a eleição divina para a salvação^[33] e, por conseguinte, implica a predestinação, que pode ter sua solução na *massa* de pecado que é a humanidade inteira.^[34]

Agostinho lê tudo isso em Paulo, que, para refrear os judeus que se vangloriavam de ter a lei e ser o povo eleito, propõe que nada há que seja devido a mérito humano, pois tudo é dom da graça. A única coisa merecida – e justamente – por toda a humanidade é a punição, pois em Adão todos pecaram, e a esse pecado cada um acrescentou seu próprio pecado, livremente cometido. Assim, todos, como uma massa

condenada, estão destinados à perdição.

A misericórdia divina, contudo, gratuitamente socorre o ser humano dessa condenação, dispondo e dotando-o do necessário para a salvação, a começar pelo próprio início da fé, com a boa vontade – também essa divinamente preparada – e as boas obras: do início ao fim, graça gratuita, não devida. E absolutamente em caso algum Deus comete injustiça: aqueles que são salvos são misericordiosamente eleitos, e aqueles que se perdem justamente não são eleitos. Igualmente, de modo algum há misericórdia ou justiça que não implique o livre-arbítrio humano.

Fundamentais para Agostinho, nisso tudo, são a imperscrutabilidade dos desígnios divinos – em que não há, jamais, injustiça – e a inexistência de quem tenha se aproximado da divindade, por assim dizer, sem que tenha sido chamado. No chamado atendido, há uma relação de congruência que tira do ser humano a possibilidade de anteceder Deus em seu processo de salvação: em tudo, é Deus quem precede o ser humano – sem excluir sua participação –;^[35] *grosso modo*, o contrário disso será, mais tarde, chamado de pelagianismo.

A SIMPLICIANO

LIVRO 1

PREFÁCIO

Simpliciano, meu pai, foi agradável e delicada bondade para comigo enviares as tuas perguntas. Eu seria ingrato, além de descortês, se não tentasse responder a elas. Nós já havíamos, de certa maneira, examinado, por escrito, as questões que apresentaste sobre o apóstolo Paulo.^[1] Contudo, insatisfeito com a pesquisa e a explicação anterior, procurei aprofundar com mais cuidado e atenção aquelas mesmas palavras do Apóstolo e o teor do seu discurso, a fim de não deixar passar nada por descuido. De fato, tu mesmo não acharias necessário esclarecê-lo se fosse fácil e rápido compreender tudo.

Primeira questão: para que foi dada a lei

1,1 A primeira questão que quiseste que resolvêssemos vai do ponto onde está escrito: “Que diremos, então? A lei é pecado? De maneira alguma!”, até onde se diz: “Logo, para mim que quero o bem, a lei é” etc., creio até: “Sou um coitado de homem! Quem me libertará do corpo desta morte? A graça de Deus que vem por Jesus Cristo nosso Senhor”.^[2]

Parece-me que, nesse lugar, o Apóstolo esteja transferindo sobre si mesmo aquele homem que está debaixo da lei, assumindo como próprias as palavras dele. Como, pouco antes, tinha dito: “Fomos libertados da lei, que nos mantinha mortos, para que sirvamos na novidade do espírito, e não na velhice da letra”,^[3] e como com essas palavras poderia parecer estar condenando a lei, logo acrescenta: “Que diremos, então? A lei é pecado? Nunca! Mas não conheci o pecado senão pela lei, pois não saberia o que é concupiscência se a lei não dissesse: não cobiçarás”.^[4]

A concupiscência aumentou pela lei

1,2 Aqui, de novo, se questiona: se a lei não é pecado, mas geradora de pecado, não deixa de ser criticada pelas palavras do Apóstolo. Precisa, por isso, entender que a lei não foi dada nem para trazer o pecado nem para tirá-lo; mas somente para torná-lo conhecido; e, com essa manifestação, tornar a alma humana consciente de sua culpa, ela que andava segura de sua própria inocência.

Assim, preocupada com a própria culpa, se voltava para buscar a graça de Deus, sem a qual o pecado não poderia ser vencido.^[5] É por isso que não diz: “Não fiz pecado senão mediante a lei”, mas: “Não conheci o pecado senão pela lei”;^[6] também não diz: “Eu não teria a concupiscência se a lei não dissesse: não desejarás”, mas diz: “Eu não conheceria a concupiscência se a lei não dissesse: não cobiçarás”.^[7] Disso fica claro que a lei não introduziu a concupiscência, mas a manifestou.^[8]

1,3 A consequência era que, não sendo ainda possível resistir à concupiscência, por não ter ainda a graça sido recebida, a concupiscência até crescesse, uma vez que, indo contra a lei, a ela se junta também a culpa da transgressão e a faz, por isso mesmo, adquirir mais força ainda do que se não fosse proibida por nenhuma lei.

Por isso, acrescenta, conseqüentemente: “Aproveitando-se da ocasião do mandamento, o pecado provocou em mim toda a concupiscência”.^[9] A concupiscência já existia antes da lei, mas não era completa, porque ainda não existia a culpa da transgressão. Por isso, o Apóstolo diz em outro lugar: “Pois não existe transgressão onde não há lei”.^[10]

Como, sem lei, o pecado estava morto e como retomou a vida

1,4 Quando, porém, diz: “Pois, quando não há lei, o pecado está morto”,^[11] está querendo dizer que o pecado está escondido, isto é, parece estar morto. Pouco depois, dirá com maior clareza: “Eu, porém, vivia, um certo tempo, sem lei”,^[12] isto é, não receava nenhuma morte vinda do pecado, porque, não havendo lei, o pecado não aparecia; “chegando, porém, o mandamento, o pecado reviveu”,^[13] isto é, apareceu. “Eu, porém, morri”,^[14] quer dizer que soube que estava morto, ou então que a morte é o castigo da culpa da transgressão. Na verdade, quando diz: “Com a vinda do mandamento, o pecado reviveu”,^[15] eu acho que deixava bastante claro que um dia o pecado viveu, isto é, foi conhecido, na transgressão do primeiro homem, visto que ele também recebeu um mandamento.^[16] Pois, diz também, em outro lugar: “A mulher foi seduzida na transgressão”,^[17] diz ainda: “À semelhança da transgressão de Adão, que é figura do futuro Adão”.^[18]

Na verdade, não pode retornar à vida senão quem já viveu um dia, mas estava morto, isto é, escondido; deveras, nascidos sem o mandamento da lei, os homens mortais viviam seguindo as concupiscências da carne sem o saber, porque estavam sem proibição alguma. Por isso diz o Apóstolo: “Um dia eu vivia sem lei”,^[19] mostrando, assim, que está falando não da sua própria pessoa, mas, de maneira geral, da pessoa de todo homem. “Chegando o mandamento, o pecado reviveu; e eu morri; e aconteceu comigo que o mandamento que era para dar vida trouxe a morte”.^[20] De fato, obedecer ao mandamento é vida. Indo, porém, contra o mandamento, se vai para a morte e não somente se faz o pecado – que já existia antes de haver mandamento –, mas ele se torna mais abundante e mais funesto, pelo fato de se pecar consciente e desobedientemente.

1,5 Diz o Apóstolo: “Aproveitando a ocasião do mandamento, o pecado me enganou e me fez morrer através dele”.^[21] Não usando corretamente a lei, o pecado se tornou mais agradável por causa do crescimento da satisfação que vem da proibição, e assim me enganou.^[22] Mas é enganadora essa doçura a que seguem as amarguras maiores e mais numerosas dos castigos. Como o que é proibido é aceito com mais prazer por aqueles que ainda não fizeram a experiência da graça espiritual, o pecado engana com essa doçura;^[23] mas, com a culpa da transgressão, o pecado mata.

Quem usa mal a lei

1,6 “Portanto, a lei é santa, e o mandamento, santo, justo e bom”;^[24] ordena o que deve ser ordenado e proíbe o que deve ser proibido. “O que é bom se tornou morte para mim? Nunca!”^[25] O erro não está no mandamento, que é bom, mas naquele que usa mal o mandamento, já que “a lei é boa, se alguém se serve dela corretamente”.^[26] Usa mal a lei aquele que não se submete a Deus com piedosa humildade, a fim de, pela graça, poder cumprir a lei. Assim, ele não usa corretamente a lei, só a recebe para que o pecado, que estava escondido antes da proibição, comece a aparecer com a transgressão e mesmo “além da medida”,^[27] já que não é mais somente pecado, mas também está contra o mandamento. Em seguida, acrescenta: “Mas o pecado, a fim de manifestar-se como pecado, causou-me a morte através do bem, a fim de se tornar, além da medida, através do mandamento, pecador ou pecado”.^[28]

Isso tudo mostra qual era o sentido do que tinha dito acima: “Pois sem a lei o pecado está morto”,^[29] não porque não existia, mas porque não se manifestava. Como foi dito: “O pecado reviveu”^[30] não para ser o que era antes da lei, mas para aparecer, visto que era contra a lei, pois afirma neste lugar: “Mas o pecado, para se manifestar como pecado, me causou a morte através do bem”;^[31] já que não diz: “para ser pecado”, mas: “para se manifestar como pecado”.

1,7 Em seguida, o Apóstolo acrescenta a razão de as coisas serem dessa maneira. Diz: “Pois sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal”.^[32] Deixa, assim, bastante claro que somente os espirituais conseguem observar a lei; e que ninguém se torna espiritual senão pela graça. Pois, quanto mais a pessoa se torna mais semelhante à lei espiritual, isto é, quanto mais a pessoa cresce em sentimentos espirituais, mais ela cumpre a lei, já que, em vez de se sentir oprimida pelo peso da lei, se compraz nela e é acalentada pela sua luz. De fato, o preceito do Senhor é brilhante^[33] e ilumina os olhos; a lei do Senhor é sem mancha e converte os corações; e isso tudo pela graça que perdoa os pecados e infunde o espírito de caridade; pelo que, longe de ser incômoda, a justiça se torna até agradável.

Na verdade, quando o Apóstolo diz: “Eu, porém, sou carnal”,^[34] está também indicando quem é carnal. De certa maneira, também são chamadas de carnis as pessoas que já se acham sob a graça, já redimidas pelo sangue do Senhor e renascidas pela fé, às quais o Apóstolo diz: “Irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis. Dei-vos a beber, como a crianças em Cristo, leite, e não comida”.^[35] Falando assim, mostra que aquelas crianças em Cristo, a quem se deve dar leite, já tinham sido renascidas pela graça; e, apesar disso, o Apóstolo as chama ainda de carnis.

Aquele, porém, que ainda não se encontra sob a graça, mas está sob a lei, não somente é carnal porque ainda não renasceu do pecado, mas é vendido sob o pecado. De fato, o preço do desejo mortal é aquela doçura que seduz e o prazer de se comportar contra a lei, porque, quanto menos permitido, mais agrada. Porém, ele não pode gozar desse prazer, como preço da própria condição, a não ser obrigado a servir ao mau desejo como um escravo comprado. De fato, aquele que está proibido de fazer algo percebe que é escravo de um desejo que o domina: sabe que, com justiça, é proibido e mesmo assim o faz.^[36]

1,8 O texto diz: “Porém, ignoro o que faço”.^[37] Não diz “ignoro” como se não soubesse que está pecando. Isso seria o contrário do que disse: “Mas, para se manifestar como pecado, o pecado, em vez de me fazer o bem, operou a morte”.^[38] Acima também disse: “Mas não conheci o pecado senão pela lei”.^[39] Então, como se manifesta ou como conheceu o que ignora? Mas isso foi dito de modo semelhante ao que o Senhor dirá aos ímpios: “Não vos conheço”.^[40]

Deveras, nada está escondido a Deus, como está dito: “O rosto do Senhor está sobre os que fazem o mal, a fim de tirar da terra a lembrança deles”.^[41] É que, às vezes, dizemos ignorar aquilo que não aprovamos. É nesse sentido que o texto diz: “Pois ignoro o que faço”, isto é, não aprovo o que faço.^[42] Mostra-o, em seguida, dizendo: “Eu não faço aquilo que quero, mas o que odeio”.^[43] Portanto, quando diz “odeio” quer dizer “ignoro”. O Senhor mesmo dirá: “Não vos conheço” aos mesmos de quem se diz: “Odiaste, Senhor, todos os que operam a iniquidade”.^[44]

A pena do pecado original

1,9 “Se, porém, faço o que não quero, estou de acordo com a lei, que é boa”,^[45] pois não quer o que a lei também não quer, já que a lei o proíbe. Portanto, está de acordo com a lei não porque faz o que ela proíbe, mas enquanto não quer aquilo que faz. Ainda não libertada pela graça, a pessoa é derrotada apesar de já saber, pela lei, que está se comportando mal e não o quer. O que segue no texto, e diz: “Agora, porém, já não sou eu que faço algo, mas o pecado que habita em mim é que o faz”,^[46] nem por isso está dizendo que não consente em fazer o pecado, apesar de consentir com a lei em reprová-lo, pois está falando ainda como pessoa humana debaixo da lei e não ainda sob a graça.^[47]

De fato, essa pessoa é levada a fazer o mal pela concupiscência que domina e pela doçura enganadora do pecado proibido, apesar de reprová-lo pelo conhecimento que tem da lei. É por isso que diz “não sou eu que faço” – porque o faz como que subjugada. É o mau desejo que age, ao qual a pessoa cede. Porém, é a graça – de que o texto falará depois – que faz com que o espírito do homem não ceda e se torne mais forte contra as más tendências.

A lei do pecado nos membros

1,10 “Eu sei”, diz o texto, “que, em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem”.^[48] Pelo fato de saber, está de acordo com a lei; porém, por aquilo que faz, cede ao pecado. Por que diz que na sua carne não habita o bem, isto é, habita o pecado? De onde isso vem, senão da mortalidade que lhe foi passada e da presença contínua dos maus desejos? A mortalidade vem como castigo do pecado original; os maus desejos vêm como castigo da prática frequente do pecado. Com a mortalidade, nascemos para esta vida; com a vida, aumentamos os maus desejos.

Ambas essas coisas, como que a união da natureza e do costume, tornam os maus impulsos fortíssimos e invencíveis; é o que o texto chama de pecado e diz habitar na sua carne e conquistar certo domínio e quase um reinado.^[49] Daí é que vem a afirmação do salmo: “Preferi ser rejeitado na casa do Senhor do que habitar nos tabernáculos dos pecadores”,^[50] como se aquele que é rejeitado não habita em nenhum lugar onde se encontra, mesmo estando lá. Insinua-se assim que habitação deve ser entendida como prioridade. Se, porém, pela graça, acontecer conosco o que se diz em outro lugar: “Que o pecado não reine em nosso corpo mortal para obedecermos aos seus desejos”,^[51] então se diz que ele propriamente não habita.^[52]

Lugares onde parece dizer-se que a lei é má

1,11 “Querer, pois, o bem, me é possível; realizá-lo, porém, não.”^[53] Com essas palavras, para aqueles que não o compreendem bem, o texto parece excluir o livre-arbítrio.^[54] Porém, como exclui, se diz: “Querer está na minha capacidade?”. Certamente, o próprio querer está na capacidade da pessoa, porque depende dela; mas realizar o bem não está na sua capacidade – e isso depende do castigo do pecado original.

Na verdade, essa não é a primitiva natureza humana do começo, mas é a pena do delito, pela qual a mortalidade se tornou como uma segunda natureza, da qual a graça do Criador nos liberta para sermos seus súditos pela fé. Aquelas palavras são do homem não constituído ainda sob a graça. Pois não faz o bem que quer aquele que ainda não está sob a graça, mas faz o mal que não quer, vencido pela concupiscência, fortalecida não somente pela amarra da mortalidade, mas pelo peso do costume. Se, porém, faz o que não quer, então não é mais ele que o faz, mas o pecado que habita nele, como acima foi dito e explicado.

A lei é boa

1,12 Diz o texto: “Encontro, portanto, em mim, que quero fazer o bem, uma lei por onde o mal se me apresenta”, ^[55] isto é, encontro a lei que me é um bem quando quero fazer o que está na lei, enquanto o mal se me apresenta como coisa fácil para fazer; o que foi dito acima: o querer está na minha capacidade se refere à facilidade em fazer. De fato, que é mais fácil para a pessoa que está sob a lei, do que querer o bem e fazer o mal? Pois quer o bem sem dificuldade, mesmo que não faça tão facilmente aquilo que facilmente quer. E facilmente faz o que odeia, mesmo não querendo; assim como aquele que se joga chega ao fundo sem dificuldade, mesmo não querendo e odiando. Disse isso por causa da palavra: está na minha capacidade.

Portanto, o homem colocado sob a lei e ainda não libertado pela graça dá testemunho em favor da lei, de que ela é boa. Dá testemunho exatamente porque repreende a si mesmo, por agir contra a lei e porque descobre que ela é boa para ele, quando quer fazer o que a lei ordena, mas não consegue porque a concupiscência o derrota. A pessoa se percebe envolvida na culpa da prevaricação para que implore a graça daquele que a liberta.

A lei que rejeita a lei nos membros

1,13 Diz o texto: pois apraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior. É para ele que a lei diz: “Não desejarás”. E ainda: “Porém, vejo nos meus membros outra lei que contradiz a lei da minha mente e que me mantém prisioneiro debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”.^[56] O texto chama de lei nos membros o próprio peso da mortalidade sob o qual gememos oprimidos.^[57] “Pois, o corpo, que se corrompe, oprime a alma.”^[58]

Acontece, por isso, muitas vezes, que o que é proibido agrada mesmo contra a vontade. A esse peso que oprime e sufoca dá-se o nome de lei, porque, pela lógica do castigo, foi decretada e imposta, no tribunal divino, por aquele que tinha avisado o homem, dizendo: “No dia em que comerdes, morrereis”.^[59] Essa lei se opõe à lei da mente, que diz: não desejarás, com a qual se compraz a pessoa segundo o homem interior e, antes que alguém esteja sob a graça, opõe-se de tal maneira que chega a escravizá-lo sob a lei do pecado, isto é, sob si mesma.^[60]

Coitado de homem sou eu

1,14 Tudo isso é dito para que fique claro para o homem aprisionado, que não pode presumir das próprias forças. Daí vem que o Senhor repreendia os judeus que se vangloriavam orgulhosamente das obras da lei, enquanto eram arrastados pela concupiscência para tudo o que era proibido, quando a lei de que se vangloriavam diz: “Não desejarás”.

Portanto deve-se dizer humildemente a esse homem derrotado, condenado, escravo e nem mesmo com a lei vencedor – pelo contrário, prevaricador – que é para exclamar com humildade: “Coitado de homem sou eu! Quem me libertará do corpo desta morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor”.^[61] Nesta vida mortal, fica para o livre-arbítrio não que cumpra a justiça quando quiser, mas que se volte, com piedade suplicante, para aquele por cujo dom poderá cumpri-la.^[62]

Acontece, assim, que a lei não domina aqueles que estão sob a graça

1,15 Com toda essa elaboração da palavra do Apóstolo, de que tratamos, alguém poderia pensar que ele acha que a lei é má, já que diz: “A lei entrou para que abundasse o delito”;^[63] “Nos escritos de pedra está representado o serviço da morte”;^[64] “A lei é a força do pecado”;^[65] “Morrestes para a lei, pelo corpo de Cristo, para pertencerdes a um outro, que ressuscitou dos mortos”; “As paixões dos pecados que vêm pela lei agiam em nossos membros, para produzir fruto de morte; agora, porém, fomos libertados da lei, na qual permanecíamos mortos; a fim de servir na novidade do espírito, e não na antiguidade da letra”;^[66] e outras coisas mais.

Quando encontramos coisas desse tipo ditas pelo Apóstolo, nota-se que foram ditas assim porque a lei aumenta a concupiscência, por causa da proibição, e amarra o culpado pela prevaricação, pois ordena o que os homens, pela própria fraqueza, não conseguem cumprir se não se voltarem piedosamente para a graça de Deus. É por isso que se diz estarem debaixo da lei aqueles que ela domina; domina, porém, aqueles que ela pune e pune todos os prevaricadores. Aliás, os que receberam a lei a desobedecem, a não ser que, pela graça, obtenham a capacidade de praticar aquilo que a lei ordena. Assim acontece que a lei não domina mais aqueles que estavam condenados sob seu temor, mas que já estão sob a graça e que cumprem a lei pela caridade.

1,16 Se o que foi dito leva a pensar que o Apóstolo condena a lei, que fazer, então, quando ele diz: “Comprazo-me, pois, na lei de Deus, segundo o homem interior?”.^[67] Falando assim, certamente louva a lei. Quando eles ouvem isso, respondem que, nesse lugar, o Apóstolo fala de outra lei, isto é, da lei de Cristo, e não da lei dada aos judeus. Então lhes perguntamos de que lei ele está falando quando diz: “A lei, porém, entrou para que abundasse o delito”.^[68] Sem dúvida, respondem: fala da lei que os judeus receberam. Olha, então, se ela é a lei da qual se diz: “Aproveitando-se da ocasião, o pecado, pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência”,^[69] que sentido tem “operou em mim toda a concupiscência” senão o que está lá: “Para que abundasse o pecado”? Observa também se a outra afirmação concorda: “Para que se torne fortemente pecador ou pecado pelo mandamento”.^[70] O que se diz: “Para que se torne fortemente pecado” é o mesmo que: “Para que abundasse o pecado”.

Portanto, se mostramos que o mandamento é bom, mas que, aproveitando-se da ocasião, o pecado suscitou toda a concupiscência para se tornar mais forte, mostramos também, ao mesmo tempo, que a lei é boa, aquela mesma que entrou para que abunde o delito, isto é, para que o pecado suscite toda a concupiscência e se torne mais forte. Ouçam, portanto, o que diz o Apóstolo: “Que diremos, então? A lei é pecado? Nunca!”.^[71] Eles dizem: isso é dito da lei de Cristo, da lei da graça. Então digam de que lei acham que se fala no texto seguinte: “Mas eu só conheci o pecado pela lei, pois não conheceria a concupiscência se a lei não dissesse: não desejarás. Aproveitando a ocasião, o pecado operou em mim, pelo mandamento, toda a concupiscência”.^[72]

A própria composição das palavras mostra claramente de que lei se diz: “A lei é pecado? Nunca!”. Fala-se, a saber, daquela lei cujo mandamento foi ocasião para o pecado, que opera toda a concupiscência; aquela lei que entrou para que abundasse o delito, aquela lei que eles consideram má. Mas nada mais claro do que é dito pouco depois: “Assim, na verdade, a lei é santa, e o mandamento, santo, justo e bom”.^[73] Eles dizem, de novo, que isso não é dito da lei dada aos judeus, mas do Evangelho. Não tem nome tão cega falsidade dos maniqueus.^[74] Será que não entendem o que segue, claríssimo e evidentíssimo? “O que é bom se transformou em morte para mim? Nunca! Mas foi o pecado que, para aparecer como pecado, me causou a morte por uma coisa boa, para se tornar mais forte pecador ou pecado, através do mandamento”,^[75] isto é, através de um mandamento santo, justo e bom que, porém, entrou para que abundasse o pecado e se tornasse mais forte.

Explicação dos testemunhos pelos quais a lei poderia parecer não boa

1,17 Por que, então, a lei é chamada de “ministério de morte”^[76] se ela é boa? Porque, para aparecer como pecado, o pecado operou em mim a morte através de uma coisa boa. Não te admires. Da própria pregação do Evangelho foi dito: “Somos o bom odor de Cristo para aqueles que se salvam. Para aqueles que perecem, para alguns, somos odor de vida para a vida; para outros, odor de morte para a morte”.^[77]

A lei é chamada de serviço de morte para os judeus, para quem a lei foi escrita na pedra, para simbolizar a dureza deles; mas não para aqueles que cumprem a lei pela caridade. Deveras, “a plenitude da lei é a caridade”.^[78] Pois a própria lei, representada com letras de pedra, diz: “Não cometerás adultério, não cometerás homicídio, não roubarás, não desejarás”,^[79] e as outras coisas, e o Apóstolo diz que essa lei se cumpre pela caridade, dizendo: “Aquele que ama o outro cumpriu a lei. Pois não cometerás adultério, não cometerás homicídio, não furtarás, não desejarás e qualquer outro mandamento se resumem nesta palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo”,^[80] porque isso também está escrito na mesma lei.

Por que se diz: “A lei é a força do pecado”^[81] se a lei é boa? Porque o pecado causou a morte através de coisas boas, a fim de se tornar mais forte, isto é, adquirir força maior de transgressão.

Por que “morremos para a lei, pelo corpo de Cristo”^[82] se a lei é boa? Porque morremos para a lei que dominava, sendo libertados daqueles sentimentos que a lei pune e condena. Pois é mais comum falar de lei que ameaça, assusta e castiga. Assim, o mesmo preceito é lei para quem teme e é graça para quem ama. É daí que vem o que se encontra no Evangelho: “A lei foi dada por meio de Moisés, e a verdade vem por meio de Jesus Cristo”.^[83] Deveras, a mesma lei dada por Moisés para ser temida tornou-se graça e verdade, por Jesus Cristo, para ser cumprida. Foi dito: morrestes para a lei, para dizer: morrestes para o suplício da lei, pelo corpo de Cristo, por quem foram perdoados os delitos que oprimiam com um legítimo suplício.

Por que se diz: “Paixões dos pecados que existem pela lei”^[84] se a lei é boa? Porque aqui o Apóstolo quis referir-se àquelas paixões dos pecados, sobre as quais já falamos muitas vezes, ao aumento da concupiscência, que vem da proibição, e à imputação da pena, que vem da transgressão, isto é, porque “através do bem operou a morte, a fim de se tornar, pelo mandamento, pecador ou pecado mais forte”.^[85]

Por que se diz: “Fomos libertados da lei, na qual éramos mantidos mortos, a fim de que, assim, sirvamos na novidade do espírito, e não na antiguidade da letra”^[86] se a lei é boa? Porque a lei é letra para aqueles que não a cumprem pelo espírito de caridade próprio do Novo Testamento. Assim, os que morreram para o pecado são libertados da letra, pela qual são amarrados os réus que não cumprem o que está escrito. Pois que é a lei para aqueles que a sabem ler, mas não a podem cumprir, senão somente letra?

De fato, a lei não é desconhecida por aqueles para quem foi escrita; contudo, como só é conhecida enquanto lida como um escrito, mas não cumprida por amor, para eles, não passa de letra. Essa letra não é auxílio para os que somente a leem, mas

testemunha dos que pecam. Os que são renovados pelo espírito são libertados da condenação da letra, de modo que não estão mais ligados à letra para serem punidos, mas estão ligados à sua compreensão, pela justiça. Por isso é que se diz também: “A letra mata, mas o espírito dá vida”.^[87] Pois, somente lida, mas não entendida nem cumprida, certamente a lei mata e então se chama “letra”. “O espírito, porém, vivifica, porque a plenitude da lei é a caridade, que foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado.”^[88]

Segunda questão: o argumento da Carta aos Romanos

2,1 Penso que é hora de passar para outra questão que assim colocaste: discutir toda a composição do texto que vai de onde está escrito: “Não somente isto, mas que Rebeca teve Isaac de uma só relação com o nosso pai. Pois quando ainda não tinham nascido, nem tinham feito nada de bem nem de mal”,^[89] até onde está escrito: “Se o Senhor *Sabaoth* não nos tivesse deixado um descendente, teríamos sido feitos como Sodoma e teríamos sido semelhantes a Gomorra”.^[90] De fato, é um texto muito obscuro. Conhecendo, porém, o teu modo de agir comigo, certamente não poderias ordenar-me que explicasse essas coisas se não tivesses pedido que o Senhor me tornasse capaz de fazê-lo. Confiante, então, nessa ajuda, vou começar.

A graça da fé precede as boas obras. A graça da fé é menor nos catecúmenos e maior nos renascidos

2,2 Em primeiro lugar, terei de buscar o objetivo do Apóstolo que atravessa toda a carta. E ele é a favor de que ninguém se glorie dos merecimentos das obras. Os israelitas tinham a ousadia de gloriar-se porque serviam a lei dada a eles e, por isso mesmo, pretendiam receber a graça evangélica como coisa devida aos seus merecimentos por servirem a lei. Daí não quererem que essa mesma graça fosse dada aos gentios, por não a merecerem se não aceitassem os mistérios judaicos. Quando surgiu, essa questão foi resolvida nos “Atos dos Apóstolos”.^[91] Pois não entendiam que, pelo fato de ser graça evangélica, não é devida às obras, “senão a graça não é mais graça”.^[92]

Em muitos lugares se afirma, muitas vezes, que a graça da fé vem antes das obras não para acabar com estas, mas para ficar claro que as obras não precedem, mas seguem a graça; a fim de que ninguém pense ter recebido a graça porque agiu bem, mas que não pode agir bem se não tiver recebido a graça pela fé. O homem, porém, começa a receber a graça quando começa a acreditar em Deus, movido por uma exortação interna ou externa para a fé.^[93] Interessa, porém, saber em que períodos de tempo ou em que celebração de sacramentos é infundida uma graça mais abundante e mais manifesta. Não que os catecúmenos não creiam ou que Cornélio não acreditasse em Deus, quando, com esmolas e orações, se mostrou digno que lhe fosse enviado um anjo.^[94] Mas nunca teria feito isso se antes não tivesse acreditado.

De nenhuma forma teria acreditado se não tivesse sido chamado por ocultas comunicações ou por intuições da mente ou do espírito ou por exortações perceptíveis aos sentidos do corpo. Em alguns, a graça da fé não é bastante grande para conseguir o reino dos céus. É o caso dos catecúmenos, como do próprio Cornélio, antes de ser incorporado à Igreja pela participação nos sacramentos. Em outros, porém, a graça da fé é tão grande que já são destinados para o corpo de Cristo e santo templo de Deus. “Pois”, diz, “o templo de Deus que sois vós”.^[95] O próprio Senhor diz: “Quem não tiver nascido da água e do Espírito Santo não entrará no reino dos céus”.^[96] As iniciações da fé se parecem com concebimentos. É preciso não somente ser concebido, mas também nascer, para que se chegue à vida eterna. Contudo, nada disso acontece sem a graça da misericórdia de Deus, porque, como foi dito, mesmo as obras, se é que existem, seguem e não precedem a graça.^[97]

O objetivo do Apóstolo com os exemplos de Jacó e Esaú: As boas obras vêm da graça, e não o contrário

2,3 Querendo o Apóstolo demonstrar o que diz em outro lugar: “Não vem de nós, mas é dom de Deus; nem das obras, para não acontecer que alguém se ensoberbeça”, [98] deu o exemplo daqueles que ainda não tinham nascido. De fato, ninguém poderia dizer que Jacó, ainda não nascido, teria merecido que lhe fosse dito divinamente por Deus: “E o maior servirá ao menor”. [99] Portanto, continua o Apóstolo, quando foi dito: “Por este tempo virei e Sara terá um filho”, [100] Isaac foi prometido, ele que, por nenhuma obra, mereceu que Deus promettesse o seu nascimento. Assim, em Isaac, seriam chamados de descendência de Abraão – isto é, pertenceriam à sorte dos santos, que está em Cristo – aqueles que são considerados filhos da promessa e não se orgulham dos seus merecimentos, mas atribuem à graça da vocação o fato de serem co-herdeiros com Cristo, porque isso lhes tinha sido prometido; pois nada merecia quem nem ainda existia, “pois Rebeca os teve de uma relação só com Isaac, nosso pai”. [101] Com muito cuidado, diz: “De uma relação só”.

De fato foram concebidos gêmeos, para que o concebimento não fosse atribuído nem mesmo aos merecimentos do pai; pois alguém poderia dizer: o filho nasceu assim por causa da situação em que se encontrava o pai no momento em que o gerou no útero da mãe; ou, então, por causa da situação da mãe quando o concebeu. Pois, juntos, num mesmo momento, ele gerou e ela concebeu a ambos. Para o comprovar, diz: de uma única relação, para não dar lugar nem aos astrólogos, [102] nem, melhor, àqueles chamados de genetlíacos, que fazem previsões sobre o caráter e os acontecimentos dos que nascem, com base no dia do nascimento. Digam o que quiserem, nunca conseguirão explicar por que, com um único concebimento, num único instante de tempo, com aquela disposição do céu e dos astros, atribuir a cada um as suas particularidades, numa tão grande diferença entre aqueles gêmeos. Se quiserem, os astrólogos facilmente admitem que as predições que apregoam aos ingênuos, longe de se apoiarem em argumentos científicos, não passam de casuais suposições.

Para falarmos do assunto que mais nos interessa, tudo isso é lembrado para quebrar e acabar com o orgulho de homens mal-agraçados para com a graça de Deus e que ousam gloriar-se dos próprios merecimentos. “Como, pois, ainda não tinham nascido e nem ainda tinham feito nada de bem ou de mal, não por causa de obras, mas pela vontade de quem chamava, foi-lhe dito que o maior serviria ao menor.” [103] Portanto, é pela graça de quem chama que são feitas as obras de quem recebe a graça, obras que não geram a graça, mas são geradas por ela. Pois o fogo não aquece para queimar, mas porque queima. Como também a roda não corre para ser redonda, mas porque é redonda. Assim também, ninguém faz boas obras para receber a graça, mas porque a recebeu. Pois como pode viver com justiça quem não foi justificado? Como não pode viver santamente quem não foi santificado, nem pode absolutamente viver quem não foi vivificado? Pelo contrário, a graça justifica para que o justificado possa viver justamente.

Portanto, em primeiro lugar, é a graça; em segundo lugar, são as boas obras. Aliás,

diz o Apóstolo, em outro lugar: “O salário é atribuído a quem trabalha não como gratificação, mas como débito”;^[104] como a imortalidade, após as boas obras – se é que ela também pode ser exigida como débito –, como é dito: “Combati o bom combate, terminei a carreira, conservei a fé, aliás, falta-me a coroa da justiça que me retribuirá o Senhor, justo juiz, naquele dia”.^[105] Dizendo retribuirá talvez queira dizer como débito. “Quando, porém, subiu para o alto, levou cativo o cativo” não diz retribuiu, mas “concedeu dons aos homens”.^[106]

Mas como poderia o Apóstolo presumir que lhe seria retribuído como coisa devida, se antes não tivesse recebido, de graça, a graça que não lhe era devida, justificado pela qual combateria o bom combate? Como ele mesmo testemunha, ele foi blasfemo, perseguidor e injusto, mas obteve misericórdia,^[107] crendo naquele que justifica não o justo, mas o ímpio^[108] para que, pela justificação, se tornasse justo.

A justa escolha de Jacó e a reprovação de Esaú

2,4 Diz o Apóstolo: “Foi-lhe dito que o maior servirá ao menor não por causa das obras, mas por vontade de quem chamou”. A respeito disso se diz: “quando ainda nem tinham nascido, nem tinham feito nada de bem nem de mal, para que se pudesse afirmar: não por causa de obras, mas por vontade de quem chamou”. Vem, então, à mente perguntar por que se diz: “A fim de ficar de pé a intenção de Deus de escolher”.^[109] Porém, como esta escolha ou qualquer outra pode ser justa se não há diferença alguma? Pois escolhido sem nenhum merecimento, antes de nascer e de fazer qualquer coisa, Jacó não poderia ter sido escolhido, já que não havia nenhuma diferença pela qual devesse ser escolhido. Além disso, se, sem culpa alguma – pois ele nem tinha ainda nascido, nem feito coisa alguma –, Esaú foi rejeitado, como é referido: o maior servirá ao menor, como se pode dizer que a sua rejeição foi justa?

Portanto, com que critério – e com o peso da igualdade – entender o que segue: “Amei a Jacó, mas odiei a Esaú”?^[110] É o que está escrito no Profeta,^[111] que profetizou muito depois de eles terem nascido e morrido. Parece fazer-se menção daquela afirmação feita mesmo antes de nascerem e fazerem alguma coisa: “O maior servirá ao menor”. Como entender, pois, tal escolha ou qualquer outra, se não se pode contar com merecimentos de quem nem ainda nasceu nem fez alguma coisa? Por acaso existe algum merecimento vindo da própria natureza? Quem é capaz de entender: de um único pai, de uma só mãe, de uma única relação, de um só criador?

Será que foi o Criador, que criou do mesmo barro espécies diferentes de animais, que do mesmo modo criou, de uma mesma relação, filhos gêmeos diferentes, um que ele ama e outro que ele odeia? Porém, não existe escolha antes de existir o que escolher. Porque, se Jacó foi feito bom para agradar, como pode agradar antes de existir para poder ser feito bom? Pois não foi escolhido por ser bom, mas pôde ser escolhido porque foi feito bom.

Escolha de Jacó em previsão da futura fé

2,5 Será que se diz “conforme escolha” porque Deus, que tudo prevê, viu também a futura fé em Jacó, antes mesmo de ele nascer; assim que, apesar de ninguém merecer ser justificado por suas obras, mesmo porque não pode agir bem se não for justificado, contudo, visto que Deus justifica os gentios pela fé^[112] e ninguém crê a não ser livremente,^[113] Deus previu essa mesma vontade de fé e escolheu, antes mesmo de nascer, aquele que ele previa que justificaria? Mas, se é uma escolha por previsão e Deus previu a fé de Jacó, como se prova não ter escolhido também pelas obras? De fato, se ainda não tinham nascido nem tinham feito nada de bem nem de mal, nenhum deles ainda tinha fé. Mas a presciência viu quem teria fé. Da mesma forma, a presciência poderia ver quem faria obras, de tal maneira que, assim como alguém diz ter sido ele escolhido por causa da futura fé prevista por Deus, da mesma forma outro poderia dizer que ele foi escolhido por causa de obras futuras, não menos previstas também por Deus. Por isso, como é que o Apóstolo mostra que não é por causa das obras que “o maior servirá ao menor?”

Antes do nascimento, é impossível dizer que foi por causa de obras ou que foi por causa da fé, porque ambas as coisas não existem em quem ainda não nasceu. Não se deve pensar que foi por presciência que o menor foi escolhido para que o maior o servisse. Foi para mostrar que a escolha não foi feita por causa das obras, que se acrescentou: “Como ainda não tinham nascido, nem tinham feito nem bem nem mal”,^[114] senão poder-se-ia dizer: Deus já sabia o que cada um faria. Pergunta-se, então, como foi feita aquela escolha. Pois, se a escolha não foi feita por causa das obras que não existiam em quem ainda não tinha nascido, nem pela fé, porque nem ela existia, como então foi feita a escolha?

2,6 Será que se deve dizer que não se fez nenhuma escolha por não existir diferença alguma no ventre da mãe, ou de fé, ou de obras, ou de quaisquer outros merecimentos? Diz-se, porém: “A fim de que permanecesse o desígnio de Deus conforme escolha”,^[115] e perguntamos, então, por que isso foi dito. Talvez a interpretação deva ser que o que se diz: “o maior servirá ao menor não por causa das obras, mas por causa de quem chamou, a fim de que permanecesse o desígnio de Deus conforme escolha” é só o exemplo de quem ainda não havia nascido nem ainda tinha feito nada, para entendermos que não houve escolha alguma. “Uma vez que ainda não tinham nascido nem tinham feito nem bem nem mal, para que permanecesse o desígnio de Deus conforme escolha”,^[116] de veras, não tinham feito nada de bem nem de mal, de maneira que pudesse haver uma escolha por causa de alguma obra; então, já que não havia nenhuma escolha de quem fez o bem, segundo a qual permanecesse o desígnio de Deus, se diz que “o maior servirá ao menor não por causa das obras, mas por causa daquele que chama”, isto é, daquele que justifica o ímpio, chamando-o, pela graça, para a fé.

Portanto, o desígnio de Deus permanece não por causa de uma escolha, mas é a escolha que vem de um desígnio; isto é, a intenção de Deus de justificar permanece não porque Deus encontra nos homens boas obras para escolher, mas porque permanece o desígnio de justificar quem crê e assim encontrar obras que escolher para o reino dos céus. Se não houvesse escolha, não haveria escolhidos e não se poderia dizer: “Quem acusará os escolhidos de Deus?”.^[117] De fato, a justificação precede a eleição, e não a eleição precede a justificação. Pois ninguém é escolhido se não for separado daquele que é rejeitado. Portanto, não vejo como se pode dizer que “Deus nos escolheu antes da criação do mundo”^[118] a não ser pela sua presciência.

O que se diz: “o maior servirá ao menor não por causa de obras, mas por causa daquele que chama” deve ser entendido da generosidade dos dons de Deus, e não da escolha de merecimentos, que, aliás, só vêm depois da justificação da graça, a fim de que ninguém se vanglorie de suas obras. “Fomos salvos pela graça de Deus; e isso não vem de nós, mas é dom de Deus; não por causa das obras, para que ninguém se orgulhe”.^[119]

A fé entre os dons da graça

2,7 Pergunta-se, porém, se nem a fé merece a justificação da pessoa; ou, então, se nem os merecimentos da fé precedem a misericórdia de Deus, mas se a própria fé é contada entre os dons da graça, porque, quando se diz “não por causa das obras”, não se diz que “o maior servirá ao menor, por causa da fé”, mas “por causa daquele que chama”. Pois ninguém crê se não for chamado.

Deus misericordioso, porém, não chama nem o concede, por causa de algum merecimento, nem mesmo da fé, visto que os merecimentos da fé, longe de o preceder, seguem o chamado. “Como, pois, crer em quem não ouviram? E como ouvirão sem quem pregue?”^[120] Se a misericórdia de Deus não chamar antes, ninguém pode crer e assim começar a ser justificado e receber a capacidade de agir bem.

Portanto, a graça vem antes de todo merecimento; “porque Cristo morreu pelos ímpios”.^[121] Portanto, ao menor foi concedido que o maior o servisse, por aquele que o chamou, não por causa de algum merecimento de suas obras, a fim de que o fato de que “Deus amou a Jacó” seja entendido como vindo de Deus que o chamou, e não por causa de alguma obra de Jacó.

2,8 E Esaú? Que mal fez ele para merecer servir ao menor? E por que está escrito: “Odiei a Esaú”^[122] se ele nem tinha ainda nascido, nem tinha feito nada de bem nem de mal, quando se disse: “O maior servirá ao menor”? O que foi dito de nenhum merecimento de boas obras de Jacó não se aplica também a Esaú por ter sido odiado sem culpa de nenhuma má ação? Se Deus predestinou Esaú para servir ao menor porque previa as suas futuras obras más, e se Deus predestinou Jacó para que o maior o servisse porque previa as suas boas obras, então não é verdade o que é dito: “não por causa das obras”.

Se, porém, é verdade que Deus “não chamou por causa das obras”, e isso é demonstrado pelo fato de estar-se falando de quem ainda não tinha nascido nem tinha feito alguma coisa, e, por conseguinte, nem o chamado de Deus é por causa da fé que não existia em quem ainda não havia nascido, por que culpa Esaú é odiado antes de nascer? Não há nenhum problema em afirmar que Deus fez coisas que amaria. É absurdo, porém, afirmar que ele fez coisas que odiaria, pois vem outra Escritura e diz: “Não criaste nada por ódio, mas não odiaste nada do que fizeste”.^[123] Que merecimento tem o sol por ter sido feito sol? Que sofre a lua por lhe ser tão inferior? Que merecimento tinha o sol para ser criado tão mais brilhante do que os outros astros? Todas essas coisas foram criadas boas, cada qual na sua natureza.

Deus não diria: amei o sol, mas odiei a lua; ou então: amei a lua e odiei as estrelas, como disse: “Amei a Jacó e odiei a Esaú”. Mas amou todas essas coisas, mesmo se ordenadas em diversos graus de importância, pois Deus viu que eram boas, porque criadas pela sua palavra.^[124] É injusto, porém, odiar Esaú sem a culpa da injustiça. Se aceitarmos isso, então Jacó vai ser amado por causa do merecimento da justiça. Porém, se isso for verdade, então, não é verdade que Deus não escolheu por causa das obras. Será que foi pela justiça da fé? Isso não resolve, pois “ainda não tinham nascido”, e como poderia haver justiça da fé em quem nem tinha nascido ainda?

2,9 Percebendo o Apóstolo o que, por causa dessas palavras, poderia vir à mente de quem ouvisse ou lesse, logo acrescenta: “Que diremos? Porventura em Deus há injustiça? Nunca!”. E quase mostrando como isso é absurdo, diz: “Deus diz a Moisés: ‘Terei misericórdia daquele de quem eu me compadecer e mostrarei misericórdia àquele de quem tiver misericórdia’”.^[125] Com essas palavras, resolve a questão ou, talvez, a complica ainda mais. Pois é isso exatamente que mais embaraça: se Deus tem misericórdia daquele de quem se compadecer e fará misericórdia àquele de quem tem misericórdia, por que faltou essa misericórdia a Esaú, para que ele também fosse bom por ela, como, por ela, Jacó se tornou bom? Será que se diz: “terei misericórdia daquele de quem me compadeci e farei misericórdia a quem serei misericordioso” porque aquele de quem Deus se compadecerá para o chamar, dele Deus terá misericórdia para que creia; e mostrará misericórdia àquele de quem tem misericórdia para que creia, isto é, torná-lo-á misericordioso para agir bem?

Por isso é que somos exortados a que ninguém se glorie nem se exalte por causa das próprias obras de misericórdia, como se merecesse a Deus por essas obras, como se fossem suas; quando, de veras, foi Deus quem concedeu que ele tivesse a própria misericórdia, ele que fará misericórdia àquele de quem tem misericórdia. Se alguém se orgulha de ter merecido misericórdia porque crê, saiba que quem lhe concedeu acreditar foi aquele que, inspirando a fé, dessa maneira fez misericórdia àquele de quem se compadecer e que o chamou quando ainda era sem fé. Aqui está a diferença entre quem tem fé e quem não a tem. É dito: “Que tens tu que não recebeste? E, se recebeste, por que te glorias como se não tivesses recebido?”.^[126]

Por que foi negado a Esaú o dom da fé

2,10 Isso é certo. Mas por que foi recusada a Esaú essa misericórdia e assim não foi chamado, e, caso chamado, lhe fosse inspirada a fé, e, crendo, ele se tornasse misericordioso e agisse bem? Será que foi porque ele não quis?

Se Jacó acreditou porque quis, então não foi Deus que lhe deu a fé, mas foi ele que a deu a si mesmo e teve algo que não recebeu. Ou será que ninguém pode acreditar se não quiser, e não pode querer se não for chamado, mas ninguém pode fazer com que seja chamado? E, chamando, Deus concede também a fé, porque, sem o chamado, ninguém pode acreditar, apesar de ninguém crer sem querer? “Pois, como crerão em quem não ouvirem? Ou como ouvirão se não houver quem pregue?”^[127] Portanto, ninguém crê se não for chamado, mas nem todos os chamados creem; “pois são muitos os chamados, mas poucos os escolhidos”,^[128] isto é, aqueles que não rejeitaram quem os chamou, mas, acreditando, o seguiram. Sem dúvida, foi querendo que acreditaram.

Mas então o que significa o que segue: “Não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso?”^[129] Ou então será que, se não formos chamados, nem podemos querer e o nosso querer nada vale se Deus não nos ajudar a realizar? Portanto, é preciso querer e correr, pois não foi dito à toa: “Paz na terra aos homens de boa vontade”^[130] e também: “Correi para alcançardes”.^[131] Contudo, “não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso”, a fim de alcançarmos o que queremos e chegarmos aonde queremos. Portanto, Esaú não quis nem correu. Mas mesmo que Esaú tivesse querido e corrido, só teria chegado com a ajuda de Deus, que, chamando, lhe teria concedido querer e correr; isso se não se tivesse tornado réprobo por ter rejeitado o chamado.

Deus concede de uma maneira que queiramos e de outra o que queremos. Pois, para que queiramos, ele quis e nós também: ele chamando e nós seguindo.^[132] Ele é o único que nos concede o que queremos, a saber, agir bem e viver sempre feliz. Mas, na verdade, antes de nascer, Esaú não podia querer nem não querer nada disso. Por que, então, foi rejeitado ainda no útero de sua mãe? Retorna-se, assim, àqueles problemas desagradáveis não somente pela sua obscuridade, como também pela nossa frequente repetição.

Reprovação de Esaú e aprovação de Jacó

2,11 Por que, então, Esaú foi rejeitado antes de nascer, quando não podia nem acreditar em quem chamou, nem rejeitar o chamado, nem agir bem ou mal? Se foi rejeitado por causa da presciência que Deus tinha de sua futura má vontade, por que, então, Jacó foi aprovado por causa da presciência de Deus de sua futura boa vontade?

Se admitires, uma vez, que alguém, antes de existir, poderia ser aprovado ou reprovado, porque Deus já o conhecia antes mesmo de ele existir, deduz-se que ele poderia também ser aprovado por causa das obras futuras que Deus previa nele, mesmo ainda nada tendo feito, sem importar que ainda não tinha nascido, quando foi dito “o maior servirá ao menor”, a fim de que disso se possa demonstrar que não se fala de obras, porque ainda nada havia feito.

2,12 Se também prestares bastante atenção àquelas palavras: “Portanto não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso”,^[133] fica claro que o Apóstolo não somente disse isso porque só alcançamos o que queremos com a ajuda de Deus, mas com a mesma intenção com que diz num outro lugar: “operai a vossa própria salvação, com temor e tremor, porque é Deus quem opera em vós tanto o querer como o agir segundo o seu bem-querer”,^[134] onde fica bastante claro que é pela ação de Deus que a própria boa vontade existe em nós.

De fato, se se diz “não de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso”, somente porque não basta só a vontade do homem para vivermos reta e justamente, se não formos ajudados por Deus, então pode-se também dizer “portanto não é de Deus misericordioso, mas do homem que quer, porque não basta só a misericórdia de Deus se não se acrescentar o consentimento da nossa vontade”. Mas é claro que é vão o nosso querer se Deus não tiver misericórdia. Não sei, porém, como dizer que Deus se compadece em vão se nós não quisermos. Pois, se Deus tem misericórdia, então nós também queremos; já que pertence à mesma misericórdia que queiramos; “pois é Deus quem opera em nós o querer e o agir, conforme a sua vontade”. Pois, se perguntarmos se uma vontade boa é dom de Deus, seria absurdo alguém ousar negar.

Visto que a vontade boa não precede o chamado, mas é o chamado que precede a boa vontade, por isso, com razão, atribuímos a Deus o querermos o bem e não podemos atribuir a nós mesmos que sejamos chamados. Portanto, não se pense que se diz “não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso” porque não conseguimos alcançar o que queremos sem o auxílio dele, mas, muito mais, é porque nem podemos querer sem o chamado dele.

2,13 Se, porém, esse chamado produz uma vontade boa, de tal maneira que quem é chamado a segue, como seria verdade então que “muitos são chamados, e poucos escolhidos”?^[135] Se é verdade que aquele que é chamado não necessariamente obedece ao chamado, porque obedecer não depende da sua vontade, então, com razão, pode-se também dizer que não é de Deus misericordioso, mas do homem que quer e que corre, porque, de fato, não basta a misericórdia de quem chama, se não seguir a obediência de quem é chamado. Será que aqueles que, sendo chamados de certo modo, mas que não consentem, poderiam conformar a sua vontade à fé se fossem chamados de outro modo; e aí, então, seria verdade também que “muitos são chamados, mas poucos escolhidos”, assim que, apesar de muitos serem chamados de certo modo, contudo, já que nem todos foram tocados do mesmo modo, somente seguem o chamado aqueles que se encontram capazes de o entender; e assim seria também verdade que “não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso”, que chama do modo próprio àqueles que seguiram o chamado?

Na verdade, o chamado chegou também aos outros, mas de um modo pelo qual não podiam ser tocados, nem eram capazes de o entender e, por isso mesmo, podiam dizer-se chamados, mas não escolhidos; mas daí então não é verdade também “portanto não é de Deus misericordioso, mas é do homem que quer e que corre”, visto que o efeito da misericórdia de Deus não está na capacidade do homem; e assim é em vão que Deus tem misericórdia, já que o homem não pode querer; pois, se Deus quisesse compadecer-se também deles, poderia chamá-los do modo próprio a eles, para que fossem tocados, compreendessem e seguissem. Portanto, é verdade: “Muitos chamados, poucos escolhidos”. Escolhidos, aqueles chamados de modo adequado; não escolhidos, aqueles que não se ajustaram nem se ligaram ao chamado porque, apesar de chamados, não seguiram.

Assim, é verdade que “não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso” porque, apesar de chamar a muitos, contudo, Deus se compadece daqueles que chama do modo adequado a eles para que o sigam. Não é verdade dizer que portanto não é de Deus misericordioso, mas do homem que quer e que corre, porque de ninguém Deus se compadece em vão. De quem Deus se compadece, ele o chama do modo que sabe ser-lhe adaptado, para que não rejeite a quem o chama.

Por que Esaú não foi chamado de modo adequado

2,14 Dirá alguém: por que Esaú não foi chamado de modo que quisesse obedecer? Pois vemos as pessoas, com as mesmas coisas demonstradas e significadas, serem tocadas para crer de modo diferente, como Simeão, tomando conhecimento por revelação,^[136] acreditou em nosso Senhor Jesus Cristo ainda criança. Natanael, a uma palavra que dele ouviu: “Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas sob a figueira”, respondeu: “Rabbi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel”.^[137] Porque, muito depois, confessou a mesma coisa, Pedro mereceu ouvir que era feliz e que lhe seriam dadas as chaves do reino dos céus.^[138] Os discípulos dele creram^[139] por causa do milagre feito em Caná da Galileia, pela mudança da água em vinho, que João Evangelista lembra como o início dos sinais. Com a sua palavra, convidou muitos para a fé, e muitos não creram, nem com a ressurreição de mortos.

Assustados com a cruz e a morte dele, até os discípulos hesitaram, e, contudo, o ladrão acreditou não porque o viu poderoso em obras, mas como igual pela companhia da cruz.^[140] Um dos discípulos, após a ressurreição, acreditou não tanto por causa do corpo vivo, mas por causa das recentes cicatrizes.^[141] Muitos daqueles pelos quais foi crucificado, que o tinham desprezado quando o viam fazer milagres, acreditaram por causa dos discípulos que o pregavam e faziam as mesmas coisas no nome dele.^[142] Portanto, como um é movido para a fé de um modo, e outro de outro modo, e a mesma coisa dita de um modo toca, e dita de outro modo não toca, e move um, e não move outro, quem ousaria dizer que faltou a Deus uma maneira de chamar, pela qual também Esaú prestaria atenção e aderiria livremente àquela mesma fé na qual Jacó foi justificado?

Agora, se a obstinação da vontade chega a ser tão grande que a cabeça fique dura diante de todas as maneiras de chamar, então se pergunta se a própria dureza não vem de um castigo divino, já que Deus o abandona, não o chamando do modo como ele poderia ser levado a crer. Quem vai dizer que faltou até mesmo ao todo-poderoso a maneira pela qual ele teria sido persuadido a crer?

2,15 Como perguntar isso quando o próprio Apóstolo acrescenta: “Diz a Escritura ao Faraó: eu te suscitei para mostrar em ti a minha força, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra?”^[143] O Apóstolo acrescentou isso como prova para demonstrar o que tinha dito antes: “Portanto, não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso”.^[144] Como se dissesse: qual é a prova do que ensinas? E diz: “Pois diz a Escritura ao Faraó: eu te suscitei para mostrar em ti a minha força e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra, mostrando assim que não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso”, e assim conclui: “Portanto, ele se compadece de quem quer e endurece quem ele quer”,^[145] visto que acima não estão essas duas coisas.

Não se diz, porém, “não é de quem quer nem de quem corre, mas de Deus misericordioso” com o mesmo sentido com que se diz “não é de quem não quer nem de quem despreza, mas de Deus que endurece”. Então se entende que a afirmação colocada abaixo, portanto ele se compadece de quem quer e endurece quem quer, pode concordar com a sentença acima, que Deus endurecer significa não querer compadecer-se, a fim de que não venha de Deus nada que torne o homem pior, mas somente lhe seja concedido algo que o torne melhor. Se isso acontece sem nenhuma diferença de merecimento, quem não apela para aquela mesma palavra com que o próprio Apóstolo se questionou: “Tu, então, me dizes: ‘por que então me repreendes? Por acaso alguém pode resistir à vontade dele?’”.^[146]

Deus, muitas vezes, repreende os homens, como aparece em inumeráveis lugares das Escrituras, porque não querem acreditar nem viver corretamente. É por isso que se diz que aqueles que são fiéis e os que fazem a vontade de Deus vivem sem ser repreendidos,^[147] porque a Escritura não os repreende, mas diz: “Por que repreender, pois pode alguém resistir à sua vontade quando ele se compadece de quem quer e endurece quem quer?”. Contudo, consideremos o que ficou acima e de lá tiremos, quanto Deus ajudar, o nosso parecer.

2,16 Pouco antes, diz: “Que diremos, então? Será que em Deus existe injustiça? Nunca!”^[148] Fique, portanto, firme e inquestionável numa mente madura pela piedade e firme na fé que não existe injustiça alguma em Deus. E que Deus se compadece de quem quer e endurece quem quer, isto é, compadece-se de quem quer e de quem não quer não se compadece, deve-se crer tenaz e firmemente, que isso pertence a uma justiça misteriosa e impenetrável às medidas humanas, perceptível, porém, mesmo nas realidades humanas e contratos terrenos, nos quais, se não percebermos alguns vestígios impressos pela justiça celeste, nunca a fraqueza da nossa busca conseguiria almejar nem mesmo anelar pela morada e segredo santíssimo e castíssimo dos preceitos espirituais. “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.”^[149]

Portanto, nesta aridez da vida e da condição mortal, se não vier do céu algo como um levíssimo orvalho de justiça, secaremos antes de ter sede. Visto que a sociedade dos homens se articula em dar e receber entre si, e são dadas e recebidas tanto dívidas como coisas devidas, quem não percebe que ninguém pode ser acusado de injustiça se exigir o que lhe é devido, nem, com certeza, se perdoar o que lhe é devido, ficando isso naturalmente ao arbítrio daquele a quem se deve, e não dos devedores? Essa imagem ou, como disse acima, esse vestígio foi impresso nos negócios humanos, vindo do mais excelso grau de equidade. Assim, os homens todos, que, como diz o Apóstolo, “morrem todos em Adão”,^[150] de quem vem para todo o gênero humano a origem da ofensa de Deus, são, de certa maneira, uma massa de pecado^[151] em dívida de castigo para com a divina e suma justiça; e não é injustiça alguma se esse castigo for cobrado ou perdoado.

Os devedores orgulhosamente julgam de quem é que se deve cobrar e a quem se deve perdoar, como se indignaram injustamente aqueles que foram levados à vinha, porque foi dado aos outros o mesmo que lhes era devido.^[152] Foi por isso que o Apóstolo rejeitou o atrevimento desse questionamento, dizendo: “Quem és tu, homem, para responderes a Deus?”^[153] Assim responde a Deus porque não lhe agrada que Deus repreenda os pecadores, como se Deus forçasse alguém a pecar, quando, de fato, Deus não leva ninguém a pecar, mas somente não concede a alguns pecadores a misericórdia da sua justificação.

É por isso que se diz que ele endurece alguns pecadores não porque os leva a pecar, mas porque não se compadece deles. Não se compadece, porém, daqueles a quem, por uma misteriosa justiça, remotíssima dos critérios humanos, julga não dever conceder misericórdia; pois “os seus julgamentos são imperscrutáveis e impenetráveis os seus caminhos”.^[154] Repreende, porém, com justiça os pecadores, pois não é ele que os leva a pecar. Repreende, ao mesmo tempo, a fim de que aqueles de quem se compadece recebam também eles esse apelo de que Deus repreende os pecadores, arrependam-se e se convertam à sua graça. Portanto, é com justiça que repreende e até com misericórdia.

Todos os homens são uma massa de pecado

2,17 Se surpreende o fato de que ninguém resiste à sua vontade e ele ajuda a quem quer e abandona a quem quer, e como tanto aquele a quem ajuda como aquele a quem abandona pertencem à mesma massa de pecados, e, apesar de ambos merecerem castigo, ele cobra de um e perdoa a outro, se tudo isso embaraça, “Quem és, tu, homem, para responderes a Deus?”.^[155] Parece-me que àquele a quem se chamou de homem se quer dar o mesmo significado que àquele de que se diz: “Por acaso não sois homens e caminhais segundo o homem?”.^[156] Com esse nome ali são indicados os homens carnis e os animais, a quem se diz: “Não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis”. Também isto: “Ainda não podíeis e nem agora podeis, pois ainda sois carnis”.^[157] E isto: “O homem animal não entende as coisas do Espírito de Deus”.^[158] Portanto, é a esses que se diz: “Quem és tu, homem, para responderes a Deus? Por acaso a estátua diz a quem a formou: ‘por que me fizeste assim?’. Ou não pode o artista do barro fazer, da mesma massa, um vaso para uso nobre e outro para uso vil?”.^[159]

Com isso, mostra claro que ele fala ao homem carnal, porque barro indica de onde foi formado o homem. Já que “todos”, como já lembrei, conforme o Apóstolo, “morrem em Adão”, ele afirma que uma só é a massa de todos. E mesmo que um vaso seja para uso nobre e outro para uso vil, contudo, também aquele que é para uso nobre precisa começar como carnal e daí se levantar à fase espiritual, já que tinha sido feito para uso nobre e já tinha nascido em Cristo. Mas porque, quando fala, eles ainda são crianças, chama-os de carnis, dizendo: “Não pude falar-vos como a espirituais, mas como a crianças em Cristo; dei-vos leite para beber, e não comida, porque não podíeis, como ainda não podeis, pois ainda sois carnis”.^[160]

Portanto, mesmo que os chame de carnis, contudo diz que já nasceram em Cristo e são crianças nele e devem tomar leite. Acrescentando: “nem agora podeis” mostra que os que progridem vão poder no futuro, uma vez que a graça já começou neles que já renasceram espiritualmente. Portanto, já tinham sido feitos vasos para uso nobre, e mesmo assim ainda se pode dizer: “Quem és, tu, homem, para responderes a Deus?”. Se é dito com razão desses tais, com muito mais razão se diz daqueles que ainda não foram regenerados ou então foram feitos para uso vil.

Permaneça, portanto, inabalável crer que em Deus não existe injustiça, quando perdoa nem quando cobra a dívida; e aquele de quem cobra não tem razão para se queixar de injustiça da parte dele; nem aquele a quem perdoou deve gloriar-se de seus merecimentos. Pois um devolveu o que devia, e o outro só tem o que recebeu.

Como Deus odiou a Esaú quando não odeia nada do que fez. O que é pecado

2,18 Devemos, agora, procurar entender, com a ajuda de Deus, se também é verdade o que está escrito: “Não odiaste nada do que fizeste”^[161] e também: “Amou a Jacó e odiou a Esaú”.^[162] Pois, se odiou a Esaú porque era um vaso feito para uso vulgar, mas foi o mesmo oleiro que fez um vaso para uso nobre e outro para uso vulgar, como é que fica, então, “Nada odiaste do que fizeste?”. Pois odiou a Esaú, vaso que ele mesmo fez para uso vulgar. Esse problema se resolve, se entendermos que Deus é o artífice de todas as criaturas. Mas toda criatura de Deus é boa^[163] e todo homem é criatura enquanto homem, mas não enquanto pecador. Portanto, Deus é criador do corpo e da alma do homem. Nenhum dos dois é mau, e Deus não odeia nenhum dos dois, pois ele não odeia nada do que fez.

A alma é mais importante do que o corpo; Deus, porém, autor e criador de ambos, não odeia, na alma e no corpo do homem, senão o pecado. O pecado do homem é desordem e maldade, isto é, é afastamento do excelso Criador e conversão para as criaturas inferiores.^[164] Portanto, Deus não odiou Esaú enquanto homem, mas odiou Esaú enquanto pecador, como se diz a respeito do Senhor: “veio no que era seu, e os seus não o receberam”,^[165] a quem ele diz: “Vós não ouvís porque não sois de Deus”.^[166] Como se diz os seus e como se diz não são de Deus senão porque se diz os seus referindo-se aos homens que Deus havia feito, e se diz não são de Deus referindo-se aos pecadores que o Senhor acusava? Contudo, tanto os homens como os pecadores são as mesmas pessoas, isto é, são homens por vontade de Deus e pecadores pela própria vontade. Deus amou a Jacó: porventura ele não era pecador?

Mas Deus amou nele não a culpa que apagava, mas a graça que doava. Pois o próprio Cristo morreu pelos ímpios,^[167] não, porém, para que continuassem ímpios, mas para que, justificados, se convertessem da impiedade, crendo naquele que justifica o ímpio.^[168] Pois Deus odeia a impiedade. Em alguns, ele a castiga pela condenação, em outros, ele a tira pela justificação, conforme ele julga dever fazer, segundo imperscrutáveis juízos. Que, dentre os ímpios, ele torne aqueles que ele não justifica vasos para uso vulgar, ele não odeia o que faz, visto que, como ímpios, são detestáveis, mas enquanto se tornam vasos são feitos para algum uso, a saber, a fim de que, pelas penas impostas a eles, os vasos feitos para uso nobre tirem proveito. Portanto, Deus não os odeia enquanto homens, nem enquanto são vasos, isto é, não odeia o que faz neles quando cria, nem o que faz neles quando ordena. Pois nada odeia do que fez. Mas para torná-los vasos de perdição, a fim de servirem de correção para os outros,^[169] ele odeia neles a impiedade que ele não fez. Assim como o juiz odeia no homem o furto, mas não odeia o que ele faz, condenando o ladrão, assim também Deus não odeia o que faz, fazendo vasos de perdição da massa dos ímpios, isto é, executando a sua ordem de punição para com os que perecerão; nisso, aqueles de quem ele se compadece encontram ocasião de salvação.

Foi dito ao Faraó: “Eu te suscitei para mostrar, em ti, o meu poder e para que o meu nome fosse anunciado por toda a terra”.^[170] Essa demonstração da força de Deus e o anúncio do seu nome por toda a terra são de proveito para aqueles a quem o

chamado serviu, a fim de temerem e corrigirem os seus caminhos. Diz em seguida: “Se, querendo mostrar a sua ira e demonstrar a sua potência, Deus suportou, com muita paciência, os vasos da ira, prontos para a perdição”,^[171] subentende-se: “Quem és tu, para responderes a Deus?”,^[172] para que, pela afirmação anterior, o sentido das palavras acima seja o seguinte: se, querendo Deus mostrar a sua ira, suportou os vasos da ira, “quem és tu, para responderes a Deus?”. Mas não somente suportou, com muita paciência, os vasos da ira, prontos para a perdição, para mostrar a sua ira e demonstrar a sua potência, mas também, como segue: “Para tornar conhecidas as riquezas da sua glória para com os vasos da misericórdia”.^[173]

Mas que adianta aos vasos destinados à perdição que Deus os suporte com paciência se, em seguida, os deite a perder e se sirva deles como instrumento de salvação para aqueles de quem se compadece? Certamente, porém, isso é de proveito para aqueles para cuja salvação estes são usados, como está escrito: “Que o justo lave as mãos no sangue do pecador”,^[174] isto é, seja purificado das más obras pelo temor de Deus, vendo os castigos dos pecadores. Portanto, “querendo mostrar a ira, suportou os vasos da ira” serve para incutir temor nos outros e “para tornar conhecidas as riquezas da sua glória para com os vasos da misericórdia destinados para a glória”.^[175]

Assim, o endurecimento dos ímpios demonstra duas coisas: que precisa haver temor para que alguém, por piedade, se converta a Deus, e que se devem dar muitas graças à misericórdia de Deus, que mostra castigo em uns e perdoa a outros. Se, porém, não é justo o castigo que exige de uns, também nada perdoa aos outros de quem não o exige. Porém, visto que o castigo é justo e não há injustiça alguma em Deus que castiga, quem daria suficientemente graças àquele que perdoa aquilo que, se quisesse exigir, ninguém teria razão de dizer não dever exigir?

Os vasos de perdição são feitos para a correção dos outros

2,19 É dito: “Chamou-nos a nós não somente dentre os judeus, mas também dentre os gentios”,^[176] isto é, os vasos de misericórdia, destinados à glória; não, porém, todos os judeus, mas dentre os judeus; nem absolutamente todos os gentios, mas dentre os gentios. É a mesma a massa dos pecadores e dos maus que vem de Adão, na qual tanto os judeus como os gentios, sem a graça de Deus, pertencem à mesma pasta. Se o oleiro, com a mesma pasta, faz um vaso para uso nobre e outro para uso vulgar, fica claro que, se dentre os judeus, como dentre os gentios, há vasos para uso nobre e vasos para uso vulgar, conclui-se que se deve entender que todos pertencem à mesma pasta. Em seguida, o Apóstolo começa a trazer os testemunhos da profecia para cada raça, em ordem inversa. Disse antes dentre os judeus, e depois dentre os gentios; porém, primeiro traz o testemunho em favor dos gentios e depois dos judeus.

De fato: “Assim como Oseias diz: chamarei de meu povo aquele que não é meu povo e de amada aquela que não é amada; e acontecerá que no lugar onde é dito: ‘vós não sois meu povo’, lá serão chamados de filhos do Deus vivo”,^[177] entende-se que isso é dito dos gentios, que não tinham um único lugar destinado aos sacrifícios, como os judeus, em Jerusalém. Os apóstolos, porém, foram enviados às nações, a fim de que aqueles que cressem em seu lugar e onde cressem aí oferecessem um sacrifício de louvor, e a eles Deus deu o poder de se tornarem filhos de Deus.^[178] E diz ainda: “Isaías, porém, clama em favor de Israel”.

De novo, para que não se pense que todos os israelitas vão à perdição, mostra que, dentre eles, alguns vasos foram feitos para uso nobre e outros para uso vulgar. Acrescenta: “Mesmo que o número dos filhos de Israel fosse como a areia do mar, o resto é que será salvo”. A outra multidão são vasos destinados à perdição. “Pois, resumindo-a e cumprindo-a, Deus realizará a sua palavra”,^[179] a saber, ele tornará salvos, pelo vínculo da fé, os que creem pela graça, e não pelas inúmeras observâncias pelas quais aquela multidão era sobrecarregada e então oprimida.

De fato, foi pela graça que, resumindo e cumprindo a sua palavra, ele a realizou na terra, dizendo: “O meu jugo é suave, e o meu peso é leve”.^[180] A mesma coisa é dita aqui, pouco adiante: “Junto de ti está a palavra, em tua boca e em teu coração, a saber, a palavra da fé que pregamos. Porque, se confessares com a tua boca que Jesus é Senhor, e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo; pois quem crê de coração obtém a justiça e quem confessa com a boca, a salvação”.^[181] Essa é a palavra que resume e cumpre o que o Senhor realizou na terra.

Foi por esse cumprimento e resumo que foi justificado o ladrão que, com todos os membros presos na cruz, e tendo livres somente essas duas coisas, acreditou com o coração para obter a justiça e confessou com a boca para obter a salvação e logo mereceu ouvir: “Estarás comigo hoje no paraíso”.^[182] Se, tendo recebido a graça, tivesse vivido mais tempo entre os homens, as boas obras dele teriam seguido; contudo, elas não vieram antes, como se tivesse merecido a mesma graça quem estava preso à cruz por causa de roubo e que da cruz foi levado para o paraíso. Disse ainda: “Como predisse Isaías: se o Senhor Sabaot não nos tivesse deixado um

descendente, teríamos ficado como Sodoma, seríamos semelhantes a Gomorra”.^[183] Aqui se diz: “se tivesse deixado um descendente”, em outro lugar se diz a mesma coisa: “o resto será salvo”.

Os outros, porém, como vasos de perdição, pereceram no castigo merecido; mas não foi o merecimento deles que fez com que nem todos perecessem como em Sodoma e Gomorra, mas foi pela graça de Deus, que deixou uma semente da qual outra colheita surgiria em todo o mundo. Pouco depois, vem o seguinte: “Assim, no tempo atual, constituiu-se um resto segundo a eleição da graça. E se é por graça, não é pelas obras; do contrário, a graça não é mais graça. Que concluir? Israel não conseguiu o que buscava; os eleitos, porém, conseguiram e os outros foram cegados”.

^[184] Os vasos da misericórdia conseguiram e os vasos da ira foram cegados, ambos vindos da mesma pasta, como na plenitude das Nações.

Não todos chamados, mas, dentre todos, judeus e gentios

2,20 Particularmente necessário para o assunto que tratamos agora e que confirma, com um admirável testemunho, as mesmas coisas que foram tratadas é um lugar da Escritura, naquele livro chamado por alguns de “Jesus Sirach”, por outros de “Eclesiástico”, em que assim está escrito: “Todos os homens vêm do solo, da terra é que Adão foi criado. Em sua grande sabedoria, o Senhor os separou e diversificou os seus caminhos. Abençoou e exaltou alguns, santificou a outros e os colocou junto de si. Amaldiçoou a outros e os humilhou e opôs uns aos outros para desacordo entre eles. Como a argila na mão do oleiro que a amolda e dispõe todos os seus caminhos segundo o seu gosto, assim é o homem na mão daquele que o criou e que vai retribuir-lhe conforme a sua justiça. O bem é oposto ao mal e a vida é oposta à morte e assim também o pecador é oposto ao homem justo. Contempla, pois, toda a obra do Altíssimo, duas a duas, uma diante da outra”.^[185]

Em primeiro lugar, aqui se evidencia a sabedoria de Deus. Disse: “Na sua grande sabedoria, o Senhor os separou”; mas de onde, senão da felicidade do paraíso? “E tornou diferentes os caminhos deles” para que já vivessem como mortais. Então se formou de todos uma única massa, formada do sarmento do pecado e do castigo da mortalidade, apesar de Deus formar e criar o que é bom. Pois em todos existe uma forma e uma articulação do corpo, com tanta harmonia entre os membros que o Apóstolo colheu daí uma comparação para falar da caridade;^[186] em todos há um espírito de vida, dando vida aos membros; e toda a natureza humana existe numa admirável e equilibrada condição de domínio da alma e sujeição do corpo.

Só que, já dominando, como castigo do pecado, a concupiscência carnal colocou desordem em todo o gênero humano como uma única pasta, por causa da culpa original que tudo penetra. Em seguida, diz: “Dentre eles, abençoou e elevou alguns, a outros santificou e uniu a si; dentre eles, amaldiçoou alguns, os humilhou e levou a estarem em desacordo entre eles”,^[187] do mesmo modo que diz o Apóstolo: “Será que o oleiro de argila não tem poder de fabricar, da mesma pasta, um vaso para uso nobre e outro para uso vulgar?”.^[188] Assim, o que se acrescenta não foge da mesma comparação: “Como a argila nas mãos do oleiro, que ele pode plasmar e definir em todos os seus caminhos, a seu bel-prazer, assim o homem na mão de quem o criou”.^[189]

Observa o que o Apóstolo acrescenta, quando ele diz: “Porventura existe injustiça em Deus?”,^[190] a saber: “Retribuirá ao homem segundo o seu julgamento”.^[191] Mas como aos condenados são dados justos castigos e como isso se torna útil para que progridam aqueles a quem é dada a misericórdia, vê o que segue: “O mal é oposto ao bem e a vida é oposta à morte, assim também o pecador é oposto ao homem justo. E, assim, contempla toda a obra do Altíssimo, duas a duas, uma oposta à outra”,^[192] assim que as coisas melhores sobressaem e progridem pela comparação com as coisas piores. Mas como as coisas são melhores por graça, como diz: “O resto foi salvo”,^[193] acrescenta, falando na pessoa do resto: “Também eu, o último, velei, como o que colhe depois dos vindimadores”.^[194]

Mas como prova que foi pela misericórdia de Deus, e não pelos seus

merecimentos? “Foi na bênção do Senhor que confiei e, como vindimador, enchi o lagar.”^[195] Apesar de velar como último, contudo, como foi dito, “os últimos serão os primeiros”,^[196] o povo colhido do resto de Israel, confiando na bênção do Senhor, encheu o lagar com a abundância da vindima que vem de todo o mundo.

2,21 A intenção do Apóstolo e de todos os justificados, pelos quais nos foi explicado o significado da graça, não é outra senão que “aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”.^[197] Pois quem questionaria as obras do Senhor, que, da mesma pasta, condena um e justifica outro? O livre-arbítrio da vontade vale muito e existe de verdade, mas que valor tem naqueles que foram vendidos sob o pecado?^[198] Diz o Apóstolo: “A carne deseja contra o espírito, e o espírito, contra a carne, de modo que não fazeis o que quereis”.^[199] Ordena-se que vivamos retamente, com a promessa da recompensa de merecer viver feliz eternamente. Mas quem consegue viver corretamente e fazer o bem se não for justificado pela fé? Ordena-se que creiamos a fim de podermos, pelo dom recebido do Espírito Santo, agir bem pelo amor. Mas quem pode crer se não for chamado por um testemunho? Porém, quem vai, de coração, abraçar algo que não lhe agrada? Ou, então, quem tem poder de fazer acontecer o que lhe pode agradar ou de agradar-se quando acontece?

Se, porém, nós gostamos do que nos faz aproximar de Deus, isso é inspirado e concedido pela graça de Deus, e não é conseguido por decisão nossa, nem pelo nosso esforço, nem pelo merecimento das nossas obras, porque é ele que dá e concede que queiramos, que nos empenhemos e que façamos obras fervorosas de caridade. Somos instados a pedir para receber, a buscar para encontrar e a bater para que nos seja aberto.^[200] Não é verdade que, de vez em quando, a nossa própria oração é tão morna, mais ainda, fria, e quase nula e até mesmo tão nula que nem chega a nos causar aborrecimento? Se isso nos dói, já estamos rezando. Além disso, fica claro que pedir, buscar e bater nos é concedido por aquele que no-lo ordena. “Portanto, não é de quem quer, nem de quem corre, mas de Deus misericordioso”,^[201] pois, na verdade, não podemos querer, nem correr, a não ser que ele nos mova e nos anime.^[202]

2,22 Se, para entendermos o que foi dito: “O resto foi estabelecido por escolha da graça”,^[203] vemos que se faz uma escolha, não a escolha de justificados para a vida eterna, mas a escolha para a justificação, então essa escolha é tão misteriosa que nem dá para ser percebida na mesma pasta. Se ela pode ser percebida por alguém, devo então reconhecer a minha limitação nessa questão. Pois não tenho como perceber nenhum motivo pelo qual as pessoas devam ser escolhidas para a graça da salvação; mas se me passa alguma ideia na reflexão sobre isso, poderia, quem sabe, ser uma maior qualidade ou pecados menores ou ambas as coisas. Poderia ser também alguma formação honesta e útil. Talvez quem estivesse preso e manchado só por pequenos pecados, já que ninguém pode ficar sem nenhum pecado?

Também quem é perspicaz de capacidade e desenvolvido nas artes liberais parece dever ser escolhido para a graça. Se eu afirmar isso, rir-se-á de mim, de tal maneira, aquele que escolheu o que é fraco no mundo, para confundir os fortes, o que é ignorante no mundo, para confundir os sábios,^[204] que eu também, olhando para ele e corrigido de vergonha, me ri de muitos, e dos mais castos mais do que de pecadores, de oradores mais do que de pescadores. Não notamos, porventura, que muitos dos nossos fiéis, que vão pelos caminhos do Senhor, não podem comparar-se, de modo algum, com a capacidade, não digo de alguns hereges, mas mesmo de comediantes? Não vemos também pessoas de ambos os sexos vivendo na castidade conjugal sem problemas que, contudo, são hereges ou pagãos ou até mesmo tópicos na verdadeira fé e na verdadeira Igreja, superados não somente pela paciência e temperança, mas também pela fé, esperança e caridade de meretrizes e comediantes apenas convertidos? Conclui-se que são as vontades que são escolhidas.

Mas a própria vontade não pode mover-se se não acontecer algo que agrade e que mova o coração. Porém, não está em poder da pessoa que isso aconteça. Que queria Saulo senão agredir, arrastar, amarrar, matar cristãos? Que vontade irada, furiosa, cega! Contudo, derrubado por uma voz que vinha do alto, e acontecendo a visão pela qual a mente e a vontade dele, rompida a violência, foram vencidas e voltadas para a fé, de grande perseguidor do Evangelho tornou-se um pregador mais admirável ainda.^[205] Por isso: “Que diremos? Porventura há injustiça em Deus”, que cobra de quem ele quer, que perdoa a quem ele quer, que de modo algum cobra o que não é devido, nem dá o que é alheio? “Porventura há injustiça em Deus? Nunca!”^[206] Por que, então, trata um assim e outro de outra maneira? “Quem és tu, homem?”^[207] Se não pagas a dívida, tens motivo para agradecer; se pagas, não tens por que te lamentar. Creiamos, somente, mesmo que não o consigamos entender, que quem fez e criou todas as criaturas espirituais e corporais dispôs tudo conforme número, peso e medida.^[208] As suas decisões são imperscrutáveis e insondáveis os seus caminhos.^[209]

Digamos “Aleluia” e o louvemos com cânticos e não digamos “por que isto ou por que aquilo?”. Pois tudo foi criado a seu tempo.^[210]

LIVRO 2

PREFÁCIO

Penso já ter respondido bastante às questões sobre o Apóstolo. Começo agora outro livro, sobre o que perguntaste sobre os livros dos Reis, coisas que, como muitas outras e quase todas dos antigos livros, são de estilo figurado e envolvidas em véus de mistérios.^[1] Porém, apesar de o véu ser tirado,^[2] quando passamos para o Cristo, contudo, no momento presente, vemos em enigma, depois, face a face. De toda maneira, o véu cobre a aparência, e ver em enigma é ver como no espelho, como o Apóstolo diz: “Agora vemos pelo espelho, em enigma”,^[3] que não mostra muito clara a fisionomia, mas também não esconde totalmente a verdade.

Portanto, conduzidos pelo Senhor, enfrentemos também estas questões, mais aliviados pelas tuas orações do que oprimidos pelas tuas ordens, especialmente porque percebi, pela tua carta, que não perguntas o que significa a profecia. Seria, para mim, muito difícil atender a isso, porque a pesquisa deveria ser feita em todo o conjunto dos mesmos livros e, apesar de a inteligência estar disposta, contudo o tamanho do trabalho o tornaria impossível; e se fosse levado avante, requereria um lazer e um tempo muito longo. Mas agora queres saber, pelo meu escrito, como entendo o significado das realidades que lembraste em tuas palavras.

Primeira questão: os profetas são movidos pelo Espírito de Deus de maneira diferente

1,1 A primeira coisa que me mandaste explicar do Primeiro Livro dos Reis é o sentido do que se diz: “O espírito do Senhor veio sobre Saul”,^[4] quando em outro lugar se diz: “O espírito mau do Senhor veio em Saul”.^[5] Assim está escrito: “Assim que voltou as costas para deixar Samuel, Deus lhe mudou o coração, e todos os sinais se verificaram naquele dia. E chegou à montanha e logo um grupo de profetas veio ao seu encontro e o espírito de Deus veio sobre ele e ele profetizou no meio deles”.^[6] Samuel já lhe havia profetizado isso, quando, por mandato, o ungiu. Isso não cria nenhuma dificuldade. “Pois o espírito sopra onde quer”,^[7] e nenhum contato com qualquer alma pode manchar o espírito de profecia; e, por causa da sua pureza, chega a toda parte.^[8]

Porém, não toca todos do mesmo modo; toca alguns, fazendo a mente dos homens entender as imagens das coisas que aparecem; toca outros, fazendo compreender as elaborações da mente; toca outros com ambas as inspirações e toca outros mesmo quando não o percebem. Quando esclarece a mente, o faz de duas maneiras: através de sonhos, como aconteceu não somente com vários santos, mas também com o Faraó e com o rei Nabucodonosor, que viu o que nenhum deles conseguia entender, apesar de ambos terem podido ver.^[9]

Outras vezes, através de manifestações de êxtase – o que alguns latinos interpretam como perturbação –, o que, se fosse mesmo, seria de admirar, mas que deveras se parece com isso – quando acontece um afastamento dos sentidos do corpo a fim de que o espírito do homem, tomado pelo espírito divino, se detenha em compreender e contemplar imagens, como, aliás, de fato, para Daniel ficou esclarecido o que ele não entendia, e para Pedro aquele lençol descido do céu por quatro cordas,^[10] pois ele também depois veio a saber o que a aparição representava.

Quando, pela compreensão das elaborações da mente, é revelado o significado e o alcance daquelas coisas que aparecem em imagens, isso é profecia, como de fato o Apóstolo o chama de profecia,^[11] como José, que mereceu entender o que o Faraó somente tinha visto, e Daniel, que explica ao rei o que ele vê, mas não entende. Quando, porém, a mente é tocada de tal maneira que não somente entende as imagens das coisas por uma aproximação conjetural, mas vê a própria realidade, assim como são entendidas a sabedoria, a justiça e toda a imutável e divina beleza, então não se trata mais da profecia, de que estamos tratando agora. São, porém, dotados de ambas as funções da profecia aqueles que não somente veem em espírito as representações das coisas, como também entendem o que significam ou então, na própria manifestação, são esclarecidos por claras falas, como algumas coisas são apresentadas no Apocalipse.

O espírito de profecia toca sem a pessoa saber, como aconteceu com Caifás, quando era sumo sacerdote, que profetizou, a respeito do Senhor, que era preciso que um só morresse por toda a nação;^[12] ele percebia, nas palavras que dizia, coisa diferente daquilo que não sabia estar dizendo não por si mesmo. São muitos os

exemplos nos livros santos; falo de coisas conhecidíssimas à tua sabedoria. Pois não estás aprendendo essas coisas de mim, mas, interrogando, me colocas à prova, desejoso de conhecer o meu progresso e pronto para me corrigir se eu errar. A palavra colocada: “O espírito apoderou-se dele”^[13] significa o sopro repentino, vindo do mais escondido segredo da divindade. Como entender por qual desses modos proféticos foi mais tocado Saul aparece claro do que aí se escreve: “Deus mudou em outro o coração de Saul”.^[14] Isso mostra os novos sentimentos do coração que Deus colocou nele com a conversão, a fim de ele se tornar capaz de receber imagens reveladoras e prefigurativas em vista de uma predição profética.

A profecia permanente e a passageira

1,2 A distância que existe entre a profecia de profetas como Isaías, Jeremias e os outros como eles e a profecia transitória que apareceu em Saul é a mesma distância que existe entre a linguagem humana, que os homens falam, e a linguagem que, por necessidade de prodígio, falou a jumenta em que se sentou o profeta Balaão.^[15] A jumenta recebeu aquilo, de passagem, para Deus provar o que havia dito, e não porque era habitual, entre os homens, que o animal falasse. Se esse exemplo é remoto por causa da grande diferença, é muito menos surpreendente que a profecia, por um momento e por um toque passageiro, fosse concedida a uma pessoa reprovada por Deus, já que aquele que a concedeu é o mesmo que, quando quis, fez a jumenta falar. Pois um animal está mais distante de um homem do que um homem reprovado dos homens escolhidos, apesar de serem homens.

Na verdade, se alguém diz algo de sabedoria, nem por isso deve logo ser considerado sábio. Assim também não deve logo ser contado entre os profetas alguém que alguma vez tiver profetizado, pois o próprio Senhor, no Evangelho, diz que alguns recebem a palavra com alegria, mas não têm a profundidade da raiz e são temporários.^[16] Por isso, como a leitura que segue indica, isto serve de parábola: “Se até Saul está entre os profetas?”^[17] Portanto, não nos admiremos se aparece em algumas pessoas algo de divino, que transcende o merecimento ou o costume deles, pois talvez Deus esteja querendo demonstrar algo com algum sinal.

1,3 Surpreende-se que Saul, que antes tinha recebido o espírito de profecia, em seguida seja sufocado pelo espírito mau que o invadia, isso, porém, não deve admirar, pois uma coisa aconteceu com o desígnio de significar algo, outra, como castigo merecido. Não nos deve surpreender essa alternância no ânimo humano, isto é, na criatura mutável, especialmente neste tempo em que se carrega uma carne corruptível e mortal. Não vemos no próprio Pedro, como diz o Evangelho, como foi grande aquela confissão que mereceu ouvir: “Tu és feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelaram, mas o meu Pai que está nos céus”,^[18] e como, pouco depois, ele pensou de modo tão carnal sobre a paixão do Senhor, que logo ouviu: “Vai para trás, Satanás, tu és escândalo para mim; pois não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens”?^[19]

Talvez, para aqueles que entendem um pouco mais profundamente as visões da mente, a oposição de Pedro, que primeiro, por revelação de Deus Pai, entendeu que Cristo era o Filho de Deus e depois se assustou com a sua morte, tenha o mesmo valor que valem, para distinguir as visões imaginárias que passam pelo espírito do homem quando fora dos sentidos, a revelação da profecia, pela qual foi inspirado Saul, e a confusão do espírito mau, pela qual depois foi oprimido.

1,4 Pois bem, que também se chame de mau o espírito do Senhor é de se entender como é dito: “a terra é do Senhor”,^[20] isto é, como criatura colocada debaixo do seu poder. Porém, se esse exemplo de expressão não convém, visto que a terra não é má, pois toda criatura de Deus é boa,^[21] pode, então, convir o fato de o próprio Saul, já reprovado e criminoso e ingrato para com o Santo Davi, também perseguidor dele e agitado cruelmente por sentimentos violentos de inveja, apesar de tudo, ainda ser chamado de ungido do Senhor, como o chamou o próprio Davi, quando vingou a morte dele.^[22]

Julgo, porém, melhor que o mau espírito pelo qual Saul era agitado seja chamado de espírito do Senhor, porque agitava Saul por um misterioso desígnio do Senhor. Pois Deus usa ministros e mesmo espíritos maus de modos diferentes, seja para castigar os maus, seja para provar os bons. Pois mesmo que um espírito seja mau, porque, por maldade, quer prejudicar, contudo ele não recebe o poder de prejudicar senão daquele debaixo do qual estão todas as coisas, ordenadas segundo certos e justos graus de merecimentos; uma vez que, do mesmo modo como a maldade não vem de Deus, assim também não existe poder que não venha de Deus.^[23] Pois mesmo que cada um tenha o poder de querer algo, contudo não está em poder de cada pessoa poder fazer algo a alguém ou sofrer algo de alguém.^[24] Pois o próprio Filho único de Deus, no momento de sua paixão, humildemente disse a quem lhe falava com soberba e dizia ter poder de o matar ou de libertar: “Não terias poder algum sobre mim se não te tivesse sido dado do alto”.^[25]

O diabo também, querendo prejudicar o justo Jó, era diabo pela vontade de prejudicar, contudo pediu ao Senhor Deus o poder de fazer, dizendo: “Coloca a tua

mão e toca a carne dele”,^[26] o que ele faria se lhe fosse permitido. Desse modo, pedia para si a permissão e chamava de mão de Deus a sua própria mão autorizada por Deus, isto é, o próprio poder que queria receber. Concorda com isso o que o Senhor, no Evangelho, diz aos discípulos: “Nesta noite, Satanás pediu para vos sacudir como o trigo”.^[27] Portanto, o espírito de Deus é chamado de mau, isto é, ministro de Deus para fazer em Saul o que o juiz todo-poderoso julgava que ele devia sofrer; porque aquele espírito, pela vontade pela qual era mau, não era de Deus; porém, como criatura feita e pelo poder que tinha recebido não por sua justiça, mas pela do Senhor de tudo, era de Deus. São assim as próprias palavras das Escrituras: “Samuel se pôs a caminho e partiu para Ramá; o espírito do Senhor se retirou de Saul e um mau espírito vindo do Senhor o atormentava. E os servos de Saul lhe disseram: ‘Eis que um mau espírito do Senhor te atormenta’”.^[28]

Portanto, como foi dito pelos servidores dele: o espírito mau do Senhor, a frase se refere às palavras da narrativa da Escritura acima, que diz: “O espírito mau vindo do Senhor”. Segundo, pois, a expressão: “do Senhor”, que equivale a: “vindo do Senhor”, é dito que o espírito, por si mesmo, podia querer prejudicar, isto é, tomar Saul; porém, não estava nele o poder, a não ser que lhe fosse permitido pela suma justiça. Portanto, se com justiça Deus castiga, como diz o próprio Apóstolo: quando entrega as pessoas às concupiscências do coração delas,^[29] não surpreende se, castigando com não menos justiça, as entrega às concupiscências de outros, que as querem prejudicar, ficando sempre de pé, salvaguardada a sua sempre imutável justiça.

O Espírito Santo consubstancial ao Pai e ao Filho

1,5 Deve-se acrescentar que o espírito de Deus se chama de mau por acréscimo. De fato, quando se diz somente espírito de Deus, mesmo sem acrescentar bom, entende-se bom. De onde fica claro que, segundo a sua substância, o espírito é bom; porém, o espírito de Deus é chamado de mau, segundo um serviço que presta. Pode-se ainda perguntar se, chamando de espírito de Deus, por isso mesmo entendendo que é bom, mesmo sem nada acrescentar, deve-se entender aquele espírito que, na Trindade, é consubstancial ao Pai e ao Filho, o Espírito Santo, de quem se diz: “Onde está o Espírito do Senhor há liberdade”;^[30] ainda: “Deus nos revelou pelo seu Espírito”,^[31] e ainda: “Ninguém conhece as coisas de Deus senão o Espírito de Deus”.^[32]

Em muitos lugares, assim é chamado o Espírito de Deus e se entende o Espírito Santo, mesmo que não se acrescente tratar-se dele, porque o contexto o indica com clareza; e até mesmo, às vezes, nem se acrescenta que é de Deus e, mesmo assim, se entende tratar-se do Espírito de Deus, o Santo, por excelência. De fato, de que outro espírito se fala quando diz: “O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus”; e também: “O próprio Espírito ajuda a nossa fraqueza”;^[33] ainda: “É um único e mesmo Espírito que opera todas essas coisas, distribuindo a cada um como quer”;^[34] ainda: “Há diferença de dons, mas é o mesmo Espírito?”.^[35] Em todas essas frases, não se acrescenta “de Deus” nem “santo”, mas se entende que é dele que se fala.

Não sei se é possível demonstrar, com algum claro exemplo, que em algum lugar onde se fala do espírito de Deus, sem acréscimo, não se deva entender daquele Espírito Santo, mas de algum outro espírito, mesmo bom, mas criado e feito. Pois os textos aduzidos são duvidosos e necessitam de alguma explicação mais clara, como o que está escrito: “O Espírito de Deus planava sobre as águas”.^[36] Porque não vejo o que impede de aí também ver o Espírito Santo. Pois como pelo nome de água se sugere aquela matéria sem forma, feita do nada e de onde todas as coisas seriam feitas, que impede de ver o Espírito do Criador, já que ele planava sobre aquela matéria, não segundo posições de lugar, nem distâncias de espaço, o que não se diz de nenhuma realidade incorpórea, mas segundo a grandeza e a elevação de uma vontade dominante acima de todas as coisas, a fim de que todas as coisas fossem criadas; e, mais especialmente ainda, porque aquela palavra, como é costume das Escrituras, soa como algo profético e prefigura o mistério do futuro batismo do povo que iria nascer pela água e pelo Espírito Santo? Portanto, nada obriga a entender o dito: “E o Espírito de Deus planava sobre as águas” de um espírito, como querem alguns, pelo qual toda a massa corpórea do mundo como que é animada para o serviço de gerar e contar todas as criaturas corpóreas em sua espécie. Cada criatura é aquilo que é.

Também o que está escrito: “Porque o Espírito do Senhor encheu toda a terra”,^[37] não falta quem queira entender o mesmo espírito como uma criatura invisível, que faz crescer e sustenta todas as coisas visíveis, por certa concórdia universal. Mas nem aqui vejo o que impede de ver o Espírito Santo, já que o próprio Deus diz pelo Profeta: “Eu encho o céu e a terra”.^[38] Pois Deus não enche o céu e a terra sem o seu Espírito Santo. Portanto, por que admirar que é do Espírito Santo dele que se diz:

“Encheu a terra?”.^[39] Mas ele enche, de um modo, santificando, como se diz de Estêvão: “Era repleto do Espírito Santo”^[40] e de outros como ele: portanto, de uma maneira, ele enche alguns santos com a graça santificante; de outra maneira, ele enche todas as coisas com a sua presença que testemunha e ordena. Portanto, não sei se, por algum testemunho certo das Escrituras, se possa mostrar que, quando se fala de espírito de Deus ou espírito do Senhor, sem nenhum acréscimo, se queira dizer outra coisa que não seja o Espírito Santo.

Mas se, por acaso, isso acontece alguma vez não lembrada agora, com certeza julgo que não é dito à toa: de fato, todas as vezes que nas santas Escrituras se fala de espírito de Deus e não se acrescenta mais nada, entende-se daquele Espírito Santo consubstancial ao Pai e ao Filho ou de alguma criatura invisível; contudo, não se pode entender de espírito mau, a não ser que se acrescente também mau. O próprio espírito de Deus é também chamado de espírito mau, porque Deus se serve bem dele, para o ministério do seu julgamento, para castigo dos maus e disciplina ou provação dos bons.

1,6 Não nos deve surpreender o que, em seguida, está escrito: tendo o mesmo Saul profetizado, quando o espírito de Deus estava sobre ele, como pode depois do espírito bom vir o mau e, de novo, depois do mau vir o bom? Isso acontece não por mutabilidade do Espírito Santo, que é imutável com o Pai e o Filho, mas pela mutabilidade do ânimo humano; porque Deus tudo distribui, tanto aos maus, conforme merecem condenação ou correção, como aos bons, conforme a generosidade da sua graça; apesar de se poder entender também que o espírito de Deus estava sempre em Saul, mas que era mau para ele, porque Saul não foi digno dele. Isso, porém, não parece certo.

O sentido mais seguro e verdadeiro é que, conforme a mudança de atitudes humanas, o espírito bom de Deus afete bem, seja para a profecia, seja para alguma obra no serviço divino; porém, o mesmo espírito de Deus é chamado de mau e afeta mal a pessoa, devido ao ministério que presta à justiça divina, que tudo distribui e de tudo usa, principalmente porque se diz: “Afastou-se dele o Espírito de Deus e prendeu-o o espírito mau vindo do Senhor”.^[41] Não é possível afirmar da mesma coisa: afastar-se e prender. É verdade, porém, que, em alguns exemplos, principalmente naqueles que trazem expressões tiradas literalmente da língua hebraica, encontra-se espírito de Deus, sem nenhum acréscimo e com o sentido de mau, como quando arrebatou Saul enquanto Davi o recreava tocando cítara.

Porém, é claro que aqui não se acrescenta mau porque já tinha aparecido pouco antes e dava para ser subentendido e interpretado pela proximidade da Escritura. Pois nestes exemplos se lê: “Portanto, sempre que o espírito de Deus arrebatava Saul, Davi tomava a cítara e a tocava com a sua mão, e, então, Saul se relaxava e se aliviava; pois o espírito mau se afastava dele”.^[42] Portanto, seja porque aqui não diz espírito de Deus, mas somente espírito mau, porque aqui aparece mencionado o que não tinha sido dito antes; seja porque acima já tinha sido colocado: “Os servos de Saul lhe disseram: ‘Eis que o espírito mau de Deus te agita; que o nosso senhor dê ordem e os teus servos, que estão diante de ti, irão procurar alguém que saiba tocar cítara para que salmodie com a sua mão, quando o espírito mau de Deus te arrebatara e, então, te aliviarás’”,^[43] não era necessário acrescentar mau quando se repetiu “Sempre que o espírito de Deus arrebatava Saul”, pois era sabido do que se falava.

Saul, tomado pelo espírito profético e bom, persegue Davi

1,7 Na verdade, uma questão ainda maior e que não deve ser examinada só com uma reflexão passageira da mente, é que “veio sobre ele o espírito de Deus e ele caminhava e profetizava”^[44] quando Saul, cheio de inveja e transtornado de maldade, perseguia o inocente Davi. Não é que aqui, só pelo fato de que se diz: “E profetizava”, só se pode interpretar do espírito bom, pelo qual os santos profetas distinguiram imagens de coisas futuras e visões; pois se encontra isso também afirmado do espírito mau em exemplos tirados do hebraico: “No segundo dia, o espírito mau de Deus invadiu Saul, e ele profetizava no meio da sua casa”.^[45]

Também em outros lugares das divinas Escrituras, muitas vezes, se encontra a profecia chamada não somente de boa, mas também de má; e há profetas chamados de Baalim;^[46] e alguns acusados de profetizar por Baal.^[47] Portanto, pelo fato de ser dito “Ele caminhava entrando e profetizava” não necessariamente se deve entender do espírito bom que, em seguida, desceu sobre Saul, porque foi dito sem acréscimo: “E desceu sobre ele o espírito de Deus”.^[48] Não é porque acima, naquele lugar, se tinha dito espírito mau de Deus, que isso esteja subentendido também nos textos seguintes, mesmo porque as coisas ditas acima testemunham mais e mais que aquele espírito de Deus era bom e até mesmo profético. Pois Davi estava com Samuel quando Saul enviou mensageiros para prenderem Davi.

Como, porém, Samuel estava entre os profetas, e o grupo dos profetas estava profetizando, os mensageiros enviados, tendo recebido o mesmo espírito, começaram a profetizar, o que aconteceu também com os outros e com os que vieram em terceiro lugar. Em seguida, quando o próprio Saul chegou, “também sobre ele veio o espírito de Deus e ele caminhava entrando e profetizava”.^[49] Quando se diz: “Desceu também sobre eles o Espírito de Deus e eles também profetizavam”,^[50] era certamente o mesmo Espírito que estava nos profetas, entre os quais se encontrava Samuel.

É necessário concluir disso que esse espírito era bom. Por isso, deve-se esclarecer diligentemente a questão: como também aqueles enviados para prender e levar à morte um homem mereceram ser tomados por tal espírito, e como o próprio Saul, que os havia enviado, vindo ele mesmo, querendo derramar sangue inocente, mereceu aquele espírito e profetizava.

É possível ter alguns dons do Espírito Santo sem a caridade. Sem a caridade, os dons do Espírito Santo nada adiantam

1,8 Aqui acontece o que o Apóstolo apresenta com toda a clareza como o mais elevado caminho, e diz: “Se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se, porém, não tiver a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Se eu tivesse a profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se eu tivesse toda a fé a ponto de transportar montanhas, se, porém, não tiver a caridade, não sou nada. E se distribuísse todos os meus bens, e se entregasse às chamas o meu corpo, se não tiver a caridade, nada me adianta”.^[51] Nesse lugar, é claro ele mencionar os dons do Espírito Santo que são distribuídos como disse acima: “A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para a utilidade. A alguns é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria, a outro, uma palavra de ciência segundo o mesmo Espírito, a outro, o dom das curas em um único Espírito, a outro, o poder de milagres, a outro, a profecia, a outro, o discernimento dos espíritos, a outro, o dom das línguas. Tudo isso opera o único e mesmo Espírito, distribuindo a cada um os próprios dons, como ele quer”.^[52] Aparece clara, entre os dons do Espírito Santo, a profecia.

Contudo, se alguém a tem, mas não tem a caridade, não é nada. De onde se compreende poder acontecer que alguns, mesmo indignos da vida eterna e do reino dos céus, sejam, contudo, banhados por alguns dons do Espírito Santo, sem ter a caridade, sem a qual aqueles dons não são nada e para nada lhes servem.

Deveras, a profecia sem a caridade, como já foi demonstrado, não conduz ao reino de Deus; enquanto a caridade, sem a profecia, conduz. Pois, quando o Apóstolo, falando dos membros de Cristo, diz: “Porventura, todos são apóstolos? Porventura, todos profetas?”, sem dúvida mostra que também quem não tem a profecia pode ser contado entre os membros de Cristo. Que lugar teria quem não tem a caridade, sem a qual o homem não é nada? Tratando-se dos membros com os quais é formado o corpo de Cristo, de maneira alguma se pode dizer: porventura todos têm a caridade? Como se disse: “Porventura, todos são apóstolos? Por acaso, todos profetas? Por acaso, todos realizam milagres? Por acaso, todos têm o dom de curar?”.^[53]

Será que existe profecia sem a caridade?

1,9 Poderia alguém dizer que pode acontecer de alguém não ter a profecia, mas ter a caridade, e assim poder ser contado como unido aos membros de Cristo; mas o que não pode acontecer é alguém ter a profecia e não ter a caridade, pois quem tem a profecia não é nada sem a caridade. Assim como talvez possamos dizer que um homem que tem alma sem a mente não é nada – não que seja possível encontrar alguém que tem alma sem a mente, mas porque, se fosse possível encontrá-la, ela não seria nada –, assim também pode-se dizer: se o corpo tem uma aparência sem cor, não pode ser visto – não que existe um corpo sem cor, mas porque, se existisse, não poderia ser visto. Talvez seja por isso que foi dito que, se alguém tem a profecia sem a caridade, não é nada; não porque pode existir profecia em alguém sem a caridade, mas porque, se existisse, não lhe poderia adiantar nada.

Para resolver a questão, precisaríamos mostrar um réprobo que tenha tido esse dom da profecia. Se não encontrássemos ninguém, bastaria o próprio Saul para o provar. Também Balam aparece como réprobo, pois a Escritura não esconde que ele foi condenado pelo juízo divino, e, contudo, tinha a profecia. Porque lhe faltava a caridade, havia nele a vontade de amaldiçoar o povo de Israel, vontade comprada com pagamento pelo inimigo que o conduzia, como paga por amaldiçoar; contudo, pelo dom de profetizar que o banhava, sem querer ele abençoou. ^[54]

Testemunham bastante essa afirmação as palavras escritas no Evangelho, que muitos vão dizer naquele dia: “Senhor, Senhor, nós comemos e bebemos em teu nome e em teu nome profetizamos e em teu nome fizemos muitos milagres; contudo ele lhes dirá: ‘Não vos conheço, afastai-vos de mim, vós que fazeis o mal’”. ^[55] Achamos que não estarão mentindo quando dirão essas coisas no julgamento, onde não há lugar para enganar; mas, também, não lemos nenhuma palavra deles dizendo: nós te amamos. Portanto, poderão dizer: “nós profetizamos em teu nome”, mesmo sendo maus e réprobos; porém não poderão dizer: observamos o amor que ordenaste. Pois, se o disserem, não lhes será respondido: “Não vos conheço, pois foi dito: ‘Nisto se conhece que sois meus discípulos, se vos amais uns aos outros’”. ^[56]

Os hereges e os cismáticos têm outros dons do Espírito Santo fora a caridade

1,10 O exemplo de Saul contradiz alguns hereges soberbos que negam que algo de bom dos dons do Espírito Santo pode ser dado àqueles que não pertencem à sorte dos santos.^[57] Nós lhes dizemos que podem ter o sacramento do batismo, que, vindo eles para a Igreja Católica, de modo algum deve ser desacreditado nem conferido como se não o tivessem. Contudo, nem por isso, devem esperar a salvação, porque, mesmo não rejeitando o que admitimos terem eles recebido, é, porém, necessário reconhecerem a comunidade de unidade formada pelo vínculo da caridade, sem a qual eles podem ter o que for, mesmo santo e honroso, contudo não são nada, e tanto mais indignos do prêmio da vida eterna, quanto não usaram bem dos dons que receberam nesta vida passageira.

Só a caridade sabe usá-los, e a caridade tolera tudo^[58] e, por isso mesmo, não quebra a unidade de que ela mesma é o vínculo mais forte. Não que aquele servo não recebeu o talento ou algo que se entenda como talento; recebeu, sim, um dom divino, mas “a quem tem será dado, e de quem não tem será tirado o que tem”.^[59] Não pode ser tirado o que ele não tem; mas ele não tem outra coisa, para que, com razão, seja tirado o que tem: ele não tem a caridade para usar, a fim de que seja tirado tudo mais que tiver, que, sem a caridade, nada adianta.

Por que o espírito mau é chamado de espírito do Senhor

1,11 Não surpreende que o rei Saul tenha recebido o espírito profético no momento em que, pela primeira vez, foi ungido e depois, quando foi reprovado por causa da desobediência, tendo-se afastado dele o espírito do Senhor, tenha sido tomado pelo espírito mau, vindo do Senhor, ele também chamado de espírito do Senhor, por causa de um ministério, porque o Senhor usa bem de todas as coisas e até mesmo dos espíritos maus, seja para a condenação de alguns, seja para a correção, seja para a provação; e, mesmo que a maldade não venha de Deus, contudo, não existe poder que não venha de Deus. ^[60]

Também se diz: sono do Senhor, que tomou conta dos soldados do mesmo Saul, quando Davi subtraiu a lança e a jarra da cabeceira de quem dormia, não porque, então, havia sono no Senhor, para ele dormir, mas para dizer que aquele sono que então tomou as pessoas tinha sido vertido, por vontade de Deus, a fim de que não fosse percebida a presença naquele lugar do servo dele, Davi. Também não surpreende que, de novo, o mesmo Saul tenha recebido o espírito profético, quando perseguia um justo, e ido para o lugar em que ocorria a reunião dos profetas, a fim de o prender e matar.

Fica assim bastante demonstrado que ninguém, mesmo muito aceito por Deus, deve se sentir já seguro por causa de tal dom se não tiver a caridade, já que aquele dom foi dado até a Saul, por um misterioso desígnio, e mesmo assim pôde ser dado a um reprovado, invejoso, ingrato, que pagou o bem pelo mal, que não se corrigiu nem mudou para melhor, nem depois de ter recebido o espírito.

Segunda questão: nada se diz digno de Deus

2,1 Vamos, então, agora, ver por que se diz: “Eu me arrependo de ter constituído Saul como rei”.^[61] Sem desconhecer o sentido dessas palavras, mas com amor paterno e cuidado carinhoso, verificando os meus pobres conhecimentos, tu perguntas, então, como pode Deus arrepender-se de alguma coisa, se nele está toda a presciência. Quando se diz isso de Deus, eu acharia que se diz algo de indigno, se é que se encontre algo digno que se diga dele.^[62]

Visto que o poder eterno de Deus e a sua divindade superam maravilhosamente e infinitamente todas as palavras que compõem os discursos humanos, percebe a fraqueza humana que tanto o que se diz dele à maneira humana – que até para os homens parece desprezível – como também as coisas que são convenientemente ditas nas Sagradas Escrituras, que são mais apropriadas à capacidade humana do que à sublimidade divina, por isso mesmo, essas coisas devem também ser superadas por uma compreensão mais serena [simples], como outras já foram superadas de algum modo.

Presciência em Deus. O que é ciência e como está em Deus? Ira, misericórdia e zelo de Deus, qual é o sentido?

2,2 A quem não passa pela cabeça que em Deus, que tudo prevê, não pode haver arrependimento? Contudo, com certeza, existem duas palavras: arrependimento e presciência; como cremos que uma delas convém a Deus, isto é, a presciência, então negamos que nele haja arrependimento. Se, porém, alguém com reflexão mais calma, tratando deste assunto, perguntar de que maneira a própria presciência convém a Deus e perceber que também o sentido dessa palavra, de longe e profundamente, é superado pela inefável divindade dele, não surpreende poder afirmar dele ambas as coisas por causa dos homens, visto que, por causa dele mesmo, não é muito próprio afirmar ambas as coisas.

Que é presciência senão o conhecimento das coisas futuras? Mas que coisa é futura para Deus, que ultrapassa todos os tempos? Pois, se o conhecimento de Deus abraça a própria realidade, então ele não é futuro, mas presente, e por isso pode ser chamado simplesmente de ciência, melhor do que de presciência. Se, porém, como acontece na ordem das criaturas temporais, também em Deus as coisas futuras ainda não existem, mas ele as prevê pelo conhecimento, logicamente ele as sente duas vezes: de um modo, segundo a presciência do futuro; e de outro, segundo a conhecimento do presente. Dessa maneira, algo de temporal acontece no conhecimento de Deus, o que é absolutamente absurdo e falso. Pois Deus não pode vir a conhecer as coisas futuras, que ele prevê, quando elas acontecem, a não ser que as venha a conhecer duas vezes: quando prevê, antes de existirem, e conhecendo, quando já existem.

Dessa maneira, algo acontece com a ciência de Deus de modo temporal [segundo o tempo], o que está longe da verdade; visto que, em Deus, as coisas temporais que são previstas, que não eram sentidas antes de existirem, mas eram somente previstas, são sentidas como presentes. Porém, se também, quando aquelas coisas previstas como futuras acontecem, nada acontece com o conhecimento de Deus, e aquela presciência permanece como era antes que as coisas previstas acontecessem, como se chamará presciência se não é de coisas futuras? Pois as coisas vistas como futuras já estão presentes e logo depois serão passadas. Não se pode falar de presciência de coisas passadas, nem de coisas presentes. Retorna-se, portanto, ao seguinte: que se torna ciência, em relação a coisas presentes, o que era presciência das mesmas coisas, enquanto eram futuras. Se a presciência de antes se torna em seguida ciência de Deus, então ela está aceitando a mutabilidade e é temporal; enquanto Deus, que existe verdadeira e excelsamente, de nenhum modo é mutável nem temporal por algum movimento.

Portanto, é melhor não chamar de presciência, mas somente de ciência de Deus. Vejamos como é isso. Pois, entre nós, não costumamos chamar de ciência senão quando retemos na memória coisas sentidas ou entendidas, quando nos lembramos de ter sentido ou entendido algo, para voltar àquilo quando quisermos. Se acontecesse assim em Deus, que se poderia dizer dele? Ele entende e entendeu, sente e sentiu, então estaria ele sujeito ao tempo e nele se insinuaria aquela mutabilidade que deve ser afastada para longe da substância de Deus. Contudo, Deus tanto conhece como

prevê de maneira inefável. Assim também Deus se arrepende de modo inefável.

Apesar de a ciência de Deus estar tão longe da ciência humana que a comparação se torna ridícula, ambas são chamadas de ciência. É tal a ciência humana que assim fala dela o Apóstolo: “A ciência será destruída”,^[63] o que, de modo algum, pode ser dito da ciência de Deus. Assim também a ira do homem é agitada e com sofrimento do coração; a ira de Deus, porém, de que se fala no Evangelho: “Mas a ira de Deus permanece sobre ele”,^[64] e também o Apóstolo diz: “Do céu se manifestou a ira de Deus sobre toda a impiedade”,^[65] executa na criatura o castigo com admirável justiça, permanecendo Deus sempre na tranquilidade. Também a misericórdia do homem tem certa miséria do coração, de onde também recebeu o nome na língua latina. Por isso, exorta o Apóstolo não somente a alegrar-se com quem se alegra, mas também a chorar com os que choram.^[66] Quem, porém, de são juízo diria que Deus é tocado pela miséria, ele de quem, em toda parte, a Escritura dá testemunho que é misericordioso? Assim também não se entende o ciúme humano sem a peste da inveja, enquanto Deus não é ciumento dessa maneira, apesar de se usar a mesma palavra, mas não do mesmo modo.

Aplicamos às realidades divinas palavras humanas, entendidas, porém, sem as imperfeições. Diferença entre sabedoria e ciência

2,3 Seria longo percorrer outras palavras, e são inúmeras, em que aparece, como muitas realidades divinas são chamadas com os mesmos nomes das realidades humanas, ainda que diversas por incomparável diferença. Contudo, não é em vão que se aplicam as mesmas palavras a ambas as realidades, porque as realidades conhecidas, que se encontram na vida quotidiana e se manifestam na experiência de quem as usa, oferecem certo caminho para a compreensão das coisas divinas.

Se eu retirar do conhecimento humano a mutabilidade e as passagens que fazemos de um pensamento a outro, quando nos esforçamos por ver, com a mente, o que pouco antes estava escondido, e assim, com frequentes exercícios de memória, passamos de lembrança em lembrança – e é por causa disso que o Apóstolo diz que a nossa ciência é parcial^[67] –, portanto, quando eu retirar tudo isso, deixando só a vivacidade da verdade certa e inconcussa, que tudo ilumina com uma única e eterna contemplação – e nem mesmo posso ficar assim livre porque a ciência humana não o consegue – refletindo nela enquanto puder, então, de certa maneira, penetra em mim a ciência de Deus. Se se dá o nome de ciência quando algo não é mais escondido à pessoa que o conhece, então esse nome pode ser comum a ambas as realidades.

Apesar de entre os homens se fazer a distinção entre ciência e sabedoria, como também diz o Apóstolo: “A um é dado, pelo Espírito, a palavra de sabedoria, a outro, a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito”,^[68] em Deus, porém, não existem duas coisas, mas uma só. Também entre os homens, de modo semelhante, se costuma fazer esta distinção: a sabedoria pertence à compreensão das coisas eternas, enquanto a ciência pertence à compreensão das coisas de que fazemos experiência pelos sentidos do corpo. Mas mesmo que alguém apresente uma diferença, e outro, outra, o Apóstolo não falaria dessa forma se de fato não fossem diferentes.

Se, deveras, o nome de ciência se aplica às coisas que experimentamos com os sentidos do corpo, então não existe ciência em Deus; pois, por si mesmo, Deus não tem corpo nem alma, como o homem. É melhor dizer que a ciência de Deus é diferente, e não do mesmo gênero que a ciência do homem; como também a própria realidade de Deus está longe do que se diz: “que estava na sinagoga dos deuses”.^[69] Contudo, é devido ao fato de algo não ficar desconhecido que se pode usar o mesmo nome. Da mesma forma, tiro o movimento violento da ira do homem para ficar só o vigor do castigo; e, então, posso, de certa maneira, elevar-me ao conhecimento do que se chama de ira de Deus. Do mesmo modo, se tiras da misericórdia o sofrer junto com aquele de cuja miséria, por misericórdia, participas, e fica só a serena bondade de ajudar e retirar da miséria, entra certo conhecimento da misericórdia divina. Não rejeitemos nem desprezemos o ciúme de Deus, de que se escreve; mas retiremos do ciúme humano o pus descorado da dor e a mórbida perturbação do coração, e fique somente o julgamento que não deixa impune a corrupção da integridade, e então conseguimos começar a compreender, de certa maneira, o ciúme de Deus.

Se convém a Deus arrepender-se

2,4 Quando lemos o próprio Deus dizendo: “Eu me arrependo”,^[70] pensemos no que costuma ser, entre os homens, a ação de arrepender-se. Sem dúvida, existe a vontade de mudar, mas no homem é com dor no coração; pois condena em si mesmo o que fez de errado. Retiremos, então, o que vem da fraqueza e da ignorância humanas, para ficar somente a vontade de que algo não continue como era. Assim, é possível nossa mente vir a saber um pouco com que parâmetros se deve entender o fato de Deus arrepender-se.

Arrepender-se quer dizer a pessoa querer que algo não seja mais como ela fez. Quando se diz que Deus se arrepende é porque ele quer que algo não seja mais como ele fez. Contudo, quando aquilo era daquela maneira, assim devia ser; e quando não lhe é mais permitido ser assim, então, já não deve ser assim, por uma eterna e serena decisão de justiça, pela qual Deus dispõe, com uma vontade imutável, todas as realidades mutáveis.

Como o arrependimento e o ciúme parecem convir a Deus menos do que a presciência, a ira e coisas parecidas com essas

2,5 Como, entre os homens, costumamos elogiar a presciência e a ciência, e a humanidade costuma mais assustar-se do que condenar a própria ira nos poderosos, achamos conveniente atribuir também a Deus essas coisas. Pelo contrário, como quem tem ciúme e quem se arrepende de alguma coisa é porque costuma estar em culpa ou porque quer corrigir-se de alguma culpa por isso mesmo considerada repreensível entre os homens, daí surpreende ler que coisas assim se encontrem também em Deus.

Porém, a Escritura, que trata de todas as coisas, coloca essas expressões principalmente para que as coisas que agradam não sejam entendidas em Deus da mesma maneira como costumam ser entendidas entre os homens. Como não ousamos atribuir a Deus as coisas que desagradam, do mesmo modo como as atribuímos aos homens, por elas aprendemos a questionar também as coisas que pensamos ser mais apropriadas e convenientes. Se não se deve dizer de Deus algo que desagrada no homem, então não podemos chamar Deus de imutável, porque se diz do homem, repreendendo-o: “não há conversão para eles”.^[71]

Há também coisas louváveis no homem que não podem existir em Deus, como o pudor, grande honra nos anos verdes; como o temor de Deus; louvado não somente nos livros do Antigo Testamento, mas também como o Apóstolo diz: “Levando a santificação ao acabamento no temor de Deus”,^[72] certamente não existe em Deus. Como certas coisas louváveis nos homens não se dizem corretamente de Deus, assim também certas coisas reprováveis nos homens são, corretamente, atribuídas a Deus, não, porém, do mesmo modo que aos homens, mas somente com os mesmos nomes, mas por motivo e de maneira completamente diferentes.

Pouco depois, o mesmo Samuel, a quem o Senhor tinha dito: “Eu me arrependo de ter constituído Saul como rei”,^[73] fala de Deus ao próprio Saul: “Não é como o homem que Deus se arrepende”.^[74] Isso mostra claramente que também quando Deus diz: “Eu me arrependo” não deve ser entendido de modo humano, aliás, como já discutimos, na medida do possível.

Terceira questão: como pôde Samuel ser evocado pela pitonisa

3,1 Perguntas ainda se o espírito imundo que estava na pitonisa podia fazer com que Samuel fosse visto por Saul e falasse com ele.^[75] É, porém, milagre muito maior que o próprio Satanás, príncipe de todos os espíritos imundos, tenha podido falar com Deus e pedir que o justíssimo Jó fosse tentado,^[76] como também pediu que os apóstolos fossem tentados.^[77] Ora, se não cria dificuldade, que a verdade, presente em toda a parte, fale à criatura que quiser, através da criatura que quiser, nem por isso é muito importante a quem Deus fala; o que interessa é o que ele diz; porque, também, se não há nenhum problema que o imperador não fale com muitos inocentes com cuja salvação se preocupa com cuidado e nem que ele fale com muitos criminosos a quem manda matar, também não há nenhum problema que o espírito imundo possa falar com a alma de um homem santo.

Na verdade, Deus criador e santificador é muito maior do que todos os santos. Se surpreende que Deus tenha permitido ao espírito mau despertar a alma do justo e como que chamá-la dos lugares escondidos dos mortos, não é para admirar mais ainda que Satanás tenha levado o próprio Senhor e o colocado sobre o alto do templo?^[78] Seja como for, não se sabe como aconteceu que Samuel foi despertado, a não ser que alguém diga que, para o diabo, a permissão de levar o Senhor vivo, de onde queria para colocá-lo onde queria, era mais fácil do que despertar dos seus lugares o espírito de Samuel.

Se o que se encontra no Evangelho não nos surpreende, porque o Senhor, sem diminuir o seu poder e a sua divindade, quis e permitiu, como também suportou, ser preso, amarrado, caçoado, crucificado e morto pelos próprios judeus, apesar de perversos, imundos e operadores das obras do diabo, não é absurdo acreditar que, por um desígnio da vontade divina, fora permitido que o espírito do santo Profeta, não contra a sua vontade, nem por alguma força mágica dominadora e subjugadora, mas por vontade própria e obedecendo a um misterioso desígnio de Deus, desconhecido à pitonisa e a Saul, consentisse em mostrar-se perante o rei para, por decisão divina, o abater. Por que a alma de uma pessoa boa que fosse evocada por gente má em vida pareceria perder a própria dignidade se também, muitas vezes, pessoas boas em vida, se chamadas, vão aos maus e fazem o que o encargo da justiça pede, salva e inconcussa a dignidade da sua virtude, e tratados os vícios segundo o costume ou a necessidade das situações presentes?

Talvez fosse o fantasma de Samuel, e não o seu espírito

3,2 É verdade que desse fato pode haver uma saída mais fácil e uma compreensão mais rápida se acreditarmos não se tratar, na verdade, do espírito de Samuel, despertado do seu sono, mas de um fantasma, uma ilusão imaginária provocada por arte diabólica, que a Escritura chama de Samuel; como, aliás, as imagens das coisas costumam chamar-se com os nomes das coisas de que são imagens; como todas as coisas que se pintam e se plasmam de qualquer material de metal ou madeira ou de qualquer outro material próprio para tais trabalhos e também as coisas que se veem nos sonhos e quase todas as imagens costumam ser chamadas com os nomes das coisas de que são imagens.

Quem hesita chamar de homem um homem pintado? Já que, quando vemos a pintura de qualquer pessoa, imediatamente usamos também o seu nome próprio, como quando vemos um quadro ou uma parede dizemos: aquele é Cícero, aquele, Salústio, aquele, Aquiles, aquele, Heitor, esse é o rio Simois, aquela é Roma, quando, na verdade, não são senão imagens pintadas. Assim os querubins são potências celestes; esculpidos, contudo, de metal, como Deus ordenou, sobre a Arca da Aliança, para significar uma coisa grande, também como escultura, não têm outro nome senão o de querubins.^[79] Assim, quem vê um sonho não diz: vi a imagem de Agostinho ou de Simpliciano, mas sim vi Agostinho ou Simpliciano, ainda que em qual momento viu nós nem saberíamos; mesmo porque fica claro não terem visto as pessoas, mas as imagens delas. Também o Faraó disse ter visto, em sonho, espigas e bois,^[80] não imagens de espigas ou de bois.

Se, portanto, consta com clareza que as imagens são chamadas com os nomes das mesmas coisas de que são imagens, não é de admirar que a Escritura fale de Samuel visto, mesmo que talvez tenha sido a imagem de Samuel que apareceu, por arte daquele que transfigura a si mesmo em anjo de luz e os seus ministros, em ministros da justiça.^[81]

3,3 Pois bem, se surpreende que coisas verdadeiras tenham sido preditas pelo espírito maligno de Saul, também pode surpreender que os demônios reconhecessem o Cristo^[82] que os judeus não reconheciam.

Quando Deus quer que alguém conheça, mesmo por meio dos mais baixos e infernais espíritos, coisas verdadeiras que pertencem às coisas temporais e a esta vida mortal, é fácil e sem nada em contrário que o todo-poderoso e justo, como castigo para aqueles a quem são preditas essas coisas, a fim de que sofram pelo conhecimento antecipado o mal que os ameaça, comunique também a tais espíritos, por um misterioso arranjo dos seus ministérios, algo profético a fim de que preanunciem aos homens o que ouvem dos anjos. Eles, porém, somente ouvem o que o Senhor e moderador de todas as coisas ordena ou permite. Também nos “Atos dos Apóstolos” um espírito adivinho dá testemunho de Paulo apóstolo e tenta ser evangelista.^[83]

Eles, porém, misturam a isso enganos e preanunciam o que puderam conhecer, mais com a finalidade de enganar do que de ensinar. Talvez seja o que aconteceu quando a imagem de Samuel predizia a morte de Saul:^[84] que Samuel teria dito que isso aconteceria também com ele, o que, na verdade, era falso. De fato, lemos no Evangelho que, após a morte, os bons ficam separados dos maus por uma grande distância, quando o Senhor testemunha que existe um grande abismo entre o rico soberbo, já sofrendo nos tormentos dos infernos, e aquele que, cheio de feridas, tinha jazido nas portas dele, e agora, estabelecido no repouso.^[85] Quem sabe Samuel disse a Saul: “Estarás comigo”^[86] não para referir-se à igualdade de felicidade, mas à igual condição mortal, já que ambos eram homens e ambos podiam morrer e aquele que já estava morto preanunciava a morte àquele que estava vivo.

Penso que a tua sabedoria percebe que, segundo ambas as interpretações, o que resolve o problema é a leitura que não é contra a fé; a não ser que, com uma pesquisa mais profunda e mais refletida, que vai além das minhas forças e do pouco tempo, se esclareça se a alma humana fora desta vida e evocada através de palavras mágicas dos vivos pode ou não aparecer aos olhos, até trazendo os traços do corpo, de tal maneira que não somente possa ser vista, mas também reconhecida; e, se puder, que a alma do justo não é forçada por gestos mágicos a mostrar-se, mas, só se quiser, obedecendo a ordens mais misteriosas da lei suprema; para que, se ficar claro que isso não pode acontecer, não sejam aceitos, neste estudo e exposição da Escritura, ambos os sentidos, mas que, excluído o primeiro, se entenda que a imagem simulada de Samuel foi feita através de rito diabólico. Uma vez que, sendo isso possível ou não, contudo a astúcia de Satanás e sua múltipla e enganadora ação de suscitar imagens para enganar os sentidos das pessoas está sempre desperta, com precaução, a fim de não impedir pesquisas mais diligentes, achamos melhor admitir, enquanto não nos for concedido pensar e explicar mais amplamente, que aquilo aconteceu por obra maligna daquela pitonisa.

Quarta questão: em que posição se deve rezar

4 Quando perguntas que sentido tem o que está escrito: “O rei Davi entrou e sentou-se diante do Senhor”,^[87] que outro sentido tem senão que ele se sentou diante do Senhor, onde estava a Arca da Aliança, pela qual se pode entender uma santíssima e caríssima presença do Senhor, ou então sentou-se para rezar, o que corretamente não se faz, senão diante do olhar do Senhor, isto é, no íntimo do coração? O que é dito: “diante do Senhor” pode também ser entendido: onde não havia nenhuma pessoa que o ouvisse quando orava. Seja por causa da Arca da Aliança, seja por causa do lugar secreto, afastado de expectadores, seja por causa da intimidade do coração em que está o afeto de quem ora, é com propriedade que se diz: “sentou-se diante do Senhor”, a não ser que surpreenda ter orado sentado, aliás, como também fez Elias, quando, orando, pediu chuva.^[88]

Com esses exemplos, somos lembrados de que não é prescrito em que posição colocar o corpo para orar, quando o coração, presente a Deus, expressa os seus sentimentos. Pois podemos orar de pé, como está escrito: “O publicano estava longe, de pé”,^[89] de joelhos, como lemos nos “Atos dos Apóstolos”,^[90] e sentados, como Davi e Elias, a não ser que oremos também deitados, como está escrito nos Salmos: “Todas as noites lavarei o meu leito, molharei com lágrimas o meu leito”.^[91]

Quando alguém quer orar, coloca os membros na posição apropriada ao corpo, conforme o tempo em que eleva o coração. Quando, porém, sem querer, vem a vontade de orar, porque de repente vem à mente algo que move o coração a suplicar com gemidos inenarráveis, não se deve adiar a oração, seja de que modo estiver a pessoa, em busca de lugar aonde nos afastarmos, onde ficar de pé ou onde prostrar-nos. Pois o próprio sentimento do coração gera solidão e muitas vezes a pessoa até se esquece de que lado e em que posição se encontram os membros do corpo naquele momento.

Quinta questão: as palavras de Elias queixando-se da morte do filho da viúva

5 Nada surpreende nas palavras do beato Elias, quando diz: “Ó Senhor, testemunha dessa viúva, com quem moro como hóspede, fizeste mal tirando a vida do filho dela”, [92] se prestarmos atenção à sua declaração. É palavra de quem não crê que Deus estava tratando tão mal aquela viúva que, com tanta compaixão, havia acolhido o Profeta, ainda mais naquele momento em que ali havia tão grande e profunda penúria, e lhe oferecera todo o seu tão pouco alimento.

O que foi dito é como se ele dissesse: “Ó Senhor, testemunha dessa viúva, com a qual estou morando como hóspede, por acaso estás fazendo o mal tirando a vida do filho dela?”, ficando subentendido que, na verdade, o Senhor, testemunha daquela mulher em quem via tão grande compaixão, e por isso mesmo tinha enviado a ela Elias, não havia feito morrer o filho dela com a intenção de fazer-lhe o mal, mas para mostrar um milagre para a glória do seu nome, pela qual recomendava aos que estavam vivos e aos pósteros tão grande Profeta; como aliás diz o Senhor que Lázaro tinha morrido não em vista da morte, mas para que Deus fosse glorificado no seu Filho, [93] o que é comprovado pelo que seguiu.

Por causa da própria fé, pela qual Elias acreditou aquilo ter acontecido não para que a hospedeira dele sofresse a amargura do luto, mas, antes, a fim de que Deus mostrasse à viúva, mais maravilhosamente, que servo de Deus ela havia acolhido, a Escritura continua e diz: “Soprou três vezes na criança e invocou o Senhor, dizendo: ‘Senhor, meu Deus, retorne agora nela a alma desta criança’. E assim aconteceu”. [94] Portanto, essa súplica com a qual tão breve e confiantemente Elias pediu que a criança ressuscitasse mostra com clareza com que sentimentos foram ditas as coisas acima. E a própria mulher proclamou que o seu filho tinha morrido para aquilo que Elias havia presumido, quando disse aquelas palavras, não confirmando, mas discordando. Pois, recebendo de novo o seu filho vivo, ela diz: “Eis que descobri que és homem de Deus e que na tua boca se encontra a palavra certa de Deus”. [95]

Muitas são as palavras da Escritura que, se não forem proferidas de certo modo, caem num sentido contrário, como: “Quem acusará os eleitos de Deus? Deus que justifica”. [96] Se respondes como que confirmando, percebes a enorme perversidade que surge. Portanto, deve ser enunciado como se fosse dito: por acaso é Deus que justifica? Para se ouvir: absolutamente não. Assim, julgo ter ficado clara a afirmação de Elias, que era obscura porque não foi observada a maneira de pronunciar-la.

Sexta questão: o espírito de mentira enviado para enganar Acab

6 A respeito do espírito de mentira, pelo qual Acab foi enganado,^[97] nós interpretamos como julgo já termos antes tratado suficiente e claramente, a saber: Deus todo-poderoso e justo distribuidor de castigos e prêmios, conforme os merecimentos, serve-se não somente de ministros bons e santos para obras boas, mas também de servidores maus para obras convenientes; mas quando, por sua tendência perversa, eles querem fazer o mal, prejudicar, então aquele que tudo dispõe com medida, número e peso^[98] somente lhes permite aquilo que ele acha.

O profeta Miqueias, porém, disse o que lhe tinha sido mostrado. Pois o mistério, o que é secreto demais, é mostrado aos profetas do modo que a capacidade humana pode compreender, como na revelação ele aprende também com imagens como se fossem palavras. É difícil compreender e muito longo para explicar como Deus, presente todo inteiro em toda parte e sempre presente, realiza tudo isso; como os santos anjos e todos os sublimes e puríssimos espíritos, criados por ele, consultam a sua simples, imutável e eterna verdade, então realizam no tempo, de acordo com a conveniência das realidades inferiores, o que veem nele como eternamente justo; como também os espíritos caídos, que não permaneceram na verdade, por causa da imundície e fraqueza das suas concupiscências e dos seus castigos, não conseguindo perceber interiormente nem consultar a verdade presente, aguardam sinais externos por meio da criatura e, através deles, são movidos a realizar ou não algo do modo como eles são coagidos pela lei eterna, pela qual o universo é regido, ligados e encadeados, aguardam a permissão de Deus ou se afastam cedendo a ele, que ordena, submetendo-se à sua ordem.

Epílogo

Receio, porém, que todas essas coisas ditas por mim não satisfaçam a expectativa e sejam tediosas à tua capacidade, visto que querias que eu te enviasse um breve opúsculo sobre todas as coisas que me interrogaste e eu te enviei dois livros e mesmo muito longos e talvez nem tenha respondido às tuas perguntas de modo adequado e pertinente. Por isso, peço as tuas numerosas e assíduas preces pelos meus erros. Peço, porém, um parecer, mesmo brevíssimo e rigoroso, sobre esta obra; de que, sendo muito sincero, não rejeito a sua grande severidade.

A RESPOSTA A PARMENIANO

INTRODUÇÃO

Logo no início do *Contra epistulam Parmeniani*,^[1] Agostinho diz já ter tratado de várias questões com os donatistas mediante obras e discussões. De fato, seu primeiro texto antidonatista de que se tem notícia data de 392, quando escreve a *ep. 23* ao bispo donatista de Sinite, Maximino, e o primeiro ataque público deu-se em 393, com a composição do *Psalmus contra partem Donati*. Desde então, muitas outras obras antidonatistas foram produzidas, sem mencionar mais cartas e sermões.^[2]

O *c. ep. Parm.*, uma das obras que melhor reflete a experiência acumulada em cerca de sete anos de confrontos do Hiponense com o donatismo, expõe de modo claro, exegética e teologicamente fundado, pontos essenciais da eclesiologia em três daquelas que chamaríamos hoje notas da Igreja: unidade, santidade, catolicidade. E o faz a partir de um embate entre personagens donatistas que já não viviam quando Agostinho publicou a obra.

Parmeniano e Ticônio: o confronto

Sucessor de Donato,^[3] morto em 355, Parmeniano – que pode ter sido um fervoroso seguidor de Donato, e cuja origem é incerta^[4] – ocupa a Sé donatista de Cartago de 362 a 391/392. Um interdito imperial não permitia que assumisse sua cátedra, o que ocorre somente quando Juliano o Apóstata assume o trono e determina a restituição aos donatistas dos bens que lhes haviam sido confiscados.^[5] É o início da restauração donatista.^[6]

Em seu episcopado, Parmeniano foi notável propagador do partido, a ponto de os donatistas, então maioria entre os cristãos africanos, serem chamados parmenianistas.^[7] Mostrou-se hábil em controlar o cisma de Rogato.^[8] Teólogo e grande orador, é autor de vários textos, particularmente para reforçar a unidade donatista contra os católicos;^[9] nenhum deles, porém, chegou até nós. A data de sua morte é desconhecida, embora se saiba que é anterior a 24 de junho de 393, ocasião em que o concílio dos cismáticos maximianistas menciona Primiano como bispo donatista de Cartago.

Provavelmente nascido na África,^[10] Ticônio – cujas datas de nascimento e de morte são desconhecidas^[11] –, embora leigo, foi um donatista de destaque. Autor de várias obras, somente uma delas, de cunho teológico-exegético, chegou completa até nós, o *Liber regularum*. De um comentário que fez ao Apocalipse não restam mais que fragmentos. Agostinho conheceu essas duas obras.^[12]

Dos referidos textos ticonianos, e das citações que dele faz Agostinho, extrai-se sua eclesiologia, fundada, na contramão de seu partido, na universalidade da Igreja, que não pode ter limites geográficos nem ser corrompida pelos pecados de seus membros, pois pecados não podem conter as promessas divinas,^[13] como não o pode a perseguição, que permite identificar a Igreja de Cristo, sofredora como sua Cabeça.

Ticônio acusava tanto a *pars catholica* quanto seu próprio partido, a *pars Donati*, de serem cismáticos e não serem, nem uma nem outra, a verdadeira Igreja. Suas críticas ao donatismo valeram-lhe reprimendas de seu bispo, Parmeniano, e, por fim, custaram-lhe a excomunhão em um concílio donatista^[14] por volta de 380/385, sem, contudo, jamais passar aos católicos.^[15]

Em seus primeiros anos de episcopado, Parmeniano publica seu *Adversus ecclesiam traditorum*, contra os traidores católicos, refutado logo depois por, de parte católica, Optato de Mileve e confrontado por, de parte donatista, Ticônio,^[16] que opõe a Parmeniano: 1) o orgulho e a intransigência donatistas;^[17] 2) a universalidade da Igreja;^[18] 3) a santidade da Igreja;^[19] 4) a não separação de bons e maus;^[20] e 5) a incoerência entre a teoria e a prática donatista do rebatismo.^[21]

A confutação de Parmeniano realizada por Optato talvez não tivesse, dentro do partido donatista, surtido grande efeito; tratava-se, afinal, de obra de um dos pecadores que, sendo católico, pertencia aos separados da verdadeira Igreja – como naturalmente pensariam os donatistas. Mas às críticas de um donatista, críticas coerentes e exegético-teologicamente bem fundamentadas, dificilmente se reagiria como às de Optato, pois atingiam o partido de dentro.

Com efeito, Parmeniano responde, para que Ticônio se emende e permaneça entre os donatistas,^[22] com a *Epistula ad Tychonium*,^[23] censurando-lhe o seguinte: 1) sua incoerência em, como donatista, escrever contra a verdadeira Igreja; 2) a comunhão dos bispos do além-mar com os traidores torna-os cúmplices destes, e isso mostra que a tese ticoniana da universalidade da Igreja não se sustenta; 3) a política imperial antidonatista fundamentava-se em personagens suspeitos e corruptos; 4) por isso os donatistas não tiveram êxito nos concílios com os católicos, mas os donatistas permaneceram imaculados; 5) enquanto as faltas dos católicos, reprovadas pelas escrituras, contaminam quem se une a eles,^[24] e 6) seu batismo não é válido, pois, separados da verdadeira Igreja, a donatista, são mortos que não podem dar vida. É a essa carta que Agostinho responde com a presente obra.

Ocasão e datação

Se se trata de questão interna aos donatistas – a carta de Parmeniano, bispo donatista, é endereçada a Ticônio, membro da *pars Donati*,^[25] e nem um nem outro vivia quando o Bispo de Hipona compôs o *c. ep. Parm.*, veremos em seguida –, por que a intromissão do Hiponense? Agostinho mesmo responde: a referida carta de Parmeniano a Ticônio chegou a suas mãos e seus irmãos lhe impuseram que a respondesse.^[26] Não é impossível que esses mesmos irmãos tivessem levado até ele a referida carta. Além disso, a circulação da carta anos depois da morte dos implicados e a insistência para que o Bispo de Hipona respondesse a ela podem indicar que o texto, e a interpretação bíblica aí contida, estivessem em uso nas comunidades donatistas, colocando em dificuldades os católicos. Parmeniano permanecia uma referência para os donatistas. O Hiponense não se exime à tarefa e, pelo ano 400, põe mãos à obra.

A datação do presente texto é obtida de sua posição nas *Retractationes* e, particularmente, de indicadores internos. Em *retr.* 2,17, o *c. ep. Parm.* situa-se num momento de grande produção e após obras de relevo, como *Confessiones*, *Contra Faustum*, *De catechizandis rudibus* e *De trinitate*. Internamente, Agostinho fala de Optato Gildoniano^[27] como já morto e refere-se às leis anti-heréticas do imperador Honório, promulgadas em 399.^[28]

Estrutura e conteúdo

Agostinho, em suas *Retractationes*, resume todos os pontos de Parmeniano contra Ticônio numa questão importante (*quaestio magna*): se, na unidade e na comunhão sacramental da Igreja universal – a católica –, os maus podem contaminar os bons; o que, para Parmeniano, que recorre a calúnias, é afirmativo.^[29] Ao afrontá-la, porém, talvez seguindo a estrutura da carta de Parmeniano, divide sua exposição em três teses que lhe permitem uma resposta completa a Parmeniano. A cada uma dessas teses é dedicado um dos três livros que compõem a obra.

O livro 1 empenha-se em demonstrar que o donatismo é condenado por sua própria história.^[30] Após apresentar, no primeiro parágrafo – que constitui uma espécie de prólogo que permite entrever algo da eclesiologia ticoniana –, as circunstâncias que deram origem à obra,^[31] afirma que as acusações donatistas aos católicos são caluniosas,^[32] nega, então, que as perseguições sofridas pelos donatistas os fizessem mártires e, pela primeira vez durante a polêmica, fala da legitimidade da intervenção imperial – já requerida pelos próprios donatistas contra seus cismáticos maximianistas^[33] – na questão entre donatistas e católicos.^[34] A conclusão do primeiro livro lembra que o joio só deverá ser separado do trigo na messe.^[35]

O livro 2 expõe como a escritura condena o cisma, primeiramente indicando a interpretação enganosa que Parmeniano faz das escrituras,^[36] voltando-as contra os próprios donatistas, e apresenta sua interpretação correta, seguida de reflexões sobre teologia sacramental – o batismo, fundamentalmente –,^[37] prometendo dedicar-se somente ao batismo em uma obra apropriada.^[38]

No livro 3, Agostinho continua a opor-se à interpretação parmeniana das escrituras e, analisando-as e nelas fundando-se, demonstra como, na comunhão sacramental da Igreja uma possam viver, sem contaminação, bons e maus – ponto em que invoca o ensinamento e o exemplo de Paulo e de Cipriano de Cartago.^[39] É feita uma recapitulação do livro 1,^[40] os donatistas são censurados por sua orgulhosa separação de bons e maus^[41] e Parmeniano o é por sua interpretação enganosa.^[42] As escrituras e a história mostram como o cisma donatista é um contrassenso eclesiástico e sacramental.^[43]

Se Parmeniano e Ticônio desencontravam-se em suas distintas concepções de Igreja – de santos e puros a do primeiro, de um corpo misto de santos e pecadores a do segundo; historicamente pensada a primeira, e bíblico-teologicamente a segunda^[44] –, para Agostinho, na esteira de Ticônio, a questão é aprofundada e não diz respeito somente à concepção de Igreja aqui e agora, mas à sua realidade no mundo e para além dele.

O Bispo de Hipona reflete, por isso, integrando história e teologia, fatos e exegese para indicar como a iniquidade humana não é superior à Verdade.^[45] Por isso repercorre os fatos e os lê sob o prisma da palavra divina: ou se dá fé ao erro – se houve – ou à Verdade.^[46] Justamente porque se dá fé à Verdade é que os pecadores não são excluídos da comunhão sacramental sob único motivo de não se fazer o que fazem;^[47] ponto que não é mera construção teológica antidonatista, mas diz respeito

ao ser Igreja, onde o fiel, sem usurpar o direito divino da colheita, é instrumento para a salvação de outros,^[48] mediante a correção e a caridade: quem pode dizer-se verdadeiramente bom, sem orgulho e presunção, e identificar definitivamente quem é o pecador?^[49]

RÉPLICA À CARTA DE PARMENIANO

LIVRO 1

Razão e finalidade da obra

1 Em várias ocasiões, ou escrevendo ou de palavra dirigida ao povo, dissertei contra os donatistas de acordo com a possibilidade que o Senhor me outorgou. Mas veio às nossas mãos recentemente uma carta de certo Parmeniano, bispo deles em tempos passados, que escreveu a Ticônio, uma pessoa de palavra fácil, mas donatista. Por isso, como ele julgava que Ticônio estava errado, mas foi obrigado a confessar que estava com a verdade, a pedido – melhor, por ordem – de meus irmãos devo responder nesta obra à referida carta de Parmeniano, visto que ele interpreta alguns testemunhos, principalmente das Escrituras, como não devem ser interpretados.

Com efeito, assediado por todas as vozes das páginas sagradas, Ticônio despertou e viu a Igreja de Deus espalhada por todo o orbe da terra, tal como há muito tempo foi previsto e predito a respeito dela pelos corações e lábios dos santos. Após ter observado esse pormenor, assumiu a demonstração e a defesa contra seus próprios correligionários, ou seja, que o pecado de homem algum, por mais ímpio e cruel, pode anular as promessas de Deus nem fazer com que qualquer que seja a impiedade de qualquer que seja dos membros da Igreja se esvaeça a fé sobre a expansão da Igreja de Deus até os confins do mundo, contida nas promessas dos Padres e agora manifestada.

Portanto, Ticônio, ao dissertar com veemência e de muitos modos, com muitos argumentos, não somente profundos, mas também esclarecedores, das santas Escrituras, e tapar a boca dos que o contradiziam, não percebeu o que logicamente devia perceber, ou seja, que os cristãos da África pertencem à Igreja dispersa pelo mundo; eles, certamente, devem unir-se não aos separados da comunhão e da unidade da mesma Igreja, mas devem estar na comunhão com o mundo. Mas Parmeniano e os demais donatistas perceberam que isso era lógico e preferiram se posicionar obstinadamente contra a verdade evidente que Ticônio afirmava a serem vencidos pelas Igrejas africanas, uma vez aceito o ensinamento; essas Igrejas gozavam da unidade da comunhão que Ticônio defendeu, da qual os donatistas se tinham separado.

Parmeniano pensou primeiramente que devia corrigi-lo mediante uma carta; mas depois se mostra que Ticônio foi condenado por um concílio donatista. Por isso decidimos responder à carta que Parmeniano escreveu a Ticônio, repreendendo-o por estar pregando que a Igreja se difundiu por todo o mundo e advertindo-o para não se atrever a fazê-lo.

2 Vejamos primeiramente se é verdade o que ele diz, ou seja, que os gauleses, os espanhóis e seus aliados, os quais pretende que representem o mundo inteiro, são a mesma coisa que os *traidores* africanos, que formavam uma facção criminosa e uma companhia de crimes. Ele fala sem documentos a um homem que argumenta com as santas Escrituras com tantos testemunhos e tão dotados de peso, e quer que lhe dê crédito, embora nada prove, e convida-o a imitá-lo, porque ele também acreditou em

meras palavras de alguns bispos contra tantas Igrejas estabelecidas na extensão da terra. O que se pode encontrar de mais temerário que essa credulidade?

Afirma também que alguns homens, na função de delegados, chegaram às referidas províncias como “testemunhas dignas de toda fé”, como ele diz, e, em seguida, com a chegada desses santíssimos varões, foram publicadas as objeções com toda clareza, mais pormenorizadas e mais verdadeiras. Ó homem que pensa que se deva acreditar nele mais do que em Deus! Ticônio faz ribombar os trovões do testamento divino, o qual aconteceu na promessa a Abraão e na promessa a Isaac e na promessa a Jacó, dos quais se afirma ser ele o Deus, dizendo: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó; este é meu nome para sempre”;^[1] e Parmeniano lhes opõe os relatos de seus sacerdotes.

O que ele disse a Abraão? “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra.”^[2] O que ele disse a Isaac? “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque Abraão me obedeceu.”^[3] O que ele disse a Jacó? “Eu sou Iahweh, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaac. A terra sobre a qual dormiste, eu a dou a ti e à tua descendência. Tua descendência se tornará numerosa como a poeira do solo; estender-te-ás para o ocidente e para o oriente, para o norte e para o sul, e todos os clãs da terra serão abençoados por ti e tua descendência.”^[4]

Mas para que os donatistas não pensem que essa profecia se referia aos judeus, que o Apóstolo explique qual seja a descendência de Abraão, na qual todas as nações seriam abençoadas: “Ora, as promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: aos seus descendentes, como se referindo a muitos, mas como a um só; mas à sua descendência, que é Cristo”.^[5] Portanto, em Cristo foi prometido com grande autoridade, foi mostrado com toda verdade que todas as nações receberiam a bênção, e se opõem a ele e o contradizem aqueles que desejam ser denominados cristãos.

E o que opõem contra esses testemunhos? “No desempenho da função de legados”, diz ele, “chegaram às mesmas províncias algumas testemunhas fidelíssimas; em seguida, com a segunda chegada de sacerdotes santíssimos, foi publicado com clareza com mais pormenores e com mais veracidade”. O que, pergunto eu, o que foi publicado mediante essas testemunhas fiéis, as quais quereis considerar mais fiéis que Deus? Porventura, porque à descendência de Abraão, que é Cristo, não lhe foi permitido chegar a todas as nações por meio dos *traditores* africanos, e aí ressecou aonde chegara? Dizei já que é preciso acreditar mais em vossos colegas do que no testemunho de Deus e, dizendo isso, vos gloriáis de preservar do fogo o próprio Testamento que vos empenhais em destruir pela língua?

3 Mas cada um escolha o que lhe agrada, e, se a fumaça da mentira terrena prevalecer em algo sobre os raios celestes, se esvaeça com o vento, abandonando o céu. Com efeito, se Parmeniano não estivesse apegado à sua cátedra,^[6] seria melhor que escolhesse entre crer nas Escrituras de Deus a crer em seus colegas. Pois Deus diz a Jacó: “Não te abandonarei enquanto não tiver realizado o que prometi”.^[7] Mas esses bispos são mais dignos de crédito, porque já foram condenados por um justo juízo, não foram admitidos para fazer parte da comunhão naquelas regiões, onde Deus já cumprira o que prometeu a nossos Pais; e, por isso, lançaram a respeito dos

santos sacerdotes de Deus, pelos quais não tinham merecido ser recebidos, tais afirmações, com as quais perturbariam os ânimos debilitados da plebe enganada pelos falsos rumores e romperiam temerariamente da paz da terra as inteligências incautas enredadas pela soberba à importância de seu nome.

O que pode haver de mais insensato que essa estultícia, melhor, do que essa loucura? Deus cumpriu e ainda cumpre em grande parte, em tantas nações do mundo, o que prometeu, até chegar a todas; ele disse: “Não te abandonarei enquanto não tiver realizado o que prometi”; e esses que já não acreditam nos que anunciam que ele cumpriu o que prometeu e, por isso, nas partes da terra nas quais não se cumpriu, a descendência, que é Cristo, já pereceu e se esvaeceram as promessas de Deus; isso porque eles não foram admitidos à comunhão com aqueles junto dos quais isso já se considerava cumprido, e não se lhes diz: “Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso”.^[8] Dizeis isso por vossa conta, porque aquele que “mente, fala do que lhe é próprio”.^[9] Portanto, vós, como homens, mentis porque, como homens, vos irais; e a ninguém dizem isso, mas se acredita neles quando afirmam que Cristo pereceu do mundo, o qual já começara a possuí-lo. E os que neles acreditam, depois de dizerem descaradamente: “Somos cristãos”, atrevem-se a dizer: “Somente nós o somos”.

4 Parmeniano diz também que se prova que toda a terra ficou contaminada pelos crimes dos *traidores* e por outros sacrílegos; pois, como foram cometidos muitos pecados no tempo da perseguição, não se fez depois nenhuma separação de povos nas referidas províncias. Como se não pudesse acontecer que uma parte deles se escondeu e não foi acusada, e seria condenada sem dúvida alguma; outra parte deles foi acusada e condenada, e, porque era acusada de delitos manifestos, deixou de perturbar e dividir as Igrejas. E assim aconteceu que, como alguns não foram acusados, mas alguns delitos, e de tal modo condenados, foi provado que, se fossem condenados, nenhum condenado poderia enganar o povo com inocência fingida, e, nesse caso, de forma alguma se romperia o vínculo da unidade. E nem na África aconteceria este desumano crime da separação, a não ser que prevalecesse mais a falsa facção dos que fingiam do que a razão verdadeira dos que provavam os delitos.

5 Os que quiserem leiam o que conta Optato sobre a comunhão católica de Milevi,^[10] de santa memória, e vejam com que numerosos argumentos o prova, seja a respeito de Lucila, mulher riquíssima e muito intrigante, a qual o santo Ceciliano, ainda diácono, enfrentara em favor da disciplina da Igreja, seja sobre os demais companheiros de sua facção, seja sobre os ladrões do numerário eclesiástico, seja sobre os que lamentavam por não terem chegado ao episcopado e perseguiam com todas as forças possíveis o prelado Ceciliano, seja sobre os bispos da Numídia, que essa facção convocara para ruína de Ceciliano, para que, tendo-o deposto, lhes fosse ordenado outro bispo. Vindo com seu chefe Segundo Tigitano e outros aos quais o próprio Segundo perdoara os crimes confessos de “entrega” sob pretexto de paz, como o atestam as atas eclesiásticas, eles declararam *traidor* a Ceciliano ausente, sem nenhum processo mais acurado, sem apresentar oportunidade de defesa, para, na sua ausência, o acusar do crime de “entrega” apenas por meio de calúnias, enquanto, estando eles presentes, perdoaram a si mesmos crimes confessados.

Assim, contra o que se sentava na cátedra, com o qual todo o mundo cristão, em ultramar, em terras bem remotas e nas próprias regiões africanas de mais importância, estava em comunhão junto com as Igrejas de mais peso, contra todos esses embustes, ordenaram outro bispo^[11] para poder contradizer em proveito próprio as promessas de Deus, evitando que todas as nações fossem abençoadas na descendência de Abraão, e assim poder dizer que aquelas regiões da terra foram contaminadas pelos *traditores* africanos, as quais nem tinham ouvido o nome de Ceciliano.

Além disso, contrariando o mundo inteiro, que diz: “As acusações que diriges a teus cidadãos, não as pude conhecer, e não devo condenar o que não me é conhecido” – ou certamente não sabia como transcorria sua vida, a qual eles não conseguiram convencer de nenhum crime, teria interrogado como inocente –; no entanto proferem o testemunho do Apóstolo, que diz: “Não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam”.^[12] Pois representou pouca coisa condenar tantos povos e tão cristãos, que não ouviram, e ainda tiveram a ousadia de contradizer o Apóstolo valendo-se de suas próprias palavras, mas não no seu sentido. Com efeito, se isso é consentir com os que praticam o mal, ou seja, estar com eles na Igreja, também ele dava seu consentimento aos falsos irmãos,^[13] entre os quais afirmava que corria perigo e aos quais permitia pregar o Evangelho não sinceramente, mas por rivalidade sem amor.^[14] Mas se consentir aos que praticam o mal significa aprovar e elogiar suas más ações, o mundo inteiro consentiria aos delitos dos africanos, seguindo o exemplo do Apóstolo, ainda que, sendo conhecidos, os tolerasse pela paz da Igreja. No entanto, os donatistas não provam que os tenham conhecido, embora tivessem podido provar que foram verdadeiros.

6 Desse modo, Parmeniano diz em vão que foram condenados na África os *traditores* e admitidos na comunhão da santidade pelas províncias de ultramar. Isso é o que não devemos crer para não condenar com temeridade sacrílega o mundo inteiro edificado na unidade de Cristo por essa incriminação falsa por parte deles, em vez de os amarmos, edificados que estão na autêntica promessa de Deus. Pois em que se deve acreditar mais: no que disse Deus: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra”,^[15] ou no que estes dizem: “Todas as nações serão amaldiçoadas na descendência dos *traditores* africanos, de modo a ter mais valor o que a iniquidade cometeu” do que o prometido pela Verdade? Portanto, por que não cremos antes que foram admitidos como inocentes sem nenhuma contaminação aqueles que foram admitidos na comunhão nas províncias de ultramar porque, sendo inocentes, não puderam ser oprimidos pelos caluniadores, que podem ser persuadidos com mais probabilidade com muitos argumentos, ou porque, certamente, não puderam ser convencidos de delitos, embora tivessem sido maus?

Além disso, ainda que, por meio de falsos irmãos, o Apóstolo tenha tolerado esses tais na unidade da Igreja, os quais o mártir Cipriano lamenta na carta *De lapsis*,^[16] se por meio de tais irmãos se agiu com alguma maldade, mesmo sendo eles juizes, de modo que os *traditores* não poderiam ser excluídos e acusados, e o mundo cristão foi enganado por sua fingida inocência, de forma alguma teria perdido sua inocência.

7 O que disse a respeito de Óssio, outrora bispo de Córdoba, é de se pedir que

provem que não somente ele foi tal como dizem, mas que se manifestou como tal para aqueles com os quais afirmam que estava em comunhão. Com efeito, se não o provarem, em vão podem dizer que souberam ser ele tal qual, porque não pôde prejudicar os que o ignoravam, dos quais, inocentes, os donatistas separando-se, não podem ser considerados inocentes, devido à sacrílega iniquidade da própria separação.

Mas se Óssio,^[17] condenado pelos espanhóis, foi absolvido pelos gauleses, é mais verossímil ter acontecido que, devido a falsos testemunhos, os espanhóis, assediados e enganados pela astuta fraude das insídias, teriam proferido a sentença e, depois, teriam cedido em boa paz com humildade cristã à sentença dos colegas, para os quais a inocência de Óssio ficara comprovada; assim se evitou que, defendendo com obstinação e animosa perversidade suas sentenças anteriores, caíssem com a cegueira da impiedade no sacrilégio do cisma, que é o mais grave de todos os delitos, tal como os infelizes donatistas fizeram, e não o percebem agora, embora tardiamente, que estão divididos tantas vezes e vencidos.

8 Assim, eles põem bem às claras por que se tornaram incuráveis, ou seja, para não se verem obrigados a condenar suas sentenças anteriores, que proferiram temerariamente contra o ausente Ceciliano; se por um julgamento em ultramar, em que foram vencidos por Ceciliano presente, pudessem descansar em consideração à verdade e à paz, alcançariam uma vitória maior se vencessem a animosidade inumana pelo menos depois do julgamento do que se vencessem o homem no julgamento. Por isso essa vitória é muito mais honrosa e mais completa pelo triunfo mais sublime do que se representasse não somente a vitória a respeito de um homem já vencido, mas de uma cidade inteira subjugada, conforme diz a Escritura: “Mais vale um homem senhor de si do que os conquistados de uma cidade”.^[18] Eles, que a ira venciam, queriam vencer um homem; e porque não puderam vencer o homem, foram vencidos tanto pela ira como pelo homem; pelo homem, porque foram vencidos no tribunal; pela ira, porque nem vencidos sossegaram, lendo ou ouvindo com um coração depravado a sentença do Apóstolo, que diz: “Se volto a edificar o que destruí, então, sim, eu me demonstro um transgressor”.^[19] Ou seja, se o Apóstolo entendesse essas palavras com o espírito tão distorcido, nem se tornaria cristão nem apóstolo, nem o pregador edificaria Igrejas, destruídas antes como perseguidor.

Realmente, nunca os donatistas se mostraram tão claramente – pois não quiseram corrigir-se nem mesmo vencidos – do que quando detestavam os espanhóis, porque, depois de suas sentenças proferidas ao contrário, entraram em acordo com a discussão e o julgamento de seus colegas da França. A mansidão cristã alcançou o mesmo que a discórdia diabólica, e por isso não se há de admirar se a paz foi mantida mediante aquela humildade, e a discórdia, destroçada pela soberba.

Consequentemente, com razão se lhes paga o que fizeram, pois ensinaram isso a seus descendentes. De fato, também os maximianistas não quiseram ceder diante de um concílio com 310 colegas seus,^[20] pelos quais Primiano, que eles mesmos condenaram, primeiramente foi considerado inocente, a não ser opondo e transmitindo ao ignorante a sentença apostólica com manifesta obstinação, e dizendo: “Se volto a edificar o que destruí, então, sim, eu me demonstro um transgressor”.^[21]

Com efeito, cem colegas destruíram Primiano e não o quiseram edificar de novo. Assim, ao fingir resguardar-se para não edificar o homem que destruíram, destruíram a si mesmos com maior sacrilégio num outro cisma.

9 No entanto, se Parmeniano vivesse, não se atreveria a censurar os espanhóis e denominá-los prevaricadores, porque mudaram sua sentença para a sentença de seus colegas, para ele não ofender seus colegas, muitos dos quais passaram para o concílio dos trezentos, uma vez corrigidos para melhor, depois que condenaram a Primiano, preferindo ir contra suas sentenças anteriores e ir contra a paz da unidade na seita de Donato. E Parmeniano teria perdoado Pretextato Assuritano e Feliciano Mustitano, que, mesmo condenados pelos 310 colegas no episcopado, voltaram para eles, pelos quais foram condenados,^[22] pelo bem da concórdia, e foram recebidos pelo bem da paz com o mesmo acolhimento pelos que os condenaram, sem nenhum detrimento de sua honra; e ninguém pensou que deveriam ser rebatizados aqueles que eles batizaram e que estiveram fora do cisma.

Por acaso, talvez, porque desagradam a Parmeniano os que corrigem suas sentenças e, por isso, os denomina prevaricadores, ao não compreender a sentença do Apóstolo? Acaso ele os odeia porque preferiram voltar para dentro a permanecer fora e, unindo-se a alguns companheiros da mesma seita, criariam a seita dos parmenianistas, tal como já se criaram por toda a África muitos ramos a partir dessa grande facção? Tinham de chegar a esse ponto. Seccionados e fragmentados, desaparecem aqueles que antepuseram o tumor de sua animosidade ao vínculo santíssimo da paz católica. Com efeito, não é de temer tanto o que Parmeniano incrimina, quanto é mais digno de atenção o que ele confessa.

10 Como Parmeniano dizia que foi concedida uma ajuda a Ceciliano por meio do espanhol Óssio, para obrigar grande número dos santos e ilibados à comunhão com eles, e para que a fé íntegra dos servos de Deus fosse mantida perante essa impiedade, confessou espontaneamente que seus correligionários também acudiram a Constantino, e para que, por seu arbítrio, a causa fosse julgada pelos bispos juízes, aos quais presidiu Milcíades, bispo da cidade de Roma.^[23] Nesse julgamento, como o atestam as atas eclesiásticas, porque foram vencidos e Ceciliano foi declarado inocente, acusam o mesmo Milcíades do crime de “entrega”.

Eu pergunto quando o puderam conhecer. Pois, se foi antes do juízo, não deviam prejudicar a si mesmos, de modo a começar a tratar de sua causa perante tal juiz por ordem do imperador a quem eles haviam acudido. Mas se manifestam terem tido conhecimento de que era *traditor*, depois de encerrada a causa e pronunciada a sentença, quão loucos são os homens a ponto de acreditar em litigantes contra os juízes perante os quais foram vencidos? E, no entanto, em tudo isso – ainda que com grande temeridade acusem os italianos, os gauleses e os espanhóis, deixando de lado tão numerosas províncias e nações, de que se separaram devido a um nefando sacrilégio, a que os delitos dos espanhóis, dos gauleses e dos italianos não poderiam certamente prejudicar, mesmo que se fizessem afirmações verdadeiras –, acusam as demais regiões da terra, obedecendo a um costume cego, e se irritam contra elas porque, como na África existiam duas facções – uma, conforme dizem, de *traditores*

e a outra de inocentes –, preferiram aliar-se aos *traditores* em vez de unir-se aos inocentes. Essa única incriminação pode de tal modo ser refutada brevemente e com verdade porque, como teriam ouvido que existiam na África duas facções, uma de *traditores*, a outra de inocentes, acreditariam que era inocente a que ganhou a causa perante juízes eclesiásticos vizinhos. Por isso, permaneceram sempre inocentes aqueles que, ignorando esses acontecimentos na África, acreditaram no que deviam acreditar pacífica e religiosamente; a separação não poderia ser considerada inocente por esses inocentes.

11 Parmeniano confessa também que se reuniram em Arles os bispos juízes e as duas facções da África, ou seja, Ceciliano e os donatistas.^[24] A respeito desse acontecimento, ele acredita em tudo quando se trata dos seus, que, como vencidos, de nada puderam queixar-se a não ser dos juízes; e, no entanto, não nega novamente que eles foram à presença do imperador; e porque aí foram vencidos no último julgamento, se incrimina o mesmo de favoritismo.

Tendo em vista tudo isso, aquele que julgar imparcialmente escolha em quem deve crer: se nos juízes que proferiram a sentença ou nos litigantes contra os quais, não o querendo eles, foram proferidas sentenças que encerravam o litígio. E o mundo inteiro certamente acreditou nos juízes. Mas aqueles que apoiam os donatistas e os defendem confessam que acreditam naqueles que não conseguiram ganhar sua causa, seja a que for, em tantas discussões em ultramar, e aceitam com futilidade crédula as murmurações e acusações contra seus juízes.

Se neste caso se dizem inocentes aqueles que percebem terem sido vencidos pela verdade e se recusam temerariamente a crer que foram vencidos pela verdade, quanto mais inocentes são os que não querem supor temerariamente algo de errado da parte dos juízes, dos quais é necessário que se queixem os que foram vencidos! Com efeito, não somente aquele que perdeu uma boa causa se queixa de um juiz iníquo ou pela lentidão ou pela negligência, mas também aquele que foi vencido com toda justiça murmura do juiz inocente com aquela cegueira, com a qual litigava com um adversário inocente. Por isso, os donatistas não são criminosos pelo fato de não crerem temerariamente em algo a respeito de homens vencidos, mas porque pela loucura do cisma se separaram dos inocentes que, com toda razão, não querem crer tal coisa sobre os próprios juízes.

12 Levante-se uma daquelas sete Igrejas, a mais nobre pelo poder de Cristo e, se aprouver, principalmente a de Filadélfia,^[25] que, na língua grega, implica, em seu nome místico, a caridade fraterna. Ouçamos, portanto, sua voz, mas não nos fale sua palha, mas seu trigo. Se ela disser aos donatistas: “O que me objetais, irmãos, de que me acusais? Sabeis, em parte sabendo, em parte ouvindo, a grande distância geográfica em que estou da longínqua África. Ignoro completamente o que aí fizeram, sejam os *traditores*, sejam os que acusam e condenam os *traditores*; ou seja, os que acusam e condenam os inocentes. Mas aquele nosso Senhor que comprou o mundo inteiro com o preço de seu sangue, cujas santas negociações o Profeta cantou há muito tempo, dizendo: ‘Um bando de malfeitores me envolve, como para retalhar minhas mãos e meus pés. Posso contar meus ossos todos, as pessoas me olham e me

veem; repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica tiram sorte’, [26] aquele Senhor, repito, não estabeleceu entre vós e nós espaços vazios e desprovidos de cristãos; encheu todos eles pela santidade de seu nome. No mesmo salmo se declarou não somente o preço, mas também a quantidade que comprou. Ali se diz um pouco depois: ‘Todos os confins da terra se lembrarão e voltarão a Iahweh; todas as famílias das nações diante dele se prostrarão; pois a Iahweh pertencem; ele governa as nações’. [27]

“Talvez, então, fosse obrigada a julgar vossa causa, se ou eu fosse vizinha ou de tal modo distante que entre nós e vós não morassem outros cristãos marcados com o mesmo nome, gozando da mesma unidade. Existem nos intervalos muitas nações compradas juntamente comigo pelo sangue daquele em cuja presença lhe prestam adoração comigo. Através delas chega a mim a fama a respeito de vós; elas tiveram oportunidade de examinar de perto vossa causa. O que, se não aconteceu, é porque a desprezastes, pois também não teríeis vindo até nós, desprezados pelos demais. Mas, se algo foi julgado, perdoai, não me atrevo a crer temerariamente em vós que fostes vencidos e condenar os vossos juízos com a mesma temeridade.

“Ocorreu-me outra coisa que muito me preocupa: se fôsseis inocentes oprimidos, pelo menos amaríeis a nós, como irmãos, que em nada vos prejudicamos; mas como perseguis e ultrajais com maldições e com ódio cruel a nós que estamos conscientes de que vossa causa foi confiada a vossos vizinhos pelo justo direito da Igreja, que diante de Deus sabem como vos julgaram, e como se Cristo tivesse perdido sua herança entre nós devido à vossa causa ainda pretendeis rebatizar, em que poderíamos pensar de bom, sobre vossa causa, que vos seja favorável?

“Vós, que não tendes dúvida alguma em condenar irmãos tão distantes com vossas suspeitas temerárias, mostrais a justiça com que fostes condenados pelos vossos vizinhos. Com efeito, por que não haveria de acreditar que pôde ser condenado, depois de ouvido por um juiz vizinho, aquele que não duvida de condenar um irmão ausente sem tê-lo ouvido, e que vive tão longe, acusando-me do maior crime, porque aquele que não pôde estar presente acreditou nos juízes aos quais a causa foi confiada, em vez de acreditar nos litigantes vencidos? Se não tivesse por bem acreditar nos juízes, embora aqueles que foram vencidos fossem inocentes, eu não poderia ser considerado inocente. Pois estaríamos implicados em grande delito se ao menos não tivéssemos em conta os corações humanos e não guardássemos a disciplina eclesiástica, não quiséssemos acreditar naqueles que julgam, além dos quais a causa não podia passar e por meio dos quais a fama pôde chegar até nós.

“Tu te consideras inocente, afastando-te desses inocentes mediante uma ímpia ruptura? Se de fato fosses inocente, ao veres nas santas Escrituras que a messe de teu Senhor não se pode separar do joio e da palha antes da última limpa e joeira, [28] devias preferir ser forte em tolerar os maus a ser ímpio em abandonar os bons.”

Quantas Igrejas espalhadas pelo mundo imaginamos serem iguais a essas e quão justíssimas seriam as vozes, iguais a essas, que fiz proferir a Igreja de Filadélfia!

13 Parmeniano tem ainda o atrevimento de se queixar de que Constantino ordenou que fossem levados à “palestra”, ou seja, ao suplício, aqueles que, vencidos diante dos juízes eclesiásticos, nem diante dele puderam provar o que diziam, e ainda na

separação da santa Igreja foram tomados de sacrílego furor. Além disso, o incrimina, ou seja, pelas suas suspeitas de que condena seus réus sem ouvi-los, como se tivesse dado essa ordem cruel por influência do espanhol Óssio. Como se não fosse mais fácil acreditar que, por intervenção do bispo Óssio, aconteceria antes que o imperador infligiria uma correção mais branda, embora se tratasse de um crime monstruoso, ou seja, de um cisma sacrílego; porque eles não sofrem com justiça se o castigo vem do juízo altíssimo de Deus, que admoesta com tais suplícios para evitar o fogo eterno tanto pelo mérito dos crimes como por ordem dos poderes constituídos.

Com efeito, provém primeiramente que não são hereges ou cismáticos; uma vez provado, levantem a voz considerando indignos os castigos; então atrevam-se a se denominar mártires da verdade, se sofrerem tais suplícios. Em caso contrário, se todo aquele que cumpre penas sentenciadas pelo imperador ou pelos juizes, seus delegados, é por isso mártir, todos os cárceres estão cheios de mártires, todos os mártires arrastam os ferros judiciários, são mártires todos os deportados para as ilhas, os mártires são condenados à espada por ordem judicial em todas as detenções, todos os mártires são lançados às feras ou são queimados vivos por ordem do juiz.

Mas como diz o Apóstolo, se não há autoridade que não venha de Deus, e ela é instrumento de Deus para fazer justiça e punir quem pratica o mal, os que governam metem medo. Queres então não ter medo da autoridade? Pratica o bem e dele receberás elogio.^[29] Pois todo aquele que é bom e tiver de sofrer da parte da autoridade, a glória lhe vem do poder de quem sentencia; mas o mau, porque padece pelo merecimento do delito, não há de atribuí-lo à crueldade da autoridade.

14 No entanto, por que eles sofrem de acordo com o que praticam, senão porque os homens em geral não têm o coração no coração, mas nos olhos? Com efeito, quando o sangue se esvai de um corpo mortal, todo aquele que olhar se horroriza; quando as almas, cortadas e separadas da paz de Cristo para o sacrilégio da heresia ou do cisma, estão morrendo, não se lamenta porque não se vê; melhor, a morte mais terrível e mais triste e, para melhor dizer, mais real também motiva riso pela força do costume, quando os autores de tantas mortes saltam de alegria em público e não se dignam dialogar conosco para esclarecer a verdade. E se padeceram algum incômodo temporal por parte das autoridades legalmente constituídas, como eles cometem os crimes mais graves, a cada passo e diariamente, mediante grupos privados de energúmenos, sem ter em conta nenhuma lei régia, nenhuma lei eclesiástica, denominam-nos perseguidores dos corpos, quando não nos denominam assassinos de almas, enquanto eles não poupam nem os corpos. Mas porque, pela mansidão cristã, se castiga muito mais severamente um olho numa rixa do que a cegueira de espírito no cisma, falam e falam contra nós e não falam conosco; e quando a verdade os obriga a se calarem, sua iniquidade não permite que fiquem calados.

15 Ou será que não é permitido ao imperador ou a seus delegados julgar em matéria de religião? Por que então vossos delegados recorreram ao imperador? Por que o constituíram juiz de vossa causa se não lhe obedeceriam no que ele julgasse? Mas de quem se diz isso? Embora não consigam fugir da competência do imperador no tocante a determinar algo contra eles que professam a perversidade em matéria de religião, porventura, se ele o fizer e os castigar, serão mártires por isso? Pois desse

modo essa reclamação estaria na boca de todos os hereges, contra os quais, por um oculto desígnio de Deus, muitas coisas foram estabelecidas por uma ordem clara de homens, pelos quais devem sofrer repressão com toda severidade; isso diz respeito não somente aos hereges purificados de algum modo pelo nome de cristãos, mas também aos próprios pagãos. Pois também eles são ímpios pela prática de uma falsa religião; houve ordens recentes para destruir e esmigalhar seus ídolos, e os sacrifícios foram proibidos sob pena de morte.

Portanto, se algum deles foi condenado por tal crime, porventura, deve ser considerado mártir, pois sofreu castigos pela superstição que ele pensava ser a religião verdadeira? Nenhum cristão atreve-se certamente a dizer isso de modo algum. Portanto, todo aquele que foi punido pelo imperador por motivo religioso não se torna mártir. Não percebem aqueles que assim pensam que podem chegar ao ponto de dizer que também os próprios demônios podem atribuir-se a glória de mártires, porque sofrem perseguição por parte dos imperadores cristãos, pois em quase todo o mundo são destruídos seus templos, os ídolos são despedaçados, seus sacrifícios são proibidos e, se aqueles que os fazem são surpreendidos, são castigados. Se for um sinal evidente de loucura dizer isso, tenha-se em conta que a verdadeira justiça não é gloriosa devido aos sofrimentos, mas o martírio é glorioso por causa da justiça.

E por isso o Senhor, para evitar que alguém, sobre esse assunto, cubra de névoa os ignorantes e busque a glória dos mártires e, para a condenação de seus méritos, busque o louvor dos mártires, não disse em geral: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição”, mas acrescentou a grande diferença pela qual a piedade se diferencia de verdade do sacrilégio. Pois disse: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça”.^[30] De forma alguma sofrem por causa da justiça os que dividiram a Igreja de Cristo e com fingida justiça se empenham em se separar da palha antes do tempo e molestam o trigo com suas falsas incriminações; e eles se separaram do trigo como levíssima palha que é levada pelos ventos dos rumores.

“Mas”, dizem eles, “não fizemos isso”. Procurem então se libertar primeiramente dessa questão e depois se atrever, se é que padecem algum incômodo ou castigo por parte dos imperadores cristãos, ou convertê-lo em protesto ou assumi-lo como glória. Sobre esse assunto, ou seja, sobre a questão do cisma, se nada mais eu disse, seja suficiente o que disse acima.

16 Embora sejam convencidos de sacrílega divisão, dirão talvez que se, devido a essa loucura, padecerem, mas não forem mártires, o imperador não deveria ter competência para reprimir ou castigar nesse campo? A respeito desse assunto, pergunto sobre o que dizem: acaso essas autoridades não se devem preocupar com relação a uma religião viciada ou falsa? Mas já falamos muitas coisas sobre os pagãos e sobre os próprios demônios porque sofrem perseguições. Acaso também lhes desagrada? Porque, então, onde podem, derrubam templos e, mediante o furor dos circunceliões, não cessam de praticar tais atos ou de acobertá-los? Acaso é mais justa a violência privada do que a diligência judiciária?

Porém vou omitir isso, mas pergunto outra coisa: se o Apóstolo menciona as obras da carne – as obras da carne são manifestas: “fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas,

bebedeiras, orgias, e coisas semelhantes a estas”,^[31] o que lhes parece: o crime da idolatria deve ser castigado pelos imperadores, ou, se nem com isso concordarem, por que confessam que o rigor da lei é exercido com justiça contra os feiticeiros, mas não querem confessar, quando se trata de hereges e de ímpias separações, se estão mencionados pela autoridade apostólica entre os referidos frutos da iniquidade? Acaso, talvez, não permitem que essas autoridades cuidem da organização humana? Por que leva a espada aquele que foi denominado ministro de Deus vingador para castigar os que praticam o mal?^[32] A não ser que, talvez, assim como alguns deles costumam entender, com muita ignorância, que isso foi dito a respeito de cargos eclesiásticos, de modo que por espada se entenda castigo espiritual, que supõe a excomunhão, e, no entanto, o Apóstolo, muito cuidadoso, manifesta no contexto sobre o que está falando; pois acrescentou àquele texto: “É por isso que pagais impostos”; em seguida, acrescentou: “Dai a cada um o que lhe é devido: o imposto a quem é devido; a taxa a quem é devida; a reverência a quem é devida; a honra a quem é devida”.^[33]

Portanto, desse modo só faltava que, com essas discussões, proibissem os cristãos de pagar tributos e, no entanto, o Senhor, depois de ver a moeda, respondeu aos fariseus que pensavam do mesmo modo e queriam imitá-lo: “Devolvei o que é de César a César, e o que é de Deus a Deus”.^[34] Mas estes, desobedientes a ambos os preceitos e ímpios, nem dão a Deus o amor cristão, nem aos reis o respeito humano, e de tal modo são cegos e insanos que, tendo expulsado de suas basílicas os cismáticos maximianistas por meio das autoridades enviadas pelos imperadores católicos, os obrigavam a entregá-las com muita violência de ordens e de forças, e acusam agora a Igreja católica porque os príncipes ordenaram coisa semelhante a seu favor.

Mas os próprios maximianistas, antes de se tornar maximianistas, ou seja, quando ainda formavam uma única seita com os donatistas, recordem quão acerbos e cruéis tormentos Mauro Rogato sofreu por parte deles por meio do rei bárbaro Firmo,^[35] e se calem e não se queixem se algo semelhante estão padecendo não pela religião, mas por uma animosidade sacrílega, ou por parte dos premianistas, devido a seu cisma, ou com os premianistas, devido ao cisma donatista.

17 Os donatistas talvez dirão que sofreram por parte dos imperadores católicos agravos maiores do que aqueles que antes eles praticaram aos maximianistas ou por meio dos reis bárbaros rogacionistas ou por meio dos juízes dos imperadores católicos, ou também fazem a quem puderem por meio da fúria dos circunceliões. Como se essa fosse a questão, se padecem mais do que fazem sofrer, com o qual de forma alguma eu concordaria. Pois são muitas as violências e crueldades de que se faz menção, que, se fossem em menor número ou se fossem menos contra aqueles que são suas vítimas, seriam certamente maiores porque não foram ordenadas pelas autoridades constituídas, mas são cometidas com furor além da medida. Com efeito, não são tantos os que os juízes constituídos lhes infligiram. Ponham nesse tipo de ações, se quiserem, também as que foram também empregadas por eles por meio do bárbaro Firmo na perseguição a Rogato Mauro e o enumerem entre as autoridades legítimas, embora fosse inimigo encarniçado dos romanos. Mas essas crueldades não são tantas quanto as muitas que levam a cabo todos os dias por meio de bandos de

jovens embriagados, dos quais estão à frente; antes se armavam de bordões, mas agora também de espadas aqueles que vagueiam e maltratam as pessoas por toda a África sob o nome conhecidíssimo de circunceliões e fazem incursões contra toda lei e autoridade. Quando lhes levam ao conhecimento seus crimes, fingem ignorar tal espécie de homens ou afirmam descaradamente que não estão ligados a eles, algo que, no entanto, todas as pessoas sabem. E não aceitam pelo menos essa voz geral de todo mundo que diz com mais probabilidade e mais sinceridade que ignora o que foi feito na África ou por parte do partido de Donato ou contra o partido de Donato, se for lícito aos bispos donatistas da África ignorar os fatos ou dizer que não lhes diz respeito.

18 Mas, como começara a dizer, não se investiga se eles padecem ofensas maiores do que as que fazem, mas se é lícito proceder assim contra os hereges ou cismáticos. Com efeito, se disserem que não é lícito, por que o fazem? Mas se confessarem que é lícito, embora mostrem que não podem de forma alguma sofrer, da parte dos imperadores católicos, incômodos maiores do que os que eles fizeram com seus cismáticos, por meio de seus juízes ou por meio de reis bárbaros ou o que fazem a todo gênero de pessoas pela loucura dos circunceliões, não se deverá admirar, considerando que mais poderes têm os imperadores romanos que os reis bárbaros, e que o ladrão sofre merecidamente males maiores pelas leis do que pelo que comete contra a lei. Por essa razão, pois, num regime de leis justas, os mandatários dos circunceliões devem sofrer penas mais graves do que o praticado pelos circunceliões. Contudo, é tão grande a mansidão cristã que os crimes dos donatistas superam incomparavelmente os castigos que sofrem.

Mas eis que, num concílio realizado por eles, trezentos e dez bispos donatistas condenaram os maximianistas;^[36] mas eles não quiseram abandonar suas basílicas, permanecendo obstinados em sua maldade. Juízes foram chamados, o seu concílio foi inserido nas atas proconsulares. Em seguida, houve a ordem para que aqueles que foram condenados por tão grande número de bispos entregassem esses lugares. Os que cederam com facilidade não sofreram muito. Mas os que tentaram resistir, quem ignora como foram atormentados? No entanto, se tamanha tivesse sido a violência dos que resistiram, a ponto de ofenderem os juízes, não deveriam sofrer mais duramente pelas leis romanas? Assim aconteceu então quando, depois do término da causa na qual os donatistas romperam com a Igreja católica, começou a se tratar como consequência que os donatistas não deviam ficar com as basílicas, mas permaneceram resistindo às ordens judiciais, e de tal modo resistiram que a força dos circunceliões ficou de todos conhecida; acrescente-se, além disso, que, como passaram a hostilizar os emissários do imperador que trazia presentes para a Igreja, presentes que o imperador enviara, indo pela África com tumultos violentos e desumanos, foram aplicadas contra eles tais leis para que não lhes fosse permitido conservar as referidas basílicas, que não eram da unidade, mas construídas pelos que estavam separados e estabelecidos em seu cisma. Nesse assunto, o poder régio puniu as injúrias que recebera. Com efeito, o que podem possuir com justiça os inimigos da justiça?

19 E não se tem conhecimento da promulgação de algo em favor deles, a não ser

pelo apóstata Juliano,^[37] ao qual a paz e a unidade cristã não agradavam; pois, devido a isso, lhe desagrava a própria religião da qual caíra pela sua impiedade. A ele, os donatistas, como o atestam as atas dos juízes aos quais encomendaram o que pediram, suplicaram-lhe com tais palavras que alguns, talvez, consentiriam com mais facilidade em prestar culto aos ídolos, levados pelo temor, do que estes o adulariam em sua loucura. Pois disseram que nele havia apenas a justiça. Portanto, o que se depreende do que ele disse, senão ou que a santidade cristã não era justiça, a qual não tinha valor perante ele, ou que era justiça honrar os demônios, aos quais dava preferência?

Quem ignora quão severas leis foram promulgadas por outros imperadores? Entre elas, uma foi geral contra todos os que recusam ser denominados cristãos e não estão em comunhão com a Igreja católica, mas se reúnem em grupos à parte; essa lei contém um dispositivo pelo qual tanto o bispo que ordena um clérigo como o próprio ordenado são multados em dez libras de ouro, e o lugar em que se reúne a ímpia divisão seja submetido ao fisco. Há outras leis gerais pelas quais lhes é concedida a faculdade de fazer testamentos ou de fazer doações ou de receber algo mediante doações em testamentos.

Com efeito, numa causa, como um senhor nobre tivesse suplicado aos imperadores que sua irmã, que pertenceu à seita de Donato, como tivesse falecido, havia legado muitos bens não sei a que correligionários, principalmente a um tal Agostinho, bispo da seita, foi-lhe ordenado por essa lei geral que tudo fosse restituído a seu irmão; nessa lei, também se fez menção dos circunceliões, no caso de resistirem com violência conforme seu costume, pormenorizando com que espécie de tropas de apoio deviam ser repelidos. Eram tão conhecidos, tinham mostrado tanta força em tantas lutas, que tanto o requerente ao imperador como o próprio imperador não podiam deixar de mencioná-los.

20 Sendo assim, como foram de tal modo condenados pelas leis, tanto divinas como humanas, é tão grande, no entanto, a mansidão cristã que não somente conservaram as basílicas edificadas depois do cisma como não restituíram aquelas todas que pertenciam à unidade. E como eles, por meio de juízes delegados dos imperadores católicos, expulsaram das basílicas que pertenciam à seita de Donato os correligionários de Maximiano, no entanto, em muitos lugares em que antes elas pertenciam à unidade católica, não foram expulsos pela força das leis dos mesmos imperadores romanos.

Finalmente, se alguma vez houve uma ação imoderada contra eles, de modo a exceder a brandura cristã, isso desagrade aos que são trigo na messe do Senhor, ou seja, a todos os cristãos dignos de louvor em Cristo, que crescem na Igreja católica dispersa pelo mundo com frutos de cem, sessenta e trinta por um.

21 Por isso vituperam com muitas palavras o joio ou a palha da messe católica, mas recusam tolerá-los conosco com toda paciência. Pois aquele que não quis arrancar o joio antes do tempo e separá-lo do trigo disse: “Deixai-os crescer juntos até a colheita”.^[38] E ao explicar aos discípulos que perguntavam o significado da referida parábola, não disse: “O campo é a África”, mas disse: “O campo é o mundo”.^[39] Essa

messe foi semeada no mundo inteiro, o joio foi semeado em cima no mundo inteiro, ambos crescem juntos pelo mundo inteiro até a colheita. Porventura, ou Donato foi o chefe dos ceifadores ou o tempo da colheita chegou na ocasião em que eles se separaram do resto do mundo, se o próprio dono, evitando que alguém interpretasse suas palavras a seu bel-prazer, disse claramente: “A colheita é o fim do mundo. Os ceifadores são os anjos”.^[40]

Com efeito, esses ceifadores não podem errar de modo a colher o trigo antes do joio, nem recolher o joio em lugar do trigo. Mas eles, como que fugindo do joio, mostraram ser eles mesmos o joio, pregando com manifesto sacrilégio contra a sentença do dono, de modo que, dizendo ele: “Deixai-os crescer juntos até a colheita”, eles afirmam que por tão grande campo, ou seja, pelo mundo inteiro, cresce apenas o joio e que o trigo diminuiu e continuou somente na África, injuriando assim sacrilegamente a Cristo, nosso rei e príncipe. Com efeito, está escrito: “Povo numeroso é glória para o rei, a falta de gente é ruína para o príncipe”.^[41]

Conforme julgo, já é tempo de examinar a interpretação dos testemunhos apresentados por Parmeniano, pois eles enganam os ignorantes com uma interpretação errada, e, quanto o Senhor nos ajudar, mostrar como se deve entendê-los de acordo com a interpretação católica.

LIVRO 2

1 Qual é a força que leva os homens a lançar contra um outro, como se costuma dizer, de olhos fechados, o que volta imediatamente contra aquele que arremessa e o derruba pelo golpe recíproco, deixando incólume aquele a quem desejava ferir, a não ser a cegueira e a futilidade de espírito? Assim procedem os donatistas a respeito de quase todos os testemunhos da Escritura, os quais, como julgam que lançam contra nós, parecem advertir-nos de que são tais como a Escritura prova que o são?

Que outra coisa faz Parmeniano ao pensar que é ou em seu favor ou contra nós o que está escrito: “A dor que ao mal chamam bem e bem ao mal, dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas, dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo”?^[1] Ó cegueira estulta! Pois o que há de tão bom e agradável do que viverem juntos os irmãos?^[2] Porque denominaram um mal e consideram amargo aqueles que se separaram de todos os irmãos e não quiseram ou não levantar ou não retirar suas vãs suspeitas já levantadas, para não dizer calúnias sediciosas. Mas se eles odiaram a verdadeira palha, e se não fossem palha, não se separariam por sua causa do trigo do Senhor que foi semeado e está em crescimento em todo o campo, em todo o mundo.^[3]

2 Gritem quanto puderem? “Ai dos que ao mal chamam bem e bem ao mal.”^[4] Respondemos: “Isso é verdade!” e acrescentamos outra sentença: “Ai dos que perderam a paciência”,^[5] ao confundir a luz com as trevas e as trevas com a luz. O que há de mais claro que as promessas de Deus, que revelou em nossos tempos o que preanunciou há milhares de anos na descendência de Abraão, que é Cristo, que todas as nações seriam abençoadas,^[6] e o que há de mais tenebroso que a presunção dos homens, que, por causa de crimes temerariamente atribuídos e nunca provados dos *traidores* – que, se fossem verdade, nunca impediriam a Deus que se cumprisse o que prometeu –, dizem que o nome de cristão desapareceu de inúmeros povos do mundo e permaneceu apenas na África? E denominam luz a essa sua presunção, e afirmam que, desaparecidas as realidades dos fatos, as promessas de Deus se cobrem das trevas da mentira e, além disso, clamam contra nós os seus feitos, dizendo: “Ai daqueles que ao mal chamam bem e bem ao mal”.^[7]

Porventura, era Optato luz, se o mundo todo o denominava trevas ou, antes, toda a África percebia que ele era trevas e o denominavam luz aqueles que confundem a luz com as trevas e as trevas com a luz? “Mas Optato”, dizem eles, “desagradava a todos os bons em nossa comunhão”. Portanto, não o denominavam luz e, no entanto, estavam em comunhão com ele. Escolhei então o que quiserdes: ou que as trevas não causam dano à luz e assim não haveria motivo para vos separardes com um tenebroso cisma dos irmãos inocentes, os quais não pudestes mostrar que fossem maus, embora digais que vos foram conhecidos; ou, se não bastar à luz reprovar as trevas que não pode dissipar, ou seja, se não for suficiente aos bons reprovar os maus que não podem expulsar ou corrigir, um só Optato, conhecidíssimo e declarado, manchou a seita de Donato numa única África, mais facilmente do que qualquer *traidor* africano manchou tantas nações no mundo inteiro, embora, não direi acusado de falsos crimes,

mas desconhecido, que é negado com o maior descaro.

3 Interpretando as Escrituras com má intenção, os donatistas não as fazem prejudicar a nós, mas a si mesmos, ao pensar que os apoia o que está escrito: “Ai daqueles que ao mal chamam bem e bem ao mal”, evitando que se tolerem reciprocamente a palha e o trigo até o tempo da joeira, a fim de que, ao entenderem erradamente as palavras: “Ai daqueles que ao mal chamam bem e bem ao mal”, cumpram-se neles as palavras: “Ai daqueles que perderam a paciência”. Se interpretarem que essas palavras foram ditas contra eles, que, pensando que o mal é um bem, cometam males mesmo aqueles que concordam com eles, louvando ou aprovando (estes dois pecados são mencionados numa única passagem pela Escritura, que diz: “O ímpio se gloria da própria ambição, o avaro que bendiz despreza Iahweh”^[8]), compreenderão a Escritura como se deve, e não se perturbarão mesmo que entre eles se encontrem pessoas más, a não ser que tolerem para agradar à seita de Donato aqueles que deviam tolerar pelo bem da unidade de Cristo; e por esta obstinação em sua animosidade os miseráveis sejam obrigados a tolerar em seu cisma aqueles que conhecem, e acusam do mundo inteiro aqueles que não conhecem.

Portanto, todo aquele que ou corrige o que pode, admoestando, ou exclui o que não pode corrigir, ou o que, salvo o vínculo da paz, reprova com dignidade, tolera com firmeza, este é pacífico e está totalmente livre, melhor, seguro, completamente alheio dessa maldição, pela qual diz a Escritura: “Ai dos que ao mal chamam bem e bem ao mal, dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas, dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo!”^[9]

4 Os donatistas, com sua cegueira habitual, objetam novamente com algo semelhante: “A respeito de vós”, dizem eles, “a Escritura afirma: ‘Absolver o iníquo e condenar o justo: ambas as coisas são abominação para Iahweh’”^[10] Por que essa execração não recai sobre aqueles que ousaram condenar o mundo inteiro cristão, sem o ter ouvido, no qual existiram e existem, sem dúvida alguma, em grande número? Desse modo consideraram justo o que era injusto e injusto o que era justo, quando, honrando a Optato Gildoniano, açoite de toda a África durante dez anos, mantiveram-no em comunhão como sacerdote e colega. Ou, se o reprovaram no fundo do coração, mas o toleraram pelo bem da paz, saibam que a paciência de nenhum pacífico que não consente no mal pode manchar-se por qualquer mal; e assim percebam em que ruína estão prostrados aqueles que, por causa de falsos ou verdadeiros crimes dos africanos – não se trata de investigar isso agora –, não mantêm a unidade de espírito pelo vínculo da paz com o universo inteiro.

Se eles dissessem: “Ignoramos se existem bons cristãos em tantas nações das terras de ultramar”, diriam com descaro. Pois Deus dá testemunho em favor de seu trigo, semeando-o em todo o campo, ainda que junto com o joio semeado pelo diabo; no entanto, preanunciou que cresceria até a colheita; por isso, embora conheçamos menos esses homens, sabemos, contudo, que eles existem, visto que admitimos com toda a fé que Deus não pode mentir.

Portanto, ao dizerem com descaro sacrílego: “Ignoramos se no mundo inteiro existem bons cristãos”, vejam a loucura com que se atrevem a dizê-lo, pois não

duvidam em dizê-lo todos os dias: “Sabemos que ali não há cristãos”. Uma coisa é: “Ignoramos se existem”, e outra: “Sabemos que não existem”: ambas as afirmações são infiéis e ímpias. Mas se é detestável aquele que diz: “Ignoro se Deus disse a verdade”, o que dizer daquele que afirma: “Sei que Deus não disse a verdade”?

5 Tenho certeza de que não ofenderei a nenhum deles se antepor Deus a Donato. Por mais que amem a Donato, mais temem a Deus; finalmente, por mais que eles amem o Senhor, sabemos que somente “Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso”.^[11] Portanto, “Cristo, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos”,^[12] e que disse com toda verdade a respeito de si mesmo: “Eu sou a verdade”,^[13] como seus servos lhe perguntassem se queria que eles colhessem o joio, disse: “Deixai-os crescer juntos até a colheita”.^[14] No entanto, Donato diz que o joio cresceu, mas o trigo diminuiu. Escolham em quem devem crer: Cristo, ou seja, a Verdade, diz: “O campo é o mundo”,^[15] mas Donato afirma que somente a África continuou sendo o campo de Deus. Escolham em quem devem crer: Cristo, ou seja, a Verdade, diz: No tempo da colheita direi aos ceifadores: “Arrancai primeiro o joio”,^[16] e explica dizendo: “A colheita é o fim do mundo”.^[17] Mas Donato diz que o joio se separou do trigo pela separação de sua seita. Escolham em quem devem crer: Cristo, ou seja, a Verdade, diz: “Os ceifadores são os anjos”.^[18] Mas Donato diz que ele e seus colegas fizeram antes da colheita o que Cristo disse que os anjos farão. Escolham em quem devem crer.

Eles, certamente, dizem ser cristãos: apresentamos-lhes Cristo e Donato. Se se entregam a Cristo de palavra, mas entregam o coração a Donato, considerem o que são. Eu sou indulgente, respeito, não me deixo levar por preconceitos, não exagero ao dizer que afogo minha dor antes que a desabafo. Mas se dizem que entregam seu coração a Cristo, acreditem em Cristo, que diz que tanto os filhos do Reino como os filhos do Maligno crescem no mundo todo,^[19] e não em Donato, que diz que somente os filhos do Maligno cresceram no mundo, mas os filhos do bem diminuíram, ficam somente na África. Se creem em Cristo, dizemos que tenham paz não com as Igrejas do mundo inteiro, mas com o próprio Evangelho, o qual se jactam mentirosamente de ter preservado do fogo, mas não provam com fatos.

6 Examinemos o que diz respeito ao texto de Isaías que Parmeniano pensou em nos opor: “Não, a mão de Iahweh não é muito curta para salvar, nem o seu ouvido tão duro que não possa ouvir. Antes, foram as vossas iniquidades que criaram um abismo entre vós e o vosso Deus. Por causa de vossos pecados ele escondeu de vós o seu rosto, para não vos ouvir. Com efeito, as vossas mãos estão manchadas de sangue e os vossos dedos, de iniquidade; e os vossos lábios falam mentira e a vossa língua profere maldade. Não há quem acuse com justiça, não há quem mova uma causa com lealdade. Todos põem a sua confiança em coisas vãs e pronunciam falsidade, concebem trabalhadeira e dão à luz iniquidade. Chocam ovos de víbora e tecem teias de aranha. Aquele que lhes come os ovos morre; esmagados, sai deles uma serpente; as suas teias não darão um vestido, não poderão vestir-se do seu próprio trabalho; os seus trabalhos são trabalhos iníquos, ações violentas estão em suas mãos. Os seus pés

correm após o mal; eles apressam-se a derramar sangue inocente. Os seus pensamentos são pensamentos iníquos: ruína e devastação estão nas suas veredas. Não conhecem os caminhos da paz”.^[20]

Aqueles que a Escritura descreve nessa passagem, em qualquer parte onde se encontrem, mesmo entre os bons, não causam dano aos bons, assim como a palha não prejudica o trigo, até que venha o Senhor da eira trazendo a peneira em suas mãos, e limpe sua eira,^[21] recolha o trigo no celeiro, mas queime a palha no fogo inextinguível, assim como não causou dano aos bons a tão grande multidão de criminosos de que nos fala Ezequiel, ou seja, daqueles que gemiam e lamentavam as abominações do povo que se cometiam no meio deles.^[22] Por isso, visto que não podiam se corrigir e não deviam de forma alguma se separar da unidade do povo de Deus, mereceram ser marcados na testa em virtude do mérito de sua inocente tolerância e foram libertados na devastação e morte daqueles perdidos.

Contudo, eles que objetam tudo isso contra os católicos, por que não olham para si mesmos, visto que seus bandos de rebanhos furiosos, armados de espadas e bastões, voam de cá para lá, e não se saciam com tão frequentes carnificinas praticadas com tamanha crueldade, onde puderem; onde, entre as fogueiras de cadáveres, junto com suas mulheres, as quais vagueiam dia e noite com eles em promiscuidade, contra a ordem dos preceitos divinos e humanos, ferve tamanha embriaguez que daí planejam a loucura quotidiana de perseguir não somente a outros, mas também de matarem a si mesmos?

Seus pés não correm após o mal e não se apressam em derramar sangue?^[23] Não estão longe da justiça esses que usurpam autorizações injustas de um poder fora da ordem? Para eles não há trevas enquanto levantam a lâmpada num falso martírio?^[24] Porventura, não caminham à meia-noite e durante o dia, de acordo com o que diz o Apóstolo: “Quem se embriaga, embriaga-se de noite”?^[25] Acaso eles não tropeçam ao meio-dia como se fosse meia-noite?^[26]

Isso é próprio dos hereges, que não são capazes de ver a realidade claríssima, colocada à luz de todos os povos; tudo que fazem fora da unidade, ainda que pareça que o fazem com astúcia e diligência, tanto não lhes aproveita contra a ira de Deus quanto as teias de aranhas não podem proteger do frio.

7 Portanto, o que citam do capítulo profético que não possa se voltar contra eles, a não ser, talvez, o que diz respeito aos ovos das serpentes, os quais o redator da sentença do concílio plenário dos trezentos e dez bispos mencionaria, quando se reuniram de todas as províncias da África?^[27] E se Parmeniano as visse agora, não diria contra nós o texto do profeta Isaías: “Chocam ovos de víbora”?^[28] Com efeito, veria que Feliciano Mustitano e Pretextado Assuritano foram admitidos em seu colégio episcopal,^[29] que receberam de novo como varões íntegros dentre os condenados, como que pelo bem da paz, não, porém, de Cristo, mas de Donato; também eram ovos de víbora e os chocaram. Com efeito, assim os descrevem “pela palavra veraz do concílio plenário dos trezentos e dez”. Como atestam as atas deste, citadas também nas atas proconsulares.

Essas são exatamente as palavras do referido concílio: “Ainda que a matriz de um

seio condenado tenha escondido durante muito tempo as partes nocivas de um sêmen de víbora e os coágulos encharcados do crime concebido, elas se evaporariam com o calor tardio para membros das víboras, contudo o vírus não pôde ocultar o que foi concebido sob o véu que se esvaeceu. Isso porque os desejos concebidos de crimes deram à luz o assassinato e o parricídio públicos”. Esses ovos de serpentes já tinham eclodido; horríveis e malcheirosos, foram expelidos de sua comunhão com os fetos venenosos; mas dentro estava o basilisco Optato, o qual, por uma decisão régia pela qual se diz que era a mais poderosa entre as serpentes, podia chamar de novo as serpentes que tinham sido expulsas. E se isso não vai contra a paz, por que objetam aos católicos, os quais não conseguiram convencer, enquanto receberam os que condenaram por sua própria boca? Se isso não prejudicou a paz, no entanto, impede pela paz de Donato, ao qual se favorece em detrimento da paz de Cristo; devido a esse sacrilégio, tudo o que sofrem com incômodos corporais, a admoestação de Deus é no sentido de evitar a condenação eterna.

Com efeito, eles derramam de fato sangue, não só corporalmente, mediante a fúria dos circunceliões, mas também espiritualmente, pois pretendem rebatizar o mundo inteiro, se puderem. Se somente derrama sangue aquele que ou fere a carne mortal ou a mata pelo golpe, mas não o derrama aquele que mata as almas seduzidas pelo sacrilégio, por que os seus cismáticos, maximianistas, pela mesma sentença de seu concílio plenário: “Os seus pés correm após o mal”,^[30] se consta que a ninguém mataram corporalmente, que ninguém foi ferido, mas sofreram muito da parte deles, quando foram expulsos das basílicas pelo poder judiciário? Praticaram muitos maus-tratos, antes da separação dos maximianistas, quando estavam unidos, aqueles que tinham feito o cisma anterior da parte de Donato. A quem de seus cismáticos perdoaram aqueles que querem ser perdoados pelo mundo inteiro, do qual eles são cismáticos, e, no entanto, quando somente pela verdadeira unidade, os cismas podem ser castigados, se devem ser castigados desse modo?

8 E o que está escrito: “Qual o governante do povo, tais os seus ministros; qual o que governa a cidade, tais todos os seus habitantes”,^[31] se eles entendessem a quem se referia, não o oporiam a nós, nem eles se ensoberbeceriam com fútil vanglória. Pois nós, para não colocarmos nossa esperança de homens nos homens, a qual é garantida e segura somente em Deus, lembramo-nos do que está escrito: “Maldito o homem que se fia no homem”,^[32] nesta passagem não interpretamos que o governante do povo e o governante da cidade signifiquem o bispo; e isso não porque podemos contemplar na Igreja católica inúmeros bispos santos, mas para não colocarmos, como eu disse, nossa esperança de homens em homens; e se por acaso lhe acontecer viver numa cidade em que o bispo não seja bom, chegue a pensar que se pratica o mal impunemente, alegando para sua defesa essa sentença da Escritura, tão perversamente interpretada quanto é interpretada perversamente por eles; e dizendo que não pode ser bom porque “qual o governante do povo, tais os seus ministros; qual o que governa a cidade, tais todos os seus habitantes”.^[33] Opõem a este erro as palavras da Verdade: “Fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem, mas não fazem”.^[34]

Tendo o povo tais bispos, que da cátedra de Moisés pregam o bem e o que dizem

não fazem^[35] pela sua corrupção,^[36] se os fiéis praticam o bem que dizem e não praticam o mal que fazem, como ordenou o Senhor, acaso não indicam sobejamente que não se há de interpretar o governante do povo e o governante da cidade como eles interpretam, porque pode haver povos bons também onde houver maus bispos, assim como pode haver um povo mau onde existiu Moisés, príncipe e governante bom? Com efeito, interpretando mal as palavras das santas Escrituras e, como diz o Apóstolo, “não sabem o que dizem nem o afirmam tão fortemente”,^[37] eles antes padecem profundas angústias, considerando a perversidade de sua interpretação, quando se diz a eles: “Portanto, qual foi Optato, tal foi também o povo de Tingade; e pela comunhão dos sacramentos, como dizeis, se contaminaram também aqueles que reprovam as más ações, mesmo o que toleram pela paz da unidade, sois tais também vós todos que estais em comunhão tanto com aquele colega como com aquele povo, enquanto toda a África, com lamentações públicas, o declarava cúmplice de Gildão”. Menciono-o muitas vezes porque de tal modo ganhou popularidade que, em toda parte onde dele se fizer menção, ninguém há de responder que não o conhece.

9 Que eles examinem e se recordem de quantos têm semelhantes, em seu seio, cuja maldade é igual, mas diferente é a fama; e cheguem de uma vez ao verdadeiro sentido daquelas palavras e entendam que o único chefe do povo é nosso Senhor Jesus, cujos ministros são bons; e ele é também o governante daquela cidade Jerusalém, que é nossa mãe eterna nos céus.^[38] Os habitantes mantêm proporção com a dignidade desse governante não quanto à igualdade, mas na sua medida, pois lhes foi dito: “Sereis santos, como eu sou santo”,^[39] ou seja, certa semelhança da imagem, para a qual “refletimos como num espelho a glória do Senhor, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito”,^[40] e por obra daquele que nos faz conforme à imagem de seu Filho.^[41]

Há também o governante do outro povo mau, que é o diabo, governante de sua cidade denominada misticamente Babilônia;^[42] o apóstolo Paulo denomina-o e a seus anjos príncipes das trevas,^[43] ou seja, dos pecadores, e seus ministros são semelhantes a ele, porque se transfiguram em ministros da justiça, do mesmo modo como ele se transfigurou em príncipe da luz;^[44] e os habitantes são conformes ao péssimo governante por suas ações semelhantes. Mas somente haverá uma separação manifesta desses povos e cidades quando essa messe for joeirada. Enquanto isso não acontecer, a caridade do trigo tolerará tudo, a não ser que os grãos, fugindo muito cedo da palha, sejam separados dos companheiros pela impiedade.

10 Que valor tem para a causa o que eles nos objetam, pois o Senhor fala por Isaías sobre os maus sacrificadores: “O que mata um boi ou fere um homem, o que sacrifica um cordeiro ou destronca o pescoço de um cão, o que oferece uma oblação, isto é, o sangue de porco, o que apresenta incenso como um memorial... sua alma se deleita com suas abominações”.^[45] Tudo isso foi dito mais adequadamente a respeito deles, os quais levantaram o altar de seu cisma contra a Igreja de Deus dispersa pelo mundo inteiro, como foi prometida; esse fato sacrílego envolveu a todos e todo aquele que oferece um sacrifício em qualquer parte com um tal coração e com tais atos, que

mereça ouvir tudo isso, causa a si mesmo a perdição, não como aqueles bons que, conforme o profeta Ezequiel, gemem e lamentam os pecados e iniquidades que se cometem no meio deles;^[46] ainda que não se separem corporalmente; a cada um, pois, o Senhor outorga o que seu coração deseja.^[47]

Com efeito, se nos primeiros tempos os maus sacerdotes não prejudicaram ou seus colegas bons, como foi Zacarias,^[48] ou os bons do povo, como foi Natanael, no qual não havia fingimento,^[49] quanto mais na unidade cristã um mau bispo não causará dano ou aos seus colegas bispos bons ou aos leigos bons, se intercede por nós o sacerdote por toda a eternidade segundo a ordem de Melquisedec e nosso pontífice, que está sentado à direita do Pai,^[50] “o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação”.^[51] E não prejudica os bons, mas os maus oferentes, o que foi dito com toda a verdade: “O Altíssimo não se agrada com as oferendas dos ímpios”.^[52] Com efeito, não diz: “O Altíssimo não se agrada com as oferendas daqueles que toleram os iníquos pelo bem da paz”, se eles não perderam o que nos lançaram em rosto naquele tempo em que fizeram o cisma. Caso contrário, tendo-os excluído, a herança de Cristo os manteria na comunhão católica dispersa por todo o mundo.

11 “O sacrifício dos ímpios”, cita Parmeniano, “é abominação; quanto mais oferecendo-o com malícia”.^[53] Já respondemos acima que Cristo não é iníquo; ele se ofereceu por nós e é nosso Mediador no céu,^[54] governando sua Igreja, não causando dano aos bons os maus, os quais, ou por sua ignorância ou pelo bem da paz, são tolerados, até que ele venha e, enviando os ceifeiros, separe o joio da messe e, com a peneira, separe a palha do trigo,^[55] ainda que eles, isso se deve dizer sempre, tenham objetado crimes falsos, que, se fossem verdadeiros, em nada prejudicariam em favor da caridade da unidade, que tudo suporta,^[56] se eles, talvez, depois de conhecidos os crimes, não pudessem persuadir os juízes eclesiásticos.

Portanto, os sacrifícios dos ímpios prejudicarão a eles mesmos, que os oferecerão com impiedade. Pois o único e mesmo sacrifício em honra de Deus, que é ali invocado e é sempre santo, age em cada um conforme a disposição de seu coração, “pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo come e bebe a própria condenação”.^[57] Não disse: “dos outros”. Mas “a própria”. Vejam, pois, se comem dignamente aqueles que fizeram a divisão, mediante um abominável cisma, entre tantos pais e filhos, maridos e esposas, entre tantos, e isto é o principal, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo,^[58] dispersos pelo mundo inteiro e, no entanto, poderiam certamente, se fossem bons, apontar os verdadeiros maus, tolerar pelo bem da paz de Cristo o que toleram para seu mal pelo partido de Donato.

12 “No Êxodo”, diz ele, “está escrito: ‘Mesmo os sacerdotes que se aproximarem de Iahweh devem se santificar, para que Iahweh não os fira’”;^[59] e novamente: “E quando os ministros se aproximarem do altar do Santo, não levem consigo delito, para não morrerem”;^[60] e o que se lê no Levítico: “O homem que estiver manchado e com vício não se aproxime para oferecer dons a Deus”.^[61] É bom que tenham

apresentado testemunhos dos livros do Antigo Testamento. Digam-me, portanto, a que santo prejudicou em sua saúde espiritual o sacerdote mau ou manchado aos sacerdotes ou a um membro do povo. Onde estavam Moisés e Aarão, ali estavam os sacrílegos murmuradores, que Deus ameaçava sempre de fazê-los desaparecer de sua presença. Onde estavam Caifás e os demais seus semelhantes, ali estavam Zacarias, Simeão e os outros bons; onde estava Saul, ali estava Davi; onde estavam Jeremias, Isaías, Daniel, Ezequiel, ali estavam os maus sacerdotes e o povo mau; mas cada um carregava seu próprio fardo.

13 Deixo de falar com que criminosa soberba se diz que ninguém entre seus colegas ou ele não está com alguma mancha e vício, não nos membros, mas, o que é pior, nos costumes. Os quais, se começássemos a examinar neles, responderiam que há diferença entre mancha e mancha, entre vício e vício, como se a Escritura fizesse diferença quando diz: “O homem que estiver manchado ou com vício não se aproxime para oferecer dons a Deus”.^[62]

Porventura, não teve alguma mancha e algum vício, não digo Optato, mas o próprio Parmeniano ou o próprio Donato? Mas eles estão cegos pelo tão grande apego aos homens e pelo coração impudico que não hesitam em equiparar os adúlteros de sua alma ao único esposo legítimo. A ponto de afirmar que foi realidade também em Donato o que se pode dizer do único Senhor Jesus Cristo. “Quem fará... de meus olhos fonte de lágrimas”.^[63] Com que gemido adequado, golpeando o peito, se pode exprimir esse crime? Entretanto, verifiquem se pelo menos Optato não teve alguma mancha ou algum vício; não sejam cegos a ponto de responder que tanto a vida dele foi imaculada como carente de qualquer defeito. Por que então ele se aproximava para oferecer dons a Deus, e os demais, com as mãos juntas, recebiam dele o que ele oferecia, estando manchado e defeituoso? Prestem atenção nos seus colegas se a embriaguez não é mancha, mas leiam antes a quais criminosos o apóstolo Paulo juntou os ébrios,^[64] para ver se não é mancha a embriaguez, que o mesmo apóstolo de tal modo detesta que a compara à escravidão aos ídolos.^[65]

14 Aqueles que pensam com sensatez entendem que qualquer pessoa, e se pode dizer sem que seja um absurdo, que vive com toda justiça pelo bem da sociedade humana, no entanto, não pode estar sem algum vício, enquanto “a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne”,^[66] e: “Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado”,^[67] e: Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós”.^[68] Com efeito, ainda que, enquanto nascemos de Deus, não pequemos, ainda nos está inerente o que somos como descendentes de Adão, pois ainda “a morte não foi absorvida pela vitória”,^[69] o que está prometido para a ressurreição dos mortos,^[70] para sermos completamente felizes, imaculados e incorruptos; pois pela fé, desde já, “somos filhos de Deus; mas pela visão ainda não se manifestou”.^[71] Ainda que não de fato, mas “fomos salvos em esperança; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na esperança que aguardamos”.^[72]

Mas enquanto esperamos com paciência a redenção de nosso corpo,^[73] não nos

atrevamos a dizer que estamos livres de todo vício, para evitar que a soberba seja o pior vício; e despertemos de uma vez e vejamos os sacerdotes daquele tempo, quando evitavam os vícios corporais, que prefiguravam aquele que, sendo Deus feito homem por nós, é o único Cordeiro verdadeiramente imaculado^[74] e sacerdote sem vício. Por isso, também então, somente o sacerdote entrava no *sancta sanctorum*,^[75] mas o povo ficava do lado de fora, assim como agora aquele sacerdote, depois de sua ressurreição, entrou no mais íntimo dos céus para interceder por nós à direita do Pai, mas o povo, do qual ele é sacerdote, ainda geme do lado de fora. Pois o povo está dentro com o bispo e ora com ele e, como que assinando suas palavras, responde “amém”. Até então, quando se procuravam corpos de sacerdotes – pois as almas não se podia^[76] – sem alguma mancha e sem algum vício, somente Cristo era prefigurado, não esses soberbos e ímpios, que, entregando a alma à fornicção, não têm ciúmes por seu esposo, mas se atrevem a mostrá-lo aos fiéis como esposo.

15 “No Evangelho”, diz Parmeniano, “está escrito: ‘Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas, se alguém é temente a Deus e faz a sua vontade, a este Deus escuta’”.^[77] Eis a resposta irrefutável. Se duas pessoas oram juntas, um pecador e outro que é temente ao Senhor e faz sua vontade, ele ouve este e não ouve aquele. Portanto, o que significa esse testemunho ou como podem pensar que foi proferido em seu favor, se com essas palavras os bons podem se considerar muito mais seguros entre os maus, e não é preciso que haja qualquer separação física, de modo que os homens se separem mesmo dos bons por uma divergência espiritual devido a um abominável cisma, pois também os maus podem não ser ouvidos, estando entre os maus por razão de sua infidelidade, e os bons são ouvidos, entre os maus, por razão de sua fé? Com efeito, Deus, “aquele que pesa os corações”,^[78] não se engana a ponto de ouvir ou rechaçar uns pelos outros.

Porventura, dizem isso para que se entenda que o mau bispo não é ouvido quando ele roga em favor de seu povo? Mesmo que assim fosse, o povo não deve se preocupar, se for bom e fiel. Tranquiliza-os a Escritura, que diz: “Meus filhinhos, isto vos escrevo para que não pequeis; mas se alguém pecar, temos como advogado, junto do Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados”.^[79] Ouçam se tiverem ouvidos, com que veracidade e humildade piedosa isso foi dito. Pois João disse: “Isto vos escrevo para que não pequeis”. Se, continuando, ele dissesse: “E se alguém pecar, tendes como advogado, junto do Pai, Jesus Cristo, o Justo, e ele é a vítima de expiação pelos vossos pecados”, pareceria que os estava separando dos que podiam pecar, de modo que não lhe seria necessária a expiação que se dá pelo Mediador, que está sentado à direita do Pai e intercede por nós.^[80] Isso certamente envolveria não somente soberba, mas também falsidade.

Mas, se também dissesse assim: “Isto vos escrevo para que não pequeis; mas, se alguém pecar, tendes a mim como mediador junto ao Pai; eu rogo pelos vossos pecados”, tal como o fez Parmeniano, que, em certa passagem, fez do bispo um mediador entre o povo e Deus, quem o toleraria entre os bons e fiéis cristãos, quem o consideraria como apóstolo de Cristo, e não como o anticristo? No entanto, esses poços gretados guardam sua soberba enegrecida e não podem conter o Espírito^[81]

para guardar a unidade do espírito pelo vínculo da paz,^[82] e em todas as suas orações estejam certos da existência de um único Mediador.^[83]

16 Todos os cristãos oram uns pelos outros. Mas aquele pelo qual ninguém intercede, mas ele intercede por todos, este é o único e verdadeiro Mediador, cujo tipo era prefigurado no sacerdote do Antigo Testamento; mas não se encontra no Antigo Testamento ninguém que orasse pelo sacerdote. Mas o apóstolo Paulo, membro eminente, mas subordinado à cabeça,^[84] como era membro do Corpo de Cristo e sabia que ele entrou no íntimo do céu, no *sancta sanctorum*, por nós, como o maior e mais legítimo sacerdote, não mediante uma figura, mas na verdade expressa e explícita, para a santidade não simbólica, mas eterna,^[85] o apóstolo Paulo, repito, se encomenda às orações da Igreja. E não se faz mediador entre o povo e Deus, para orarem, ele e mutuamente todos os membros do Corpo de Cristo, pois os membros devem se preocupar uns pelos outros; e se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; e se um membro é honrado, todos os membros compartilham sua alegria.^[86]

E assim, a oração recíproca de todos os membros, que ainda labutam na terra, subirá até a Cabeça que os precedeu no céu, pois nela está a expiação pelos nossos pecados.^[87] Se Paulo fosse mediador, se também os companheiros no apostolado o fossem, e se houvesse muitos mediadores, Paulo não teria razão para dizer: “Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus”.^[88] Nele também nós somos um só^[89] se conservamos a unidade do Espírito pelo vínculo da paz,^[90] e não abandonamos os bons por causa dos maus, mas toleramos os maus por causa dos bons, para que, como queremos defender os desconhecidos, porque os abandonamos com presunção temerária, sejamos obrigados a condenar por um crime maior os que não foram ouvidos.

17 Mostrando que é certo que Deus ouve os pecadores, encontra-se nas Escrituras o caso do profeta Balaão, que não pertencia ao povo de Israel, mas era estrangeiro; foi ajustado pelo inimigo para maldizer o povo de Deus e foi mudado pelo Senhor para bendizer o mesmo povo; ouvimos e lemos suas palavras pedindo bênção,^[91] e embora tivesse outra intenção, as palavras de súplica tanto foram boas como foram ouvidas pelo Senhor em favor do povo. Por isso não se há de admirar que as palavras boas que se dizem nas preces em favor do povo, ainda que sejam pronunciadas por maus bispos, no entanto, são ouvidas não em favor da perversidade das autoridades, mas em favor da devoção das pessoas.

Entretanto, o que está escrito no Evangelho: “Deus não ouve os pecadores, mas se alguém é temente a Deus e faz sua vontade, a este Deus escuta”^[92] não foi dito pelo Senhor, mas por aquele a quem havia restituído a vista corporal, porém os olhos do coração ainda não os tinha aberto; por isso ainda pensava que o Senhor era um profeta. Com efeito, tendo-o reconhecido como Filho de Deus, prostrado, o adorou. Mas o próprio Senhor, quando, no mesmo templo, estavam orando um publicano e um fariseu, diz que o pecador que reconheceu seus pecados foi mais justificado que o fariseu, que se gloriava de seus merecimentos;^[93] a este são semelhantes os

donatistas. Ainda que o justificado tenha deixado de ser pecador, no entanto, para que, como pecador, fosse justificado, ele orava e confessava seus pecados; e, tendo sido ouvido, foi justificado para deixar de ser pecador. Não deixaria certamente de ser pecador se antes não fosse ouvido como pecador. Por isso a Verdade testemunha que nem todo pecador é ouvido, mas alguns pecadores são ouvidos.

18 Eles citam também, argumentando contra nós, o que foi dito no salmo: “Ao iníquo, contudo, Deus declara: ‘Que te adianta recitar meus preceitos e ter minha aliança na boca, uma vez que detestas a disciplina e rejeitas minhas palavras? Se vês um ladrão, tu corres com ele, e junto aos adúlteros tens a tua parte. Sentas-te para falar contra teu irmão, e desonras o filho de tua mãe’”.^[94] Mas abram de uma vez os olhos do coração, pois “não sabem o que dizem nem o que afirmam tão fortemente”.^[95] Eles dão importância ao que foi dito ao pecador: “Que te adianta recitar meus preceitos e ter a aliança em tua boca?”. E não compreendem que isso foi dito para que o pecador saiba que em nada lhe aproveitam as palavras de Deus que ele pronuncia com a boca e, no entanto, não praticando o que diz, traz proveito para outros que ouvem mediante os maus e praticam. Isso o Senhor ordena, o próprio Senhor ensina no Evangelho, dizendo: “Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis suas ações, pois dizem, mas não fazem”.^[96]

19 Nessas palavras que citaram do salmo, oxalá quisessem olhar para si mesmos como num espelho para ver como lançam para trás as palavras de Deus, pois eles falam em paz às pessoas e não amam a paz, como odeiam a disciplina, pois se atrevem a condenar o mundo sem o ter ouvido; e, porque sofrem incômodos temporais de acordo com o modo de proceder da misericórdia divina, conforme o seu merecimento, melhor, muito abaixo do que merece a ousadia de tão grande fúria, declaram que desse modo seus pecados não são castigados, e se gloriam que seus merecimentos são coroados.

Não digo que tenham corrido com o ladrão,^[97] porque o assaltante é pior que o ladrão, e assaltante era denominado Optato em todas as partes. Mas por acaso não têm sua partezinha com os adúlteros, pois permitem que dia e noite vagueiem vergonhosamente bandos ébrios de suas monjas com bandos ébrios de circunceliões? Acaso não se sentam para falar contra seus irmãos aqueles que, por causa de alguns que não conseguiram convencer de pecado, afirmam que não há cristãos na herança de Cristo dispersa pelo mundo inteiro, e assim se apresentam com escândalo contra o filho de sua mãe, ou seja, o recém-nascido que ainda precisa ser alimentado na fé com o leite dos sacramentos? Ainda débil, não sabendo ainda seguir Deus Pai, segue o homem e, seduzido por uma fingida e aparente verdade, é desgarrado da base da unidade por uma cruel dilaceração.

Mas se àqueles que não praticam males na referida seita desagradam os maus feitos dos demais e não acreditam que lhes possa causar dano os crimes alheios, por cuja causa gemem e lamentam que se cometam em seu meio,^[98] por que toleram no sacrilégio comum do cisma o que podiam tolerar com proveito na integridade da unidade? Com efeito, se, despertados alguma vez pelos mesmos feitos, podem dizer

que os males dos indivíduos não causam dano aos demais que nem fazem nem aprovam tais males. Mas se o sacrilégio do cisma não é de um indivíduo, mas diz respeito a todos aqueles que não estão em comunhão com a unidade católica; podem ser incriminados facilmente, embora dificilmente o confessem. Com efeito, por isso, na comunhão deles, não dizem respeito a uns os pecados de outros; por essa razão, o cisma é um crime de todos, porque, como dizem que entre si uns não podem se manchar com os crimes dos outros, confessam, ao mesmo tempo, que não tiveram motivo para se separar da unidade; se os crimes dos outros não os podem macular, estão, por isso, implicados mutuamente pelo crime claríssimo do cisma, como que por um único vínculo mortífero.

20 Mas Jeremias profetizou. O que Jeremias profetizou? Não possuem o verdadeiro batismo aqueles que abandonam a Deus. Com efeito, ele diz: “Horrorizai-vos e abalai-vos profundamente – oráculo de Iahweh. Porque meu povo cometeu dois crimes: eles me abandonaram, a fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas, que não podem conter água”;^[99] e de novo: “Tu és para mim como um lago enganador, águas nas quais não se pode confiar”;^[100] e o que está escrito: “O que se purifica do contato com o morto, que proveito terá de sua ablução?”;^[101] e o que diz o salmo: “Que o óleo do ímpio não me perfume a cabeça”;^[102] em outro livro: “Mosca morta estraga o perfume do perfumista”;^[103] e em outro lugar: “O espírito santo, o educador, foge da duplicidade, ele se retira diante dos pensamentos sem sentido”.^[104]

Se se há de entender todas essas sentenças como são entendidas por eles, a razão da verdade não se ajusta nem a nós nem a eles. Mas, se eu ensinar que devem ser entendidas de outro modo, eles se perturbam devido a sua maldade; para não se perturbarem, recorrem à interpretação católica e aí encontram a saída para sua resposta, e por isso ficam enredados no crime do cisma.^[105] Com efeito, eles certamente têm – e não direi “são tais”, mas direi o que ou confessam ou negam com insensatez – têm, repito, os que abandonam a Deus, que é fonte de água viva,^[106] ou seja, pessoas que vivem iniquamente. Pois não se abandona a Deus usando os pés, mas com o coração. Há também entre eles mentirosos que não merecem fé,^[107] ou seja, que professam uma coisa, e vivem outra. Há entre eles também mortos.^[108] Pois, se o Apóstolo não concede o prazer ao sexo mais delicado e mais débil, dizendo a respeito da viúva: “A viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta”,^[109] vejam se entre os seus não há pessoas e, o que é pior, prelados ou ministros que vivem no prazer; e se se atreverem, proclamem que não têm mortos e que são melhores do que a Igreja, a cujo anjo, na figura dos prelados ou das almas, se diz que não vive, mas morreu;^[110] e, no entanto, é contada entre as sete Igrejas; e, além disso, são-lhe dados preceitos e, no entanto, não está separada do conjunto do Corpo de Cristo, mas perseverante na unidade.

Deixo de citar o que disseram em seu concílio contra os maximianistas: “Iahweh salvou Israel das mãos dos egípcios, e Israel viu os egípcios mortos à beira-mar”.^[111] No número desses mortos está agora Feliciano, que batiza, estando ainda morto, ou, se reviveu, têm consigo aqueles que, estando ele morto, ele batizou no cisma. Eles

certamente contam com pecadores.^[112] Se perguntarmos aos que lá se consideram importantes, não negam ser pecadores. E não batem em seus peitos, ou quando o fazem, fazem com fingimento – o qual, se é assim, certamente ou infelizmente pecam enganando as pessoas com sua hipócrita humildade –, ou não dizem na oração do Senhor: “Perdoa-nos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores”.^[113] Não me refiro àqueles pecados que são perdoados na regeneração do batismo, mas àqueles que a debilidade da vida humana contrai todos os dias no meio das amargas agitações do mundo. Para curá-los, são oferecidos os remédios das esmolas, dos jejuns e das orações, e, assim, diga-se na oração o que se faz pela esmola. Com efeito, o pecado que outro admitiu perdoar contra ti, para que também Deus te perdoe, é uma grande obra de misericórdia. Mas se isso dizem na oração com fingimento, não sinceramente, pensando que não têm o que Deus possa perdoar, isso é um sacrifício imperdoável, e isso é soberba ímpia e insensata, o que é certamente um enorme pecado.

O que direi sobre as moscas semimortas,^[114] se mostramos que se encontram entre eles em grande número, não os que ainda não morreram, mas já os mortos, ou que o confessem, ou sejam convencidos. Mas pensem nos fingidos, dos quais o Espírito Santo, o educador, foge, e pensem quantos existem entre os seus vivendo com pensamentos sem sentido, conforme o que dissemos acima. Com efeito, e também estão ali escondidos os maus, seja quem for, pois muitas vezes são condenados, denunciados e convencidos não somente sobre fatos recentes, mas sobre hábitos antigos de crimes, aqueles que eles conseguiram ocultar durante muito tempo com hipocrisia astuta; certamente são mais hipócritas aqueles que enganam, fingindo-se de bons.

21 Portanto, se tudo isso deve ser interpretado do modo como eles interpretam conforme a razão os possa ajudar, por que, entre eles, aqueles que, vivendo mal, abandonam a Deus, sejam ocultos, sejam conhecidos, não se convertem em cisternas gretadas que não podem conter água,^[115] se nessa passagem há de se entender o batismo? Por que as pessoas acreditam que os enganadores e infiéis dentre eles ou dão ou têm não uma água enganadora,^[116] mas veraz? Por que aos mortos entre eles que são batizados lhes traz algum proveito a ablução? Por que seus pecadores ungem com óleo as cabeças alheias?^[117] O que as moscas semimortas ou mortas^[118] mereceram ali merecer para não estragar o suave perfume? De que privilégio os hipócritas são dotados, ou seja, os que se cobrem com a pele da justiça, para que deles não fuja o Espírito Santo, o educador?^[119] Ou, se o Espírito Santo foge deles, como ele se dá aos batizados por meio deles?

Com efeito, aqui não se pode dizer o que eles costumam dizer com muita ignorância e muito descaro: “Que qualquer um pode ser batizado por um mau, se estiver oculta a maldade daquele que batiza!”. Aquele que é fingido é tanto mais fingido quanto mais se esconde: portanto, quando o Espírito Santo se retira dele, qual será a esperança do batizado, se se há de pensar que o mérito do que batiza está na graça de Deus? Não sabem o que responder a isso, porque negam ter maus reconhecidos. Nisso foram convencidos de modo claro; mas o que nos importa? É-nos suficiente para o ponto principal da causa que não podem negar que tenham em

seu meio hipócritas bons, ou seja, maus ocultos. Com efeito, são convencidos pelo testemunho de muitos aqueles que, como viviam ali com costumes perdidos e criminosos e tinham estado ocultos durante muito tempo devido à hipocrisia, finalmente foram denunciados e expulsos. Portanto, se não querem que acreditemos que ainda há no meio deles alguns desses indivíduos, certamente aqueles que foram expulsos, como tivessem ficado ocultos pela mesma hipocrisia e fugia deles o Espírito Santo, sobre o qual está escrito: “Pois o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade”,^[120] como foram capazes de batizar? Por que, pelo menos, não recontam aqueles que vivem, para que recebam o batismo, o qual não quiseram receber por meio dos hipócritas, os quais o Espírito Santo abandonaria?

Mas se dizem: “Na verdade, faltava o Espírito Santo aos que iriam batizar, fingindo que justificavam, mas estava presente nos que o receberiam com fé e seriam lavados pela inefável eficácia de seu poder, podendo fazer ambas as coisas: fugir daqueles e favorecer a estes, inculpar aqueles e purificar a estes”. Desse modo resolvem a questão em seu favor; mas saibam que, ao mesmo tempo, foi resolvida em nosso favor.

22 Mas o que se entende por essa sentença da santa Escritura, que, eles não entendendo e como que interpretando em favor de sua seita, lançam contra nós para se acusarem a si mesmos, advertimos que se deve entender quase como em todas as questões, ou seja, porque todos os sacramentos, ao causar dano aos que os administram indignamente, fazem bem, no entanto, aos que os recebem dignamente por meio deles, tal como acontece com a palavra de Deus, pois foi dito: “Fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações”.^[121]

Com efeito, com relação à sentença: cavar cisternas gretadas que não podem conter água,^[122] o que me impede de entendê-la no sentido de que isso é o mesmo que se voltar para os prazeres terrenos e não poder conter o Espírito Santo, que no Evangelho se pode significar com o termo “água”, como não o ignora de alguma maneira nenhum cristão? Da mesma forma, águas enganosas nas quais não se pode confiar,^[123] pode-se entender não o falso batismo, mas as pessoas mentirosas e infiéis, sem contar as sinceras e fiéis, mas somente aquelas que são mentirosas e infiéis. Com efeito, que as pessoas são indicadas algumas vezes pelo termo “águas”, leiam o Apocalipse e deixem de caluniar-nos, mas, antes, caluniem a si mesmos. Pois assim se diz a João: “As águas que viste onde a Prostituta está sentada são os povos e as multidões, nações e línguas”.^[124]

E o que está escrito: “O que se purifica do contato do morto, que proveito terá a sua ablução”,^[125] para, entretanto, adiar uma investigação mais cuidadosa dessas palavras, admito com toda certeza que significam os batismos dos pagãos, porque os homens dão culto aos mortos, em cujo nome batizam, tanto tendo em vista sua justificação como o proveito para esta vida. Ainda que os próprios sacerdotes sejam denominados mortos, no entanto, não se entende a sentença, tendo-os em vista, mas os deuses pagãos mortos; com esse significado se diz: “Ele é um Deus vivo”.^[126] Por essa razão, ainda que entre seus fiéis haja alguns prelados ou ministros mortos devido à sua iniquidade e sua impiedade, no entanto, vive aquele sobre o qual foi dito no

Evangelho: “É [ele] que batiza”,^[127] porque, como diz o Apóstolo: “Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele”.^[128]

O próprio salmo indica claramente como se deve entender o óleo do pecador. Com efeito, ele diz: “Que o justo me bata, que o bom me corrija, que o óleo do ímpio não me perfume a cabeça”.^[129] Por esse contexto, está claro que pelo óleo do ímpio estão indicados os afagos dos adutores, que, uma vez repudiados e detestados, prefere ser corrigido e acusado pelo justo, porque o justo, fazendo-o não com a delicadeza enganosa da adulação, mas com a severidade sincera da repreensão, o faz com muito mais misericórdia. Este é o sentido do que se lê no Apocalipse: “Repreende e educa todos aqueles que amo”;^[130] e o que se lê em Salomão: “Os golpes do amigo são leais, e mentirosos os beijos do inimigo”,^[131] e se encontram muitos textos semelhantes. Mas põem a perder o óleo suave, ou seja, o bom odor, fruto da boa fama dos cristãos, aqueles que, pensando em viver uma má vida e voltar para a morte de suas iniquidades, irrompem em grande multidão, para que seus pecados sejam perdoados pelo batismo e voltem novamente para os mesmos pecados. Creio que foram comparados às moscas devido a seu grande número. Mas põem a perder o óleo suave^[132] aqueles que não dão apreço à graça de Deus, mas aos costumes dos homens, e porque, assim como não se veem grãos no meio da palha, assim também os que vivem piedosamente não aparecem facilmente entre as turbas dos iníquos. Com efeito, tropeçando nas coisas carnis, ou retardam em receber a salvação eterna ou a recuam totalmente.

Mas o Apóstolo ensina que esse agradável odor reside na boa fama dos cristãos que vivem retamente, pois diz: “Somos por Deus o bom odor de Cristo em toda parte”.^[133] Ao contrário, aqueles aos quais se diz: “Por vossa causa o nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios”^[134] põem a perder o óleo perfumado.

Portanto, assim estes textos têm um sentido diferente e mais verdadeiro; se eles os aceitam, se livram das angústias dessas questões. Mas a interpretação que apresentam, se nós não a apoiarmos, confunde apenas a eles; mas se é apoiada por nós, confunde a eles e a nós.

23 Para que continuar discutindo? A não ser, talvez, tendo em conta que, como Parmeniano queria provar que os homens carnis não podem procriar filhos espirituais, acrescentou este testemunho evangélico: “O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito”.^[135] Como se disséssemos que alguém pode gerar por si mesmo filhos espirituais, e não pelo Evangelho, mediante cuja pregação o Espírito Santo age para a geração no batismo de filhos espirituais, mesmo quando o Espírito Santo foge do ministro hipócrita, como acima dissemos. E por isso o Apóstolo, quando falava a tais filhos, se tivesse dito: “Fui eu quem vos gerou”, mas não tivesse acrescentado: “Pelo Evangelho em Jesus Cristo”,^[136] de forma alguma qualquer um dos fiéis confessaria que nasceu dele no sentido religioso. Mas o ladrão Judas pregou o Evangelho sem detrimento dos que tinham fé; e como o Espírito Santo foge dos fingidos dentre eles, ou seja, dos maus ocultos, como eles também admitem, afirmam, no entanto, que os filhos espirituais são gerados pelo ministério

deles. Com efeito, quem suporta tamanha loucura de modo que, como denomina homem carnal aquele que procria filhos de sua esposa, denomine espiritual o adúltero? “Longe de mim”, diz ele, “pensar assim!”. Portanto, como um adúltero oculto, entre eles um prelado, pôde gerar filhos espirituais, se não pode fazê-lo como carnis? Porventura, talvez nesse caso pelas mãos dele ou Cristo, ou o Espírito Santo ou mesmo um Anjo ele tenha conferido o batismo. Se for um homem quem batiza, quando o que batiza é bom, mas como esse ministro fica oculto como mau, nesse caso ou Deus ou um Anjo batiza, e cada qual nasce espiritualmente tal qual for aquele por quem é batizado, aqueles que desejarem o batismo preferam que aqueles por quem forem batizados não sejam manifestamente bons, mas maus ocultos, para desse modo merecerem nascer mais santamente, sendo Deus ou um Anjo quem irá batizar.

Se eles pensam em evitar tamanho absurdo, como todos são batizados com o batismo de Cristo, confessem que Cristo batiza, pois somente sobre ele foi dito: “É (ele) quem batiza no Espírito Santo”.^[137]

24 A passagem do Evangelho: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; àqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos’”,^[138] seria contra nós para sermos obrigados a confessar que esses atos são realizados por homens, não mediante homens, se, depois de dizer: “Também eu vos envio”, tivesse acrescentado em seguida: “Àqueles a quem perdoardes serão perdoados e àqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos”. Mas como está intercalado: “Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo’”, e como na continuação foi dito que por meio deles vem a remissão ou a retenção dos pecados, mostra-se bem claramente que não são eles que o fazem, mas o Espírito Santo por meio deles. Diz o mesmo em outro lugar: “Porque não sereis vós que estareis falando naquela hora, mas o Espírito de vosso Pai que falará em vós”.^[139]

Mas o Espírito está de tal modo inerente ao prelado ou ao ministro da Igreja que, se não forem fingidos, o Espírito realiza por meio deles tanto o dom para a salvação eterna como a regeneração ou a edificação daqueles que são ou consagrados ou evangelizados por meio deles; mas se for fingido, porque está escrito com toda verdade: “Pois o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade”,^[140] estará ausente com respeito à sua salvação e se retira dos pensamentos dele sem sentido;^[141] mas não abandone seu ministério por meio do qual tem lugar a salvação de outros por meio dele. Por isso disse o Apóstolo: “Se eu fizesse por iniciativa própria, teria direito a um salário; mas já que o faço por imposição, desempenho um cargo que me foi confiado”,^[142] ou seja, “aproveita àqueles aos quais o confiro, não a mim que sou fingido”.

Com efeito, aquele que contra sua vontade os administra devido a vantagens e alegrias carnis, as quais abandonaria se pudesse obtê-las de outro modo, esse é, sem dúvida, fingido e por isso não diz: “Se faço contra minha vontade, em nada aproveito àqueles pelos quais faço”, mas se apenas exclui da recompensa da salvação a si mesmo, não aqueles aos quais o mau servo fornece o alimento dominical. Mas porque o Apóstolo não era assim, mas o faria querendo, ou seja, dispensava a graça gratuita

com a piedade de seu casto coração, o Espírito Santo concedeu também a recompensa por meio dele, recompensa que, como ele diz, lhe “dará o Senhor, justo Juiz, naquele dia”.^[143]

Mas àqueles que anunciavam o Evangelho não com o coração puro, que anunciavam não outra coisa senão a verdade, ou seja, Cristo, mas não anunciavam com sinceridade de coração, mas olhando seus interesses, o Apóstolo permite que o anunciem, e se alegra, certamente não por eles, mas pelos que se salvaram por meio deles, obedecendo ao preceito daquele que diz: “Fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem, mas não fazem”.^[144] A esse respeito, assim fala o Apóstolo aos filipenses: “É verdade que alguns anunciam o Cristo por inveja e porfia, e outros por boa vontade; estes por amor proclamam a Cristo, sabendo que fui posto para defesa do Evangelho, e aqueles por rivalidade, não sinceramente, julgando com isso acrescentar sofrimentos às minhas prisões. Mas o que importa? De qualquer maneira – ou com segundas intenções ou sinceramente –, Cristo é proclamado, e com isso eu me regozijo”.^[145] Acaso ele lhes permitiria pregar a Cristo, ainda que pregasse o Evangelho da verdade, mas não com a pureza de um coração sincero; acaso se regozijaria pela pregação desses tais se soubesse que lhes seria pernicioso anunciar algo puro, mas não com sinceridade, mas seria salutar para aqueles que, ouvindo-os falar de coisas boas e verdadeiras, pudessem avançar no caminho da salvação?

Quando se prega não o Cristo, que é a verdade,^[146] mas a falsidade e a mentira, ele o proíbe expressamente, dizendo aos gálatas: “Se alguém vos anunciar um evangelho diferente do que recebestes, seja anátema”;^[147] da mesma forma, escrevendo a Timóteo: “Se eu te recomendei permanecer em Éfeso, quando estava de viagem para a Macedônia, foi para admoestar alguns a não ensinar outra doutrina”.^[148] Mas àqueles invejosos, contenciosos, contumazes, não bem intencionados, procurando ocasião para satisfazer sua má vontade, pois assim o Espírito Santo fugiria de sua hipocrisia, mas sem se ausentar do seu ministério, pelo qual Cristo era anunciado, não somente lhes permite que o façam, mas se regozija porque o fazem.

25 Mencionamos esses testemunhos das santas Escrituras para demonstrar que não se encontra facilmente algo mais grave do que o sacrilégio do cisma, porque não há justificativa alguma para romper a unidade, visto que os bons de tal forma toleram os maus que não lhes há de causar dano espiritual, a fim de que não se separem espiritualmente dos bons, visto que a necessidade de manter a paz refreia ou adia a severidade da disciplina; contudo, a segurança a deve exigir quando se percebe que algo pode ser castigado pelo tribunal eclesiástico, sem a chaga do cisma, na procura de uma correção fraterna.

Nós dizemos mais: o nome do Senhor é daqueles que o temem,^[149] ainda que estejam no meio das turbas daqueles que não o temem; e dizemos também o que afirma o Apóstolo: “O Senhor conhece os que lhe pertencem. Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia seu nome”.^[150] Se pelo bem da paz, para que não seja colhido antes do tempo e se arranque o trigo junto com o joio alguém é obrigado por necessidade a estar entre os injustos, afaste-se, no entanto, da injustiça e pode invocar

com tranquilidade o nome do Senhor. Com efeito, ao mesmo tempo, tanto se afaste dos injustos como se distancie deles e, estando aqui, se separe deles pelo coração, para merecer no fim se separar desses tais também corporalmente.

26 E o que está escrito: “O louvor não é belo na boca do pecador”,^[151] mas na boca dos fiéis é certamente belo. Cada um tem sua boca, assim como cada um leva seu fardo, e ninguém pode ser ferido pela boca alheia sem o consentimento de seu coração. Mas quando o anúncio de Deus procede da boca do pecador, é preciso investigar a que classe de pecador a Escritura quis se referir nessa passagem. Pois também o publicano, que foi mais justificado que aquele fariseu,^[152] era certamente pecador. Se seus pecados não eram verdadeiros, era falsa a confissão dos pecados; mas se era verdadeira aquela confissão, pela qual mereceu também ser justificado, os pecados, sem dúvida, eram verdadeiros. Poderia dizer o mesmo, com toda verdade, sobre a oração do santo Daniel, a qual, sem dúvida, a pronunciou com sinceridade: “Proferindo minha oração, confessando meus pecados e os pecados de meu povo”.^[153] Portanto, na boca de que pecador o louvor não é belo, senão principalmente do falso e do hipócrita, do qual foge o Espírito Santo, o educador?^[154] Contudo, o hipócrita, quando fala a verdade, ela não é bela, porque essa verdade não se atribui àquele do qual ele não participa; assim como não era bela a profecia na boca do sumo sacerdote Caifás, que ignorava o que estava dizendo, mas como era sumo sacerdote, profetizou.^[155] No entanto, o louvor de Deus é belo por si mesmo aos ouvidos dos que ouvem e creem de coração.^[156]

27 Parmeniano também se atreve, apoiado na sentença apostólica mal interpretada, a insultar aqueles que ele nega terem sido batizados e por isso diz que não o podem administrar. “Que é que possuis”, pergunta o Apóstolo, “que não tenhas recebido?”.^[157] Omitindo a razão e a finalidade que levaram o Apóstolo a dizer isso, o que está implicado no contexto da própria carta, se ele quis dar a entender o batismo nessa expressão, e se ele não pode dar o que não tem, mas não aquele que não o recebera, para que de algum modo o apoie o que está escrito: “Que é que possuis que não tenhas recebido?”, pergunto se não tem o batismo aquele que o recebeu entre os donatistas. Se disserem “tem”, pergunto se o perde aquele que os deixa. Se disserem “perde”, deve ser batizado novamente, se voltar, para lhe ser restituído o que perdera. Mas se isso não se faz e ninguém diz que é preciso fazer, conseqüentemente não o perdeu. Pois, se recebeu e dele não ficou privado, tem certamente o que recebeu e, por isso, não se lhe deve dizer de acordo com a interpretação deles: “Que é que possuis que não tenhas recebido?”.^[158]

Vamos agora à origem do cisma. Pensem o que quiserem sobre Ceciliano, que nós consideramos inocente; ele, sem dúvida, fora batizado na unidade; ainda não havia acontecido essa divisão. Suponhamos, como eles querem, que Ceciliano se tenha afastado da unidade; não perdeu por isso o que recebera. Se voltasse, não devia ser batizado novamente, a fim de lhe ser restituído o que perdera. Pois se do que recebera não estava privado, certamente o possuiu. Portanto, não se podia dizer-lhe com a interpretação perversa que eles fazem: “Que é que possuis que não tenhas recebido?”. Muito menos se poderia dizer isto àquele que recebera o batismo do Senhor por meio

de Ceciliano.

Por que, então, um homem que não estava unido a vós não pôde receber o que não tinha por meio daquele que não perdeu, quando se afastou de vós? Portanto, com quanto descaro dizeis ao mundo inteiro: “Que é que possuis que não tenhas recebido?”? Por isso chegou à África o referido sacramento, pois, por causa de crime de *traditor* algum, podia perder a promessa de Deus, que afirma de um modo muito claro a Abraão: “Pela tua posteridade serão abençoadas todas as nações”,^[159] ainda que os donatistas fossem não ímpios caluniadores dos irmãos, mas verdadeiros juizes de seus pecados.

28 O que alguns deles passaram a dizer, convencidos de sua verdade: “Certamente não perde o batismo aquele que se afastou da Igreja, mas perde o direito de administrá-lo”, revela-se como dito inutilmente de muitos modos. Primeiramente, não se aduz nenhum motivo por que aquele que não pode perder o batismo pode perder o direito de o administrar. Ambos são sacramentos, ambos são conferidos ao homem com certa consagração: um quando é batizado, o outro quando é ordenado; e, por isso, na Igreja não é lícito reiterar nenhum dos dois. Com efeito, se quando mesmo os prelados são recebidos, vindos do referido partido, após ter sido corrigido o erro do cisma pelo bem da paz, ainda que se julgue que seja necessário que exerçam o mesmo ofício que desempenhavam, eles não são ordenados de novo, assim como o batismo, a ordenação permaneceu íntegra, visto que, não nos sacramentos que são os mesmos em todas as partes, mas na divisão, havia um vício que foi corrigido pela paz da unidade. E quando se julga que convém à Igreja que prelados dele, vindos para a comunidade católica, não desempenhem nela os antigos ofícios, no entanto, não lhes são retirados os sacramentos da ordenação, mas permanecem sobre eles. E por isso não recebem a imposição das mãos em público, para se evitar uma ofensa não ao homem, mas ao sacramento. E quando isso acontece por ignorância, não se defende o fato apaixonadamente, mas se corrige o conhecido com caridade e se implora o perdão fácil.

Com efeito, nosso Deus “não é um Deus de desordem, mas de paz”,^[160] e não são os sacramentos de sua Igreja naqueles que os receberam que os fazem seus inimigos, mas eles próprios que se afastaram. Mas assim como eles têm no batismo o que pode ser dado por meio deles, assim também têm o direito de o transmitir na ordenação; ambas as coisas certamente são para sua ruína, enquanto não tiverem a caridade da unidade. Mas uma coisa é não ter, e outra, ter para sua perdição, e outra, ter com vistas na salvação. O que não se tem, deve-se dar quando for preciso que se dê; mas quando se tem para a própria ruína, removido o obstáculo, deve-se agir por meio da correção, para se ter com vistas na salvação.

29 Ainda que um leigo, levado por uma necessidade premente, administre o batismo, que ele aprendeu como se deve administrar quando o recebeu, não sei se alguém vai dizer piedosamente que deve ser reiterado. Se for administrado sem uma necessidade premente e for administrado por qualquer um, o que foi administrado não se pode dizer que não foi administrado, ainda que se possa dizer com razão que foi administrado ilicitamente. O sentimento de quem se lembra e se arrepende corrige a

usurpação ilícita. Mas se não houver correção, o que foi administrado permanecerá para castigo do usurpador, ou daquele que o administrou ilicitamente ou daquele que o recebeu ilicitamente, mas não será considerado nulo.

Jamais será violado por um soldado fiel um sinete real que foi usurpado por particulares. Com efeito, se alguns indivíduos furtivamente cunharem não nas casas da moeda oficiais ouro, prata ou bronze, quando for descoberto, porventura, sendo eles castigados ou indultados, as moedas com um emblema real não serão recolhidas ao erário público? Ou se alguém, ou desertor ou aquele que nunca esteve alistado no exército, coloca em alguém o emblema militar, acaso quando o condecorado for preso será castigado no lugar do desertor e tanto mais severamente quanto poderá provar que nunca pertenceu ao exército? E não será punido com ele aquele que atrevidamente lhe colocou o emblema, se o denunciar? E se, talvez, um não militar tímido, por estar levando no corpo aquele emblema militar, se encher de medo e recorrer à clemência do imperador, e, tendo-se apresentado e suplicado o perdão, passar a ser militar, porventura, o emblema será substituído no homem absolvido e corrigido e não, antes, será aprovado, uma vez revalidado?

Porventura, os sacramentos cristãos se gravam menos profundamente que esse emblema corporal se vemos que não ficam privados do batismo nem os apóstatas, nos quais, tendo estes se convertido pela penitência, não é renovado, e por isso conclui-se que não o perderam? Porventura, é imprópria a comparação com o serviço militar, se o Apóstolo a apresenta, ao falar dos combates atléticos, e brada claramente: “Ninguém, engajando-se no exército, se deixa envolver pelas questões da vida real, se quer dar satisfação àquele que o arregimentou?”^[161]

30 Surge outra questão: se o batismo pode ser administrado por aqueles que nunca foram cristãos. A esse respeito, nada se deve afirmar temerariamente sem a autoridade de um concílio que seja tão importante quanto o exige um assunto de tanta relevância.^[162] Mas a respeito daqueles que se separaram da unidade da Igreja católica, não há problema, pois tanto são batizados como podem batizar, estando fora do vínculo da paz, e, no entanto, estão batizados para sua ruína. Com efeito, isso já foi discutido, examinado e sancionado no mundo inteiro. Se agimos mal, que eles deem a razão por que não se pode perder o sacramento do batizado, como se pode perder o sacramento do ordenado, pois dizem: “Separando-se da Igreja, certamente não se perde o sacramento, mas se perde o direito de administrá-lo”. Ora, se ambos são sacramentos, do qual ninguém duvida, por que se perde um, e não se perde o outro? Não se deve ofender a nenhum dos dois! Se as coisas santas fogem dos maus, fujam ambas; se as coisas santas permanecem íntegras nos maus, permaneçam ambas. Se disserem: “A administração do batismo pode se dar legitimamente somente na Igreja”, respondemos: “Somente na Igreja verdadeira se pode administrar legitimamente o batismo”. Por que não se pode conferir onde não se confere licitamente, se é possível tê-lo onde não se tem licitamente? Acaso porque uma coisa é não ter, e outra é não ter legitimamente? Assim, também, uma coisa é não conferir; outra, conferir não licitamente? Assim como não tem retamente aquele que se afastou da unidade, mas tem, e por isso não é reiterado ao que volta, assim também confere não licitamente aquele que se afastou da unidade, mas, no entanto, confere, e por isso,

para aquele que vem para a unidade, não se reitera.

No entanto, eles afirmam que não lhe foi conferido porque foi conferido não licitamente. Vejamos: se alguém afirma que não pode ser possuído o que não se possui licitamente, ambos protestamos e dizemos que na realidade possui, mas possui não licitamente aquele que se afastou da unidade? Portanto, se quiserem, para que ele ouça sobre que ambos protestamos, eles nos ouvem protestando que certamente confere, mas não confere legitimamente aquele que se afastou da unidade. Consequentemente, assim como não se confere novamente o que tinha, estando fora, assim ao que vem não se deve reiterar o que recebera, estando fora.

Daí se há de entender logicamente que é preciso corrigir a maldade humana, mas que a santidade dos sacramentos de forma alguma se há de violar por parte de um perverso, pois é certo que ela permanece imaculada e inviolada tanto naqueles que estão dentro como naqueles que estão fora. E a respeito do que dizem, ou seja, que os maus os contaminam, isso é verdade enquanto lhes diz respeito pessoalmente, mas os sacramentos permanecem imaculados. No entanto, nos bons permanecem para sua recompensa, nos maus, para sua condenação. Com efeito, também sobre o Espírito foi dito que não se pode extingui-lo de forma alguma: “Não extingais o Espírito”, [163] ou seja, “enquanto depender de vós não procedais, como se pretendêsseis extinguir o Espírito ou considerar que o Espírito se extinguiu”. E o nome de Deus não pode ser de forma alguma profanado, e, no entanto, foi dito: “Um homem e seu pai vão à mesma jovem para profanar o meu santo nome”. [164]

31 E eles não conseguem de forma alguma se desembaraçar, quando lhes é apresentada esta questão: por que a santidade do sacramento não pode ser possuída nem conferida por aquele a quem Deus condenou como criminoso, estando dentro, e começa a não poder ser conferida quando for condenado pelos homens, se, no entanto, nem sequer esse condenado pode perdê-la? Finalmente, por que Feliciano, o qual trezentos e dez bispos o condenaram junto com Maximiano e permaneceu durante muito tempo fora no cisma sacrílego, como eles mesmos declararam no seu concílio, [165] não somente não perdeu o batismo, mas também o direito de administrá-lo? Pois com a mesma dignidade com que saíra, foi recebido com todos aqueles que ele batizou, estando fora, e nenhum deles foi rebatizado porque se julgassem que seria preciso rebatizar alguns deles que ele batizara, estando fora, julgariam que ele perdeu o direito de administrá-lo, estando fora, e, por isso, seria consequente que também o ordenassem de novo, se os batizasse de novo.

Mas quando são chamados de novo à paz de Cristo, passam a caluniar; mas quando se trata da paz de Donato, tornam-se fingidos. O que isso significa, senão o que o também donatista fala a respeito deles? “O que nós queremos, isso é santo.”

32 Por que Parmeniano se alegra com fútil jactância e diz: “Jamais a severidade da lei divina permitirá que um morto possa dar a vida a alguém, que um ferido possa curar, que um cego possa devolver a vista, que um nu possa vestir, que um impuro possa purificar”? Com efeito, mas é o Senhor quem ressuscita os mortos, o Senhor quem cura os doentes, o Senhor quem dá a vista aos cegos, o Senhor quem veste os nus, o Senhor quem purifica os impuros. Por que se arroga o que não é próprio dos

homens? Porventura, há entre eles pessoas vivas que não pequem, para poder dizer que podem também dar a vida? E, no entanto, não podem dar o crescimento. “Eu plantei”, diz o Apóstolo, “Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é, mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento”.^[166] Como pode dar a vida a um morto aquele que não é capaz de dar o crescimento a um vivo? “Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer.”^[167]

Por acaso há entre eles pessoas sadias que possam também curar as não sadias? O que pretendem, senão se opor ao Senhor, para serem eles os dignos de louvor? Mas de forma alguma são seduzidos por eles aqueles que, depositando sua esperança não no homem, mas em Deus, cantam: “Bendize a Iahweh, ó minha alma, e não esqueças nenhum de seus benefícios. É ele quem perdoa tua culpa toda e cura todos os teus males”.^[168] Se ele cura todos os males, não deixou nenhum para que Parmeniano possa dizer que cura. Há tão grandes luminares entre eles que possam também restituir a vista? Nem àquele, o maior entre os nascidos de mulher, o evangelista concede esta faculdade,^[169] ou seja, a João Batista, sobre o qual diz: “Ele não era a luz, mas veio para testemunhar a luz, a luz verdadeira que, vindo a este mundo, ilumina todo homem”.^[170] Se essa luz ilumina todo homem, não resta ninguém a quem Parmeniano possa iluminar, porque, embora os homens santos sejam denominados luzes de algum modo, no entanto, uma coisa são as luzes iluminadas, outra, a luz que ilumina, que é somente aquela da qual o mesmo João Batista diz: “De sua plenitude, todos nós recebemos”.^[171]

Quem os veste senão aquele que diz: “Trazei a melhor túnica”,^[172] e aquele que revestirá de imortalidade este corpo mortal?^[173] E como é possível que qualquer pessoa possa dizer que reveste com a túnica divina a uma pessoa que será grande coisa que mereça ser revestida?

Atreva-se a purificar um impuro, se se atrever antes a dizer que não é impuro, pois somos purificados pela graça de Deus! Mas não purificaremos a ninguém, senão quando a nossa pureza for perfeita; quanto menos agora, quando “um corpo corruptível pesa sobre a alma”.^[174] Pois quem pode dizer: “Purifiquei meu coração, e do meu pecado estou puro”?^[175] Pois purificar e curar, em se tratando de realidades espirituais, significam a mesma coisa. Mas assim como fomos salvos pela esperança,^[176] assim também fomos purificados na esperança, em se tratando da salvação perfeita e da perfeita purificação. Portanto, como poderemos curar e purificar agora, pois não o poderemos, senão quando formos salvos e purificados totalmente?

“Mas Deus”, diz Parmeniano, “realiza tudo isso por meio do homem”. Realiza certamente e o realiza também por meio de Judas, que ele enviou a pregar o Evangelho com os demais apóstolos;^[177] realizou também por meio dos fariseus em favor daqueles que praticavam o que ouviam por meio deles, enquanto eles não faziam o que diziam.^[178] Finalmente, por que os iníquos e criminosos entre eles, ou estejam ocultos, ou sejam tolerados no partido de Donato, dão a vida, curam, iluminam e purificam? Estão eles mortos, estão feridos, são cegos e impuros? Porventura, entre eles os cegos, conduzindo outros cegos, não caem juntos no buraco,

[179] porque, ouvindo e obedecendo, seguem não a si mesmos, mas a Deus, a quem eles anunciam? Certamente que sim! Mas pregam a Deus, se estão a favor de Cristo; mas quando não ajuntam com ele, dispersam; [180] pregando a Donato, não a Deus, são cegos que guiam outros cegos: ambos acabam caindo no buraco.

Sobre a questão do batismo, trataremos mais extensamente, [181] com a ajuda do Senhor, quando respondermos a todos os testemunhos das santas Escrituras que Parmeniano julgou estar opondo a nós, pois ele dessedenta com uma eversão iníqua os que lhe estão próximos. Pois lhes oferece um erro tão lamentável que não somente fala de divisão e separação, mas também quer persuadir que mesmo os livros divinos falem o mesmo.

33 Mas por uma razão, entre outras, esse homem me espanta. Pois, ao falar que não se pode possuir o batismo, a não ser que o tenha recebido, e não pode ser recebido sem que alguém o administre, intercalou um testemunho do Evangelho: “Ninguém pode atribuir a si alguma coisa que não lhe tenha sido dada do céu”. [182] Alguém, desconhecedor dessas palavras, ao começar Parmeniano a dizer: “Ninguém pode atribuir a si alguma coisa que não lhe tenha sido dada do céu”, antes de ter dito “do céu”, esse indivíduo pensava que diria “por Donato”, ou “por Parmeniano”, ou por “alguém da seita de Donato”, ou simplesmente “pela própria seita de Donato”. Conheço o Evangelho e relato que ali está escrito: “Ninguém pode atribuir a si alguma coisa que não lhe tenha sido dada do céu”. Mas acaso Donato é o céu? Acaso Parmeniano é o céu? Mas eles não seriam o céu, mesmo que estivessem no céu. Pois aquele que disse: “Ninguém pode atribuir a si mesmo alguma coisa que não lhe tenha sido dada do céu”, nunca diria “que não lhe tenha sido dada do sol ou da lua ou das estrelas,” os quais, no entanto, estão no céu; quanto menos diria: que não lhe tenha sido dada da seita de Donato, a qual não somente não é o céu nem quer estar no Reino dos Céus! E, sem dúvida, não diria: “Ninguém pode atribuir a si mesmo alguma coisa que não lhe tenha sido dada pela Igreja, pois a própria Igreja a recebe do céu”.

Mas se dissesse: “Ninguém pode atribuir a si mesmo alguma coisa que não lhe tenha sido dada por um homem justo”, os donatistas descarados se apresentariam e se proclamariam justos para receber deles aquele que quisesse receber; mas não importáramos, se seriam justos ou não, mas mostraríamos facilmente que existe entre eles injustos ocultos dentre os denunciados e expulsos; e, no entanto, não os reprovam nem dizem o que foi dado ou recebido desses tais. Mas também estariam falando falsamente, se dissessem: “Ninguém pode atribuir a si mesmo alguma coisa que não lhe tenha sido dada por um homem justo”. Com efeito, o justo, do qual o outro recebe, de quem recebeu? Se também ele recebeu de um justo, também a respeito desse continuo perguntando até chegar ao começo da humanidade, quando alguém não recebeu de um homem; e assim fica provado que é falso que um homem possa receber alguma coisa que não lhe tenha sido dada por um homem.

34 Mas o que pretendem os donatistas mediante o testemunho evangélico, ignorando que por meio dele os homens sejam admoestados, para que despertem de uma vez e percebam que não se deve ter em conta os homens quando uma pessoa

deseja receber algum bem sobrenatural, mas somente aquele que do céu o pode dar à pessoa, porque “ninguém deve atribuir a si mesmo alguma coisa que não lhe tenha sido dada do céu”?^[183] Pois se dizem: “Recebe realmente do céu, não do homem, mas por meio do homem”, pergunto: por meio de qual homem? Se somente por meio de um justo, eles não têm em seu meio esses justos para que recebam por meio de homens cheios de iniquidades e delitos, mas ocultos; mas se também por meio de um injusto, qual a razão para rebatizarem alguém? Se por meio de um injusto, mas oculto, eles não contam com aqueles que foram batizados por Optato, conhecido sequaz de Gildão; e se também por meio de um injusto, mas manifesto, que, no entanto, ainda não condenado, foi também expulso da comunhão da Igreja, não contam com aqueles que foram batizados por Feliciano Mustitano, enquanto esteve fora de sua comunhão no cisma de Maximiano, os quais ninguém rebatiza após voltarem com ele. Finalmente, se uma pessoa, ainda que do céu, não pode receber um dom sobrenatural por meio de homens, pergunto: João Batista, que dissera essas palavras, não se sabe por meio de que homem recebera o que certamente recebera do céu?

Desse modo, por meio dos testemunhos citados por ele, ele está condenado por uma má causa, porque, embora o Filho dissesse que recebeu do Pai e recebe de si mesmo o Espírito Santo, não como que houvesse uma hierarquia entre eles, mas como ele próprio explicou, dizendo: “Tudo o que tem é meu. Por isso vo-lo disse: ele receberá do que é meu e vos anunciará”.^[184] O mesmo João atesta que o homem pode receber algum dom sobrenatural sem a intervenção de um homem, e, antes de o Filho de Deus se fazer homem e depois que ressuscitou e subiu ao céu, tantos santos, cento e vinte pessoas, que estavam reunidas no mesmo lugar, ficaram cheias do Espírito Santo, vindo do céu, sem que nenhum homem da terra impusesse as mãos;^[185] e, além disso, estando já estabelecida a Igreja, o próprio Pedro se admirou de que o centurião Cornélio, com aquelas pessoas que ali estavam, ficasse cheio do Espírito Santo antes de serem batizadas, antes da imposição das mãos.^[186]

Portanto, ninguém recebe sem aquele que o dê; mas pelo que diz respeito à santidade do batismo, Deus está presente, e é ele que o dá e o homem é o que o recebe, seja Deus o que dá por si mesmo ou por meio de um Anjo ou por meio de uma homem santo – ou por meio de Pedro – ou por meio de um homem pecador, tal como já aconteceu, por meio de tantos ou ocultos ou manifestos, aos quais os servos do pai de família não podem permitir que façam a colheita antes do tempo, porque, como palha separada do trigo do Senhor pelo coração até o dia da joeira, não se afastam deles corporalmente, não por temeridade, mas os toleram com amor espiritual.

35 “Aquele que crê com fé indevida”, diz Parmeniano, “é incapaz de alcançar o sacramento do batismo, porque está escrito: ‘O que é torto não se pode endireitar’”.^[187] Como? Se entre eles algum batizado que, por exemplo, pensasse que Cristo começou a existir desde o momento em que nasceu da Virgem Maria segundo a carne, mas, depois, movido pela palavra da verdade, ao ter descoberto ser ele aquele de quem João fala: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”, sobre o qual diz consequentemente: “E o Verbo se fez carne e habitou

entre nós”,^[188] confessou-lhes seu erro anterior e disse que estava nesse erro ao ser batizado, ordenariam, pergunto eu, que fosse rebatizado? Nunca o fariam, certamente, mas se congratulariam com a simplicidade ignorante do homem, antes errada por um pensamento humano, depois corrigida pela razão da verdade. Suponhamos também que tivesse por bem defender tal perversidade com pertinácia e durante muito tempo relutasse em ser corrigido, seria expulso da Igreja e, após conhecer a verdade, se voltasse, decidiriam que devia ser curado pela penitência, mas não seria ferido pela reiteração do batismo, ainda que confessasse que o recebeu na época em que fora batizado por eles.

“O que é torto não se pode endireitar”,^[189] porque de nada lhe valeria o sacramento que recebera se persistisse na fé extraviada, mas, antes, serviria para seu suplício. No entanto, o sacramento permaneceria íntegro pela virtude de sua virtude, mesmo em se tratando de um perverso, a quem o sacramento não adornava, mas julgava, e por isso, de forma alguma, deveria ser violada a santidade desse sacramento, mesmo que fosse necessário corrigir o desvio desse homem.

36 Parmeniano tem o atrevimento de nos apresentar exemplos divinos, por meio dos quais julga mostrar ser preciso buscar um homem santo, do qual se possa receber o sacramento. “O próprio Filho de Deus”, diz ele, Jesus Cristo, do qual procedeu o princípio do batismo espiritual, como deveria ser batizado de acordo com a vontade do Pai, procurou, porventura, os pérfidos e mundanos fariseus ou o santíssimo João?

Mas se fomos convidados a receber o batismo de acordo com esse exemplo, devemos buscar alguém inferior a nós para nos batizar, visto que o Senhor foi batizado por aquele que se antecipara, dizendo que deveria ser batizado pelo Senhor, pois se considerava indigno de desatar suas sandálias.^[190] Ainda mais, para omitir uma investigação mais acurada, vejamos por que nosso Salvador quis ser batizado; pois haveria uma causa justa; talvez porque, como ele mesmo poderia batizar a si mesmo, visto que podia batizar aquele que o batizou, ele, pelo qual tudo foi feito,^[191] quis ser batizado, principalmente, pelo servo, por aquele que foi criado para ensinar a humildade e mostrar que não tem importância por quem alguém seja batizado, contanto que seja batizado com o batismo com que deve ser batizado.

Ele não desprezaria ser batizado pelo fariseu, se os fariseus tivessem um batismo com a graça de um sacramento legítimo, tal como ele queria ser batizado. Com efeito, quando também devia ser circuncidado, acaso procurou a João, pois isso os judeus costumavam fazer? E quando se devia oferecer por ele o sacrifício determinado pela Lei, porventura, evitou o templo que ele chamaria de cova de ladrões?^[192] Esse templo era frequentado tanto pelos bons como pelos maus, e os maus não eram obstáculo para os bons, pois o Senhor que disse: “Sereis santos, porque eu sou santo”,^[193] faz com que seus santos convivam com os maus, se guardam a santidade que recebem, do mesmo modo como o próprio Senhor não foi manchado pelo povo judeu por nenhum contágio de maldade, nem quando recebeu os primeiros sacramentos conforme o caminho perfeito da humildade, já feito homem, nem quando depois viveu até o fim com os discípulos, uma vez escolhidos, inclusive com seu traidor. Pelo exemplo daquele que não somente não pratica o mal, mas não consente em alguma malícia, o trigo está protegido entre a palha, porque não faz tais males nem

consente nos que o fazem, ainda que estejam na mesma lavoura até a colheita, na mesma eira até a joeira, nas mesmas redes até a separação, a qual se fará na praia; os bons toleram os maus.^[194]

Mas eles são verdadeiros cegos que guiam outros cegos;^[195] eles veem no seu meio tantos maus e, pelo bem da paz, não veem o caminho da paz,^[196] e persuadem as pessoas a segui-los, não para se tolerar mutuamente, considerando o vínculo da unidade,^[197] mas se dividir reciprocamente por causa do sacrilégio do cisma.

37 “Mas foi dito pelo profeta ao rei Josafá: ‘Deve-se levar auxílio ao ímpio? Amarás aqueles que odeiam Iahweh, para assim atrair sobre ti sua cólera?’.”^[198] Qual dos nossos diz que o pecador deve ser ajudado no que quer pecar, como Acab, a quem Josafá ajudou partindo com ele para a guerra, quando desprezou as palavras verazes do profeta Miqueias? E, no entanto, nem nesse caso os deméritos do rei Acab prejudicaram a inocência do rei Josafá, porque o Senhor o libertou do perigo da guerra, quando o rei a ele suplicou; mas permitiu que Acab, que desprezou sacrilegamente o conselho do profeta, viesse a cair nas mãos dos inimigos.^[199] E se Josafá passou por algum perigo, o qual o profeta declara que procedeu da ira de Deus, ele o merecera pelo pecado, mas seu porque, como lhe foi dito, ajudou um pecador. Mas as suas demais ações prevaleceram perante Deus. Com efeito, o profeta lhe diz: “Deve-se oferecer auxílio ao ímpio? Amarás aqueles que odeiam Iahweh, para assim atrair sobre ti a sua cólera? Todavia foi encontrado em ti algo de bom, pois eliminaste da terra as aserás e aplicaste teu coração na procura de Deus”.^[200]

Aquele que participa da Igreja de Deus, onde existem também aqueles que procuram seus interesses, não os que são de Cristo,^[201] que anunciam a Cristo por inveja e rivalidade,^[202] diz: “De qualquer maneira – ou com segundas intenções ou sinceramente – Cristo é anunciado e com isso eu me regozijo”;^[203] ele permanece sem mancha e íntegro entre eles, porque não pensa como eles, procurando seus interesses, visto que condena e critica esse proceder, nem os ajuda a pecar, mas ajuda a que Cristo seja anunciado em todas as partes e que tenham fé em Cristo e nele depositem a esperança e o amor aqueles que ouvem e fazem por meio daqueles que dizem, mas não fazem. Com efeito, a esses o Apóstolo ordenou, dizendo: “Não formeis parelha com os incrédulos. Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas? Que acordo entre Cristo e Beliar? Que relação entre o fiel e o incrédulo? Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós é que somos o templo de Deus vivo, como disse o próprio Deus: ‘Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Portanto, saí do meio de tal gente e afastai-vos, diz o Senhor. Não toqueis o que seja impuro, e eu vos acolherei. Serei para vós um pai e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso’”.^[204] Interpretando essas palavras segundo a carne, os donatistas desintegraram-se pouco a pouco em tantas divisões e subdivisões somente na África. Com efeito, não entendem como ninguém se junta com incrédulos senão aquele que pratica o pecado dos pagãos ou favorece o que os cometem; e ninguém se faz participante da iniquidade senão o que comete ou aprova a iniquidade. Mas quem está em comunhão com as trevas senão o que se torna

participante da infidelidade? Desse modo, deixa de ser templo de Deus e se junta aos ídolos.

Mas aqueles que são templos do Deus vivo e no meio de um país complicado e perverso surgem como luzeiros no mundo, trazendo a palavra da vida,^[205] em nada os infecciona e constringe o fato de os tolerarem pela unidade, porque Deus neles habita e com eles caminha, e eles saem do meio dos maus e deles se separam pelo coração, por enquanto, para que, se quiserem fazê-lo pela discórdia do cisma, não se separem espiritualmente dos bons em vez de se separarem dos maus quanto ao corpo.

38 O que está escrito, ou seja, o que Deus disse: “Eu honro aqueles que me honram, e os que me desprezam serão tratados como nada”,^[206] eles não querem considerar. Como vão glorificar a Deus, pois dizem que não puderam encher o mundo as promessas que ele fez aos nossos pais Abraão, Isaac e Jacó, as quais, anunciando-as antecipadamente tanto tempo antes por meio dos profetas, mostrou pelo seu Único, o qual foi feito na carne da descendência de Davi,^[207] para que nele, ou seja, na descendência de Abraão fossem abençoadas todas as nações? Eles dizem que o Filho de Deus disse em vão: “Deixai-os crescer juntos até a colheita”,^[208] como se fosse uma falsidade ou ele se enganasse, visto que somente o joio cresceu pelo mundo, mas faltou o trigo no mundo inteiro, excetuando na seita de Donato. Como podem glorificar a Deus com esses sentimentos, visto estar escrito: “Povo numeroso é glória para o rei, a falta de gente é ruína para o príncipe”?^[209]

E como não vão desprezar o Senhor aqueles que, com incrível temeridade própria da impiedade, sopram o batismo do Senhor naqueles cuja causa não ouviram e os quais não puderam julgar, e se atrevem a se arrogar o que é de Deus, recebem com todas as honras pela paz de Donato aqueles que eles mesmos condenaram. E odeiam contra a paz de Cristo aqueles que eles não ouviram, afirmam que desapareceu naquelas partes da terra o batismo deixado pelos apóstolos e declaram que não desapareceu o transmitido por Feliciano aos maximianistas?

E como podem dizer que os católicos não glorificam a Deus, os quais confiam que as promessas dele se cumprirão sem que o possam impedir quaisquer crimes dos homens, os quais têm tanta veneração pelos seus sacramentos de tal modo que, se forem conferidos por indignos, fica patente que permanecem pela sua incorruptível santidade, ficando eles condenados pela sua perversidade?

39 “Está escrito novamente”, dizem eles: “Não sejais participantes das obras infrutuosas das trevas, antes denunciái-as, pois o que eles fazem em oculto até o dizê-lo é vergonhoso”.^[210] Já dissemos como se devem entender estas palavras, pois não se relacionar é não consentir; o qual é pouco devido à disciplina da Igreja, a não ser que sejam denunciados para poder ser corrigidos. Mas isso se deve fazer salvando-se a paz e quanto o permite a missão de conservar a paz, para não se arrancar também o trigo.

40 O mesmo Apóstolo diz novamente a Timóteo: “Não participeis dos pecados de outrem. A ti mesmo conserva-te puro”.^[211] Ensinou nas palavras seguintes como se há de entender o que disse antes. Com efeito, o que se mantém casto não participa dos

pecados de outrem. Pois, se participar, consente, se consente, se corrompe, se se corrompe, não se mantém casto. Mas finalmente Parmeniano despertou e dá atenção ao que dizia Ticônio, mas em vão, pois imediatamente fechou os olhos contra a verdade por amor à sua sentença. Com efeito, ele disse: “Porventura, irmão caríssimo, os pecados de outrem não mancham os outros? Isso é não comunicar com os criminosos, ou seja, ainda que te mistures com eles, não praticar suas obras”.

No entanto, não disse tudo. É pouco não praticar suas ações, a não ser que causem desagrado; é pouco que desagradem, se não são corrigidas. Pois uma coisa é não praticar, outra é denunciá-las. Portanto, por que começou a ver, logo desistiu e não quis chegar até o fim, e fez constar apenas um terço do total? Porventura, pensou em cortar a sentença da verdade, tal como fizeram com o povo?

Nós dizemos que aquele que não pratica o mal e não consente ao que o pratica e o repreende permanece íntegro e firme entre os pecadores, como o trigo no meio da palha; mas ele somente diz: “Não praticar suas obras”. Contudo, vejamos como refuta essa terceira partezinha de toda a sentença.

41 “Todo aquele que venera a lei não ignora o que é contra a lei divina.” Ainda que se possam dizer essas palavras de modo geral. Com efeito, outro pode dizer: todo aquele que venera a lei divina não ignora o que está de acordo com a lei. Mas é preciso provar, não dizer: vejamos como ele prova. O que aproveita ter conservado a inocência, se está mesclado com os culpados e se tornou cúmplice deles? Pois, se assim é, não adianta ter conservado a inocência, mas a inocência não foi guardada. Não se pode dizer com razão: mesclado com os culpados e seus cúmplices, a não ser pelo consentimento da consciência maculada. Mas aquele que cumpre o que está escrito: “Nada que seja iníquo agrada ao justo”,^[212] em qualquer parte onde a necessidade o obrigue a viver, não pode se mesclar com as iniquidades. Como poderás permanecer incorrupto se te associas aos corruptos?

Tudo bem, se se associa com eles, ou seja, se comete com eles algum mal ou favorece os que o cometem; mas se não faz nenhuma das duas coisas, não se associa com eles de forma alguma. Contudo, se acrescenta a terceira parte, de modo a não ser remisso em castigar, mas, como justo, corrija e repreenda com misericórdia;^[213] ou também, se desempenha esse cargo e se a razão para manter a paz o exige, corrija os pecadores na presença de todos, para suscitar o medo nos outros, o destitua também ou de algum posto de honra ou da comunhão dos sacramentos, e faça tudo isso com desejo de corrigir, não de perseguir com ódio; desse modo cumpriu perfeitamente o dever, não somente de casta inocência, mas também da severidade diligente. Mas quando as demais coisas não podem ser feitas, outros dois elementos mantêm o justo incorrupto e casto, de modo a não praticar o mal nem aprovar o mal que foi feito.

42 Mas vejamos em que baseia o que afirma: “Estando escrito: ‘Um pouco de fermento leveda toda a massa’”.^[214] Isso disse Parmeniano e foi embora, e não se lhe pode mostrar que não há somente um pouco de fermento na seita donatista, mas muito veneno daqueles ovos de víbora rompidos,^[215] e daquelas víboras enormes condenadas em atenção a Primiano e que voltam de novo a Primiano. “Mas se corrigiram”, diz ele, “graças a Deus!”. Se for verdade, não me parece errado. E oxalá

o tenha feito perfeitamente. Pois, se voltar dos maximianistas à seita de Donato já representa algum grau de correção, quanto mais verdadeira e mais perfeita é a correção voltar da seita de Donato para a unidade católica! Foi Ticônio quem, naqueles tempos, disse muitas coisas, por meio das quais, que ele conhecia por dentro, dizia como não queriam confessar que toda sua massa estava corrompida não pelo seu pouco, mas muito fermento, enquanto eles proclamavam que o mundo inteiro fora fermentado pelos pecados dos africanos.

Mas se ainda lhes apraz entender desse modo as palavras apostólicas, eu os admiro quando querem defender Optato Gildoniano a ponto de não admitir que tenha sido ele fermento, nem um pouco. Se o admitirem, quão grande será sua massa a ponto de não poder se corromper toda ela? Mas se se corrompeu somente naqueles aos quais Optato agradava, tenham a esperteza de entender tudo que leem, ou seja, que toda a massa está naqueles aos quais diz respeito tudo o que se diz, seja bom, seja mau.^[216] Diz respeito aos que consentem, mas não diz respeito aos que não consentem de forma alguma; e por isso é preciso corrigi-los pela disciplina eclesiástica, para que não atinjam a muitos pela persuasão. Porque, onde a razão da paz permitir essa correção, e não se faz, da negligência se origina a culpa e estão em perigo de consentir por negligência no corrigir.

43 Por essa regra, deve-se interpretar o que a continuação expõe, dizendo que está escrito: “É uma lei perpétua para todos os vossos descendentes. E isso sempre que tiverdes de separar o sagrado do profano, o impuro e o puro”.^[217] Qualquer um faz isso tanto melhor quanto mais progride na Igreja. “Quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio.”^[218] E ainda que os servos do pai de família já percebessem a diferença entre ambos, recebem a ordem de deixar crescer o joio até a colheita.^[219]

Mas isso é suficiente. O que falta vai ser focado e examinado com mais atenção em outro momento.

LIVRO 3

Zelo da disciplina eclesiástica em favor da unidade

1 No campo da piedade, toda medida da disciplina eclesiástica deve ter como objetivo a unidade do Espírito no vínculo da paz; isso o Apóstolo ordenou no tocante a manter a tolerância recíproca; e não se observando isso, o remédio do castigo torna-se não somente supérfluo, mas também danoso; e por isso já não seria remédio. Aqueles maus filhos, não por aversão às iniquidades alheias, mas pelo desejo de dissensão, empenham-se em atrair ou certamente dividir o povo incauto enredado na importância de seu nome; e revelam-se inchados pela soberba, violentos pela obstinação, pérfidos pelas calúnias, turbulentos pelos tumultos. Para não parecer serem carentes da luz da verdade, estendem a sombra da severidade rígida. E para o que está ordenado pelas santas Escrituras, salva a sinceridade do amor e mantida a unidade da paz para corrigir defeitos fraternos, são levadas a cabo medidas curativas deveras pungentes; e o usurpam para o sacrilégio do cisma e para um pretexto de divisão, dizendo: “Eis o que diz o Apóstolo: ‘Afastai o mau de vós mesmos’.”^[1] Não lhes seria ordenado afastar-se dos maus se não prejudicassem”, dizem eles, “os bons”.

2 Vejamos por enquanto se o Apóstolo disse não em vão: “Afastai os maus da vossa companhia”, mas: “Afastai o mau de vós mesmos”,^[2] porque também, embora alguém seja impedido de separar os homens maus da unidade da Igreja, se retira o mal de si mesmo, deixa de haver uma ligação com eles, e, assim, não somente se junta espiritualmente aos bons, mas também se separa dos maus. Assim como, depois de ter dito a Timóteo naquela passagem: “Não participes dos pecados de outrem”,^[3] como se ele dissesse que podia acontecer que não poderia separar alguns maus da comunhão eclesiástica e nesse caso seria obrigado a tolerá-los, como que aconselhando sobre o modo de não participar dos pecados deles, diz: “A ti mesmo, conserva-te puro”. Com efeito, não pode ter comunhão com os maus a não ser um mau, mas o bom, de forma alguma, ainda que viva na mesma sociedade. Assim também, depois de ter dito aos coríntios: “Acaso compete a mim julgar os que estão fora? Não são os de dentro os que vós tendes de julgar?”^[4] para não serem perturbados pelo número de maus, misturados com o trigo, de tal modo que não possa ser colhido e separado, disse: “Afastai o mau de vós mesmos”. Desse modo, se não fosse possível afastar os maus de sua companhia, afastando o mau de si mesmo, ou seja, não pecando com eles nem consentindo com eles para pecar ou favorecendo o pecado, viveriam totalmente íntegros e incorruptos entre eles, porque é pelo seu mal que se dá consentimento aos maus; mas se afasta de si mesmo o mau, não há como consentir nos pecados alheios.

Por isso todo aquele que desprezar também a disciplina da Igreja a ponto de desistir de admoestar, corrigir e reprovare os maus, com os quais não peca nem os favorece, ainda que ostente o cargo e a paz da Igreja tolere que se separe também da participação nos sacramentos, não peca pelos pecados de outrem, mas pelo seu. Pois a negligência em assunto tão importante é um mal, e por isso, assim como o Apóstolo adverte que se afaste o mal de si mesmo, não somente afastará a audácia de o cometer

e de consentir no seu contágio, mas também a negligência em corrigir e a negligência em castigar, tendo a prudência e a obediência que o Senhor ordenou para não prejudicar o trigo.^[5]

Todo aquele que tolerar o joio no meio do trigo com a intenção de afastar os maus de si mesmo, não está em comunhão com eles e separa e julga as coisas no dia presente,^[6] pois ignora o que vai acontecer amanhã. E por isso, mantendo o amor, não sem esperança de correção, deve-se castigar tudo o que a necessária severidade obriga a se castigar. Para isso ficar bastante claro, examinemos com mais diligência toda essa passagem da carta apostólica.

3 “Que preferis? Que eu vos visite com vara ou com amor e com espírito de mansidão?”^[7] Está claro que ele fala de castigo e para significá-lo mencionou a vara. Porventura, também a vara pode ser aplicada sem amor, pois assim disse: “Que eu vos visite com vara ou com amor?”. Mas o que vem em seguida: “em espírito de mansidão”, adverte que se deve entender com amor, pois a vara não tem caridade. Mas uma coisa é a caridade com severidade, e outra, a caridade com mansidão. A caridade é certamente única, mas se manifesta de diferentes maneiras de acordo com as circunstâncias. Ele diz: “É geral ouvir-se dizer que entre vós existe a luxúria, e luxúria tal que não se encontra nem mesmo entre os pagãos; um dentre vós vive com a mulher de seu pai”.^[8]

Perante tão abominável procedimento, vejamos como ele ordena que castiguem: “E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na tristeza, a fim de que o autor desse mal fosse eliminado do meio de vós”.^[9] Por que “tristeza” em vez de “cólera”, a não ser porque, “se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento”?^[10] E não “tristeza” porque seria eliminado, mas “tristeza [...] que fosse eliminado”, ou seja, para que a dor dos que lamentavam subisse a Deus e ele eliminasse de seu meio aquele que praticou tal ato, como ele sabia fazê-lo; assim evitaria que eles, devido à imperícia humana, arrancassem ao mesmo tempo também o trigo.

Portanto, quando a necessidade obriga a aplicar tal castigo, a humildade dos que sentem tristeza deve suplicar misericórdia, a qual é repelida pela soberba dos que castigam. E não se deve descuidar da salvação daquele que é eliminado de seu meio, mas se deve proceder de tal forma que o tal castigo lhe seja útil e recorrer a promessas e orações, se não puder ser corrigido com repreensões. E por isso, prossegue e diz: “Quanto a mim, ausente do corpo, mas presente em espírito, já julguei, como se estivesse presente, aquele que assim procedeu. É preciso que, em nome do Senhor Jesus, estando vós e o meu espírito reunido em assembleia com o poder de nosso Senhor Jesus, entreguemos tal homem a Satanás para a perda de sua carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor”.^[11]

Portanto, o que pretendia o Apóstolo, senão que, pela perda da carne, se olhasse pelo bem da saúde espiritual, para que, sem algum castigo ou morte corporal, como aconteceu a Ananias e a sua esposa, que caíram mortos aos pés do apóstolo Pedro,^[12] ou pela penitência, porque tendo sido entregue a Satanás, desse fim em si à criminoso concupiscência da carne; pois ele diz do mesmo modo: “Mortificai, pois, os vossos

membros terrenos”,^[13] entre os quais menciona também a luxúria, e novamente diz: Pois, se viverdes segundo a carne, morrereis, mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis”.^[14] No entanto, não afasta a caridade fraterna em favor daquele a quem ordenou que fosse separado da companhia dos irmãos. Com efeito, isso diz mais claramente aos tessalonicenses: “Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta, notai-o, e não tenhais nenhuma comunicação com ele para que fique envergonhado. Não o considereis, todavia, como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão”.^[15]

Ouçam os donatistas de uma vez e procurem entender como a caridade apostólica se esforça a fim de que, tolerando-nos mutuamente, empenhemo-nos em manter a unidade da paz no vínculo da paz.^[16] Pois também aqui, depois de ter dito: “Não o considereis como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão”,^[17] como que mostrando por que disse isso, acrescentou: “O Senhor da paz vos conceda a paz, em todo tempo e lugar”. Também a respeito daquele que vivia com a esposa de seu pai,^[18] indica antes a tristeza e recomenda a caridade pacífica em todas as passagens, assim como diz também de si mesmo: “Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha a prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação e das dissoluções que cometeram”.^[19] E um pouco depois diz: “Já o disse e, como por ocasião da minha visita, torno a dizer hoje, estando ausente, àqueles que pecaram anteriormente e a todos os outros, se voltar, não usarei de meias medidas”.^[20]

Portanto, julgava, lamentando-se, que a misericórdia de Deus constrangesse e corrigisse os pecadores sem o rompimento do vínculo da paz, no qual reside toda a salvação, assim como se interpreta que assim procedeu a respeito daquele que fornicara com a esposa de seu pai. Com efeito, não se depara a que outro quis se referir na segunda carta aos mesmos coríntios, quando diz: “Por isso foi em grande tribulação e com o coração angustiado que vos escrevi em meio a muitas lágrimas, não para vos entristecer, mas para que conheçais o amor transbordante que tenho para convosco. Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas em certa medida (não exageremos) a todos vós. Para tal homem, basta a censura infligida pela maioria. Eis por que, muito ao contrário, perdoai-lhe e consolai-o, a fim de que não seja absorvido pela tristeza excessiva. Sendo assim, exorto-vos a que deis provas de amor para com ele, pois, ao escrever-vos, eu tenho em mira pôr à prova a vossa obediência e averiguar se era total. Àquele a quem perdoais, eu perdoo! Se perdoei – na medida em que tinha de perdoar –, eu o fiz em vosso favor, na plena presença de Cristo, a fim de que não sejamos iludidos por Satanás. Pois não ignoramos as intenções dele”.^[21]

O que se pode dizer com mais moderação, com mais zelo, com mais demonstração de solicitude piedosa e caridade, tanto paterna como materna? Assim como oferece a correção ao pecador, também quer que a seu coração seja restituída a consolação, uma vez corrigido e triturado e humilhado o pecador pela penitência, “a fim de que não seja absorvido, diz ele, pela tristeza excessiva”. Mas o que dizer sobre as palavras com as quais concluí essa sentença: “A fim de que não sejamos iludidos, diz ele, por Satanás. Pois ignoramos as intenções dele”? Pois ele é quem persuade um castigo

cruel com a aparência de uma severidade como que justa, nada mais pretendendo, com sua astúcia venenosa, senão corromper e romper o vínculo da paz e da caridade. Tendo-se conseguido que ele se mantenha firme, todas as suas forças tornam-se inválidas entre os cristãos, e desfaçam as ratoeiras de suas insídias e esvaneçam seus projetos de destruição.

4 Ainda que o Apóstolo se tenha referido a um outro na segunda carta aos coríntios, no entanto, deixou claro em suas palavras quanta caridade a sanção eclesiástica deve ser aplicada contra uma pessoa. Essas palavras são as que donatistas, não as entendendo, costumam alegar como principais entre suas calúnias: “Que o justo me bata, que o bom me corrija, que o óleo do ímpio não perfume minha cabeça”.^[22] Mas como eles não sabem corrigir com misericórdia, tanto invectivaram a inocência de Ceciliano com cruéis suspeitas como ungiram o poder de Optato Gildoniano com suas falazes adulações. Com efeito, se, gemendo e chorando, tolerassem pelo vínculo da paz as injustiças de Optato, não romperiam a paz verdadeira e católica na santa unidade pelo mundo, ou lamentariam certamente de tal modo a unidade rompida pelos seus antepassados com nefasta cegueira que, experimentando pelo menos em si mesmos quantos maus são obrigados a tolerar pela paz de Donato, pela paz de sua própria correção, cessariam com suas maldosas calúnias.

5 Mas voltemos ao que vem em seguida na primeira carta aos coríntios. O Apóstolo, depois de ter dito: “Entreguemos tal homem a Satanás para a perda de sua carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor”,^[23] recomendando uma vez e outra que isso se faça com a humildade dos que choram, não com a soberba de quem castiga, acrescenta em seguida: “Não é digno o vosso motivo de vanglória, ou como um sinal de reprovação: como é digno o vosso motivo de vanglória!”.^[24] Consta assim em alguns manuscritos, principalmente latinos, embora a sentença tenha o mesmo sentido em uns e em outros. Com efeito, não se há de temer que alguém entenda que ele tenha dito como elogio: “Como é digno vosso motivo de vanglória!”, se ele disse acima: “E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na tristeza”; e logo acrescenta: “Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa?”,^[25] que pode fazer referência com muita propriedade à referida corrupção da vanglória. De fato, a soberba procedente da antiguidade do primeiro homem, que caiu devido à soberba, como que por sua mente fermentada e corrompida, faz com que, formando uma só massa, torne orgulhosos aqueles que nela consentem com semelhante jactância vaidosa.

E o gloriar-se não de seus pecados, mas sobre os pecados de outrem, como que fazendo comparação com sua inocência, parece ser um pouco de fermento, pois gloriar-se também de suas iniquidades é muito fermento; mas aquele pouco leveda toda a massa. Com efeito, o soberbo cai pelo mérito de sua soberba e passa a querer gloriar-se também, ao desculpar-se de seus pecados. O mesmo Apóstolo, prevendo-o, disse: “Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair”;^[26] e novamente: “Caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espirituais, corrigi esse tal com espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado. Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo”.^[27] O que significa lei de

Cristo, senão: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros”?^[28] O que significa lei de Cristo, senão: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou”?^[29] Portanto, o que ele disse aqui: “Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo”, o diz também em outra passagem: “Suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.^[30]

Também naquele fariseu parecia haver pouco fermento, pois não se lastimava de ser pecador, mas se orgulhava de seus merecimentos à vista dos pecados do outro. Mas o outro, confessando seus pecados, desceu mais justificado que o fariseu, que se gabava de seus merecimentos, “pois todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado”.^[31]

Mas o Apóstolo continua e diz: “Purificai-vos do velho fermento para serdes nova massa, já que sois sem fermento”.^[32] O que significa: “para serdes” e o que significa: “como sois”, senão que havia entre eles os tais e havia os não tais, os quais advertia que fossem tais, seguindo o exemplo dos tais? No entanto, adverte a todos ao mesmo tempo, evitando que os primeiros não perdessem a esperança a respeito daqueles que ainda não eram tais e pensassem que não pertenciam ao mesmo corpo, e os admoesta, ao dizer: “para serdes como sois”. Com efeito, sabiam aqueles que já eram tais e, pela orientação do Apóstolo, deviam saber mais ainda que deviam tolerar aqueles que não eram tais, para que, tolerando-se mutuamente com amor, mantivessem a unidade do espírito pelo vínculo da paz,^[33] e, carregando os fardos uns dos outros, cumprissem de fato a lei de Cristo.^[34]

E porque nosso Senhor Jesus Cristo se dignou humilhar-se até a morte de cruz para ensinar o caminho da humildade, e, como um médico, tolerou de tal modo com amor os doentes que pecavam, sobre os quais disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes”,^[35] logo em seguida apresentou o exemplo principal: “Pois nossa Páscoa, Cristo, foi imolado”,^[36] a fim de que, com o exemplo de tão grande humildade, aprendessem a purificar o velho fermento, ou seja, tudo o que neles tinha ficado de soberba do velho homem. “Celebraremos, portanto, diz ele, a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da malícia e perversidade, mas com pães ázimos: na pureza e na verdade”.^[37] Malícia e perversidade é gloriar-se do pecado alheio, como que tem agora ocasião de se alegrar de sua justiça, ao ver um outro que não é justo. Mas a sinceridade é também verdade; mesmo se alguém progride, lembra-se do que foi e se compadece muito mais dos que caem, pois ele foi erguido de sua queda pela misericórdia de Cristo, que, sem nenhum pecado próprio, humilhou-se pelos pecadores.

6 Mas evitando que os pecados alheios lhe fossem indiferentes ou não fossem tidos em conta devido à hipocrisia, o que não é menos cruel que a soberba, prossegue e diz: “Eu vos escrevi em minha carta que não tivésseis relações com impudicos. Não me referia, de modo geral, aos impudicos deste mundo, ou aos avarentos, ou aos ladrões, ou aos idólatras, pois então teríeis de sair deste mundo”;^[38] ou seja, se vos quereis preservar dos pecadores deste mundo, que estão fora da Igreja, deveis sair deste mundo. Com efeito, vossos cuidados neste mundo são no sentido de ganhar pecadores para alcançardes a salvação; não o podeis conseguir, se evitardes conversar e

conviver com eles. “Não”, diz ele, “escrevi-vos que não vos associeis com alguém que traga o nome de irmão e, não obstante, seja impudico, ou avarento, ou idólatra, ou injurioso, ou beberrão, ou ladrão. Com tal homem não deveis nem tomar refeição. Acaso compete a mim julgar os que estão fora? Não são os de dentro que vós tendes de julgar? Os de fora, Deus os julgará. Afastai o mau do meio de vós”.^[39]

7 Eis como o Apóstolo conclui essa sentença, em cuja última parte Parmeniano, ao citá-la, disse que estava escrito: “Afastai o mau de vós mesmos”. Se certamente, diz ele, o mau não prejudicasse os bons e íntegros, não seria dado o preceito para afastá-lo. Mas omitiu o que foi dito acima e por isso chegou a essa interpretação; com o que omitiu, desejava persuadir de que era mister fazer a separação corporal com respeito aos maus, para o qual poderia ser ajudado pelo Apóstolo, que diz: “Com tal homem não deveis nem tomar refeição”.^[40] Portanto, por que não mencionou o que parecia poder ajudá-lo mais na sua intenção? Com efeito, como insiste com tanta força em persuadir que é preciso haver separação corporal com respeito aos que vivem mal, por que não aproveita o testemunho do Apóstolo, que diz: “Escrevi-vos que não vos associeis com alguém que traga o nome de cristão e, não obstante, seja impudico, ou avarento, ou idólatra, ou injurioso, ou beberrão, ou ladrão; com tal homem não deveis nem tomar refeição”,^[41] a não ser porque percebeu que, se dissesse isso, poder-se-ia responder-lhe: “Porventura, vós, ainda que não tendes, ou os ignorais, fornicadores ou idólatras, não vedes e conheceis nenhum avaro, ou injurioso, ou beberrão, ou ladrão? Por que, contra o preceito do Apóstolo, não somente tomais refeição com tais homens, mas também comungais com eles à mesa do Senhor?”. Parmeniano, pelo que julgo, pretendeu evitar isso para que não lhe fosse respondido, para não fazer constar o que pareceria soar com tanta força em favor de sua causa. De fato, se não tivesse percebido esse capítulo da carta apostólica, não teria mencionado, sua última parte: “Afastai o mau de vós mesmos”.^[42]

8 Mas porque dissemos isso, talvez não ousarão negar que tenham em seu meio avarentos, ou injuriosos, ou beberrões, ou ladrões, e se empenharão, talvez, em defender o próprio Optato, que foi conhecidíssimo em toda a África, o qual toleraram tanto tempo. Portanto, digam, se puderem, que têm uma Igreja melhor e mais pura do que era a unidade nos tempos do bem-aventurado Cipriano, que, a seus colegas, dos quais não se afastou por nenhuma separação corporal, a ninguém mencionando pelo nome, mas aplicando com prudência e moderação o remédio salutar, mas amargo, acusa-os severamente, pois queriam possuir dinheiro com abundância; havendo irmãos na Igreja passando fome, roubavam propriedades usando de fraudes insidiosas, aumentavam os juros, multiplicando-os pela usura.^[43] E para mostrar claramente que se referia àqueles com os quais vivia na comunhão de uma só Igreja, acrescentou em seguida: “O que não mereceríamos sofrer por semelhantes pecados?”.^[44] Não diz “mereceriam”, mas “mereceríamos”; de forma alguma teria dito, não sendo ele desses tais, se não quisesse manifestar que lamentava as obras daqueles que deveriam estar juntos não somente pela unidade da Igreja, mas também por serem membros do mesmo colégio, ainda que se diferenciasse deles pela vida, pelos costumes e pelas intenções.

Digam os donatistas que sua Igreja está melhor agora e não têm tais colegas, quais teve Cipriano na própria unidade. Acreditem os que quiserem e fechem os olhos a esses maus que, devido a seus costumes, batem no rosto daqueles que dissimulam; eu lhes lembrarei aqueles primeiros tempos da unidade e lhes perguntarei se existia a Igreja de Cristo ou não existia, quando vivia aquele tão preclaro bispo de Igreja de Cartago, Cipriano, que gemeu devido à situação pecaminosa de seu colégio, conforme testemunho de sua vontade livre como daqueles escritos que passaram à posteridade. Se existia, pergunto como Cipriano e os demais iguais a ele cumpriam o que o Apóstolo ordenou: “Escrevi-vos que não vos associeis com alguém que traga o nome de cristão e, não obstante, seja impudico, ou avarento, ou idólatra, ou injurioso, ou beerrão, ou ladrão. Com tal homem não deveis nem tomar refeição”,^[45] se comiam e bebiam do cálice do Senhor com aqueles avarentos e ladrões que desejavam ter abundância de ouro, havendo na Igreja irmãos passando fome, apropriavam-se de propriedades mediante fraudes e astúcia, aumentavam suas rendas, multiplicando os juros.

9 Porventura, são leves esses delitos e de pouca importância? Os donatistas costumam dizê-lo, pesando-os não na balança justa das Escrituras divinas, mas na balança falsificada de seus costumes. Tudo o que há de delito e de iniquidade inebria a multidão, perde o sentido de verdade. Mas elas são por isso oráculos transmitidos aos homens como um espelho sincero, para que cada um veja nelas quanto representa qualquer pecado, o qual, talvez, seja grande e se despreza pelo costume cego dos que vivem mal. Foi a avareza acusada mais gravemente pelas Escrituras divinas do que foi mostrada como igual à idolatria e denominada por seu nome no dizer do Apóstolo: “A avareza que é idolatria”?^[46] É possível considerá-la digna de um castigo maior do que constar entre aqueles delitos que seus praticantes não possuirão o Reino de Deus?

Abram os olhos do coração para evitar que os olhos corporais se abram em vão, e leiam o pregador imparcial da verdade na mesma primeira carta aos coríntios: “Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus”.^[47] Portanto, como Cipriano e outros, trigo do Senhor naquela então unidade da Igreja, comiam o pão do Senhor e bebiam do cálice do Senhor com os avarentos e os ladrões, com aqueles que não herdarão o Reino de Deus; não leigos ou quaisquer clérigos, mas os próprios bispos com os quais não se deve tomar refeição?^[48] Acaso porque não podiam separar-se deles corporalmente, para se arrancar o joio junto com o trigo, era-lhes suficiente separar-se deles pelo coração, diferenciar-se deles pela vida e pelos costumes, estabelecendo uma compensação para preservar a paz e a unidade, considerando os fracos e como que lactentes dentre os que eram trigo, e assim não dilacerarem os membros do corpo de Cristo mediante cismas sacrílegos?

10 Mas não insisto que alguns deles entendam desse modo; eles expliquem como aquela tão gloriosa Igreja pôde existir sem mancha e sem ruga,^[49] quando queriam possuir ouro com abundância, havendo irmãos que, na Igreja, passavam fome, quando se apropriavam de propriedades com fraudes e embustes, quando

aumentavam suas rendas multiplicando os juros, quando estavam envolvidos em tão grandes delitos, e ainda mediante eles podiam herdar o Reino de Deus. Pois, se a Igreja gloriosa sem ruga e sem mancha constasse apenas daqueles que choravam e lamentavam aqueles delitos que tinham lugar em seu meio, razão pela qual esses tais mereceram também ser marcados com o sinal especial, de acordo com o profeta Ezequiel, para escapar, protegidos, da devastação e da perdição dos iníquos,^[50] deixem de caluniar os bons que não praticam os males, levados por uma mórbida cupidez, mas que toleram por uma caridade pacífica aqueles aos quais foi dito: “Bem-aventurados os que promovem a paz”.^[51]

Com efeito, por essa razão, o Espírito Santo, por meio do mencionado profeta Ezequiel, designou com tal palavra os maus que os bons toleram na unidade, a ponto de dizer que estão estabelecidos no meio dos bons, pois, se dissesse bons no meio dos maus, pareceriam ser um grupo separado pelo lado de fora: “Gemendo e chorando, diz ele, por causa de todas as abominações que se fazem no meio deles”;^[52] desse modo, seríamos levados a pensar que seriam iníquos, não somente não excluídos, mas, pelo contrário, que estariam dentro.

11 Mas se então a Igreja não existia, pois Cipriano e todos os que com ele conheciam aqueles ladrões, mas eles não eram, ainda que os acusassem com profundas lamentações e vozes autorizadas, contudo, entrando com eles na Igreja e celebrando os mesmos sacramentos numa mesma assembleia, com uma comunhão íntima, por que não obedeceram ao Apóstolo que ordena que não se deve tomar refeição com tais pessoas e: “Afastai o mau de vós mesmos”, por que ainda trabalhamos? Por que eles se vangloriam de ter uma Igreja, se deixou de existir já naqueles tempos? Digam então de onde surgiram Maiorino ou Donato e por meio deles nasceram Parmeniano e Primiano. Com efeito, o que lhes aproveita o fato de avarentos e ladrões, com os quais o Apóstolo proíbe que se tome refeição, se não existirem agora em sua assembleia ou mentirem que não têm conhecimento da existência deles e, no entanto, esses tais existiram naquela Igreja da unidade, da qual eles se vangloriam de ter procedido, de modo a se empenhar em persuadir que a Igreja continuou apenas em seu grupo, ou seja, na comunhão de Donato?

Mas se eles dizem que a Igreja desapareceu pela comunhão com esses tais, por que não dizem que ela deixou de existir já nos tempos de Cipriano? E assim, não encontrando de onde nasceram, deixem de dizer que permaneceu entre eles a Igreja que, conforme dizem, deixou de existir totalmente nos primeiros tempos. Mas se ela sempre permaneceu, como permanece e permanecerá nos bons, aos quais esses delitos não agradam, aprendam de uma vez a interpretar nesse sentido o que diz o Apóstolo: “Afastai o mau de vós mesmos”,^[53] para que, empenhando-se em fazer a colheita por meio de cismas, arranquem o joio junto com o trigo.

12 Mas alguém dirá: “Como poderemos obedecer ao Apóstolo, que ordena e que diz: ‘Com tal homem não deveis nem tomar refeição?’”.^[54] Se ordenasse ser preciso apenas separar-se dele pelo coração, não diria: “E vos escrevi em minha carta que não tivésseis relação com impudicos. Não me referia, de modo geral, aos impudicos deste mundo”,^[55] ou seja, com aqueles que não eram cristãos, sobre os quais diz depois:

“Acaso compete a mim julgar os que estão fora? Não são os de dentro que vós tendes de julgar? Os de fora, Deus os julgará”.^[56]

“Portanto, ao preceituar a respeito de tal separação, que não se efetua com relação aos maus que não são cristãos, mas com aqueles que são cristãos, no entanto, a separação pelo coração se deve fazer com relação a todos os maus, e por isso é preciso separar-se pelo coração daqueles maus que não são cristãos, o que resta senão que entendamos que o Apóstolo nos ordena que com alguns maus cristãos que ele designa não cultivemos a relação que cultivamos com os pagãos na convivência humana? E por isso diz em outra passagem: ‘Se algum gentio vos convidar e aceitardes o convite, comei de tudo o que vos for oferecido, sem suscitar questões por motivo de consciência’,^[57] e, no entanto, aqui diz: ‘Com tal homem não deveis nem tomar refeição’.^[58] Permite tomar refeição com os infiéis, ou seja, com aqueles que ainda não creram em Cristo, com os quais, conforme diz, devem comer o que lhes for oferecido, os quais Deus julgará, pois estão fora,^[59] mas com aqueles que estão dentro, ou seja: “Se alguém traz o nome de cristão e, não obstante, é impudico, ou avarento, ou idólatra, ou injurioso, ou beberrão, ou ladrão”, proíbe até mesmo tomar refeição com eles. Persuade, portanto, a separar o joio do trigo antes da colheita. Se não quisermos fazê-lo, porque o Senhor proíbe, devemos tolerá-los, continuar com eles pela separação da vontade e do coração, e, por isso, nem mesmo tomar refeição com eles, porque o Apóstolo proíbe”.

13 Não direi nada de novo ou insólito neste conjunto de questões, mas o que o bom senso da Igreja observa, de modo que, quando algum dos irmãos, ou seja, dos cristãos estabelecidos dentro da Igreja, for surpreendido em algum de tais pecados e for considerado digno de anátema, isso se faça onde não houver perigo de cisma e com aquela caridade sobre a qual o Apóstolo ordena em outro lugar, dizendo: “Não o considereis, todavia, como um inimigo, mas procurai corrigi-lo como irmão”.^[60] Com efeito, não se procede desse modo para arrancá-lo, mas para corrigi-lo. E se ele não se reconhecer como tal e não se corrigir pela penitência, ele mesmo se excluirá e pela própria vontade se separará da comunhão da Igreja.

Com efeito, também o Senhor, quando disse aos servos que queriam colher o joio: “Deixai-os crescer juntos até a colheita”, antecipou a causa dizendo: “Para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo”.^[61] Mostrou nessas palavras que, quando não existe esse temor, permanece certa garantia sobre a estabilidade do trigo, ou seja, quando o delito de alguém for de tal modo conhecido e considerado execrável por todos que não tenha ninguém que o defenda ou não sejam tais que por meio deles possa acontecer um cisma, não durma a severidade da disciplina, na qual é tanto mais eficaz a correção quanto mais diligente for a observância da caridade. Isso se pode levar a cabo sem arranhar a paz e sem prejudicar o trigo, quando o efetivo da assembleia eclesiástica é alheio ao delito que se anatematiza. Pois nesse caso ajuda antes o superior que corrige do que o pecador que resiste; é o momento de se abster com vantagens da convivência com ele, de modo que não se tome refeição com ele, não com ódio como a um inimigo, mas com uma coerção fraterna; então também ele é tomado pelo medo e é curado pela vergonha, quando, ao se ver anatematizado por toda a Igreja, não pode encontrar seu

grupo, com o qual pensa se alegrar com seu delito e para insultar os bons.

14 A esse respeito diz o Apóstolo: “Se alguém traz o nome de cristão”.^[62] Ao dizer “se alguém”, nada mais parece que quis significar senão que pode ser corrigido com proveito desse modo aquele que peca entre os que lhe são diferentes, ou seja, entre aqueles que o contágio de semelhantes pecados não corrompe. Mas ao dizer “traz o nome”, quis dar a entender certamente que é pouco que alguém seja tal, senão que seja designado ou apareça como famoso, de modo que possa parecer deveras justa a sentença de anátema proferida contra ele. Pois assim é corrigido, salva a paz, e não é ferido mortalmente, mas é cauterizado como remédio. Por essa razão, ele disse também a respeito daquele que quisera curar com esse remédio: “Para tal homem basta a censura infligida pela maioria”.^[63] Com efeito, não pode ser salutar a censura infligida por muitos, a não ser quando é corrigido aquele que não tem um grupo cúmplice.

Mas quando a mesma doença contagiar a muitos, nada mais resta aos bons senão a dor e a lamentação, de modo que, por aquele sinal que o profeta Ezequiel revela, mereçam sair ilesos da devastação.^[64] Clama àquele que não pode enganar: “Não me ajuntes com os pecadores, nem minha vida com os assassinos”.^[65] Desse modo, como não querem colher o joio, evitarão arrancá-lo junto com o trigo e purgar por negligência a messe do Senhor, mas serem eles contados por sua temeridade entre a própria imundície.

E por isso o Apóstolo, como já havia descoberto a muitos infetados pela luxúria imunda e pelas fornicações, escrevendo na segunda carta aos coríntios, não ordenou expressamente que não se tomasse refeição com tais pessoas; havia muitos e não se podia dizer a respeito deles: “Se alguém que traga o nome de irmão, mas é impudico ou avarento ou coisa semelhante, não deveis nem sequer tomar refeição com ele”.^[66] Mas diz: “Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, o meu Deus me humilhe com relação a vós e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicação e das dissoluções que cometeram”.^[67] Ele os ameaça, mediante sua tristeza, a serem castigados com um flagelo divino em vez da correção, para que os demais se abstenham de se associar a eles. Com efeito, diz como consequência: “Eis a terceira vez que vou ter convosco. Toda questão será decidida sobre a palavra de duas ou três testemunhas. Já o disse e, como por ocasião da minha segunda visita, torno a dizer hoje, estando ausente, àqueles que pecaram anteriormente, e a todos os outros. Se voltar, não usarei de meias medidas, pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim”.^[68]

Que outra coisa ele disse: “Não usarei de meias medidas”, senão o que disse acima: “Eu tenha de prantear”, a fim de que sua tristeza implorasse do Senhor o castigo pelo qual eles seriam corrigidos? Pois, devido ao grande número, não podiam ser corrigidos, a fim de que os demais se abstivessem de se associar a eles e os fizessem sentir vergonha, assim como se deveria fazer se algum irmão fosse mencionado com algum delito diferente com relação aos demais.

E de fato, quando o delito tomar conta de um grande número pelo contágio de pecar, torna-se necessária a severa misericórdia da disciplina divina. Pois a decisão de uma separação é inútil, impiedosa, perniciosa e sacrílega, porque se faz com soberba

impiedosa, e perturba mais os fracos, que são bons, do que corrige os maus, que são fortes. Assim como aquela fidelíssima testemunha da avareza de seus colegas, o qual entregou os males das tribulações de que a Igreja padecia naquele tempo à censura e à disciplina divinas, após lembrar o péssimo costume dos bispos, que ele conhecia, os quais, havendo irmãos passando fome, queriam possuir dinheiro em grande quantidade, apropriar-se de propriedades mediante fraudes e embustes, aumentar seus rendimentos mediante juros multiplicados, “por que não mereceríamos”, diz ele, “sofrer tais castigos por tais pecados?”^[69] Em seguida, menciona o testemunho dos salmos, que diz: “Como a censura divina já advertiu de antemão e disse: ‘Se seus filhos abandonarem minha lei e não andarem conforme minhas normas, se profanarem meus estatutos e não guardarem meus mandamentos, eu punirei sua transgressão com vara, e suas culpas com açoites, mas sem deles retirar meu amor’”.

[70]

15 Portanto, o homem deve corrigir o que puder; mas o que não puder, tolere com paciência e lamente e chore com amor até que Deus corrija lá do alto ou adie até a colheita o arrancar o joio e joeirar o trigo. Contudo, para que tranquilos a respeito de sua salvação os cristãos de santa esperança vivam entre os desesperados, os quais não podem corrigir na unidade no meio de quem não oferece esperança, afastem o mal de si mesmos, ou seja, para que não se encontre neles o que lhes desagrade nos costume dos outros. Com efeito, depois de o Apóstolo dizer: “Acaso compete a mim julgar os de fora? Não são os de dentro que vós tendes de julgar? Ora, os de fora, Deus os julgará”,^[71] como se eles respondessem: “O que faremos, quando somos cercados de tal modo pelo grande número de malvados, se não pudermos exercer nosso julgamento para uma correção?”. “Afastai”, diz ele, “o mau de vós mesmos, ou seja, ‘se não podeis afastar os maus do vosso meio, afastai o mesmo de vós mesmos’ ”.

Se alguém quiser entender de tal modo o que foi dito: “Afastai o mau de vós mesmos”, que algum mau seja afastado pela correção da separação do grupo de irmãos, no entanto, ninguém duvida de que se deve proceder com o propósito de curar, não de eliminar pelo ódio. E porque se deve proceder com certa medida e ter em conta os tempos, para não se violar a paz da Igreja, na qual se deve poupar ao máximo o trigo, evitando que seja arrancado junto com o joio, já dissemos que é o suficiente para o momento. Aquele que refletir com atenção e pacificamente estas coisas, visando à preservação da unidade, não despreze a severidade da disciplina nem rompa o vínculo da comunidade pela falta de prudência na coerção.

16 O que diz o Apóstolo: “Com esse tal não deveis nem sequer tomar refeição”,^[72] quantos bons cristãos o fazem com relação àqueles que estão sob seus cuidados pela maior familiaridade, a ponto de não duvidarem em fazê-lo com aqueles de cuja companhia poderiam separar-se, os quais percebem que podem ser corrigidos com tal correção, de modo a evitar que corrompam a outros pelo contágio de suas conversas inconvenientes.^[73] Mas o leva a cabo com perfeição, ou seja, com caridade humilde e severidade benigna aquele que está à frente de seus irmãos, para se lembrar de que é servo deles, como ordenam o preceito e o exemplo do Senhor.^[74] Então se leva a efeito tanto sem o inchaço do orgulho contra o homem como com o gemido das

súplicas a Deus.

Mas se é fácil que alguém seja afastado da ordem dos clérigos pelo bispo ou do número dos pobres que a Igreja sustenta ou da comunidade dos leigos, seja pelo bispo, ou por um clérigo, ou por qualquer superior, sob cujo poder está, de modo que não tomem refeição com os demais, aos quais pode preceituar isso, não é tão fácil, em qualquer ordem da Igreja, excluir ou expulsar da assembleia dos cristãos um grande número de malvados.

Com efeito, também em suas casas, os fiéis cristãos autênticos de tal modo controlam e dirigem a vida dos seus que também no ambiente familiar obedecem ao preceito do Apóstolo: “Com esse tal não devem nem sequer tomar refeição”,^[75] quando o fazem com relação tanto a seus filhos como a sua criadagem, ou ordenam que se faça, quando veem que eles vivem de tal modo que se há de fazer com eles a mesma caridade, que a caridade aconselhe, com o amor que se tem por eles.

Mas os malvados, sendo muitos, quando há possibilidade de falar em público, devem ser feridos com uma repreensão geral, principalmente se surgir uma ocasião ou uma oportunidade resultante de um flagelo vindo do alto da parte de Deus, pelo qual vejam que foram açoitados devido a seus méritos. Com efeito, então a calamidade apresenta ouvidos humildes à palavra que corrige e obriga os corações afligidos ao gemido de uma confissão mais facilmente que às murmurações de rebelião. Assim aconteceu com o bem-aventurado Cipriano a respeito de seus colegas; talvez não lhes diria o que disse se não o ajudasse do alto a severidade divina. Dizia aquelas coisas naquele tempo tão difícil, tão calamitoso, tão triste, de tal modo que eles não somente não se atreveram a se irritar com ele, mas também pensavam que apenas podiam pedir perdão aos que se irritavam com eles.

Ainda que não aconteça nenhuma calamidade que traga tribulação, quando existe ocasião, corrige-se com utilidade o grande número no meio da multidão, pois assim como as repreensões em particular costumam causar exasperação, assim as feitas em público levam ao gemido. Por essa razão, o preceito do Apóstolo^[76] não deve ser desprezado de forma alguma, quando se pode observá-lo sem perigo de perturbar a paz, pois ele não quis que se faça outra coisa para separar o mau da assembleia dos bons; e sobretudo se observe o ordenado pelo Apóstolo, ou seja, que suportando-nos mutuamente, esforcemo-nos por preservar a unidade de espírito no vínculo da paz.^[77] Da mesma forma, devemos obedecer ao Senhor, que diz no Evangelho: “Se nem mesmo à Igreja der ouvido, trata-o como gentio ou publicano”,^[78] e naquela passagem em que proibiu que colhessem o joio, mas não o arrancassem junto com o trigo.^[79] Pode-se seguir ambas as exortações por aqueles sobre os quais foi dito: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”.^[80]

17 Mas vejamos agora os demais testemunhos que Parmeniano fez constar. Entre todos os testemunhos com os quais o tumor sacrílego dos donatistas se mostra, em lugar algum se abriu mais do que ao se atrever a citar o que disse o profeta Jeremias, pelo qual convenceria os homens cegos que a comunhão dos donatistas não somente era a verdadeira, mas já é neste tempo como será a Igreja santa depois da última joeira. Não sei o que se pode acrescentar a essa sacrílega presunção e nefasta

petulância. Em muitas passagens de suas palavras, nada mais se encontra do que se possa presumir, mas algumas vezes se envergonham, quando são interrogados se não têm pecadores ou se não o são. No entanto, nesse testemunho profético, manifestaram claramente sua ímpia vaidade e o maior grau de perversidade. Com efeito, como o santo Jeremias queria mostrar aos bons e aos maus que, embora sejam temporariamente de uma mesma sociedade, são, contudo, muito diferentes o mérito de sua conduta e a recompensa final, ele disse: “Que tem a palha em comum com o grão?”^[81]

Parmeniano, ao querer refutar Ticônio, pois este diz que os maus, por enquanto, devem ser tolerados pelos bons na unidade pelo bem da paz e ser separados no fim, no último juízo divino, transcreveu esse testemunho de Jeremias, pelo qual o perverso e o que erra estimulam os perversos e os que erram para rebeliões turbulentas e criminosas. Desse modo alguém, com o espírito inchado de sua carne, considerando a si mesmo e a seus semelhantes como grãos muito limpos, pode parecer que é alguma coisa, quando não é nada;^[82] mas não pense que pode se aproximar da comunidade da Igreja, na qual é necessário que aqueles que são destinados à vida eterna tolerem até o término deste mundo os que são destinados ao fogo eterno, como o trigo tolera a palha. Nenhum sopro faz voar da eira de Cristo a palha mais leve antes do tempo da joeira; nenhuma presunção causou quaisquer cismas sacrílegos, estejam onde estiverem.

18 “O santo Jeremias adverte-nos”, diz ele, “quando distingue do fruto honroso dos justos tanto as turbas infrutíferas como as estéreis, dizendo: ‘O que tem a palha em comum com o trigo?’”^[83] Ó trombeta da loucura, ó voz da execrável pestilência! Porventura, talvez, o gênero humano se equivoca a ponto de não reconhecer o joeirador Parmeniano? Acaso ele dá lugar a Donato e se gloria de que veio à massa purificada por ele? Não sei se ele se digna reconhecer a Maiorino, que está na sua frente. Acaso esses três da joeira estiveram na mão do Senhor e por seu intermédio se limparia a messe do mundo inteiro, e a África teria sido escolhida para nela se colocar a massa purificada e a palha restante cobriria toda a terra?

De onde procedem então tantos rebanhos de circunceliões? De onde têm origem tantos grupos de convivas beberrões e os inumeráveis estupros de mulheres solteiras, mas não virgens? De onde tamanha quantidade de ladrões, de aventos e de usurários? De onde tantos Optatos conhecidíssimos em suas regiões com suas mesmas intenções, não com os mesmos resultados?

O que respondem a isso? Não é assim? Porventura, também isso é trigo? Ó descaro de tal negação, se isso não existe entre eles. Ó criminosa perversidade, se responderem que são trigo!

Finalmente, por que, depois do tridente de tão grande autoridade, ou seja, de Maiorino, Donato e Parmeniano, Primiano se atreveu a joeirar novamente, para afastar os maximianistas de sua comunhão? Acaso, talvez, para rejeitar o trigo? Quem é ele com os seus para rejeitar o trigo? Acaso este trigo foi joeirado de tal modo que não se conhecem reciprocamente e, condenando uns aos outros, se empenham em joeirar? Por acaso a palha podia batizar o trigo? Se podia, por que dizem: “Que tem a palha em comum com o grão?”^[84] Mas se não podia, por que Feliciano, depois de ter

voado para fora entre a palha dos maximianistas, todos os que ele batizou voltaram com ele para o monte de trigo joeirado, e agora os conservam a todos dentro e não dizem a si mesmos: “Que tem a palha em comum com o trigo?”.

19 Portanto, despertem de uma vez e entendam em que sentido o profeta disse: “Que tem a palha em comum com o grão?”. Examinem antes onde diz, se envolvem algum sentido humano. Porventura, pode-se dizer no campo: “Que tem a palha em comum com o grão?”, se são sustentados pela mesma raiz? Acaso na eira, onde são triturados juntos? E no celeiro, pode-se dizer: “Que tem a palha em comum com o grão?”. Com efeito, virá aquele pai de família trazendo joeira em sua mão, limpará sua eira, recolhe o trigo no celeiro, mas queimará a palha num fogo inextinguível.^[85]

Em outra comparação: todo trigo é designado pelo termo “ovelhas”, e toda palha, pelo termo “cabritos”; são duas espécies de animais que são apascentados por enquanto por um só pastor. “Quando o Filho do homem vier em sua glória”, diz ele, “e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo’ [...]. Em seguida dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos’”.^[86] Então se cumprirá a profecia: “Que tem a palha em comum com o grão?”,^[87] quando o pasto não pode ser comum aos cabritos e às ovelhas. Se peixes bons podem dizer aos peixes maus dentro daquela rede, à qual o Senhor disse ser semelhante ao Reino dos Céus:^[88] “Afastai-vos de nós ou nos afastamos de vós. Até que todos sejam levados à praia e os bons serão colocados nos cestos, mas os maus serão devolvidos à água”, pode-se cumprir então o que foi dito: “Que tem a palha em comum com o grão?”.^[89]

Mas aqueles que consideram limpa sua comunidade voaram como simples palha da mescla do trigo e da palha, e os que não se julgam apascentados com os cabritos sob o comando de um só pastor foram afastados do rebanho do Senhor pela astúcia dos lobos, e os que não se consideram juntados aos maus peixes não somente são maus peixes, mas também romperam as redes da unidade. E se entendermos que já neste tempo acontece o que Jeremias disse: “Que tem a palha em comum com o grão?”, não podemos entender retamente outra coisa senão que estão numa só comunidade, até que sejam separados mesmo corporalmente no fim da joeira; mas o trigo tem o coração levantado para o alto, as palhas, ao contrário, para baixo. Pois a palha busca seus interesses, não os de Jesus Cristo,^[90] mas o trigo amontoa tesouros no céu e, onde está o seu tesouro, lá está também seu coração.^[91]

20 Assim também devem ser entendidas as palavras do bem-aventurado Isaías, as quais Parmeniano, não entendendo também, empenhou-se em torcer para o sentido de seu erro. O que diz Isaías? “Ide-vos! Ide-vos! Saí daqui! Não toqueis nada do que seja impuro, saí do meio dele, purificai-vos, vós os que levais os utensílios de Iahweh.”^[92] Porventura, será preciso repetir tantas vezes as mesmas coisas e dizer como os bons se separam espiritualmente dos maus? Com efeito, não toca o que é impuro aquele

que não consente em nenhum pecado. Mas sai daí para que seja salva sua causa perante Deus, se não desprezar também a disciplina da correção e da denúncia, salvando a paz. Pois aquele que quiser afastar-se corporalmente, como que de maus manifestos, afasta-se espiritualmente dos bons ocultos, os quais são forçados a acusar sem conhecê-los, quando pretende defender sua separação.

21 Mas eles respondem: “Se Feliciano é puro, por que saiu agora do meio deles? Mas se é impuro, por que agora toca o impuro?”. Se era impuro, quando estava fora, aqueles que ele batizou são impuros, porque tocaram o impuro. Acaso todos os que com ele voltaram estavam limpos? Portanto, eles podem purificar os que foram batizados fora, que não batizaram estando em comunhão com eles? Por que então rebatizaram a outros? Porventura, ser condenado pelos trezentos e dez de Bagai seja talvez uma honra e, por isso, quem a eles chegar do mundo inteiro é rebatizado, porque o mundo inteiro não mereceu essa honra de ser condenado pelo concílio de Bagai? E então? São rebatizados ou dispensados de batismo todos os batizados por Maximiano e seus outros companheiros que não voltarem à comunhão de Primiano? Se forem rebatizados, viola-se o privilégio de Bagai – pois, por força desse concílio, mesmo os que os batizaram foram condenados; mas se forem dispensados, deve-se pedir-lhes que se reúnam novamente na cidade de Bagai e se, talvez, o número de trezentos e dez tornou-se sagrado,^[93] reúnam-se com o mesmo número e dali profiram a sentença contra o mundo inteiro, como proferiram contra os maximianistas.

Desse modo, se quiserem rebatizar alguém que venha de alguma parte do mundo, defenda-se ele baseado em igual privilégio, afirmando que é preciso dispensá-lo de um novo batismo, assim como se dispensa em favor daquele a quem o maximianista batiza, porque não somente os maximianistas, mas também o mundo inteiro mereceu ser condenado pelo concílio de Bagai. Em seguida, se libertarão de tão grande mal, para começarem a não mais rebatizar os batizados na Igreja que está estabelecida no mundo todo; se alguém lhes mover questão sobre por que não fazem o que antes faziam, vão responder: “Quando fazíamos isso, ainda não tínhamos condenado o mundo todo por meio daquele concílio, pelo qual foram condenados os maximianistas, cujo batismo não repetimos”.

Por que há de ser coisa extraordinária, tão difícil prestar a todos os povos essa honra da condenação? Porventura, é lícito reiterar o batismo no mundo inteiro e não é lícito reiterar a condenação do mundo inteiro? Estejam tranquilos também neste caso, pois não descobrimos por qual concílio foram condenadas tantas nações e províncias. Condenaram uns poucos na África, mas foram vencidos pela opinião do mundo inteiro e não se atreveram a condenar depois os juízes que lhes foram desfavoráveis. O que poderia haver de maior descaro, mais insano? Muito menos puderam condenar os que vivem nas demais regiões da terra, os quais preferiram acreditar naqueles juízes eclesiásticos a crer nos litigantes vencidos.^[94]

No entanto, o batismo dos maximianistas, que os trezentos e dez donatistas condenaram pelo concílio de Bagai, é reconhecido, aceito, admitido. Mas reprovam, reiteram e anulam o batismo do mundo inteiro, sobre o qual se dispersa a herança de Cristo, tal como foi prometida, à qual eles mesmos pertenceram até poucos anos

atrás, batismo que não podiam por direito nenhum e, no entanto, condenaram sem que houvesse qualquer perversidade, pelo menos por parte de um concílio. Ó santa condenação, a que os maximianistas mereceram! Ó santa infeliz inocência das nações, que por isso perdeu entre eles o nome cristão, porque não conseguiu encontrar esse lugar da condenação!

22 Mas se apenas não rebatizados os que vieram dos maximianistas, os quais voltam com os que os batizaram, assim como os que voltaram com Pretextato e Feliciano, vejam primeiramente que o batismo do mesmo cisma administrado igualmente fora e fora da comunhão deles, em uns confirmam, em outros anulam e em parte respeitem, em parte violem. Assim, pois, quando violam, são culpados, mas quando confirmam, tornam-se testemunhas de sua culpa. Com efeito, se o confirmarem depois, de tal sorte que cessariam de violá-lo, dar-se-ia não uma discrepância, mas uma correção. Mas quando reprovam em alguns o que aprovam em outros, nestes são acusados, naqueles dão testemunho contra si mesmos.

Pergunto, então, por que não batizas aqueles que Feliciano batizou no cisma de Maximiano; por que receberam o batismo de Cristo ou receberam o de Feliciano? Se alguém recebeu de Feliciano, foi administrado por um condenado entre os maximianistas, administrou-o fora da vossa comunhão, ou seja, o mesmo batismo de Sálvio de Membressa^[95] e de outros tais. Mas se recebeu o batismo de Cristo, Feliciano tem mais importância de tua parte em Musti, com relação ao batismo, do que o próprio Cristo no mundo inteiro; vale mais para ti, com respeito ao batismo de Cristo, aquele que se senta a teu lado e está condenado por ti do aquele que está sentado à direita do Pai e foi crucificado por ti. Em poucos casos se dá valor ao batismo de Cristo para não ofender a Feliciano e não se dá valor ao de Cristo para que ele não seja expulso de tantos milhares de povos.

23 Mas é incrível a cegueira dos homens, e não sei como se poderia acreditar que existe tão grande perversidade nos homens, se não se manifestasse pela realidade de suas palavras e de seus atos, até o ponto de terem fechados os olhos do coração; e, ao mencionarem testemunhos das santas Escrituras, não verem nos atos dos profetas como se deve entender suas palavras. Disse Jeremias: “Que tem a palha em comum com o grão?”^[96] porventura, ele se afastava da palha de seu povo ao qual dizia aquelas tão grandes verdades? Disse Isaías: “Ide-vos! Ide-vos! Saí daqui! Não toqueis nada do que seja impuro”^[97] Por que ele denunciava tão abertamente a imundície naquele povo, o qual ele tocava, formando o mesmo grupo com ele? Leiam quantas palavras pronunciou veemente e verazmente contra os maus de seu povo, dos quais, no entanto, não se separou por afastamento algum corporal. Disse Davi: “Não me assento com os impostores, nem caminho com os hipócritas; detesto a assembleia dos maus e com os ímpios não me assento”^[98] Leiam que pessoas ele tolerou naquele povo em seu tempo; ele que tributou tanta veneração ao sacramento místico da unção, a ponto de não desprezá-lo nem mesmo no criminoso Saul: pelo contrário, tanto o reverenciava a ponto de não poder haver maior veneração possível.

Porventura, se contrapúséssemos suas palavras a seus atos, responder-nos-iam: “Nós certamente não tivemos com tais pessoas um relacionamento cordial, nem

tocávamos o impuro quando o contato podia contagiar; ou seja, com respeito ao consentimento e à tranquilidade da nossa consciência, afastávamos e saíamos da presença deles, pois não somente não praticávamos tais atos, mas não nos calávamos com respeito aos que os praticavam”. A estes rebeldes e insanos, que buscam defesa para seus rompimentos nos oráculos dos profetas, resta que, com impiedade insensata, acusem os costumes dos profetas, servindo-se de suas palavras proféticas. Acaso vão dizer que, naqueles tempos, não era permitido aos justos afastar-se das pessoas más do povo, mas é lícito nos tempos atuais? O que se pode dizer com maior perversidade, ou seja, que naquele tempo não convinha que os bons se separassem dos maus corporalmente, quando eram preceituados a observar mediante o corpo muitos ritos; mas agora é necessária a separação corporal, quando aqueles ritos são observados espiritualmente?

24 Ai dos cegos que guiam outros cegos! Ao fazer essas afirmações, não têm medo de que, na extensão do mundo, pelo qual a fé e o nome de Cristo foram difundidos, antes de eles se separarem, em alguma parte do mundo bem distante das regiões africanas, alguns justos já tenham feito essa separação, e esses ainda viviam no contágio com a imundície, da qual os justos se esquivavam. Pois quem lhes garante, quem lhes assegura que é preciso fazer essa separação dos maus antes que esses a façam, separação que nunca foi feita tão longe que os africanos não tivessem conhecimento dela, assim como a seita de Donato é totalmente desconhecida nos confins do mundo? Talvez digam que não lhes podia causar dano o que ignoravam. Nesse caso, não pode causar dano àquelas regiões o que ignoram ter sido feito na África, ainda que eles digam ser verdade o que falam, através de mentiras. Mas digam agora quantos cismas tiveram lugar em todas as partes do mundo.

É demasiado o que pergunto, ou seja, somente na África: digam os donatistas cartaginenses ou todos os que estão na vizinhança de Cartago quantas facções procederam da seita de Donato na Numídia e na Mauritânia. Eles deveriam saber sua causa, para que alguns justos evitassem a companhia e a convivência com os maus em suas regiões e saíssem daí, para não tocar o impuro,^[99] para não andar com os criminosos,^[100] para que eles, tendo-se separado do trigo alguns anos antes em algum canto da Numídia ou da Mauritânia, não permanecessem como palha sem o saber. Mas como podem estar seguros a não ser porque têm como certo que não poderiam ser bons os que se separaram da unidade da comunhão de Donato, que está difundida por toda a África, porque; se toleravam alguns maus em sua vizinhança, não podiam mostrar aos outros; deviam tolerá-los, em vez de separar-se de tantos inocentes, aos quais não podiam persuadir de pecados de outrem, mesmo que os conhecessem perfeitamente?

E por que não se atribui essa inocência ao mundo inteiro com tantos e tão extensos países por onde se manifesta a herança de Cristo, para ficar certo e seguro que aqueles que se dizem bons e se separaram da unidade do mundo inteiro demonstram o que são? Consideram-se justos e desprezam os demais e, por isso, não cantam o cântico novo, porque se sobrepõem aos demais homens pela soberba. Estão separados, pois, da comunhão daqueles a quem foi dito: “Cantai a Iahweh um cântico novo! Terra inteira, cantai a Iahweh!”^[101]

Se de fato fossem justos, seriam também humildes; e se fossem humildes, ainda que tolerassem os maus manifestos na assembleia de sua vizinhança, que não poderiam excluir da unidade de Cristo, optariam por amá-los pela caridade de Cristo. Mas como podem fazer um juízo justo sobre aqueles mesmos que acusam como sendo maus em sua vizinhança, se, com cegueira temerária, os incriminam, embora vivam tão longe e lhes sejam totalmente desconhecidos? Pois é incerto para o mundo inteiro se sabem ser maus os seus cidadãos ou vizinhos que acusam, porque se separam com cegueira temerária daqueles que vivem longe e cuja vida não podem conhecer; mas é certo para o mundo inteiro que os maus manifestos são tolerados com paciência digna de louvor, para que os bons desconhecidos não sejam condenados. É certo para o mundo inteiro, porque o mundo inteiro julga com segurança que eles não são bons, pois se separaram do mundo todo em toda parte da terra.

25 Finalmente, se os profetas admoestaram os pósteros a se separar da palha antes do tempo da última joeira e com essa separação cuidar de não tocar o impuro^[102] e não andar com os malfeitores,^[103] por que o apóstolo não o fez? Acaso não eram palha os que anunciavam a Cristo não com sinceridade, mas por rivalidade? Acaso não eram impuros os que pregavam o Evangelho, buscando seus próprios interesses,^[104] que, conforme ele atesta, existiram na Igreja daquele tempo, mas com sua caridade aprimorada tudo ele tolerava,^[105] e seus sucessores o imitaram? Acaso não é impureza a avareza que Cipriano não tocou com o coração e, no entanto, viveu pacificamente entre seus colegas avarentos? Ou seja, emudeceu contra as palavras dos salmos para sentar-se com os impostores e andar com os hipócritas, e não detestar a assembleia dos maus e sentar-se com os ímpios.^[106] Ou não havia entre eles reunião de impostores,^[107] pois ambicionavam brilhar com o ouro em abundância, havendo irmãos passando fome na Igreja? Ou não eram criminosos os que aumentavam suas rendas com juros excessivos? Mas ele lavava suas mãos com os inocentes e rodeava o altar do Senhor.^[108]

Por isso tolerava os culpados para não abandonar os inocentes com os quais lavava suas mãos, porque amava a beleza da casa do Senhor, que consistia na beleza dos vasos para uso nobre. “Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro: alguns para uso nobre, outros para uso vulgar”.^[109] E se purificava dos vasos de uso vulgar, para ele mesmo ser “um vaso nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para boa obra”,^[110] evitando que, devido aos vasos para uso vulgar, se separasse da grande casa do Senhor; mas, corrigindo-os, os tolerava na unidade dessa casa, deles se purificava, não os imitando.

26 Mas Parmeniano soube mencionar as palavras do profeta, que diz: “Não me assento com os impostores, nem caminho com os hipócritas; detesto a assembleia dos maus e com os ímpios não me assento. Na inocência lavo minhas mãos para rodear o teu altar, Iahweh, proclamando a ação de graças e cantando tuas maravilhas todas. Não me ajuntes com os pecadores, nem minha vida com os assassinos: eles têm a infâmia nas mãos, sua direita está cheia de subornos”.^[111] Parmeniano soube

mencioná-las, mas não procurou perceber como essas palavras são oportunas, quando não há qualquer sacrilégio de divisão abominável. Pois a beleza da casa e o tabernáculo da glória de Deus^[112] residem nos vasos, como eu disse, não em todos, os quais, no entanto, estão também na grande casa, mas naqueles que são santificados para uso nobre, úteis a seu possuidor, preparado para a boa obra.^[113] Qualquer um deles que amar a beleza da casa de Deus e o lugar da glória de Deus tolera os vasos que são para uso vulgar, que, no entanto, são tolerados na casa, mas nem por isso deixam a casa, para não se tornar não um vaso para uso vulgar – que, contudo, é tolerado na casa –, mas esterco, que é lançado para fora de casa. E por causa da convivência temporal com os maus numa única casa, ele ora dizendo: “Não me ajuntes com os pecadores, nem minha vida com os assassinos; eles têm a infâmia nas mãos, sua direita está cheia de subornos”; orando assim, evitando perecer com aqueles com os quais a caridade ordena viver juntos, referiu-se antes ao sacrifício da caridade, dizendo: “Iahweh, eu amo a beleza de tua casa e o lugar onde a tua glória habita”.^[114]

Com efeito, porque amei a beleza de tua casa, e por causa do mesmo amor tolero os vasos que são para uso vulgar, pois a caridade tudo suporta,^[115] para que não faças perecer minha alma junto com a deles. Porventura, não se percebe nessas palavras a voz daqueles que, conforme Ezequiel profetizou, gemem e se entristecem devido aos pecados do povo, os quais se cometiam no meio deles, e porque os do povo eram vasos para uso nobre,^[116] mereceram receber o sinal próprio, a fim de que, quando todos eles começassem a ser devastados e destruídos, Deus não faria perecer suas almas com as dos pecadores.^[117]

Mas esses infelizes que presumem ter sido purificados da convivência de todos os maus, como o trigo da palha, devido a essa vaidade prejudicaram a si mesmos, de modo que nos povos nos quais estão à frente de bandos de malfeitores e criminosos, não se atrevem a repreendê-los para que se corrijam, para não serem obrigados por isso a confessar que são maus e se lhes diga: “Sem dúvida, falais a um trigo joeirado; por que confessais por essas vozes que foi mesclada ao trigo tão grande quantidade de palha?”. E, por isso, porque não são justos, não os corrigem ou repreendem com misericórdia, mas perfumam com o perfume da adulação as cabeças daqueles^[118] para os quais querem se tornar cabeças, porque não querem estar na unidade do corpo sob uma única cabeça, que está no céu, para poderem dizer com razão a seus seguidores: “Ó meu povo, os teus condutores te desencaminham, baralham as veredas em que deves andar”.^[119]

27 Portanto, aquele que não quer sentar-se na assembleia dos impostores^[120] não se esvaneça com o tumor da soberba, buscando as reuniões dos justos separados da unidade do mundo inteiro, a qual não pode encontrar. Pois os justos dispersos por toda a cidade, que não pode ficar escondida, pois foi assentada sobre o monte^[121] – refiro-me àquele monte de Daniel, do qual aquela pedra se despreendeu sem a intervenção de mãos, que cresceu e encheu toda a terra^[122] –, os justos gemem e se entristecem nessa cidade espalhada pelo mundo inteiro devido às iniquidades que se cometem no meio dele. Portanto, não andem em busca de justos separados, mas

preferam gemer junto com eles na mescla temporária de maus. Pois não se sentará na assembleia dos maus, porque se sentará onde pode haver convivência, e ouvirá o Apóstolo, que diz: “A nossa cidade está nos céus”.^[123]

Ali não estará com os criminosos, ali não terá que tolerar a assembleia dos maus, ali não se sentará com os ímpios.^[124] Viva com essa esperança para merecer chegar um dia à realidade que agora possui pela esperança. Com efeito, ainda não ressuscitamos como Cristo ou já nos sentamos com ele na mansão celeste, e, no entanto, porque ele nos deu essa esperança, pela mesma esperança já lá vivemos de certo modo, conforme diz o Apóstolo: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Pensa nas coisas do alto, e não nas da terra, pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus, quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória”.^[125]

Em nossa vida, que está escondida com Cristo em Deus, não nos sentamos na assembleia dos arrogantes, porque, como diz o Apóstolo: “E como ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus”,^[126] mas na esperança, não na realidade. “E ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na esperança que o aguardamos.”^[127]

Esses infelizes perderam essa paciência e, apressando-se em se separar antes do tempo como que da palha, demonstraram que são palha levíssima retirada da eira pelo vento. Portanto, fiquemos com o que diz a Sabedoria: “Mas quem me escuta viverá tranquilo, seguro e sem temer nenhum mal”.^[128] Por isso enquanto moramos na esperança, pensando não no que somos, mas no que seremos, porque na verdade “somos filhos de Deus. Mas o que seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é”,^[129] morando em tal esperança, repito, porque nessa morada do pensamento não há maus, nem toleramos assembleias de pretenciosos, nem criminosos, nem iníquos, nem ímpios; e, no entanto, os toleramos, não na esperança, mas na realidade que se vê, na comunidade católica dispersa pelo mundo inteiro, até que passe a iniquidade, até que se recolha o joio no tempo da colheita, até que se separe a palha do trigo na última joeira,^[130] até que os peixes bons se separem dos maus, com os quais se juntaram nas mesmas redes, e sejam selecionados na praia,^[131] até que os cabritos sejam separados à esquerda, no último juízo, das ovelhas com as quais pastaram durante muito tempo nas mesmas pastagens sob o cajado de um único pastor.^[132]

28 Não há, portanto, nenhuma garantia de unidade, a não ser a anunciada pelas promessas de Deus à Igreja, a qual, situada sobre o monte, como foi dito, não pode ficar escondida, e, por isso, é necessário que seja conhecida em todas as partes da terra. Tenhamos por incontestável e certo que nenhum bom pode separar-se dela, ou seja, que nenhum bom, onde quer que viva, ainda que tenha que tolerar os maus que lhe sejam conhecidos, vivam onde viverem, por causa deles se separem dos bons pelo sacrilégio temerário do cisma, os quais vivem longe e lhe são desconhecidos. Por isso em qualquer parte do mundo que isso tenha acontecido ou aconteça, ou acontecerá,

estabelecidos bem longe nas demais regiões do mundo, ignorando o que aconteceu e por que aconteceu e, no entanto, permanecendo com o mundo inteiro pelo vínculo da unidade, a própria segurança seja a garantia de que isso não se podia fazer, a não ser por loucos, devido ao tumor da soberba, por insanos levados pela inveja maligna ou corrompidos pelas vantagens do mundo ou pervertidos pelo temor carnal.

Tudo isso faz com que ou os bons sejam difamados com falsos crimes, ou se acredite temerariamente em falsidades sobre os bons ou também sobre os maus, os quais, tolerados pelo bem do vínculo da unidade, não prejudicam os bons; uma vez rompida a paz com os bons, fogem covardemente, ao não poupar humilhações ao trigo, usurpando, como homens, antes da colheita o que os anjos farão na colheita.

29 Sendo assim, os cismas sacrílegos e os homens ímpios atrevem-se a considerar como martírios as penas sofridas por sua loucura, ao serem admoestados com algum castigo para se corrigirem. Parmeniano, pensando assim, exortou Ticônio no final de sua carta a permanecer na seita de Donato e a sofrer as perseguições, dizendo que não se deveria juntar àqueles aos quais não se juntaram quando fervia a perseguição; e menciona até mesmo um testemunho da Escritura que diz: “Ai de vós que perdestes a paciência: que fareis quando o Senhor vos visitar?”.^[133] Conforme seu costume, Parmeniano apresenta todos os testemunhos dos livros divinos contra eles mesmos. Com efeito, quem foram os que perderam a paciência, senão aqueles que se recusaram a convencer dos crimes que lhes objetavam, e não quiseram ser pacientes para sofrer pelo bem da paz de Cristo, de modo que, pensando depois que sua seita não deveria se dividir em muitas facções, tolerassem pela falsa paz de Donato mesmo os sacrílegos que lhes eram conhecidos, os quais eles condenaram e foram recebidos de novo?

E agora, reconheçam finalmente e se corrijam de uma vez o que sabem ter feito com impiedade, pelo menos o que toleraram pelo que aconteceu a Maximiano. Ou seja, sintam vergonha e procurem corrigir-se por razões tão evidentes pelo fato de terem resistido às ordens dos imperadores, para que, uma vez corrigidos, não pareça que perderam o que sofreram, conforme se queixam. Como se não fosse melhor perder tudo isso que os levou à perdição! Com efeito, se tiver alguma aparência, embora falsa e falaz e, no entanto, alguma aparência de fortaleza de não ceder ao imperador que ordenava, que louvor pode haver em contradizer tão abertamente a verdade? Por que mencionam com olhos fechados tantos testemunhos das Escrituras, os quais repudiam uma vez interpretados e citados contra eles mesmos, que, se fossem interpretados conforme os entendem, de forma alguma se convenceriam de sua perversidade?

Porventura, não está escrito: “Não contradigas a verdade?”^[134] A quem se contradiz, senão à verdade, quando se resiste até mesmo ao rei que ordena alguma coisa em nome da verdade? Mas o rei, como homem, o que ameaça ou o que inflige como castigo é temporário; mas não é assim aquele rei que é denominado também a Verdade, o qual mesmo agora lhes chama a atenção, dizendo: “Em vão feri os vossos olhos: eles não aceitaram o ensinamento”;^[135] ele, por isso, admoesta agora com misericórdia mediante as autoridades humanas, para ele não castigar assim no fim, para que os soberbos não possam ufanar-se de sua condenação. Pois o castigo por

parte dos reis pode transformar-se em louvor pela obstinação dos homens, sob o nome falso de virtude; mas não será assim e não se denominará fortaleza ser queimado pelo fogo eterno. Com efeito, não haverá naquele dia quem possa ungir a cabeça com o óleo da adulação ou, enganado pela fraude, quem sonhe com coroas para os condenados, dizendo: “Muito bem! Muito bem!”, e jurando pelas cãs daqueles que não tiveram a cabeça no lugar e pelas sandálias daqueles “que não conhecem o caminho da paz”. [136]

Eles, afastando-se da unidade de Cristo esses bandos e desejando orientá-los para sua seita, atrevem-se a comparar os sofrimentos dos mártires aos suplícios temporais de seu cisma, a ponto de celebrarem os aniversários de seus castigos com uma grande reunião de pessoas enlouquecidas, a cujo número pertencem aqueles que, mesmo não havendo ninguém que os persiga, precipitam-se de propósito pelas escarpas dos montes para pôr fim à má vida com uma morte pior. Não haverá naquele dia um povo insensato ao qual se diga: “Nós somos os justos, vítimas de perseguição”, e se venda a cegos uma pedra bruta por uma pedra preciosa, isto é, a resistência carnal pela paciência espiritual. Não haverá os que proclamem os nomes dos príncipes de sua loucura junto aos altares ou que eles separaram da unidade de Cristo ou que ergueram contra a Igreja de Cristo sob nome de Cristo.

Com efeito, é este o preço que eles, para recebê-lo quando querem ter o que vender, despertam contra si a severidade das autoridades mediante uma animosa perversidade; e nem aqueles que por eles são seduzidos e por isso os consideram justos porque sofrem os castigos de seus crimes não refletem e não examinam por que sofrem o que se gloriam de sofrer.

Quanto mais lhes valeria que percebessem que Parmeniano dizia tais coisas a Ticônio a respeito de sofrer perseguições e a glória da paciência, quais dizem todos os hereges, sobre os quais são proferidas ordens semelhantes por parte dos reis, para os reprimir e castigar, quais certamente já diz Sávio aos seus seguidores de Membressa, ao qual os de Abitina infligiram tão grandes insultos e ferimentos, mediante os quais mereceram que ele fosse expulso da Igreja, de modo a atarem a seu pescoço inclusive os cadáveres de cães, para finalmente dançarem com ele ao som de vozes e canções obscenas.

Depois de terem padecido tanto, que palavras imaginamos que ele dirigiu aos seus, os quais enganou miseravelmente, para edificarem para si outra basílica? Quanto falou a respeito de sua justiça, pela qual mereceu sofrer tais coisas a ponto de convencê-los de que era santo, pois padeceu, e que eram iníquos os que o fizeram padecer! Costuma-se mencionar como exemplo a antiga crueldade dos etruscos, que atavam os cadáveres aos vivos, mas corpos humanos a corpos humanos, e isto com o corpo de um bispo; não sei se alguém se lembra de ter lido ou ouvido algo a respeito.

É algo conhecido de todos como os bispos costumam reprimir os bailes frívolos e obscenos; quem poderá se lembrar de que bispos tenham pedido às pessoas que dançassem com eles? Porventura, Sávio não era bispo então, pois sua condenação não foi mencionada na sentença do concílio de Bagai? O que dizer? Se ele se tivesse reconciliado com Primiano, tal como Feliciano se reconciliou com este depois de ser condenado “pelas palavras verazes do concílio plenário”, como estão ali registradas as palavras deles, seria então bispo ou talvez não seria admitido porque do sacrilégio

do cisma pode ser purificado aquele que o infeccionou, tal como Feliciano, a quem os cães mortos, dependurados a seu pescoço, tornaram imundo e, por isso, não pode ser purificado?

Gostaria de saber o que dizem perante fatos tão evidentes, tão públicos, tão recentes aquele que nos lançou em rosto calúnias antigas, como se fossem nossos crimes. Alguém deles pensa que eu me jacto de falsidades. O que tem de penoso e de difícil que, cuidando de sua alma, se dirija a Membressa e investigue se aconteceram estas coisas e se defenda, se puder? Pois se diz que essas coisas aconteceram aos cismáticos, que os trezentos e dez donatistas condenaram, não murmurem quando padecem algumas coisas, ainda que nunca as tenham sofrido aqueles que, conforme pensamos, fizeram o cisma da unidade de Cristo não pela autoridade de trezentos, mas pela autoridade do mundo inteiro. Mas se dizem que são leves os castigos que Sálvio padeceu, eu pergunto: se o imperador obrigasse algum donatista a dançar e, não o querendo fazer, fosse ameaçado de ser lançado às feras e ao fogo, não preferiria padecer esses tormentos a admitir o que o imperador lhe ordenava e, depois de os ter padecido, os donatistas não recitariam seu nome entre os santos mártires? Portanto, padeceu males maiores ao dançar com eles que se o tivessem queimado vivo. Se lhe fosse apresentada qualquer uma dessas duas opções, se preferiria dançar, não ele, mas a dançar com eles, a ser queimado vivo, não se duvida sobre o que respondem a respeito do que escolheria.

Mas se diz que os primianistas nada mais imploraram do procônsul senão que Sálvio fosse expulso da basílica por meio dos de Abitina; mas que eles fizeram por sua iniciativa tudo o que lhe fizeram depois com crueldade e obscenidade, por que não continua dizendo que os católicos também podem solicitar dos imperadores que estes sejam expulsos das basílicas que mantêm a título sacrílego, mas que eles, por sua iniciativa, obedecendo ao poder régio e com honestidade, castigaram os sacrílegos com muito mais benignidade do que os de Abitina castigaram a Sálvio de Membressa sem permissão alguma do imperador, sem qualquer ordem judiciária?

Depois de terem em conta esses dados, procurem perceber o que fazem e depois o que padecem, evitando fechar os olhos para seus atos e abrir os olhos para os castigos que sofrem; e sofram aqui em vão males temporais e sejam castigados com o suplício eterno no último juízo de Deus, mesmo por isso, porque os advertiu em vão com tais sofrimentos para que se corrigissem.

Não respondo ao restante, onde enganam aqueles que conseguem enganar; digo em poucas palavras, falo de coisas atuais, mostro com o dedo: os maximianistas condenados são readmitidos, povos desconhecidos são rechaçados, o batismo dos maximianistas é aceito e se considera nulo o batismo do mundo inteiro. Eis os de Assuras, eis Pretestato falecido não há muito tempo, eis Feliciano ainda vivo, eis seus nomes registrados nas atas proconsulares entre os condenados pelo concílio de Bagai; com esses fatos recentes e atuais, eles mostram como foram desde o começo. E se algo padecem por tais perversidades e iniquidades, se não querem corrigir-se, não tenham o atrevimento de se gloriar.

Coleção Patrística

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Solilóquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antônio*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Examerão – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homilias sobre a Epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilia sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo
28. *Regra Pastoral*, Gregório Magno
29. *Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A)*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A)*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lyon
34. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes
- 35/1. *Obras Completas I*, Cipriano de Cartago
36. *O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, Santo Agostinho
37. *A Trindade, Escritos éticos, Cartas*, Novaciano
38. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos*, Orígenes
39. *Mentira (A) – Contra a mentira*, Santo Agostinho
40. *Natureza do bem (A) – Castigo e o perdão dos pecados (O) – Batismo das crianças (O)*, Santo Agostinho
41. *Simpliciano (A) – Réplica à carta de Parmeniano*, Santo Agostinho

Títulos originais

Ad Simplicianum

Tradução e notas: D. Paulo A. Mascarenhas Roxo, O.Praem. (†)

Contra epistulam Parmeniani

Tradução e notas: Fr. Agostinho Belmonte, OAR (†)

Textos bíblicos conforme a tradução da *Bíblia de Jerusalém*.

Introdução:

Heres Drian de O. Freitas

Direção editorial:

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação editorial:

Heres Drian de Oliveira Freitas

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Capa:

Marcelo Campanhã

Coordenação de desenvolvimento digital:

Alexandre Carvalho

Desenvolvimento digital:

Daniela Kovacs

Conversão EPUB:

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

A Simpliciano. Réplica à carta de Parmeniano [livro eletrônico] / Santo Agostinho; tradução e notas de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019.

1,3 Mb (Coleção Patrística)

Títulos originais: *Ad Simplicianum. Contra epistulam Parmeniani*

ISBN 978-85-349-5045-9 (e-book)

1. Teologia - Igreja primitiva - Obras anteriores a 1800 2. Eclesiologia - Obras anteriores a 1800 3. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. Ad Simplicianum 4. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. Contra epistulam Parmeniani I. Título II. Belmonte, Agostinho III. Série

CDD 262

19-1225

CDU 261

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia - Eclesiologia - Obras anteriores a 1800

1ª edição, 2019 (e-book)

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[Facebook] • [Twitter] • [Youtube] • [Instagram]

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



NOTAS

AS QUESTÕES DIVERSAS DE SIMPLICIANO

- [1] Cf. *conf.* 8,1. Para detalhes acerca da obra ora introduzida, remetemos às introduções das edições citadas no início da bibliografia em J. WETZEL, “Simplicianum, Ad”, em A. FITZGERALD (coord. geral), *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*, São Paulo: Paulus, 2019 – doravante AAT –, p. 901-902, p. 902.
- [2] Cf. *conf.* 8,10.
- [3] *A Simpliciano* – doravante *Simpl.* – 1,1; cf. também *ep.* 37.
- [4] Cf. PAULINO DE NOLA, *ep.* 20,3. Para mais informações sobre Simpliciano e sua influência sobre Agostinho, vejam-se os verbetes “Simpliciano” (e sua bibliografia) e “Influências cristãs sobre Agostinho” em AAT, respectivamente, p. 901 e 545-549, p. 545.
- [5] Cf. PAULINO DE MILÃO, *Vita Ambrosii* 46.
- [6] Cf. *Retractationes* – doravante *retr.* – 2,1,1.
- [7] Cf. *conf.* 8,3-5.
- [8] Cf. *ep.* 37,2; *conf.* 8,3. Segundo Agostinho, Simpliciano deve ter estado presente no batismo de Ambrósio (cf. *conf.* 8,2: *pater in accipienda gratia*), mas não oferece indícios de seu estado, isto é, se sacerdote ou leigo. A esse respeito, cf. G. BARDY, “Introduction”, em BA 10, 1975, 383-407.
- [9] Cf. *conf.* 8,1; *ep.* 37,4; AMBRÓSIO, *ep.* 61,5; 2,1.
- [10] Cf. *conf.* 8,1; PAULINO DE MILÃO, *Vita Ambrosii* 46.
- [11] Cf. AMBRÓSIO, *ep.* 37, 38, 65 e 67.
- [12] GENÁDIO DE MARSELHA, *De viris illustribus* 37, diz que Simpliciano escrevera a Agostinho quando este último era ainda sacerdote em Hipona, estimulando-o a dedicar-se à exegese. Esta carta, porém, não chegou até nós.
- [13] Cf. *ep.* 37,2.
- [14] Cf. *Simpl.* 1, praef.; *ep.* 37,3.
- [15] Cf. *Simpl.* 1, praef. Estas obras seriam, particularmente, a *Expositio quarundam propositionum ex epistula ad Romanos* – doravante *exp. prop. Rm.* – e *De diversis quaestionibus octogintatribus* – doravante *div. qu.*
- [16] Cf. *Simpl.* 1, praef. Por isso, o *quaestiunculae* (*ep.* 37,3) referido às perguntas de Simpliciano não deve ser entendido – ao parecer de quem subscreve – como insignificantes, mas no sentido de poucas que ocupassem um opúsculo (cf. *Simpl.*, epil.).
- [17] Cf. *retr.* 2,1,1; *De praedestinatione sanctorum* 8; *De dono perseverantiae* 52.
- [18] Já o apelativo *pater* (*Simpl.* 1, praef.) dirigido a Simpliciano tem o sentido de respeitoso afeto, e não é utilizado para designá-lo como bispo.
- [19] Cf. *retr.* 2,1,1.
- [20] Cf. *retr.* 2,1,2; aqui, porém, Agostinho parece ter-se esquecido da sexta questão.
- [21] Veja-se a esse respeito A.-M. LA BONNARDIÈRE, *Biblia Augustiniana. AT: Livres historiques*, Paris: Institut d’Études Augustiniennes, 1960.
- [22] A primeira resposta (*Simpl.* 1,1,1-17), concentrada em questões como o homem decaído sob a lei, a graça e a predestinação, basicamente repete *exp. prop. Rm.* 37-46, a cuja introdução, no volume 25 desta Coleção Patristica, remetemos o leitor. Parte dessa explicação, no que se refere à função da lei e a sua relação com a graça, receberá ulterior organização mais tarde, por volta de 412, no *De spiritu et littera*; parte, no que se refere à *persona* com que Paulo fala, será corrigida, por volta de 420, em *Contra duas epistolas Pelagianorum* 1,24.
- [23] J. WETZEL, *art. cit.*, p. 901.
- [24] Cf., acima, n. 15.
- [25] Cf. “Introdução” ao volume 25 desta Coleção Patristica.
- [26] Cf. *Simpl.* 1, praef.
- [27] Cf. *Simpl.* 1,2,2.
- [28] Cf. *exp. prop. Rm.* 60-61; o que já tinha sido afirmado, por exemplo, em *De libero arbitrio* 3,55-58 (cf. também *retr.* 1,23,2-3).

[29] Cf. *retr.* 2,1,1 e *Praedestinatione sanctorum* 8.

[30] Ponto que se tornará controverso mais tarde. Para detalhes, veja-se M. DJUTH, “Initium fidei”, em AAT, p. 549-553.

[31] *retr.* 2,1,1.

[32] Cf. *Simpl.* 1,1,4.

[33] Cf. *Simpl.* 1,2,13.

[34] Cf. *Simpl.* 1,2,16-17.

[35] Cf. *Simpl.* 1,2,13. O chamado congruente, muito provavelmente, pode ter relação com a ordem de todas as coisas, congruentemente dispostas pelo universo (cf., por exemplo, *De ordine* 1,4 e *div. qu.* 18). No caso de quem é justamente condenado, certamente não se desenvolveu a relação de congruência – cujas razões Agostinho esclarecerá melhor ao longo da polêmica pelagiana –, que, contudo, não permanece incongruente, fora da ordem, mas é, exatamente mediante a punição, reordenada no todo. Assim se há de entender como a graça é vencedora, não porque force a vontade – o que, para o Bispo de Hipona, jamais ocorre, ainda que Ele a possa converter (cf. *Simpl.* 1,1,14) – de quem acolhe o dom da fé, mas porque a liberdade do homem não pode determinar nem julgar definitivamente seu lugar próprio na ordem das coisas. O leitor encontrará uma boa apresentação da questão da cooperação da vontade humana com a graça divina na dissertação, recentemente defendida, de T. P. JORDÃO, *O desenvolvimento da teoria da vontade no pensamento de Santo Agostinho em “Diversis quaestionibus ad Simplicianum”*, Guarulhos: UNIFESP, 2018.

A SIMPLICIANO

LIVRO 1

[1] Cf. *exp. prop. Rm.*, com *retr.* 1,23, e *div. qu.* 66-68, com *retr.* 1,26,2.

[2] Rm 7,7-25.

[3] Rm 7,6.

[4] Rm 7,7.

[5] Cf. *exp. prop. Rm.*, *passim*.

[6] Rm 7,7.

[7] Rm 7,7.

[8] Cf. *exp. prop. Rm.* 28-29. Contra os maniqueus, Agostinho defende o valor da lei – e, com ela, de todo o Antigo Testamento. Mais tarde, contra os pelagianos, defenderá – seguindo São Paulo – que não é a lei que cura. Sua posição, portanto, é, e continuará a ser, bastante equilibrada.

[9] Rm 7,8.

[10] Rm 4,15.

[11] Rm 7,8.

[12] Rm 7,9.

[13] *Idem*.

[14] Rm 7,10.

[15] Rm 7,9.

[16] Cf. Gn 2,17.

[17] 1Tm 2,14.

[18] Rm 5,14.

[19] Rm 7,9.

[20] Rm 7,9-10.

[21] Rm 7,11.

[22] Fina observação psicológica de Agostinho sobre a sedução da proibição, já apresentada em *exp. prop. Rm.* 37 e *div. qu.* 66,5, sentido em que se há de entender como a lei estimula o pecado.

[23] Cf., abaixo, 1,1,7. Veja-se também *exp. prop. Rm.* 32; *div. qu.* 66,5.

[24] Rm 7,12.

[25] Rm 7,13.

[26] Cf. 1Tm 1,8.

[27] Rm 7,13.

- [28] *Ibid.*
- [29] Rm 7,8.
- [30] Rm 7,9.
- [31] Rm 7,13.
- [32] Rm 7,14.
- [33] Cf. Sl 18,8-9.
- [34] Rm 7,14.
- [35] 1Cor 3,1-2.
- [36] Note-se que carnal não tem relação com sexual, mas diz respeito ao homem não atraído pela graça, que infunde o amor pela justiça às realidades espirituais. A atração às realidades espirituais, ou espiritualização, identifica-se com o amor pela justiça. Ambos só serão plenos na eternidade.
- [37] Rm 7,15.
- [38] Rm 7,13.
- [39] Rm 7,7.
- [40] Mt 25,12.
- [41] Sl 33,17.
- [42] Cf. *exp. prop. Rm., passim.*
- [43] Rm 7,15.
- [44] Sl 5,7.
- [45] Rm 7,16.
- [46] Rm 7,17.
- [47] Cf. *exp. prop. Rm., passim.* Veja-se também *div. qu.* 66,5 e 61,7. Posição corrigida mais tarde; cf. *c. ep. Pel.* 1,23-34 e *retr.* 1,22,1 e 2,1,1.
- [48] Rm 7,18.
- [49] Cf. *exp. prop. Rm.* 45.
- [50] Sl 83,11.
- [51] Rm 6,12.
- [52] Note-se como Santo Agostinho atenta para o contexto e como não apoia a questão do pecado somente na natureza humana, mas também no costume.
- [53] Rm 7,18.
- [54] Cf. *exp. prop. Rm.* 44 e 46.
- [55] Rm 7,21.
- [56] Rm 7,22-23.
- [57] Cf. 2Cor 5,4. Veja-se também *exp. prop. Rm.* 46.
- [58] Cf. Sb 9,15.
- [59] Gn 2,17.
- [60] Fruto do pecado e a ele inclinante, a concupiscência não é, propriamente, pecado (cf. *De nuptiis et concupiscentia* 1,25).
- [61] Rm 7,24-25.
- [62] Cf. *exp. prop. Rm.* 44-46.
- [63] Rm 5,20.
- [64] 2Cor 3,7.
- [65] 1Cor 15,56.
- [66] Rm 7,4-6.
- [67] Rm 7,22.
- [68] Rm 5,20.
- [69] Rm 7,8.
- [70] Rm 7,13. Veja-se também *exp. prop. Rm.* 40.
- [71] Rm 7,7.
- [72] Rm 7,7-8.
- [73] Rm 7,12.

- [74] Cf. *exp. prop. Rm.* 13.
- [75] Rm 7,13.
- [76] 2Cor 3,7.
- [77] 2Cor 2,15-16.
- [78] Rm 13,10.
- [79] Ex 20,13-17.
- [80] Rm 13,8-9.
- [81] 1Cor 15,56.
- [82] Rm 7,4.
- [83] Jo 1,17.
- [84] Rm 7,5.
- [85] Rm 7,13.
- [86] Rm 7,6.
- [87] 2Cor 3,6.
- [88] Rm 5,5.
- [89] Rm 9,10.
- [90] Rm 9,29.
- [91] Cf. At 15.
- [92] Rm 11,6.
- [93] Cf. *exp. prop. Rm.* 60-61, com *retr.* 1,23,2-3.
- [94] Cf. At 10,1-4.
- [95] 1Cor 3,17.
- [96] Jo 3,5.
- [97] Agostinho não se fixa num versículo ou versículos de seu interesse, mas observa o contexto geral da carta paulina.
- [98] Ef 2,8-9.
- [99] Gn 25,23.
- [100] Rm 9,10; Gn 18,10.
- [101] Rm 9,10.
- [102] Cf. *div. qu.* 45.
- [103] Rm 9,11-12.
- [104] Rm 4,4.
- [105] 2Tm 4,7-8.
- [106] Ef 4,8.
- [107] Cf. 1Tm 1,13.
- [108] Cf. Rm 4,5.
- [109] Rm 9,11-12.
- [110] Rm 9,13.
- [111] Ml 1,2-3.
- [112] Cf. Gl 3,8.
- [113] Cf. *exp. prop. Rm.* 60 e *div. qu.* 68, com *retr.* 1,23,3-4.
- [114] Rm 9,11.
- [115] Rm 9,11.
- [116] Rm 9,11-12.
- [117] Rm 8,33.
- [118] Ef 1,4.
- [119] Ef 2,8-9. A questão da eleição para a justificação reaparecerá em *Contra Iulianum* 5,13.
- [120] Rm 10,14.
- [121] Rm 5,6.
- [122] Rm 9,13.
- [123] Sb 11,25.

- [124] Cf. Gn 1.
[125] Rm 9,14-15.
[126] 1Cor 4,7.
[127] Rm 10,14.
[128] Mt 22,14.
[129] Rm 9,16.
[130] Lc 2,14.
[131] 1Cor 9,24.
[132] Cf. interpretação precedente em *exp. prop. Rm.* 60-62, com *retr.* 1,23,3.
[133] Rm 9,16.
[134] Fl 2,12-13.
[135] Mt 20,16; 22,14.
[136] Cf. Lc 2,25.
[137] Jo 1,48-49.
[138] Cf. Mt 16,16-19.
[139] Cf. Jo 2,11.
[140] Cf. Lc 23,40-42.
[141] Cf. Jo 20,27.
[142] Cf. At 2-4.
[143] Rm 9,17. Veja-se também *exp. prop. Rm.* 62 e *div. qu.* 68,4.
[144] Rm 9,16.
[145] Rm 9,18.
[146] Rm 9,19. O endurecimento do coração do faraó não é ato divino, mas é ausência de um ato de misericórdia divina, quando Deus permite à sua liberdade que permaneça obstinada.
[147] Cf. Lc 1,6.
[148] Rm 9,14.
[149] Mt 5,6.
[150] 1Cor 15,22.
[151] Cf. *exp. prop. Rm.* 62; *div. qu.* 68,3.
[152] Cf. Mt 20,11.
[153] Rm 9,20.
[154] Cf. Rm 11,33.
[155] Rm 9,20.
[156] 1Cor 3,3.
[157] 1Cor 3,1-3.
[158] 1Cor 2,14.
[159] Rm 9,20-21.
[160] 1Cor 3,1-2.
[161] Sb 11,25.
[162] Ml 1,2-3.
[163] Cf. 1Tm 4,4.
[164] Cf. *div. qu.* 30.
[165] Jo 1,11.
[166] Jo 8,47.
[167] Cf. Rm 5,6.
[168] Cf. Rm 4,5.
[169] Cf. *exp. prop. Rm.* 63.
[170] Rm 9,17.
[171] Rm 9,22.
[172] Rm 9,20.

- [173] Rm 9,22-23.
[174] Cf. Sl 57,11.
[175] Rm 9,22-23.
[176] Rm 9,24.
[177] Rm 9,25-26.
[178] Cf. Jo 1,12.
[179] Rm 9,27-28.
[180] Mt 11,30.
[181] Rm 10,8-10.
[182] Lc 23,43.
[183] Rm 9,29.
[184] Rm 11,5-7.
[185] Eclo 33,10-15.
[186] Cf. 1Cor 12,12ss.
[187] Eclo 33,12.
[188] Rm 9,21.
[189] Eclo 33,13.
[190] Rm 9,14.
[191] Eclo 33,14.
[192] Eclo 33,15.
[193] Rm 9,27.
[194] Eclo 33,16.
[195] Eclo 33,17.
[196] Mt 20,16.
[197] 2Cor 10,17.
[198] Cf. Rm 7,14.
[199] Gl 5,17.
[200] Cf. Mt 7,7.
[201] Rm 9,16.
[202] Ao distanciar-se de Deus, o livre-arbítrio humano distanciou-se de sua luz, de sua força. Por isso, sozinho, é impotente, escravizado. Mas, se fosse completamente impotente, não poderia ser libertado e animado.
[203] Rm 11,5.
[204] Cf. 1Cor 1,27.
[205] Cf. At 8,3; 9,1.
[206] Rm 9,14.
[207] Rm 9,20.
[208] Cf. Sb 11,21.
[209] Cf. Rm 11,33.
[210] Cf. Eclo 39,14-33.

LIVRO 2

- [1] Cf. *De doctrina christiana* 2,7-8; 3,9-41 e 4,9; *De Genesi ad litteram liber imperfectus* 1,2 e 2,5.
[2] Cf. 2Cor 3,16.
[3] 1Cor 13,12.
[4] 1Sm 10,10.
[5] 1Sm 16,14.
[6] 1Sm 10,9-10.
[7] 1Jo 3,8.
[8] Cf. Sb 7,24.

- [9] Cf. Gn 41; Dn 2-4.
[10] Cf. At 10,11.
[11] Cf. 1Cor 13,2.
[12] Cf. Jo 11,49-50.
[13] 1Sm 10,10.
[14] 1Sm 10,9.
[15] Cf. Nm 22,28.
[16] Cf. Mt 13,20-21.
[17] 1Sm 10,12.
[18] Mt 16,17.
[19] Mt 16,23.
[20] Sl 23,1.
[21] Cf. 1Tm 4,4.
[22] Cf. 1Sm 1,14-15.
[23] Cf. Rm 13,1.
[24] Cf. *retr.* 2,1,2.
[25] Jo 19,11.
[26] J6 2,5.
[27] Lc 22,31.
[28] 1Sm 16,13-15.
[29] Cf. Rm 1,24.
[30] 2Cor 3,17.
[31] 1Cor 2,10.
[32] 1Cor 2,11.
[33] Rm 8,16.
[34] 1Cor 12,11.
[35] 1Cor 12,4.
[36] Gn 1,2.
[37] Sb 1,7.
[38] Jr 23,24.
[39] Sb 1,7.
[40] At 7,55.
[41] 1Sm 16,14.
[42] 1Sm 16,23.
[43] 1Sm 16,15-16.
[44] 1Sm 19,23.
[45] 1Sm 18,10.
[46] Cf. 1Rs 18,19.22.25.40.
[47] Cf. Jr 2,8.
[48] 1Sm 19,23.
[49] 1Sm 19,20.
[50] 1Sm 19,23.
[51] 1Cor 13,1-4.
[52] 1Cor 12,7-12.
[53] 1Cor 12,29-30.
[54] Cf. Nm 22-24.
[55] Mt 7,22-23.
[56] Jo 13,35.
[57] Cf. *De baptismo* 4,16.
[58] Cf. 1Cor 13,7.

- [59] Mt 25,29.
[60] Cf. Rm 13,1.
[61] 1Sm 15,11.
[62] Cf. *div. qu.* 52 e 80,3.
[63] 1Cor 13,8.
[64] Jo 3,36.
[65] Rm 1,18.
[66] Cf. Rm 12,15.
[67] Cf. 1Cor 13,9.
[68] 1Cor 12,8.
[69] Sl 81,1.
[70] 1Sm 15,11.
[71] Sl 54,20.
[72] 2Cor 7,1.
[73] 1Sm 15,11.
[74] 1Sm 15,29.
[75] Cf. 1Sm 28,7-19.
[76] Cf. Jó 1,11.
[77] Cf. Lc 22,31.
[78] Cf. Mt 4,5.
[79] Cf. Ex 25,18.
[80] Cf. Gn 41,17-28.
[81] Cf. 2Cor 11,14-15.
[82] Cf. Mt 8,29.
[83] Cf. At 16,17.
[84] Cf. 1Sm 28,19.
[85] Cf. Lc 16,26.
[86] 1Sm 28,19.
[87] 2Sm 7,18.
[88] Cf. 1Rs 18,42-45.
[89] Lc 18,13.
[90] Cf. At 7,59; 20,36.
[91] Sl 6,7.
[92] 1Rs 17,20.
[93] Cf. Jo 11,4.
[94] 1Rs 17,21-22.
[95] 1Rs 17,24.
[96] Rm 8,33.
[97] Cf. 1Rs 22,20-23.
[98] Cf. Sb 11,21.

A RESPOSTA A PARMENIANO

[1] *c. ep. Parm.* 1,1

[2] Acerca do donatismo, vejam-se indicações à n. 45, p. 164, no volume 39 desta Coleção Patrística. Para as manifestações antidonatistas de Agostinho, M. A. TILLEY, “Obras antidonatistas”, em AAT, p. 701-706. O leitor encontrará detalhes acerca da presente obra nas introduções a suas edições, indicadas no início da bibliografia em M. A. TILLEY, “Epistulam Parmeniani, Contra”, em AAT, p. 380.

[3] Cf. *retr.* 2,17.

[4] OPTATO DE MILEVE, *De schismate Donatistarum* – doravante *schis. Don.* – 2,15 e 3,3-4 diz que ele é “hispano ou gaulês”. Optato compôs, em 366-367, o *schis. Don.*, abundante em notícias históricas, contra Parmeniano. Essa obra foi usada por Agostinho.

- [5] OPTATO DE MILEVE, *schis. Don.* 2,16 e 3,3.
- [6] Cf. *c. ep. Parm.* 1,19.
- [7] Cf. *c. ep. Parm.* 1,49.
- [8] Escapa a seu controle, todavia, o cisma de Cláudio, talvez por ter ocorrido em Roma.
- [9] OPTATO DE MILEVE, *schis. Don.* 1,4 e 2,14.
- [10] Cf. GENÁDIO DE MARSELHA, *De viris illustribus* 18.
- [11] Supõe-se sua morte em torno de 390, pois Agostinho, que inicia sua campanha antidonatista em 393, não faz nenhum aceno a ele como ainda vivo.
- [12] Cf. *De doctrina christiana* 3,42-56.
- [13] Cf. *c. ep. Parm.* 1,1.
- [14] Cf. *c. ep. Parm.* 1,1.
- [15] Cf. *c. ep. Parm.* 1,1 e *De doctrina christiana* 3,42.
- [16] Não se sabe, porém, mediante quais obras especificamente, embora haja quem diga terem sido duas, hoje perdidas: *De bello intestino* e *Expositiones diversarum causarum*.
- [17] Cf. *c. ep. Parm.* 2,31.
- [18] Cf. *c. ep. Parm.* 1,1.
- [19] Cf. *c. ep. Parm.* 1,1.
- [20] Cf. *c. ep. Parm.* 2,42 e 3,17.
- [21] Embora defendessem a não validade do batismo dos pecadores, fossem eles católicos traidores ou donatistas cismáticos, os donatistas, em alguns casos, admitiram tanto católicos quanto cismáticos sem os rebatizar. Antes disso, porém, é preciso notar dois elementos: o título da obra de Parmeniano e o núcleo da resposta de Ticônio. Dada a argumentação agostiniana – veremos em *Estrutura e conteúdo* –, é muito provável que Parmeniano pusesse a base de sua argumentação, ainda que corroborada pelas escrituras, nos eventos históricos que deram origem ao cisma, sempre evocados: a perseguição de Diocleciano e a entrega (*traditio*) dos livros sagrados por parte de alguns católicos que colaboraram com as autoridades imperiais, e foram, por isso, considerados traidores (*traditores*), apóstatas debandados da verdadeira Igreja. Embora outros não tivessem colaborado com ditas autoridades, o fato de se manterem em comunhão com os traidores maculava-os com os pecados destes, tornando-os, portanto, igualmente pecadores e excluídos da verdadeira Igreja. Isso explica por que Parmeniano recorre a textos bíblicos que pudessem mostrar tal contaminação. Por outro lado, os pontos 2-4 da argumentação de Ticônio permitem pensar que, ainda que enquadrados historicamente – pontos 1 e 5 –, os elementos fundamentais são bíblico-teológicos: essenciais são promessas divinas que não podem ser anuladas. Na discussão de uma mesma questão, Parmeniano e Ticônio partem de e concentram-se em perspectivas distintas – que Agostinho integrará em sua reflexão. Difícil – admitindo-se que seja possível – dizer se Parmeniano o faz para escapar à perspicácia exegética de Ticônio, superior à sua, ou se por convicção.
- [22] Cf. *c. ep. Parm.* 1,1.
- [23] Igualmente de datação desconhecida, mas anterior à morte do destinatário, situável perto de 390. Perdida, seu conteúdo é conhecido mediante a obra que o leitor tem em mãos. Sobre o conteúdo da *Epistula ad Tychonium*, veja-se, abaixo, *Estrutura e conteúdo*.
- [24] Cf. *c. ep. Parm.* 2, *passim*.
- [25] Cf. *c. ep. Parm.* 1,1.
- [26] *c. ep. Parm.* 1,1.
- [27] Cf. *c. ep. Parm.* 2,2 e *passim*. Optato morre em 398. A respeito de Optato Gildoniano, veja-se n. 60, p. 231, volume 39 desta Coleção Patrística.
- [28] Cf. *c. ep. Parm.* 1,18.
- [29] 2,17. Acerca da comunhão sacramental – e a diferença e relação com a comunhão dos santos –, veja-se “Introdução” a *Santo Agostinho. Tratado sobre o batismo*, p. 81, volume 42 desta Coleção Patrística.
- [30] *c. ep. Parm.* 1,2-12.
- [31] *c. ep. Parm.* 1,1.
- [32] *c. ep. Parm.* 1,3.
- [33] *c. ep. Parm.* 1,16-17.
- [34] *c. ep. Parm.* 1,13-20.
- [35] *c. ep. Parm.* 1,21.
- [36] *c. ep. Parm.* 2,1-20.

- [37] *c. ep. Parm.* 2,21-43.
 [38] *c. ep. Parm.* 2,32. Essa obra é o *De baptismo*, publicada no volume 42 desta Coleção Patrística.
 [39] *c. ep. Parm.* 3,7-14.
 [40] *c. ep. Parm.* 3,16.
 [41] *c. ep. Parm.* 3,17-18.
 [42] *c. ep. Parm.* 3,19-21.
 [43] *c. ep. Parm.* 3,22-31.
 [44] Veja-se acima, n. 19.
 [45] Cf. *c. ep. Parm.* 1,6.
 [46] Cf. *c. ep. Parm.* 1,2-6, *passim*.
 [47] Cf. *c. ep. Parm.* 2,40.
 [48] Cf. *c. ep. Parm.* 3,15.
 [49] Cf. *c. ep. Parm.* 3,14-19.

RÉPLICA À CARTA DE PARMENIANO

LIVRO 1

- [1] Ex 3,6.15.
 [2] Gn 22,18.
 [3] Gn 26,4-5.
 [4] Gn 28,13-14.
 [5] Gl 3,16.
 [6] Cf. *c. ps. c. Don.* 123 e 127.
 [7] Gn 28,15.
 [8] Rm 3,4.
 [9] Jo 8,44.
 [10] Referência à obra *De schismate Donatistarum*.
 [11] Trata-se de Maiorino, predecessor de Donato.
 [12] Rm 1,32.
 [13] Cf. 2Cor 11,26.
 [14] Cf. Fl 1,15-18.
 [15] Gn 22,18.
 [16] CIPRIANO, *De Lapsis* 6.
 [17] Óssio, bispo de Córdoba por volta de 300, é um niceno que subscreve – talvez sob engano – a um texto não homoousiano. Parmeniano o acusava de instigar o imperador contra os donatistas.
 [18] Pr 16,32.
 [19] Gl 2,18.
 [20] Concílio de Bagai (394).
 [21] Gl 2,18.
 [22] Excomunicados em Bagai (394), voltaram à comunhão donatista em 397.
 [23] Concílio de Roma, de 313.
 [24] Concílio de Arles, de 314.
 [25] Cf. Ap 1,11.
 [26] Sl 22,17-19.
 [27] Sl 22,27-28.
 [28] Cf. Mt 3,12; 13,30.
 [29] Rm 13,1.3-4.
 [30] Mt 5,10.
 [31] Gl 5,19-21.
 [32] Cf. Rm 13,4.

[33] Rm 13,6-7.

[34] Mt 22,21.

[35] Rogato, dissidente do donatismo, foi bispo de Cartena, na Mauritânia cesareense. Firmo era um rei autóctone, provavelmente donatista, e opôs-se com a força contra os rogatistas.

[36] Concílio de Bagai, de 394.

[37] Juliano, imperador entre 361-363, restituiu a liberdade aos donatistas.

[38] Mt 13,30.

[39] Mt 13,38.

[40] Mt 13,39.

[41] Pr 14,28.

LIVRO 2

[1] Is 5,20.

[2] Cf. Sl 133,1.

[3] Santo Agostinho dedica este livro 2 à crítica principalmente do uso que Parmeniano havia feito em sua carta a Ticônio de alguns textos escriturísticos.

[4] Is 5,20.

[5] Eclo 2,16 – tradução direta.

[6] Cf. Gn 22,18.

[7] Is 5,20.

[8] Sl 10,24.

[9] Is 5,20.

[10] Pr 17,15.

[11] Rm 3,4.

[12] Rm 9,5.

[13] Jo 14,6.

[14] Mt 13,30.

[15] Mt 13,38.

[16] Mt 13,39.

[17] *Idem.*

[18] *Idem.*

[19] Cf. Mt 13,38.

[20] Is 59,1-8.

[21] Cf. Mt 3,12.

[22] Cf. Ez 9,4.

[23] Cf. Is 59,7.

[24] Cf. Is 59,9.

[25] 1Ts 5,7.

[26] Cf. Is 59,10; Jo 5,14.

[27] Concílio de Bagai, de 394.

[28] Is 59,5.

[29] Dissidentes donatistas readmitidos sem o rebatismo.

[30] Is 59,7.

[31] Eclo 10,2.

[32] Jr 17,5.

[33] Eclo 10,2.

[34] Mt 23,3.

[35] Cf. Mt 23,2.

[36] Cf. Sl 1,1.

[37] 1Tm 1,7.

- [38] Cf. Gl 4,26. Contra eclesiologia donatista, que tem não só um verdadeiro mediador, mas a fonte da santidade da Igreja (cf., aceno acima, 2,8), Agostinho apresenta a eclesiologia católica, fundada em Cristo.
- [39] Lv 11,45.
- [40] 2Cor 3,18.
- [41] Cf. Rm 8,29.
- [42] Cf. Ap 17,5.
- [43] Cf. Ef 6,12.
- [44] Cf. 2Cor 11,14-15.
- [45] Is 66,3.
- [46] Cf. Ez 9,4.
- [47] Cf. Sl 20,5.
- [48] Cf. Lc 1,5.
- [49] Cf. Jo 1,47.
- [50] Cf. Hb 7,17; 6,20; Rm 8,34.
- [51] Rm 4,25.
- [52] Eclo 34,23.
- [53] Pr 21,27.
- [54] Cf. 1Tm 2,5.
- [55] Cf. Mt 13,30; 3,12.
- [56] Cf. 1Cor 13,7.
- [57] 1Cor 11,29.
- [58] Cf. Rm 8,17.
- [59] Ex 19,22.
- [60] Ex 30,20-21.
- [61] Lv 22,21 – tradução direta.
- [62] Lv 22,21 – tradução direta.
- [63] Jr 8,21.
- [64] Cf. 1Cor 5,11; 6,9-10.
- [65] Cf. Ef 5,5.
- [66] Gl 5,17.
- [67] 1Jo 3,9.
- [68] 1Jo 1,8.
- [69] 1Cor 15,54.
- [70] Cf. 1Cor 15,52.
- [71] 1Jo 3,2.
- [72] Rm 8,24-25.
- [73] Cf. Rm 8,23.
- [74] Cf. 1Pd 1,19.
- [75] Cf. Lv 16,2.34; Hb 9,7.
- [76] Cf. Mc 4,42.
- [77] Jo 9,31.
- [78] Pr 24,12.
- [79] 1Jo 2,1-2.
- [80] Cf. Rm 8,34.
- [81] Cf. Jr 2,13.
- [82] Cf. Ef 4,3.
- [83] Cf. 1Tm 2,5.
- [84] Cf. Ef 4,15; Rm 12,5.
- [85] Cf. Hb 6,19; 9,3.12.24.
- [86] Cf. 1Cor 12,25-26.
- [87] Cf. 1Jo 2,2.

- [88] 1Tm 2,5.
[89] Cf. Gl 3,28.
[90] Cf. Ef 4,3.
[91] Cf. Nm 24.
[92] Jo 9,31.
[93] Cf. Lc 18,10-14.
[94] Sl 50,16-18.20.
[95] 1Tm 1,7.
[96] Mt 23,2-3.
[97] Cf. Sl 50,18.
[98] Cf. Ez 9,4.
[99] Jr 2,12-13.
[100] Jr 15,18.
[101] Eclo 34,30.
[102] Sl 141,5.
[103] Ecl 10,1.
[104] Sb 1,5.
[105] Os donatistas não negavam ter pecadores em seu meio. Admitiam essa triste realidade na Igreja. Mas censuravam os católicos por não fazerem separação total, mesmo corporal, dos pecadores manifestos.
[106] Cf. Jr 2,13.
[107] Cf. Jr 15,18.
[108] Cf. Eclo 34,30.
[109] 1Tm 5,6.
[110] Cf. Ap 3,1-6.
[111] Ex 14,30.
[112] Cf. Sl 140,5.
[113] Mt 6,12.
[114] Cf. Ecl 10,1.
[115] Cf. Jr 2,13.
[116] Cf. Jr 15,18.
[117] Cf. Sl 141,5.
[118] Cf. Ecl 10,1.
[119] Cf. Sb 1,5; Mt 7,15.
[120] Sb 1,5.
[121] Mt 23,3.
[122] Cf. Jr 2,13.
[123] Cf. Jr 15,18.
[124] Ap 17,15.
[125] Eclo 34,30.
[126] Jr 10,10.
[127] Jo 1,33.
[128] Rm 6,9.
[129] Sl 141,5.
[130] Ap 3,19.
[131] Pr 27,6.
[132] Cf. Eclo 10,1.
[133] 2Cor 2,14-15.
[134] Rm 2,24.
[135] Jo 3,6.
[136] 1Cor 4,15.

- [137] Jo 1,33.
[138] Jo 20,21-25.
[139] Mt 10,20.
[140] Sb 1,5.
[141] Cf. Sl 1,5.
[142] 1Cor 9,17.
[143] 2Tm 4,8.
[144] Mt 23,3.
[145] Fl 1,15-18.
[146] Cf. Jo 14,6.
[147] Gl 1,9.
[148] 1Tm 1,3.
[149] Cf. Sl 61,6.
[150] 2Tm 2,19.
[151] Eclo 15,9.
[152] Cf. Lc 18,14.
[153] Dn 9,20.
[154] Cf. Sb 1,5.
[155] Cf. Jo 15,51.
[156] Cf. Rm 10,10.
[157] 1Cor 4,7.
[158] *Id.*
[159] Gn 22,18.
[160] 1Cor 14,33.
[161] 2Tm 2,4.
[162] Uma decisão sinodal era na África um fator eclesiológico de capital importância já nos tempos de São Cipriano. Para Santo Agostinho, o concílio plenário era a norma suprema para esclarecer uma questão não suficientemente esclarecida pela Escritura ou pela tradição apostólica.
[163] 1Ts 5,19.
[164] Am 2,7.
[165] Cf. *De baptismo* 1,2.
[166] 1Cor 3,6-7.
[167] Jo 5,21.
[168] Sl 103,2-3.
[169] Cf. Mt 11,11.
[170] Jo 1,8-9.
[171] Jo 1,16.
[172] Lc 15,22.
[173] Cf. 1Cor 15,53.
[174] Sb 9,15.
[175] Pr 20,9.
[176] Cf. Rm 8,24.
[177] Cf. Mt 10,1-8.
[178] Cf. Mt 23,3.
[179] Cf. Mt 15,14.
[180] Cf. Mt 12,30.
[181] *De baptismo*, Coleção Patrística, vol. 42.
[182] Jo 3,27.
[183] Jo 3,27.
[184] Jo 16,15.
[185] Cf. At 1,15; 2,1-4.

- [186] Cf. At 10,45.
[187] Ecl 1,15.
[188] Jo 1,1.14.
[189] Ecl 1,15.
[190] Cf. Mt 3,14. Veja-se também *De baptismo* 5,13.
[191] Cf. Jo 1,3.
[192] Cf. Mt 21,13.
[193] Lv 11,45.
[194] Cf. Mt 3,12; 13,37-43.47.50.
[195] Cf. Mt 15,14.
[196] Cf. Rm 3,17.
[197] Cf. Ef 4,2-3.
[198] 2Cr 19,2.
[199] Cf. 1Rs 22.
[200] 2Cr 19,3.
[201] Cf. Fl 2,21.
[202] Cf. Fl 1,15.17.
[203] Fl 1,18.
[204] 1Cor 6,14.18.
[205] Cf. Fl 2,15-16.
[206] 1Sm 2,30.
[207] Cf. Rm 1,2-3.
[208] Mt 13,30.
[209] Pr 14,28.
[210] Ef 5,11-12.
[211] 1Tm 5,22.
[212] Pr 12,21 – tradução direta.
[213] Cf. Sl 141,5.
[214] 1Cor 5,6.
[215] Cf. Is 59,5.
[216] Cf. 2Cor 5,10.
[217] Lv 10,9-10.
[218] Mt 13,26.
[219] Cf. Mt 13,30.

LIVRO 3

- [1] 1Cor 5,13.
[2] Cf. *retr.* 2,17.
[3] 1Tm 5,22.
[4] 1Cor 5,12.
[5] Cf. Mt 13,29.
[6] Cf. Rm 14,5.
[7] 1Cor 4,21.
[8] 1Cor 5,1.
[9] 1Cor 5,2.
[10] 1Cor 12,26.
[11] 1Cor 5,3-5.
[12] Cf. At 5,5-10.
[13] Cl 3,5.
[14] Rm 8,13.

- [15] 2Ts 3,14-15.
[16] Cf. Ef 4,2-3.
[17] 2Ts 3,15.
[18] Cf. 1Cor 5,1.
[19] 2Cor 12,21.
[20] 2Cor 13,2.
[21] 2Cor 2,4-11.
[22] Sl 141,5.
[23] 1Cor 5,5.
[24] 1Cor 5,6.
[25] 1Cor 5,2.6.
[26] 1Cor 10,12.
[27] Gl 6,1-2.
[28] Jo 13,34.
[29] Jo 14,27.
[30] Ef 4,2-3.
[31] Lc 18,14.
[32] 1Cor 5,7.
[33] Cf. Ef 4,2-3.
[34] Cf. Gl 6,2.
[35] Mt 9,12.
[36] 1Cor 5,7.
[37] 1Cor 5,8.
[38] 1Cor 5,8-10.
[39] 1Cor 5,11-13.
[40] 1Cor 5,11.
[41] *Id.*
[42] 1Cor 5,13.
[43] Cf. CIPRIANO, *De lapsis* 7.
[44] Cf. CIPRIANO, *De lapsis* 8. Veja-se também *De baptismo* 1,1 e 5,1.
[45] 1Cor 5,11.
[46] Cl 3,5.
[47] 1Cor 6,9-10.
[48] Cf. 1Cor 5,11.
[49] Cf. Ef 5,27.
[50] Cf. Ez 9,4ss.
[51] Mt 5,9.
[52] Ez 9,4.
[53] 1Cor 5,13.
[54] 1Cor 5,11.
[55] 1Cor 5,9-10.
[56] 1Cor 5,12-13.
[57] 1Cor 10,27.
[58] 1Cor 5,27.
[59] Cf. 1Cor 5,13.
[60] 2Ts 3,15.
[61] Mt 13,29-30.
[62] 1Cor 5,11.
[63] 2Cor 2,6.
[64] Cf. Ez 9,4.

- [65] Sl 26,9.
[66] Cf. 1Cor 5,11.
[67] 2Cor 12,21.
[68] 2Cor 13,1-3.
[69] CIPRIANO, *De lapsis* 6,8; 6,7.
[70] Sl 89,31-34.
[71] 1Cor 5,12-13.
[72] 1Cor 5,11.
[73] Cf. 1Cor 15,33.
[74] Cf. Mt 20,26-28.
[75] 1Cor 5,11.
[76] Cf. 1Cor 5,11.13.
[77] Cf. Ef 4,2-3.
[78] Mt 18,17.
[79] Cf. Mt 13,29.
[80] Mt 5,9.
[81] Jr 23,28.
[82] Cf. Gl 6,3.
[83] Jr 23,28.
[84] Jr 23,28.
[85] Cf. Mt 3,12.
[86] Mt 25,31-34.41.
[87] Jr 23,28.
[88] Cf. Mt 13,47.
[89] Jr 23,28.
[90] Cf. Fl 2,21.
[91] Cf. Mt 6,20-21.
[92] Is 52,11
[93] Os donatistas gloriavam-se desse número de 310 bispos reunidos em Bagai. Consideravam-no símbolo da plenitude, talvez como uma resposta alusiva aos 300 de Atanásio ou 318 de Niceia.
[94] Referência a Roma, Arles e Milão.
[95] Um dos cismáticos maximianistas recusou-se a entregar sua basílica e foi torturado pelos primianistas.
[96] Jr 23,28.
[97] Is 52,11.
[98] Sl 26,4-5.
[99] Cf. Is 52,11.
[100] Cf. Sl 26,4.
[101] Sl 96,1.
[102] Cf. Is 52,11.
[103] Cf. Sl 25,4.
[104] Cf. Fl 1,15.17.
[105] Cf. 1Cor 13,7.
[106] Cf. Sl 26,4-5.
[107] Cf. Sl 26,8.
[108] Cf. Sl 26,6.
[109] 2Tm 2,20.
[110] 2Tm 2,21.
[111] Sl 26,4-11.
[112] Cf. Os 26,8.
[113] Cf. 2Tm 2,21.
[114] Sl 26,5.

- [115] Cf. 1Cor 13,7.
[116] Cf. Rm 9,28; 2Tm 2,21.
[117] Cf. Ez 9,4ss.
[118] Cf. Sl 141,5.
[119] Is 3,12.
[120] Cf. Sl 25,4.
[121] Cf. Mt 5,14.
[122] Cf. Dn 2,34-35.
[123] Fl 3,20.
[124] Cf. Sl 26,4-5.
[125] Cl 3,1-2.
[126] Ef 2,6.
[127] Rm 8,24-25.
[128] Sb 1,33.
[129] 1Jo 3,2.
[130] Cf. Mt 13,30; 3,12.
[131] Cf. Mt 13,48.
[132] Cf. Mt 25,33.
[133] Eclo 2,14.
[134] Eclo 4,30.
[135] Jr 2,30.
[136] Is 59,8. Os donatistas tinham o costume de jurar pelas cãs de Donato e pelas sandálias de seus mártires.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

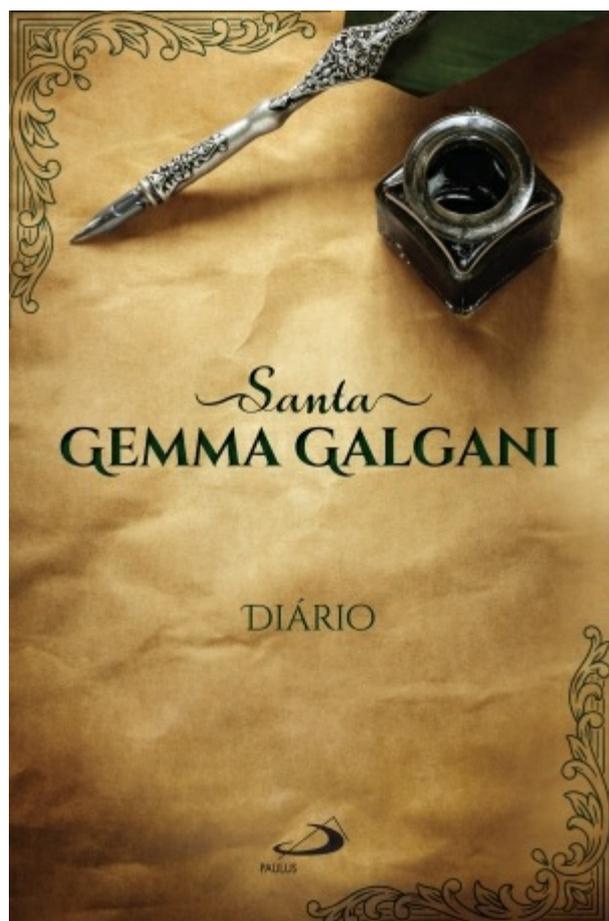
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Youcat, Fundação

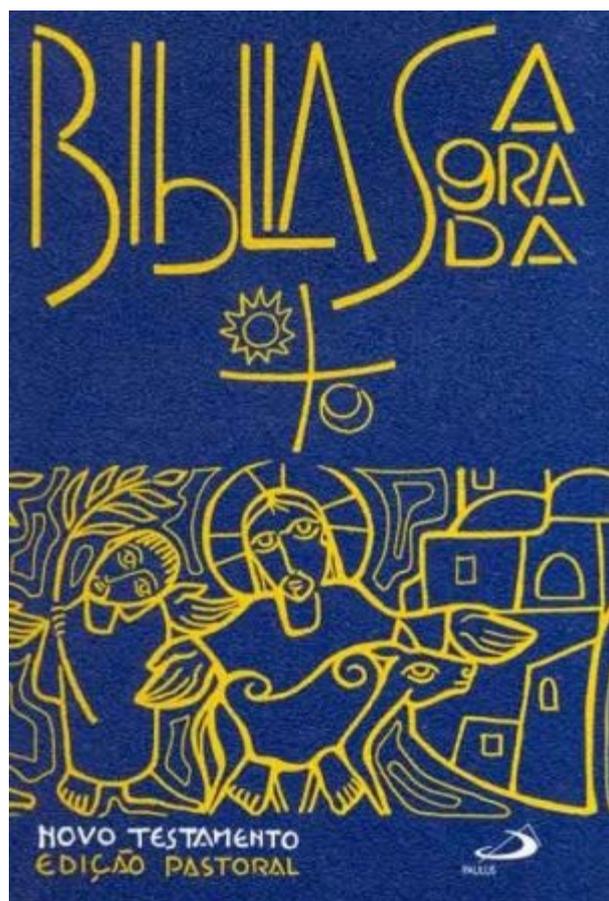
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Folha de rosto	2
APRESENTAÇÃO	5
AS QUESTÕES DIVERSAS DE SIMPLICIANO	7
Ocasião e datação	8
Divisão e conteúdo	9
A SIMPLICIANO	11
LIVRO 1	11
Prefácio	11
Primeira questão: para que foi dada a lei	12
A concupiscência aumentou pela lei	13
Como, sem lei, o pecado estava morto e como retomou a vida	14
Quem usa mal a lei	15
A lei somente é observada pelos espirituais: Duas maneiras de chamar de carnavais	16
A pena do pecado original	17
A lei do pecado nos membros	18
Lugares onde parece dizer-se que a lei é má	19
A lei é boa	20
A lei que rejeita a lei nos membros	21
Coitado de homem sou eu	22
Acontece, assim, que a lei não domina aqueles que estão sob a graça	23
O erro dos maniqueus sobre a Antiga Lei	24
Explicação dos testemunhos pelos quais a lei poderia parecer não boa	25
Segunda questão: o argumento da Carta aos Romanos	27
A graça da fé precede as boas obras. A graça da fé é menor nos catecúmenos e maior nos renascidos	28
O objetivo do Apóstolo com os exemplos de Jacó e Esaú: As boas obras vêm da graça, e não o contrário	29
A justa escolha de Jacó e a reprovação de Esaú	31
Escolha de Jacó em previsão da futura fé	32
A escolha vem da graça e do desígnio de Deus	33
A fé entre os dons da graça	34
A justa rejeição de Esaú	35
A fé é dom de Deus misericordioso	36
Por que foi negado a Esaú o dom da fé	37
Reprovação de Esaú e aprovação de Jacó	38

Existe em nós boa vontade quando Deus age	39
A vocação e a boa vontade	40
Por que Esaú não foi chamado de modo adequado	41
A dureza de Deus	42
Solução da questão da reprovação de Esaú	43
Todos os homens são uma massa de pecado	44
Como Deus odiou a Esaú quando não odeia nada do que fez. O que é pecado.	45
Os vasos de perdição são feitos para a correção dos outros	47
Não todos chamados, mas, dentre todos, judeus e gentios	49
A intenção do Apóstolo na Epístola aos Romanos	51
A escolha da graça é misteriosa	52
LIVRO 2	53
Prefácio	53
Primeira questão: os profetas são movidos pelo Espírito de Deus de maneira diferente	54
A profecia permanente e a passageira	56
Saul e Pedro. O Espírito de Deus, sem nada mais, entende-se bom	57
O Espírito Santo consubstancial ao Pai e ao Filho	59
Como em Saul o Espírito de Deus é bom e mau	61
Saul, tomado pelo espírito profético e bom, persegue Davi	62
É possível ter alguns dons do Espírito Santo sem a caridade. Sem a caridade, os dons do Espírito Santo nada adiantam	63
Será que existe profecia sem a caridade?	64
Os hereges e os cismáticos têm outros dons do Espírito Santo fora a caridade	65
Por que o espírito mau é chamado de espírito do Senhor	66
Segunda questão: nada se diz digno de Deus	67
Presciência em Deus. O que é ciência e como está em Deus? Ira, misericórdia e zelo de Deus, qual é o sentido?	68
Aplicamos às realidades divinas palavras humanas, entendidas, porém, sem as imperfeições. Diferença entre sabedoria e ciência	70
Se convém a Deus arrepender-se	71
Como o arrependimento e o ciúme parecem convir a Deus menos do que a presciência, a ira e coisas parecidas com essas	72
Terceira questão: como pôde Samuel ser evocado pela pitonisa	73
Talvez fosse o fantasma de Samuel, e não o seu espírito	74
Como os demônios conhecem o futuro	75
Quarta questão: em que posição se deve rezar	76
Quinta questão: as palavras de Elias queixando-se da morte do filho da viúva	77
Sexta questão: o espírito de mentira enviado para enganar Acab	78

Epílogo	79
A RESPOSTA A PARMENIANO	80
Introdução	80
Parmeniano e Ticônio: o confronto	81
Ocasão e datação	83
Estrutura e conteúdo	84
RÉPLICA À CARTA DE PARMENIANO	86
LIVRO 1	86
Razão e finalidade da obra	86
LIVRO 2	100
LIVRO 3	129
Zelo da disciplina eclesiástica em favor da unidade	129
Coleção	152
Ficha catalográfica	153
Notas	155